



Palestras sobre Vós Sois Enviadas
Irmã Mary Margaret Johanning

Tradução do Inglês
Irmãs Escolares de Nossa Senhora do Brasil

Organização
Irmã Ana Maria Dal Toé

Revisão
Irmã Sônia Haydê Randazzo

Capa
Irmã Silvia Maria Tedesco

Impressão e acabamento
Grafiset

Irmãs Escolares de Nossa Senhora

Província de Porto Alegre
Rua Carvalho Monteiro-300
90470-100 Porto Alegre-RS
Telefone: (51) 3331 29 66
Fax: (51) 3331 21 47
Site: www.iens.org.br
E-mail: iens@iens.org.br

Somente para uso interno.

Ano de 2007

ORAÇÃO PARA PROTEGER A VIDA

“Life and Love your Gift from GOD”

DEUS de AMOR,

*Obrigada pelo dom da vida que me destes,
e que continuas dando a mim e a outras pessoas.*

DEUS DE BONDADE,

*Peço teu perdão pelas minhas próprias faltas
E de todas as pessoas por não respeitarmos e não
animarmos todas as formas de vida em nosso
universo.*

DEUS AMÁVEL,

*Peço que, por tua graça, eu e todas as pessoas
saibamos reverenciar, proteger e promover a vida e
que sejamos sensíveis, especialmente com a vida
que está para nascer e que é negligenciada,
maltratada, destruída.*

Peço o mesmo para os mais velhos.

*Peço também por todos os que, de alguma forma,
tomam decisões sobre a vida, que façam isso com
sabedoria, amor e coragem.*

DEUS DA VIDA,

*Eu te louvo e te glorifico como Pai, FONTE da Vida,
como Filho, SALVADOR de nossas VIDAS e Espírito
Santo, SANTIFICADOR de nossas Vidas. Amém.*

Ir. Mary Margaret Johanning-IENS.
Salisbury-Minnesota-USA, Junho-94.

IRMÃ MARY MARGARET JOHANNING

Dados Biográficos

Irmã Mary Margaret Johanning nasceu em 31 de dezembro de 1936 em Glasgow, uma cidadezinha no interior de Jefferson City, às margens do Rio Mississippi, no estado de Missouri, nos Estados Unidos.

Filha de Bernard W. Johanning, falecido em 18 de maio de 1996 e Gertrude Emma Johanning falecida em 28 de junho de 2004. Eles casaram em 15 de outubro de 1935. Sua mãe Gertrude era dona de casa e membro do Grupo das Filhas de Santa Isabel e do Conselho das Mulheres Católicas da igreja de Santa Maria em Glasgow. Seu pai trabalhava em um pequeno escritório às margens do Rio Mississippi. Era gerente de barcos. Um homem sempre disposto e muito humorista. Irmã Mary Margaret é a filha mais velha. Joetta e Cindy, irmãs de Mary Margaret, seus irmãos Jerome, Mryl, Robert e Don;

Entrou na Congregação das IENS com 18 ou 19 anos. Fez sua primeira profissão em 29 de julho de 1960 na Província de Saint Louis nos Estados Unidos. Foi Conselheira Provincial e depois Superiora Geral de 1977 a 1987.

Depois de ter sido Superiora Geral, trabalhou como Chanceler na Diocese de Jefferson City. Ela trabalhava na formação dos seminaristas.

Como Superiora Geral foi a grande mentora de Vós Sois Enviadas, a Constituição das IENS na lei e no espírito. Muito profunda e preocupada com a vida espiritual das Irmãs. Justa e sincera. Grande alma. Escreveu as cartas mais lindas sobre os

diversos temas de VSE. Tinha muito respeito com aquilo que cada uma era, sem passar por cima de ninguém. Simples e sem grandes pretensões. Vivia a gratuidade. Grande alma, humilde, dedicava-se sem receber nada em troca.

Preocupava-se com a formação das Irmãs. Viveu uma grande experiência de Deus. Contemplativa. Foi a síntese de alguém que viveu a Vida Religiosa em profundidade. Colocou seu dom pessoal a serviço do dom Congregacional. Uma grande mulher!

Rezava com muita freqüência os textos do profeta Isaias especialmente os que dizem:

- *Eu te amo. Eu te escolhi. És preciosa aos meus olhos. Estás gravada na palma de minha mão. Troco nações por ti...És minha!*

Em 1980, ainda como Superiora Geral, fez uma esterectomia. Depois disso, sua saúde não foi mais a mesma, porém nunca se poupou para nada.

Em 1992 fez um tratamento maior, pois sua pressão estava alterada e um câncer começou a tomar todo seu corpo fragilizado. Um câncer generalizado.

Faleceu em 1º de outubro de 1994. Antes de morrer havia colocado seu corpo à disposição da medicina para pesquisa e estudos dos novos médicos.

Em vida, fazia campanha para que as Irmãs se doassem até o fim e ela mesma deu esse exemplo. Doou-se e doou também seu corpo. Doou Tudo!

(Colaboração de Irmã Maria da Conceição Della Giustina)

RECORDANDO MEUS COMPROMISSOS

Mary Margaret Johanning
Superiora Geral

Queridas Irmãs,

Como iniciamos este novo ano juntas, de uma nova forma, eu estou muito consciente da promessa que eu fiz na cerimônia da tomada de posse: ajudar as Irmãs da nossa Congregação a alcançar aquela santidade, amor e serviço que construirão o corpo de Cristo, a Igreja e seu Reino em nosso mundo. Também estou consciente de que só poderei cumprir esta promessa feita a Deus e a vocês, se cada uma, de uma maneira pessoal, se esforçar para se tornar santa a fim de adorar o nosso Deus e amar, unir e servir sua Igreja e o Reino. Peço a cada uma para compartilhar, desta maneira, essa promessa comigo. Gostaria de partilhar com vocês alguns pensamentos referentes à promessa:

1-SANTIDADE - ser possuída por Deus e consagrada ao seu serviço, é a essência de nossa Vida Religiosa. O Vaticano II foi muito claro em dizer que todo o povo é chamado à santidade. Com certeza, nossas vidas como mulheres consagradas, não têm sentido sem santidade. Pela profissão proclamamos que nós cremos tanto em Jesus Cristo, que estamos prontas a oferecer toda nossa vida a Ele, por suas promessas. Permitir que Ele

nos faça santas em nosso tempo, exige fé profunda. Também exige um relacionamento pessoal e vivo com nosso Pai, Seu Filho e o Espírito Santo. Este relacionamento é estabelecido, mantido e aprofundado somente com uma oração pessoal constante, contemplação e oração comunitária. Somos chamadas para tornar-nos UM com nosso Deus, para sermos santas.

Apesar disso, não há verdadeira santidade sem uma preocupação pela libertação de qualquer situação opressiva. O Sínodo dos Bispos de 1971 lembrou-nos que a ação em favor da justiça é uma dimensão constitutiva do Evangelho, é essencial à nossa missão. Igualmente Vós Sois Enviadas chama-nos individual e comunitariamente para estarmos abertas aos problemas mundiais de paz, justiça e desenvolvimento, vivendo e ensinando os princípios sociais da Igreja. (DG 33 a)

2-A UNIDADE sempre tem sido e continua a ser o marco de vida e do serviço das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. O nosso ideal de unidade encontra sua base na Escritura e no lema de Santo Agostinho: “Um só coração e uma só alma”. Este ideal foi confirmado e continuado por Madre Teresa e VSE reafirma que “nossa missão de IENS é fomentar a unidade, formar uma comunidade cristã onde quer que estejamos engajadas, neste lugar, neste ambiente, neste momento da história da salvação”. (VSE 9)

Unidade, comunidade e o sentido de “fazer parte” são algumas das maiores necessidades de nosso mundo de hoje, dons que foram dados para

compartilhar. O maior desejo de nosso Deus é de tornar **Um** o seu povo. Recebemos a missão de compartilhar a própria missão de Jesus-a fazer UM com cada pessoa e cada grupo que encontramos, de fazer UM na fé e no seu amor.

3- AMOR a Deus e a Seu povo é a exigência básica para qualquer vida cristã. Mas amor é uma palavra e uma realidade que parecerá ter mais interpretações hoje. As características de amor autêntico constam muitas vezes na Escritura como: “Amarás o Senhor teu Deus com todo teu coração e com toda a tua alma e todo o teu entendimento e o teu próximo como a ti mesmo”. Ou “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”. Somos chamadas a fazer *UM* o seu povo na fé e no amor. Saber que somos profundamente amadas por Deus, por Ele querer estar perto e dentro de nós requer fé profunda; amar aos outros com o mesmo amor com que Ele nos ama, requer grande generosidade.

4- SERVIÇO é a forma que nós, IENS, escolhemos para expressar o nosso amor ao mundo. O nosso SERVIÇO ao Reino de Deus brota de nosso relacionamento com Ele; porque nós o conhecemos e o amamos, somos impelidas por seu Amor para que o Seu Reino venha. Sem preocupação, do que isto possa custar a nós como cristãs, compartilhamos a própria missão de Jesus. Como membros de uma comunidade religiosa apostólica, compartilhamos o carisma de Madre Teresa, que viu claramente as necessidades do mundo e de seu tempo e responde tão prontamente, quanto ela,

pelo serviço. Cada serviço apostólico constrói o Reino de Deus, se Ele emana do Amor de Deus e a Seu povo; se Ele for animado por santidade, amor e um desejo de Unidade.

Santidade, unidade, amor e serviço não são um fim em si mesmos, são apenas meios pelos quais Deus é adorado e o Seu Reino, servido. Isto foi expresso de uma outra forma na promessa de minha tomada de posse, e que agora peço que compartilhem comigo: que proclamamos Jesus, o Senhor e a nós mesmas suas indignas servas. As grandes mulheres de fé, Maria, mãe de nossa Congregação, e Madre Teresa realizaram isso tão perfeitamente antes de nós. Seguimos as suas maravilhosas pegadas. Na essência a nossa situação é a mesma como a delas, naquele tempo. Como elas, nós tentamos seguir a palavra que nos é dirigida - entre mudanças radicais. Como elas, perseveremos em nosso caminho, acreditamos naquele que chama na Sua salvação, na Sua promessa. Não tentemos entender os mistérios, mas simplesmente entregar-nos a eles. Como elas, o mesmo “SIM”, o mesmo “FIAT” que nós dizemos nas dificuldades e alegrias da vida, são os meios pelos quais nos tornamos profundamente arraigadas no próprio coração de nosso Deus. Vós Sois Enviadas chama-nos a viver esse tipo de fé pessoal, mas, além disso, chama-nos a viver uma vida comunitária, baseada numa viva fé comum emanada da experiência da pessoa de Jesus Cristo.



NOSSA MISSÃO DE SERVIR COMO IENS

Conferência Educacional-NAMA
Irmã Mary Margaret Johanning
Agosto de 1978 - Canadá.

Sou muito grata por esta primeira oportunidade de falar a um grupo interprovincial de Irmãs desta cultura. Isto me possibilita fazê-las saber, pessoal e verbalmente, que eu e minhas Conselheiras confiamos muitíssimo no seu carinhoso apoio e orações. Dependemos de vocês e somos gratas a cada uma, por cada IENS a sua resposta ao contínuo chamado de Deus.

Em anos recentes, nas últimas *Conferências Educacionais*, eu me encontrava onde vocês estão hoje, ouvindo Madre Georgianne ao dirigir-se às Irmãs reunidas. A moral desta reflexão é simples: o mesmo pode acontecer para VOCÊ. Eu creio, confio e sinto que minha presença aqui, com vocês, hoje, constitui, nos desígnios de Deus, o cumprimento de minha missão de servir, como IENS.

Isto, certamente é um mistério que não compreendo ao mistério no qual posso somente submeter-me. A missão de cada uma de nós é, de fato, um mistério

no desígnio de Deus, ao qual apenas podemos submeter-nos.

Na sua primeira palestra, Padre Keld afirmou que devemos primeiro considerar o seguimento de Cristo em si, e depois ver nossa Constituição como uma forma de seguimento total, uma forma na qual vemos a pessoa de Cristo e sua palavra dirigida a nós. Tendo tido o auxílio de Padre Kedl que falou sobre o seguimento de Cristo em si, tentarei agora ver nossa missão de serviço como VSE no-la apresenta.

MISSÃO é um termo mais abrangente que *SERVIÇO*; por isso consideremos *Missão* em primeiro lugar. Duas vezes VSE afirma explicitamente que a “Igreja por natureza, é missionária” (Prólogo e VSE 2). Como mulheres desta Igreja, somos também nós, como Congregação, missionárias por natureza. Sabemos que essas afirmações não podem ser vistas no sentido restrito deste termo - no sentido de enviarmos membros para espalhar a *BOA NOVA* para povos que ainda não percebem a presença de Cristo entre eles. Se considerássemos isso ao falar em *missão*, como poderiam as restantes 9.000 Irmãs (em 1978) que não deixam sua cultura, serem consideradas “missionárias por nossa própria natureza”?

Não podemos ser consideradas missionárias por nossa própria natureza, simplesmente porque temos uma pequena percentagem de nossos membros em culturas diferentes da sua. Nosso “ser

missionárias” deve ser considerado num sentido mais amplo.

Como Jesus, assim a Igreja e nós, como uma Congregação dentro da Igreja, *SOMOS ENVIADAS*. Jesus diz isto, quando fala com seu Pai: “Como tu me enviaste, assim também eu os envio”. Vós Sois Enviadas repete esta afirmação para nós: “Como o Pai enviou Cristo para manifestar *SEU AMOR* ao mundo, assim também Ele nos envia agora com Cristo...” (VSE 1)

Há apenas uma missão, a missão de Jesus. Nós participamos dessa Sua Missão. Como Ele é enviado, assim nós somos enviadas.

Jesus tornou seu Pai presente pelo Seu próprio ser. Ele unificou o povo, contando-lhe do seu Pai, e amando-o pessoalmente. O método de Jesus era simples - talvez para nós, quase simples demais para acreditarmos e o aceitarmos como um método verdadeiramente efetivo. Mas, *Ele é o CAMINHO*. Continuando Sua Missão, temos que unificar as pessoas, contando-lhes de Jesus e amando-as pessoalmente, simplesmente, assim como Ele o fez.

Nossa Boa Nova é Jesus, e nós temos que dizer isto! Quando falamos a alguém sobre uma outra pessoa, faz-se necessário que a conheçamos. Quando não a conhecemos muito bem, é difícil falar a seu respeito para outros. Tendemos a apoiar-nos sobre o que lemos a respeito da pessoa que estamos descrevendo, sobre o que outros disseram a seu respeito, sobre fatos, estatísticos - sua idade, anos vividos aqui ou acolá, suas atividades.

Se, por acaso, conhecermos melhor a pessoa, então, quando contamos algo dela a outros, estamos inclinadas a tocar mais a nossa própria experiência e a mensagem tende a revestir-se de vida. O ouvinte pode perceber o brilho nos nossos olhos, o senso de relacionamento pessoal.

Quando amo profundamente a pessoa da qual estou contando, minhas palavras podem diminuir e sair com mais dificuldade, mas meu sentimento de reverência, respeito, admiração, gratidão e amor verdadeiro o demonstram. Por exemplo, observe-se a si mesma, enquanto tenta descrever seus pais, seus amigos mais íntimos, seu Senhor e Mestre.

É este sentido de relacionamento que fala aos outros. Todavia, nós, muitas vezes tendemos a esquivar-nos deste *elemento crucial de MISSÃO*. É mais fácil para nós, fazer algo para as pessoas, ensiná-las, cuidar de suas necessidades, do que falar-lhes de nossa própria experiência com o Pai, com Jesus e com o Espírito, na medida em que chegamos a conhecê-los - ou não chegamos a conhecê-los - é mais fácil do que partilhar algo de nossa vida profunda de amor, de relacionamento. Porém, é justamente isso que as pessoas querem de nós; é essa experiência vivida que procuram hoje. Procuram participar das riquezas espirituais que temos recebido. Elas procuram ser “missionadas e evangelizadas” por nós, desta maneira. Não estão na busca de dogmas, de verdade, mas procuram um relato de experiências vividas. Tenho certeza de que vocês todas tiveram experiências semelhantes às minhas, com estudantes e outras pessoas: “Não

me diga que devo ler livros ou artigos sobre este ou aquele assunto. Quero saber como você o vive, o que você crê. Quero saber o que a faz pulsar”. Muitas vezes é difícil para nós essa partilha! Todavia, é essa experiência e esse relato que suscita em outros o desejo de encontrar-se com essa pessoa que descrevemos.

Como Padre Kedl já disse tão fortemente, esses dias, Jesus foi um verdadeiro discípulo de Seu Pai, UM com Ele. “Eu e o Pai somos UM.” (João 10, 30) “Por mim mesmo nada faço, mas digo aquilo que o Pai me ensinou.” (João 8, 28) “Eu sempre faço o que é do agrado de meu Pai.” (João 8, 29) Justamente porque foi em tudo discípulo do Pai, semelhante a Ele em todas as coisas, porque conhecia e amava o Pai, intimamente, Jesus pôde contar a outros sobre o Pai, de maneira viva, dinâmica e amorosa.

Assim como Jesus conhecia o Pai, íntima e profundamente, sendo perfeito e pleno discípulo e Filho, nós devemos conhecer Jesus, íntima e profundamente, sendo plenamente semelhantes a Ele, para podermos falar dele aos outros, de maneira viva, dinâmica e amorosa. Nossa Constituição nos chama para isso. O próprio Prólogo diz que: “Nós, IENS consideramos essencial para nossa Constituição vida e missão”: uma compreensão mais profunda do seguimento de Cristo, como nos ensina o Evangelho. A Igreja também nos exorta para essa centralização. Os Padres do Vaticano II urgem que os Religiosos peguem diariamente os Evangelhos, meditando-os,

a fim de conhecer Jesus Cristo. Para chegar a um conhecimento mais profundo e íntimo com Jesus, é preciso que eu esteja com Ele. VSE coloca sobre cada uma de nós a responsabilidade de planejar nosso dia para uma suficiente comunhão com Deus e nos dá o direito e privilégio de “pelo menos, uma hora diária de oração pessoal.” (DG- 45) VSE indica meios para chegarmos a um conhecimento mais íntimo e profundo de Jesus e presume isto como básico para nossa vida como Irmãs Escolares de Nossa Senhora.

Como Maria, nós também somos chamadas a “ponderar a palavra recebida” em nossos corações. (VSE 32) Nossa cultura não leva à reflexão, à contemplação, mas Jesus, a Igreja, nossa Constituição nos chamam para isso. Eles nos chamam a sermos profetas em nossos tempos, profetas que conhecem a mente e o coração de nosso Deus e que são capazes de comunicar Sua mente e Seu coração às pessoas de nosso tempo. Proclamar Sua mente e Seu coração – proclamar Deus, exige que eu O conheça e ame, que eu seja discípula, sempre com Ele, sempre atenta a Ele.

Nosso desejo de estar com Ele, de ser semelhante a Ele, não pode ser comparado com *Seu* desejo por nós. Um dos desejos mais profundos de Jesus é que nós estejamos com Ele. “Pai, os que me deste, quero que, onde eu estiver, estejam comigo.” (João 17, 24)

Para ajudar-nos a conhecê-Lo, Jesus usa todos os meios possíveis, para falar-nos Dele, mesmo ao ponto de tornar-se homem por nós e conosco. Ele

se revela a nós: pela criação, acontecimentos cotidianos, momentos de reflexão, encontro com as outras pessoas, pela Sua Palavra e sacramentos. VSE chama-nos a estarmos “sempre atentas à vinda do Senhor.” (VSE 32) Para ouvir e compreender o que Ele quer revelar Dele mesmo, em inúmeras maneiras, necessitamos da arte de ouvir, de tornar-nos acostumados com Sua voz, assim como aquela que ama, conhece não apenas a voz, mas cada movimento do amado. Assim, devemos esforçar-nos por uma “atitude de escuta,” de um “ativo ouvir” em todas as nossas atividades, sobretudo na oração. (DG 46-a) Essa escuta exige reflexão e silêncio outras realidades que não são tendências naturais na sociedade atual. Um coração atento, cabeça e ser, que pensa e reflete sobre a realidade, produz união com Ele, “profundo crescimento espiritual.” (DG 46 a)

NOSSA MISSÃO, então está *radicada* ao nosso compromisso com Cristo - em nosso radical desprendimento de tudo que é menos que a pessoa de Jesus, no abandono radical de nós mesmas a Ele-individualmente e como comunidade. Nossa missão é de darmos frutos, mas damos quando permanecemos e vivemos Nele e com Ele, quando esperamos, escutamos, respondemos, somos moldadas por Ele, feitas à Sua semelhança (João 15). Nós nos tornamos sempre mais semelhantes àquele que amamos. VSE assegura-nos que é essencialmente a *oração*, e não a atividade, que constitui “nossa contínua resposta ao contínuo chamado de Deus para a *MISSÃO*.” (VSE 3)

Jesus tornou o Pai presente pela sua própria maneira de ser. De modo semelhante, nós devemos torná-Lo presente pelo nosso próprio ser. Nós somos seu corpo, suas mãos e seus pés, bem como seu coração, na sociedade de hoje. Isto se chama *Missão*: ser sua presença onde estivermos. Na medida em que tornamos Jesus presente, contamos e vivemos a Boa Nova a Seu respeito, nós também continuamos Sua missão *de FAZER UM*. Jesus não nos faz apenas participantes de Sua missão; Ele nos mostra a maneira como podemos cumpri-la.

Quando focalizamos Jesus, nós vemos que Ele vem e fica no meio do povo, falando de Seu Pai. Deste modo, Ele torna presente o amor do Pai, pelo Seu próprio amor humano. Ele torna o amor do Pai presente às pessoas, estando com elas. Ele lhes anuncia a Boa Nova pelo seu próprio ser, palavras e atos - a Boa Nova que o Pai os ama e que este amor os liberta da escravidão, do medo e de uma vida sem sentido. E as pessoas acreditam Nele - permitem que sua vida seja dominada por Ele; se torna seu *TUDO*; são possuídos por Ele e isto é *Fé!*

As pessoas que acreditam em Jesus, naturalmente partilham entre si um elemento comum e profundo-o ponto comum de ter Jesus como centro de sua vida individual, de sua vida comunitária. Ele é o elo que os une. *Ele os faz UM*, pela sua pessoa e mensagem. Ele os transforma *numa comunidade de fé*.

Vamos *parar* um momento. Considerem quantas das Irmãs presentes aqui, vocês teriam conhecido

se não estivessem nesta Congregação Religiosa. Eu ousaria dizer que o número seria pequeno. Na realidade é unicamente Jesus e a Fé Nele que nos reuniu aqui hoje, 525 pessoas nesta sala em Waterdown, Ontário, Canadá, neste dia 18 de agosto de 1978. Nós somos, de fato, uma comunidade de Fé; é a Fé que nos une. Somente Ele é a força unificadora que nos vincula uma a outra. VSE diz isto: “Cristo é o centro de nossa comunidade; é a Cristo que seguiremos.” (VSE 6) Somos de fato, comunidade de fé?

Vemos que Cristo foi enviado pelo Pai, enviado a nós, enviado por nossa causa. Podemos bem dizer que, o próprio objetivo da vinda de Jesus, sua Encarnação, Morte e Ressurreição, foi o *de unir as pessoas com o Pai e entre si*. Sua missão foi, essencialmente, a de formar uma comunidade baseada na fé Nele e no Pai, baseada no amor que existe entre Ele e o Pai. E Ele o explica: “Que todos sejam UM... Pai, que eles cheguem à perfeita unidade e, portanto, o mundo conheça que Tu me enviaste e os amaste como amaste a mim.” (João 17, 21 e 23) Jesus foi enviado *para unificar todas as pessoas com o Pai e entre si. É desta missão que nós participamos*.

Em sua carta introdutória a VSE, Madre Georgianne chama-nos para “arriscar todas as coisas para ajudar outros a acreditarem que Jesus os ama e que o Pai cuida deles”. Na medida em que tornarmos Jesus presente, contarmos e vivermos a Boa Nova a respeito Dele, nós também continuamos Sua Missão de *FAZER UM*, de estabelecer uma comunidade baseada na fé Nele, e no Seu amor.

Porque Jesus é o centro de cada comunidade cristã e porque Ele ama a cada uma pessoalmente, todo membro é chamado para amar o outro, assim como Ele ama esta outra pessoa. *Jesus* nos ama, assim como o Pai O ama; nós devemos amar as outras pessoas assim como *Jesus* nos ama. Isto não é apenas Seu mandamento; se refletirmos sobre nosso elo comum, nós somos chamadas a amarmos uma a outra simplesmente porque Ele ama a outra. VSE diz isto muito bem: “Como o Pai enviou Cristo para manifestar seu amor ao mundo, assim também Cristo nos envia para tornar visível Sua presença entre as pessoas, através do nosso amor mútuo.” (VSE 4)

Pelo fato de estarmos comprometidas com Cristo, nós também estamos comprometidas para formar comunidade, para *FAZER UM*. Quando amamos alguém, começamos a tornar-nos semelhantes ao amado. Seus princípios e valores passam a ser nossos também; suas “coisas se tornam nossas coisas.” O exemplo clássico é uma jovem que está enamorada. Ela pode não ter tido nenhum interesse no jogo de golfe, antes, mas é bem possível que ela não apenas se torne uma *fã* interessada, mas até participante ativa, se o seu namorado tiver grande interesse no golfe. Somos transformadas por aqueles que nos amam. Jesus chama as pessoas, pela Sua vida e Suas obras, a aceitar Seu Pai, e com isto surge uma comunidade que tem fé. Nós participamos da mesma missão: Nossa missão de *IENS* é “fomentar a unidade”, formar uma comunidade cristã onde quer que estejamos

engajadas-neste lugar, neste momento da história da salvação. “Nosso apostolado primordial é a vida comunitária, sinal profético da Igreja, que é o Cristo vivo.” (Cf. LG 12)

Por experiência, cada uma de nós conhece a tensão e a dificuldade que a tentativa de viver estas afirmações causa em nossa vida - a tensão inerente e achar o equilíbrio entre a *FRATERNIDADE* na comunidade local e *FAZER UNIDADE* com a comunidade mais ampla, devendo lutar pela Unidade Nele “aonde formos enviadas.” (VSE 9 e 48)

A vivência de VSE compromete-nos a *lutar* para construir uma comunidade baseada na fé em Jesus e no amor por Ele. Porém, somos comprometidas a lutar por esta comunidade, não de possuí-la, nem deter uma perfeita comunidade de fé que existe somente na Trindade. O número 33 de VSE o afirma explicitamente: “A Eucaristia é a principal fonte e expressão do amor e da união que *procuramos conseguir* em comunidade”.

Talvez uma das maiores dificuldades é termos expectativas muito altas a respeito da vida comunitária. Nossas expectativas a respeito de nós mesmas e das outras, na vida comunitária, são muitas vezes grandes demais - humanamente impossíveis de serem alcançadas. A *vida comunitária*, por si, não satisfará, nem poderá satisfazer *todas as nossas necessidades pessoais*; (natural para nós, como seres humanos, que experimentamos, às vezes, solidão, decepções, incompreensões). Assim aconteceu a Jesus, antes de nós, e a uma fiel discípula que procura superar o seu Mestre. Os apóstolos também nos descrevem

a dificuldade encontrada pelas primeiras comunidades cristãs, ao experimentarem esta maneira cristã de viver juntos.

Quem somos nós, para esperar algo diferente?

A este respeito, os números 7, 14 de VSE e 1 do DG particularmente, refletem a realidade de escuridão, sofrimento, desapontamento, culpa, falha e vazio em nossa vida; admite-se que estas realidades fazem, de fato, parte de nossa vida. Em nosso relacionamento com Jesus, em nossa vida comunitária, experimentamos e partilhamos de Sua morte e ressurreição; esta é a forma de Sua vida, de nossa vida, configurada com a Dele. Não se espera nem se pode esperar que a vida seja apenas ressurreição, paz e alegria; seria irreal. Porém, nós vivemos na esperança Nele, mesmo na escuridão e no sofrimento, alegres e serenas... porque Ele ressuscitou e já enviou o Espírito Santo. Nossas expectativas irreais acerca de nós mesmas e de cada uma das outras, impede que sejamos comunidade de perdão, comunidades que aceitam, com amor, as fraquezas e as limitações de cada membro e de si mesma, como comunidade.

VSE não nos orienta apenas para procurar conseguir *o objetivo* da vida comunitária que tem o amor como suprema lei de nossa vida em comum. (DG 3.b) VSE também nos aponta os meios básicos com os quais devemos batalhar por esta vida comunitária. Bem concretamente - Laudes e Vésperas diárias, a Eucaristia celebrada em comum, quando possível, mais oração em comum, que expressa a vida que experienciamos em

comunidade. Não podemos alcançar o objetivo da vida comunitária sem focalizar e adorar juntas *Aquele que é o centro de nossa vida em comum*; nada mais, ninguém mais irá ou poderia unir-nos tão estreitamente. Bem conhecemos outros meios mais concretos que nos ajudam a conseguir aquela vida comunitária pela qual estamos lutando, que são: responsabilidade partilhada, diálogo autêntico, prestação de contas, Conselho de Irmãs, uma atmosfera de paz e de amizade-responsabilidade de ajudar a cada Irmã para alcançar sua plena maturidade em Cristo, de promover nossa unidade com cada uma, e de promover nosso serviço apostólico.

Talvez um dos maiores desafios para nós atualmente, é vivermos este compromisso *JUNTAS* - ousando viver nossa resposta a Cristo como *comunidades locais*. Como os Evangelhos, também VSE foi escrito e destinado para a comunidade; ambos são documentos comunitários. Não basta que as Irmãs vivam VSE *individualmente*. Como *comunidades locais* devemos nos esforçar para viver os ideais e os meios que VSE nos oferece como uma especificação do Evangelho para nosso caminho de vida. Cada uma de nós e todas nós partilhamos a responsabilidade de viver VSE como comunidade e de exortar-nos mutuamente para vivê-la. Porque somos totalmente comprometidas com Cristo, nós somos comprometidas com a comunidade, para *construir a unidade* onde quer que estejamos. Toda lei deve produzir vida; VSE como nossa regra de vida, pode dar-nos vida nova, como comunidade, se ousarmos o risco de *perder* totalmente *nossa*

própria vida para fazer *Dele* o nosso *Centro*. Esta perda produzirá uma nova profundidade de vida comum e pessoal.

Novamente, chegamos ao âmago de nossa fé, o mistério pascal - morte e ressurreição- cuja aceitação e vivência nos *FARÃO UM*. Já em 1970, Padre Lombardi disse às delegadas de nosso Capítulo Geral: “Irmãs, estaremos à beira de uma nova e grande ressurreição, apenas se estivermos dispostas a “morrer”. Eu creio que esta afirmação continua sendo verdade.

Estamos comprometidas a esforçar-nos para *FAZER UM* porque Ele nos congregou. Através deste esforço e nele, nós nos tornamos símbolo para a comunidade cristã mais ampla. Através desta luta pela unidade, “mostramos que”, reconciliadas em Cristo com o Pai, pelo Espírito Santo “cristãos podem, realmente, viver e trabalhar unidos no amor”. Usando as palavras de Padre Kedl, o testemunho de um seguimento total é necessário para assegurar que um seguimento comum é possível e vale esforços.

Se olharmos, de novo, vemos que *Jesus, por aquilo que é*, estabelece esta Primeira Comunidade Cristã *de Fé* , e o *inevitável* acontece imediatamente! As pessoas, uma vez que ouviram e aceitaram a Boa Nova, uma vez que conheceram Jesus e foram vencidas por Ele, não puderam *guardar essa Boa Nova* consigo; elas tiveram que ir *contá-la* a outros.

Uma comunidade não pode ser chamada de uma comunidade cristã, se não tiver um sentido de

missão. Uma comunidade cristã não pode deixar-se dominar por suas próprias necessidades; os crentes são impelidos *a contar a Boa Nova*. Não podemos guardar a Boa Nova dentro de nós. Pensem na sua própria experiência: temos que contar uma boa notícia, ao menos para *uma* pessoa; e esta pessoa deve contá-la *pele menos a uma outra* pessoa, e assim por diante...

Nós o vemos na mulher samaritana junto ao poço: “Vinde ver um homem que me disse tudo o que fiz”. (João 5, 29) Observem Maria, depois da ressurreição: “Vai, porém, a meus irmãos e dize-lhes...” (João 20, 17) Vejam os próprios apóstolos que foram até os confins da terra. E percebam o que o Evangelho diz: “Ensinai-lhes a observar tudo quanto vos ordenei.” (Mt. 28, 20)

Muitas vezes, os outros acreditam na palavra dos que acreditam. É o relato pessoal que os atrai para encontrar esta pessoa; muitas vezes, a fé dos crentes é o ímã que atrai e *puxa para o Centro*. Jesus derramou Seu Espírito nos seus corações. Quando anunciamos a Boa Nova, ela encontra acolhida nos corações onde habita o Espírito Santo, e eles também crêem. A comunidade de fé se expande. Quando estes novos ouvintes aceitam Jesus, eles, por sua vez, se tornam missionários, enviados a contar com a Boa Nova que receberam e experienciaram. Quão grande e bem pensada, a idéia de Madre Teresa, de enviar suas Irmãs para longe, para “anunciar a Boa Nova”.

É diferente como e em que circunstâncias cada uma de nós conta a Boa Nova. Uma vez tomadas por Jesus, encontramos muitas maneiras para falar Dele. Todo tipo de compromisso-amizade, casamento, compromisso religioso, resulta em *SERVIÇO*. Nós somos comprometidas com Ele, por isso *SERVIMOS* ao Seu povo e ao Seu corpo. Se estou a favor de Jesus, estou a favor de tudo que Ele é. Como o zelo pelo Pai e o Reino do Pai dominam sua vida, assim também este mesmo zelo empolga a minha vida e me disponho a servir ao Seu Reino com liberdade e entusiasmo. *SERVIÇO* pode ser visto como expressão concreta de *MISSÃO*, mesmo que VSE nos diga que nosso chamado ao serviço é um chamado à missão. (DG 10)

VSE não irá permitir-nos cair na idéia errônea de Padre Francisco Sebastião Job (trabalho, emprego) ou mesmo de “service” (serviço). Nossa expressão de amor, de serviço, é *MISSÃO*. VSE, por exemplo, nos chama para servir “de maneira que vida e trabalho são um testemunho vivo da missão evangélica que recebemos” (VSE 23) e em todos os nossos serviços devemos continuar a obra salvífica de Cristo.

VSE especifica nossa maneira de expressar a *MISSÃO*. Fiéis ao carisma de Madre Teresa, optamos, como Congregação, expressar ao mundo nosso amor pela educação no sentido mais amplo: “educação, para nós significa tornar as pessoas capazes de alcançar a plenitude de seu potencial”. (VSE 22) Parece que nós, IENS, estamos percebendo sempre mais que, não importa em que ministério servimos, nós somos educadoras -

capacitando cada pessoa à qual servimos a de “alcançar a plenitude de seu potencial” e depois partilhar suas dores com outros. Madre Teresa e Padre Job nunca permitiram que suas Irmãs fossem apenas simples professoras; nos seus escritos, eles sempre chamam as Irmãs a *instruir e educar*; “Unterricht und Erziehung”. E favorecer o desenvolvimento moral daqueles aos quais servem - a ajudar a cada pessoa para “alcançar a plenitude de seu potencial”. (VSE 22)

Não pode haver dúvida de que as IENS, nos tempos de Madre Teresa e mais tarde, eram conhecidas como perfeitas e marcantes educadoras, no verdadeiro sentido desse termo. Os tempos mudaram; as necessidades mudaram. O que significa hoje, ser uma educadora perfeita e marcante? Nós o somos, como Madre Teresa, capacitando e desenvolvendo o potencial daqueles aos quais servimos “atendendo necessidades às quais ninguém se dedicava”? (VSE 24)

Repetidas vezes, VSE descreve nosso serviço como IENS em termos de *AMOR*.

O serviço de Madre Teresa é chamado um “*SERVIÇO DE AMOR*” (Prefácio-VSE) e nós também somos chamadas para um serviço amoroso, a “uma partilha de nosso amor” (VSE 4) e para aquele tipo de amor e serviço com que “construímos o Seu corpo, a Igreja. (VSE 2) Esta ênfase aparece bem no evangelho de São João: “Pedro, tu me amas mais do que estes”? (Jo 21, 15) Três vezes Jesus faz a pergunta. Sua pergunta implica: “Somente se Me

amas, apascenta minhas ovelhas; não apascenta minhas ovelhas sem que Me ames. Mesmo se amares minhas ovelhas, apascenta-as somente se ME amas”. Serviço amoroso, um senso de missão. Serviço amoroso, um senso dele, é uma exigência. VSE reflete bem este chamado para um serviço de amor, para a missão - porque somos discípulas.

De acordo com VSE, nossa atitude de serviço, na missão, deve ser a de *serva*. Ao refletir sobre o tema dado para este dia: **Nossa missão de servir como IENS** parece-me que se tornou, de certo modo, fácil para nós, dizer: “Nossa *MISSÃO* é a de *FAZER UM*”. Mas sendo as IENS que somos, que muitas vezes tentamos ser auto suficientes e independentes, também nos parece fácil pensar que nós colocamos sobre nós esta missão, que nós fazemos disso nossa identidade e que por nossos dons, talentos e força de vontade somos capazes de cumpri-la.

Porém, nós recebemos esta missão, fomos dotadas com esta identidade. Somos chamadas por Ele, para servir a Seu Reino. Particularmente, no nosso Diretório Geral sobre *GOVERNO*, somos chamadas para ter uma atitude de *SERVIÇO*. Mais uma vez somos identificadas com Jesus, pois estamos diante do *PAI COMO SERVAS*. E o Diretório Geral continua dizendo que a atitude de *serva* é a de despojamento e obediência até a morte. Assim, já nosso serviço em si, reflete o mistério pascal. Como Jesus, nós temos que despojar-nos e obedecer, proclamando-O *SENHOR* e a nós, suas *servas*, mesmo ao ponto de morrer. Esta atitude implica que eu permita a

Jesus que me use para Seu serviço, como Ele quiser. Eu não apenas lhe permito que use meus talentos e habilidades, mas também coloco igualmente à sua disposição minhas fraquezas e incapacidades. VSE chama-nos a viver a afirmação de São Paulo: É em nossa fraqueza que se revela totalmente a Sua força.

VSE também nos chama a esse tipo de amor e serviço que constrói o Seu Corpo, a Igreja. Que critério excelente para nosso serviço, o tipo de serviço que construirá o Seu Corpo, a Igreja!

Nós não somos chamadas para o tipo de serviço que construirá meu *EU*, ou a reputação da comunidade, nem necessariamente para o tipo de serviço que eu sei fazer melhor ou de que gosto mais, mas para o tipo de serviço que constrói o Seu Corpo. Nós somos, de fato, mulheres eclesiais, mulheres da Igreja, servindo ao Seu Reino.

Mas, nós não apenas servimos ao seu Reino; ao mesmo tempo, nós somos servidas por Ele e por outros do Seu reino. *RECEBER* também faz parte de nosso serviço, e este aspecto de nossa missão, muitas vezes, é mais difícil para nós. Nós, mulheres apostólicas, que anunciamos a Boa Nova, não podemos simplesmente ser as “grandes doadoras”, aquelas que trazem a salvação. Jesus já está presente onde e quando a Boa Nova é dita e os outros também têm algo de vida para partilhar conosco. O elemento *RECEBER* é parte essencial da missão de Jesus - a comunidade cristã deve permitir que seja transformada por aqueles que

aceitam a Boa Nova. Isto aconteceu na Primeira Comunidade Cristã; muitas de nós conhecemos essa transformação como “Helenização da Igreja”. A comunidade cristã dos judeus deixou-se transformar por aqueles aos quais tinha anunciado a Boa Nova. Nós todas percebemos que visão nova isso traz à missiologia de hoje - sabemos que recebemos bem mais do que damos em nosso trabalho missionário. Diariamente nós nos perguntamos: Até que ponto deixar-me transformar por aqueles aos quais servi hoje? Até que ponto nós, como comunidade, deixemo-nos transformar hoje? *Isto também é MISSÃO!*

Poderíamos então dizer que nossa missão entre povo é: seguimento de Cristo, vida comunitária, oração, servir e sendo servidas, fazer o que Ele nos mandar.

Um dos temas fundamentais de Vós Sois Enviadas é que “façamos o que Ele nos disser” (DG 30). Maria é modelo e mãe para nós, não apenas no que se refere ao seguimento de Jesus, mas também no serviço, na nossa atitude de servir com amor e alegria, prontas a tornar fértil a nossa oração, através do cumprimento de nossa Missão.

Particularmente para nós, como IENS, seguimento de Cristo, *Missão, e Serviço* se resumem na *Eucaristia*. Quanto eu sei, VSE 34 diz que “No dom total de Jesus ao Pai por nós, experienciamos o chamado ao seguimento radical, em palavra e ação”. Fala, explicitamente, do *seguimento de Cristo*. Essa frase é um resumo completo de tudo que falamos do seguimento de Cristo. *Na Eucaristia* nós

entendemos o significado profundo do seguimento de Cristo: renunciar a nós mesmas, tomar sobre nós a própria cruz e segui-lo aonde Ele nos levar. Na *Eucaristia* entendemos o que é seguimento de Cristo, pois aqui nosso Mestre nos ensina com a totalidade de Seu ser, em “palavra e em ação”. Na Eucaristia, experienciamos Jesus no seu gesto mais intenso de dom de si. E Ele nos chama para fazer o mesmo: “Fazei isto em memória de mim”. A única resposta adequada ao dom de si, é o dom de si. Lembrai-vos de mim desta maneira dando voz aos outros em palavras e de fato - de modo total e completo. Justamente porque estou tão intimamente relacionada com Ele, desejo que minha vida seja a imagem, o espelho, a cópia de sua total auto-entrega pela morte e ressurreição; isto é seguimento de Cristo!

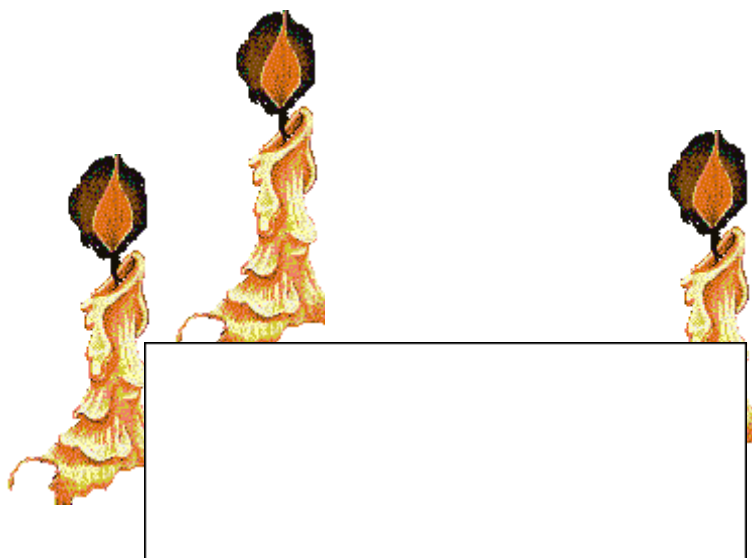
Para nós, IENS, seguimento de Cristo, seguimento radical de Cristo significa: renunciar a nós mesmas, tomar sobre nós a própria cruz e segui-Lo aonde nos levar. É este o chamado para o seguimento de Jesus em VSE - um reflexo exato de Jesus no Evangelho-a configuração com o mistério pascal. Não pode ser que uma discípula de Jesus seja indiferente; somos chamadas para o seguimento radical, para um total estar-com-Ele, para ir aonde ele nos levar. Nossa experiência mostra que onde Ele nos leva, é geralmente aonde nós preferiríamos não ir; mas assim já aconteceu aos seus primeiros discípulos. A Pedro Ele diz... “Estenderás as mãos e outro te cingirá e te conduzirá aonde não queres...” Dito isto, acrescentou-lhes: “Segue-me”. (João: 21, 18-19)

Nós, IENS, dizemos, tradicionalmente e presentemente, que a Eucaristia é central para nossa vida. Isto não pode significar que meramente celebremos a Eucaristia por uma ou meia hora por dia. Fazer da Eucaristia o centro de nossa vida, significa *viver de tal modo que aquilo que acontece na celebração Eucarística -renunciar a si mesma, tomar a própria cruz e segui-Lo aonde Ele nos levar-se torna central para nossa vida, em memória Dele.*

Nós damos a Eucaristia aos outros quando os colocamos diante de nós, quando com amor mudamos nosso programa para poder ouvi-los, quando lhes damos uma palavra de encorajamento, de simpatia ou de desafio, quando renunciemos aos próprios desejos para ajudar alguém; isto é Eucaristia vivida. “Fazei isto em memória de mim” estais dando a Eucaristia. Quando me tornardes presente no meu gesto de auto-entrega, estareis dando a *MIM* na Eucaristia. “Fazei isto em minha memória”! (Mt: 22, 19)

A Eucaristia é o coração do seguimento de Cristo, da missão, do serviço. Não há desafio maior para o seguimento de Cristo, missão, ou serviço do que a Eucaristia. Na Eucaristia experienciamos a realidade e o chamado de nosso Mestre que nos mostra Seu caminho pelas palavras: “Amai-vos uns aos outros!” E Ele fez o que disse: “ Eu me entrego ao meu Pai por vós”. Como verdadeiro mestre que é, Ele nos exorta a fazermos o mesmo. Quando o

fizerdes, lembrai-vos de MIM. Esta auto-entrega,
em meu nome, *FAZ UM! IDE! VÓS SOIS ENVIADAS!*



VISÃO DO FUTURO DA CONGREGAÇÃO

A visão de futuro de nossa Congregação está incluída no tema desta Conferência Educacional: **A JORNADA CONTINUA.**

Creio que minha/nossa visão da Congregação é essencialmente a mesma visão que Madre Teresa articulou há mais de 100 anos atrás. De sua visão e ideais nasce a visão de nossa Congregação no futuro.

“Predizer” o futuro é impossível. Realidades físicas, probabilidades e a história são auxílios para determiná-lo e são elementos sobre os quais temos, em grande parte, pouco controle. De outro lado, o futuro não é uma realidade totalmente obscura e desconhecida. É possível para nós, compreender opções praticáveis, alternativas vantajosas e suas conseqüências e, daí, fazer escolhas conscientes e sábias. A escolha humana é crucial e essencial; em grande parte, sobre *nós* que determinamos o futuro, particularmente o de nossa Congregação.

A qualidade do futuro depende da qualidade das decisões que vocês e eu fazemos AGORA. O futuro emana e é orientado pela qualidade de vida, pelas decisões e atitudes que escolhemos no momento presente. Muitas vezes é difícil para nós, tomarmos consciência de que aquilo que somos neste momento e em cada simples momento de nossa vida, dirige e influencia o futuro. É também difícil

para cada uma de nós, individualmente e para todas nós como comunidade, viver isso com responsabilidade, viver não apenas para nós mesmas, mas para as outras pessoas, não apenas para nosso próprio tempo, mas, também para as gerações futuras.

Temos que fazer decisões de valor agora, cientes das forças globais já atuando em nosso mundo.

Cada uma de nós aqui presente, pode imaginar um futuro “possível” de nossa Congregação, mas futuro “possível” não significa sempre um “provável” futuro. É uma grande tentação falar-lhes de um futuro “possível”, um futuro ideal, uma Congregação ideal, da maneira como eu esperaria que as coisas fossem, mas, tentarei evitar esta idealização. O futuro, normalmente, não está diametralmente oposto ao passado e ao presente; nós somos seres em evolução, “qualquer que seja o ponto a que chegamos, caminhamos na mesma direção”. (Fil. 3,16) Por isso, nosso futuro está enraizado no passado e emana do presente; destas duas realidades, nosso futuro “provável” torna-se realidade.

Basicamente, a Igreja, através do Concílio Vaticano II, orientou nosso futuro, ao chamar-nos para dois processos simultâneos:

1. para uma volta contínua às fontes da vida cristã e,
2. para a inspiração original de nossa Congregação. (VR. 2 - página 468- Abbott)

Deste modo, de acordo com a ordem da Igreja, e de acordo com nossa própria natureza e desejo, o

futuro de nossa Congregação deve fluir do Evangelho e da visão de Madre Teresa. É aqui que estamos. A visão do futuro é, e deve ser essencialmente, a mesma visão de Madre Teresa. Os pontos essenciais que dominaram a vida de Madre Teresa são, não somente os pontos essenciais do Evangelho, mas também os que a Igreja nos pede no momento presente. Que grande dom nos foi dado! É “uma peça inteira”; não há necessidade de fragmentação. Isto, em si, já é uma realidade simbólica de unidade de *quem* nós somos. Por causa disso, eu vejo os aspectos de nosso futuro, que abordarei hoje, como que fluindo dessas 03 fontes: *O Evangelho, A Igreja e Madre Teresa.*

Um dos chamados básicos, tanto do Evangelho como de Madre Teresa, é o chamado para a *santidade*. Este chamado para a santidade será ainda mais importante no futuro, do que tem sido no passado, ou do que é no presente. Nossa Igreja, nosso mundo, nossa Congregação, precisam de mulheres santas-santas, não pietistas, mas santas, no sentido de ser UM com Jesus, identificando-se com Ele e Seu caminho. O caminho de Jesus é o caminho da morte/ressurreição. E este é também o caminho de Madre Teresa. Esta foi sua expressão do mistério pascal, da realidade de morte e ressurreição.

A obra de Deus se realiza no sofrimento; isto é o mistério e forma de morte e ressurreição na vivência de seu cargo. Muitas vezes ouvimos apenas o texto: “Todas as obras de Deus se realizam no sofrimento”. Num outro texto, Madre Teresa

expande esta frase e escreve: “Todas as obras de Deus se realizam devagar e no sofrimento; mas, suas raízes, ao mesmo tempo, se tornam mais vigorosas e suas flores mais belas”. (Carta 2.277)

Sem dúvida, nosso futuro e a qualidade de nossa vida no futuro devem caracterizar-se pelo *mistério pascal*. Este o encontramos em nosso passado, em nossas fontes, que são, tanto o Evangelho como nossa herança. E está também na situação presente de nossa vida-sempre em caminhos que talvez, nunca iríamos escolher. E, certamente fará, e deverá fazer parte do nosso futuro. A presença da cruz em nossa vida e a visibilidade desta mesma cruz é uma realidade que nos caracteriza como cristãos e como Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Eu confio que no futuro nós vivamos profundamente essa realidade, que acolhamos a cruz como o sinal da atuação de Deus, mesmo que, humanamente falando, possamos recuar diante dela.

O cristão e as IENS são chamados para sermos “alegres” (VSE 43) e serenas mesmo na escuridão e no sofrimento, porque Ele ressuscitou e já enviou seu espírito que, como sabemos nos dará novamente luz e alegria.

Quando voltarmos às fontes do Evangelho e ao espírito de Madre Teresa, aceitaremos e viveremos com alegria a cruz que nos caracterizará. Já que Jesus e Madre Teresa nos chamam constantemente para a alegria - para a cruz- a alegria na cruz deve fazer parte de nosso futuro “provável”. Em nosso mundo, que é sério demais, os cristãos devem

trazer o elemento da alegria para os graves questionamentos que deveremos enfrentar em nosso futuro.

Eu gostaria de refletir com vocês hoje, sobre alguns desses questionamentos.

Primeiro, existe a questão básica de como poderemos chegar juntas ao Pai e ao caminho que Ele reservou para nós. Para mim, é extremamente importante e provável que, em nosso futuro, mais do que até agora, nós como indivíduos, como comunidades locais, provinciais e internacionais, seremos dominadas por uma urgência sincera de buscar e seguir o chamado do Pai.

Muitas de nós, para “fazer a vontade do Pai”, muitas vezes parecem subentender antes uma resposta passiva e não participativa, do que responsabilidade ativa da nossa parte. Mas isto é uma falsa compreensão do que significa: “buscar e fazer a vontade do Pai”. (VSE 41, 62) A vontade do Pai é simplesmente esta: que todo Seu povo seja salvo por Jesus. A única maneira que Ele revela sobre *como* este objetivo deve ser alcançado é através de áreas tão amplas como fé, amor e verdade. É nossa tarefa, sua e minha e a da comunidade cristã inteira, determinar **COMO** estes princípios básicos poderão tornar-se realidades vivas e salvíficas na vida, como traduzir em carne e sangue, na vida de cada dia, estes princípios que Jesus nos revela. Basicamente, é vontade de Deus que nós, como seres humanos, usemos nossa inteligência e vontade para determinar **COMO**

conseguir que a força salvadora de Jesus tenha relação com nossa vida e as situações da vida.

O conhecimento da vontade do Pai exige pelo menos 5 processos básicos:

1. Considerar nossos gostos e desgostos, nossos talentos, fraquezas, dons e limitações. Deus no-los deu; eles revelam uma grande parte de nossa realidade.
2. Considerar a realidade do mundo e suas necessidades.
3. Considerar ambos os pontos dentro do contexto evangélico, da mensagem cristã, permitindo que ela penetre as primeiras duas realidades. Por exemplo, o fato de ver-nos amadas e chamadas por Deus, de vermos o mundo redimido, muda nossa visão dos pontos 1 e 2.
4. Rezar sobre estas 3 realidades e buscar o conselho de outras pessoas sobre nossas reflexões, reações e direção.
5. Finalmente, tomar uma decisão à luz destes 4 pontos. Para nós, agora, esta é a vontade de Deus. A tarefa que temos diante de nós, é, portanto, concretizar nossa decisão, permanecendo sempre abertas para novos desenvolvimentos.

Se um indivíduo ou uma comunidade busca a vontade de Deus, estes princípios são os mesmos. *Buscar a vontade de Deus é determinar de que maneira a luz e os princípios cristãos são levados para dentro das realidades que enfrentamos.* Isto eu entendo quando constato que no futuro a busca comum da vontade de Deus e do seu caminho será

o “Leitmotiv” (orientação, objetivo) dominante em nossa vida.

As implicações de tal futuro são exigentes; exigem “unidade com” – unidade com o Pai, sendo profundamente sensíveis a Ele e unidade e aguda sensibilidade para com nosso mundo e suas condições. Em outras palavras, o futuro nos envolverá mais profundamente na aceitação de nosso papel carismático e profético na Igreja.

A orientação para o futuro está profundamente enraizada em nosso passado. Madre Teresa teve um desejo intenso, quase que uma obsessão de buscar unicamente Deus e Sua orientação, Sua vontade a respeito dela e de sua Congregação. As muitas possibilidades de escolha no mundo de hoje, as abundantes necessidades e a grande variedade de dons das nossas Irmãs, intensificam a necessidade de buscar e saber a vontade do Pai; esta necessidade será ainda mais intensa no futuro.

Eu não tenho dúvida de que no futuro cada assunto que considerarmos juntas, será visto conscientemente sob este questionamento:

- Onde está Deus em tudo isso?
- Onde está Seu chamado para nós? Não seremos mais capazes de considerar questões fora deste contexto.

Eu também não tenho dúvida de que, quando este amplo questionamento se tornar, na prática, o princípio norteador na nossa vida em comum, acontecerá uma mudança radical do estilo e da

atmosfera em nossos encontros locais, provinciais, interprovinciais e internacionais como Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Esta visão e questionamento nos capacitarão para lidar com situações de conflito, com tópicos que provocam fortes respostas emocionais e convicções pessoais. Mas, a busca de Deus em comum poderá e, certamente, nos capacitará a “perder a nós mesmas” para Ele e Seu chamado, a permitir-LHE que Ele seja o *SENHOR*. Isto não significa que nós todas devemos pensar da mesma maneira, mas, que busquemos, em comum e com liberdade interior, o Senhor e somente a *ELE*.

Se nossa herança e nosso futuro exigem de nós, o mesmo exige nossa *realidade presente*. Nosso Diretório sobre “Governo” nos diz que Com Jesus, orientamos a nossa vida para um único objetivo: “a busca comum da vontade do Pai”. (DG 58) Eu vejo isso como profunda realidade em nosso futuro – provável e necessária e - *PROVOCADORA*.

Como já disse anteriormente, há algo sobre a vontade de Deus, que é absolutamente claro: Ele quer que haja união entre Ele e os seres humanos, e que estes estejam unidos entre si. Parece haver pouca dúvida de que o futuro “provável” de nossa Congregação *exija uma profunda unidade entre nós, unidade no essencial*, (DG 10) unidade que é tão profundamente partilhada que podemos e, de fato, cresceremos com as diversidades entre nós. O desejo insaciável e o pedido de Madre Teresa para que haja unidade entre suas Irmãs, não podem ser negligenciados no futuro. Ela insistia numa

unidade visível e palpável, assim como se expressa num único Governo central, uma única regra, um único objetivo. Insistia também fortemente na unidade invisível e intangível que deveria ligar suas Irmãs entre si, isto é, o elo forjado entre as Irmãs pelo seu amor a Cristo e entre si.

Esta exigência da unidade brota não apenas de nossa herança, mas também de “onde nós estamos”, atualmente, neste momento. O interesse pela internacionalidade e unidade internacional e a convicção a respeito dela têm crescido e continua a crescer entre nós.

Isto testemunha a situação aqui – pela primeira vez na história nós temos conosco nos Estados Unidos, Provinciais das IENS do mundo inteiro e também representantes das Regiões e Territórios Missionários.

Necessariamente, em nosso futuro “provável”, o aspecto de internacionalidade tornar-se-á ainda mais parte vital da existência de cada Irmã de nossa Congregação. Até agora, tocamos apenas a superfície, a respeito de possibilidades provindas de nosso caráter internacional.

Certamente, quando tivermos alcançado um senso mais forte de internacionalidade, nossa visão tornar-se-á mais ampla. Nosso Diretório Geral nos assegura que nossa internacionalidade nos desafia a desenvolver uma ampla visão do mundo. (DG 36)

Caracterizamos Madre Teresa como mulher de visão mundial e nós nos chamamos e

comprometemos para o mesmo. É muito mais confortável vivermos com nossa visão local ou provincial, do que desenvolvermos uma visão universal, com todos os desafios, exigências e sofrimentos que ela implica. Porém, nenhum cristão e, certamente, nenhuma IENS poderá fugir a esta responsabilidade, nem no presente e nem no futuro.

Nosso dom de internacionalidade estende-se muito além de nós mesmas. Por exemplo, no tempo atual, grupos não católicos, trabalhando no campo de evangelização, em culturas diferentes da sua, estão descobrindo a necessidade de desenvolver alguma forma de Vida Religiosa e celibatária, especificamente por causa da evangelização. Tais grupos estão percebendo maiores dificuldades para missionários casados, que devem preocupar-se com a estabilidade de sua própria família, com a educação consistente de seus filhos e outros assuntos práticos. Destas necessidades e dificuldades vividas, emerge a necessidade de alguma forma de compromisso celibatário. Estes grupos procuram nossa ajuda e experiência vivida; nós as temos para oferecer-lhes. Pela nossa presença como Congregação Internacional, dizemos: “Sim, é possível transcender culturas, línguas, raízes históricas, etc; nós o experienciamos”.

Se isto é válido para grupos em geral, também o é para grupo de mulheres que se unem. O movimento feminista, por exemplo, necessita de nossa experiência de mulheres unidas entre si, nacional e

internacionalmente, para que consiga o reconhecimento de seus direitos humanos básicos e de sua dignidade. Mulheres, no mundo inteiro, necessitam de nós; fomos agraciadas, para poder ajudá-las. Muitas vezes nos distanciamos de alguns movimentos feministas, por causa de elementos que consideramos como não cristãos; mas, espero que possamos dar uma dimensão cristã a qualquer movimento que defende os direitos humanos e a justiça. Nenhum Movimento, nenhum Grupo, incluindo o nosso, já é totalmente cristão. Nós não nos podemos identificar integralmente com nenhum Grupo ou Movimento. Mas, espero que possamos perceber as dimensões cristãs em cada Movimento e fortalecer tais elementos, bem como notar as dimensões não cristãs e, trabalhar para levar até elas a luz de Cristo.

Hoje, o próprio mundo luta pela unidade, partilha a interdependência internacional. Nós, com mais de 150 anos de experiência de lutas e alegrias envolvidas na unidade internacional, temos muita coisa a partilhar com o mundo.

Temos a experiência do que dá certo e do que não funciona - ao menos para nós. Como Congregação, recebemos estes dons e, se formos fiéis a nós mesmas, ao nosso passado, presente e futuro, não podemos recusar-nos de partilhar essas riquezas.

Esta unidade é importante, não apenas em nível internacional. *A Unidade na Comunidade* é também o testemunho relevante - não apenas o testemunho de uma comunidade que vive bem e na alegria, mesmo que isto seja importante, mas também o testemunho da vontade, de um esforço contínuo

para chegar à Unidade, na convicção de que *é realmente possível*, construir essa unidade entre nós e entre aqueles com quem trabalhamos nos divertimos e rezamos. (VSE 9) Esse testemunho é necessário, particularmente para as famílias, mas também para Paróquias e outros grupos que se reúnem por causa de um propósito específico ou por mais tempo.

A respeito de nossa própria *vida comunitária* em nosso futuro “provável” eu concordo com a constatação que já ouvimos muitas vezes – que a forma de Vida Religiosa assim como a conhecemos hoje ou a conhecíamos no passado, provavelmente não existirá mais no futuro, e ninguém de nós ainda sabe qual será o novo estilo de vida comunitária no futuro. Porém, um aspecto daquela vida comunitária muito provável no nosso futuro é: *que começaremos a levar a sério a totalidade da Constituição - como comunidades*. Acredito que algumas de nós, no momento presente, como indivíduos, estão dispostas a tomar a sério a totalidade de VSE, mas, gradualmente, isto se tornará um dom comunitário. Uma de minhas convicções mais fortes a nosso respeito, no futuro, é que comunidades locais, em comunidade e como comunidades, estarão convocando seus membros para viverem plenamente seu compromisso com Cristo, de acordo com a Constituição cuja observância prometemos solenemente. Até agora, e ainda hoje, parece que muitas vezes “super-respeitamos” a liberdade da Irmã como indivíduo, sem esforçar-nos para chamá-la à sua própria grandeza. Não quero dizer que, no futuro,

não respeitaremos mais a liberdade individual, mas, chamaremos a cada Irmã para a verdadeira liberdade, dentro do compromisso e da decisão original que fizemos. Não será possível, por mais tempo, vivermos simplesmente como queremos; nossa comunidade local exigirá total radicalmente de acordo com Jesus e de acordo com a Constituição. A comunidade não permitirá mais meias medidas, participação parcial ou compromisso parcial. Erros e fraquezas, sim, estas a comunidade entenderá e aceitará; mas *não* a falta de compromisso e esforço total. As comunidades locais interpretarão juntas a Constituição e concretizá-la-ão como grupo determinado de pessoas, em sua dada situação e circunstâncias. Isto não significa “interpretação privada” da Constituição, mas aplicação comunitária e vivida da mesma.

Acredito que nosso futuro “provável” trará total dedicação individual e comunitária, àquelas que escolheram viver a Vida Religiosa de IENS, em mútua responsabilidade.

Há uma implicação lógica deste fato, se ele acontecer no futuro: a perda de mais membros. A diminuição do número de membros certamente continuará, por causa da idade e morte, mas também, creio eu, por causa da opção consciente de algumas de nós, de não continuarem na Vida Religiosa. Muitas de nós sentimos que a “saída da Vida Religiosa” já terminou; mas, é bem provável que continue.

Muitas de vocês ouviram-me dizer que até agora temos a tendência de aceitar e viver apenas aquelas partes de VSE que nos atraem, e de negar, rejeitar ou simplesmente ignorar as partes que não estão completamente de acordo com nosso gosto ou nossa vida, as partes que são mais exigentes. Concernente a isso, tivemos a tendência de levar a vida como queremos, ao invés de deixar-nos dirigir pela nossa Regra de Vida, nosso Projeto de Vida. Por exemplo, olhando unicamente para a observância externa, poder-se-ia concluir que nossa Constituição e Diretórios não exigem de nós responsabilidade mútua em nossas comunidades, especialmente durante as férias. Baseando-nos unicamente nas aparências externas, poderíamos chegar à conclusão de que a Constituição e os Diretórios Geral e Provincial não dão diretrizes sobre a veste religiosa, que deve refletir nossa vida consagrada, nossa simplicidade, ou sobre dinheiro recebido como presente e nossa absoluta dependência da comunidade em todas as nossas necessidades, ou sobre diálogo aberto e honesto para descobrir a vontade de Deus, especialmente em assuntos melindrosos e emocionantes. No futuro “provável” tentaremos mais plenamente permitir que nossa Regra de Vida, nosso Projeto de Vida, nos indique quem somos como indivíduos e como comunidade – e aceitaremos as conseqüências desta opção.

Para Madre Teresa e para nós, a vida comunitária intensifica e apóia nossa vida de serviço ao Povo de Deus, bem como o serviço aos outros intensifica nossa vida comunitária. Nenhuma comunidade

cristã pode ser dominada por suas próprias necessidades; deve servir aos outros; deve partilhar sua Boa Nova. A motivação dominante na vida de Madre Teresa foi a proclamação do Reino de Deus - em nossos termos hoje, a *EVANGELIZAÇÃO*. Ela optou primariamente pela *Educação* para proclamar o Reino de Deus, e é pela educação que nós, como Congregação, demos e continuaremos a dar a maior contribuição para a construção daquele Reino. Assim, como Madre Teresa o fez no passado, nossa atual Constituição nos orienta da seguinte maneira: Optamos, como Congregação, expressar ao mundo nosso amor pela educação no sentido amplo. (VSE 23)

Madre Teresa e suas Irmãs foram ao encontro das mais profundas necessidades de seu tempo, pela educação; Madre Carolina, sensível às necessidades da América, arriscou dar-lhes uma resposta inovadora, através da *educação*. Basicamente, a necessidade de educação, em nossos tempos, é a mesma que no tempo de Madre Teresa. Mas, as necessidades educacionais específicas são bem diferentes. Talvez nunca, desde o tempo de Madre Teresa, uma era necessitou com mais urgência de verdadeiras educadoras, do que a atual e a futura. A época de 1980 caracterizar-se-á por qualidades extremamente semelhantes à época de Madre Teresa. (1830) A urgência da educação no sentido mais amplo será mais e mais marcante. A sociedade na qual vivemos continua a mudar; por isso a educação e nosso modo de educar, devem desenvolver-se e mudar. As áreas que antigamente eram altamente tecnológicas, hoje se tornam

acessíveis ao cidadão comum que deve fazer opções em assuntos vitais ainda em expansão e totalmente novas, como: bioética, eutanásia, guerra nuclear, medicina socializada. As pessoas necessitam de educação em áreas muito mais amplas do que nunca antes.

Conseqüentemente, nossa influência educacional tornar-se-á mais ampla e mais profunda do que antes, penetrando as próprias estruturas dos sistemas educacionais. Isto ainda se intensificará no futuro. Por exemplo, quando devolvemos aos pais seu papel de serem, por direito, os primeiros e melhores educadores de seus filhos, não apenas lhes prestamos ajuda na educação dos mesmos, mas educamos os próprios pais, outros adultos, para assumirem seu papel com responsabilidade e lhes damos os meios necessários para aceitarem e cumprirem essa tarefa. Um dos primeiros e mais importantes caminhos da vida e meios que podemos partilhar, é o do diálogo: ajudar a outros, a se comunicarem mutuamente, a buscarem em comum o que é melhor, o que favorece o pleno desenvolvimento religioso educacional desta criança, deste sistema escolar, desta Paróquia, deste Estado ou desta Diocese.

Assim, nossa influência educacional atinge a própria estrutura da sociedade.

No futuro, deveremos examinar mais criticamente as próprias estruturas nas quais educamos, para ver se as Escolas, Paróquias, Hospitais ou Organizações às quais servimos cumprem as

exigências da educação cristã, estabelecida pelos Bispos dos Estados Unidos, no seu Documento onde diz: “Ensinar como Jesus ensinou”! Seu mandato e suas diretrizes quanto à educação cristã são claros. O coração de todo tipo de evangelização é esta mensagem: a proclamação de Jesus, e da salvação e liberdade que Ele é. Jesus como Pessoa deve tornar-se real; isto exige a partilha da própria fé; exige testemunho pessoal: *QUEM* é Jesus para mim e *COMO* Ele afeta minha vida? E como partilho essas experiências com aqueles aos quais sirvo?

É vital para a educação cristã, fomentar a experiência de uma comunidade cristã e para as Irmãs esse senso de comunidade deve ter um aspecto internacional; o ápice de nossos esforços educacionais será o de levar outros a *servirem*. Num sentido, os Bispos americanos reiteraram nossa Constituição, referente ao trabalho educacional: ajudar às pessoas para conseguirem a plenitude de seu potencial, e a compartilharem depois, seus dons com as outras pessoas. Nós transmitiremos, no futuro, o ensino de Jesus, adaptado ao nosso tempo: criaremos uma comunidade de pessoas entre aqueles aos quais servimos. Estas sentirão a responsabilidade de reconstruírem a comunidade universal e nós lhes forneceremos as habilidades para fazê-lo.

Futuramente, como educadoras, seremos e deveremos ser muito mais criativas ao abordar os assuntos sobre comunidade e justiça em nossos próprios campos educacionais. Não podemos, por mais tempo, preparar os que educamos, para

participarem de uma sociedade competitiva; mas, antes devemos prepará-los a entrarem na vida como irmãs e irmãos, com uma visão mundial. Será necessário que preparemos os nossos educandos e educandas para enfrentarem assuntos, para enfrentarem a própria vida e as mudanças, de modo mais humano, acentuaremos uma formação de valores e da responsabilidade por toda a *Humanidade*, ao invés de dar valor ao sucesso e bem-estar pessoal.

Em nosso futuro “provável”, a linha de demarcação referente à educação estará na encarnação e desenvolvimento de valores vividos. Seja qual for a forma de educação na qual estamos envolvidas, se ela não infundir e desenvolver valores cristãos ou o desenvolvimento qualitativo de pessoas, não é e não pode ser um ministério viável para nós.

Assim, a questão referente ao ministério é, em última análise, uma questão de *qualidade*. Seja qual for o ministério em que uma Irmã possa estar envolvida, o que é importante é a *qualidade* do serviço-não o que uma Irmã faz, mas *QUEM* ela é e *COMO* ela faz o seu serviço. No futuro, nosso serviço se caracterizará mais e mais como *serviço de amor*, aquele tipo de serviço que “constrói Seu Corpo, a Igreja”, aquele tipo de serviço que nos identifica com aqueles com as quais e para os quais trabalhamos. Seremos sempre mais capazes de “largar”, de desinstalar-nos, de arriscar todas as coisas para dizer às pessoas que “o Pai as ama”. Seja que trabalhemos atualmente ou no futuro, na sala de aula, na Paróquia, na administração, com

alcoólatras, ou com mães solteiras, é sempre a *qualidade de quem nós somos como pessoas* que determina se nosso serviço pode ou não, ser considerado nos termos de VSE e como caminho justificável de evangelização. Somos responsáveis por nossa Província e, com ela, com a Congregação e com a Igreja para levar o Senhor ao Seu Povo, hoje.

Madre Teresa escreveu e viveu o que disse que: “Os fundadores não colocaram outras fronteiras à atividade das IENS, a não ser a necessidade”. (Carta-189) Nossa Constituição reafirma este fato, numa outra perspectiva: “Unicamente a realidade de nossas limitações humanas pode constituir fronteira ao nosso trabalho educacional”. De acordo com isso, há e haverá Irmãs entre nós que são chamadas a educar de maneira diferente. Um grande desafio para nós no futuro, quanto ao nosso serviço, é que seremos mais capazes de aceitar uma diversidade de ministérios entre nós, mais capazes de apoiar-nos mutuamente numa variedade de serviços apostólicos. Espero que no futuro não tenhamos tanto receio uma da outra, não sejamos tão amedrontadas pelas nossas próprias Irmãs que servem num ministério diferente do nosso. No futuro chegaremos a ver mais claramente que cada uma de nós é educadora, cada uma de nós, não importa onde servimos, é chamada a ajudar às pessoas com as quais entra em contato, a conseguirem a plenitude de seu potencial e a compartilharem seus dons com outras pessoas.

Madre Teresa e suas Irmãs foram impelidas pela necessidade, a levar Cristo e seus princípios, a influenciarem a sociedade. Tiveram uma visão de transformar a sociedade pelo desenvolvimento da pessoa cristã. Ainda que continuemos a trabalhar pelo desenvolvimento da pessoa cristã, tempo e circunstâncias têm alargado nossas possibilidades; hoje e no futuro temos e teremos oportunidades e meios para educar comunidades inteiras como *comunidades*, tanto cristãs como não-cristãs.

No futuro “provável”, nossas profundas reservas de criatividade e habilidade como educadoras serão abertas, libertando-nos para promovermos o tipo de liderança educacional visto por nosso Diretório Geral sobre apostolado: Colaborem no planejamento de nossos currículos e na implantação de novos métodos de educação para que sejam atualizados e impregnados de princípios cristãos. Usemos os modernos meios de comunicação social e colaborem na elaboração de programas para influenciar a mensagem que transmitem ao mundo. Incentivemos experiências de inovações em todas as áreas de educação. Individualmente e comunitariamente, preocupemo-nos com os problemas mundiais da paz, justiça e desenvolvimento, vivendo e ensinando a Doutrina Social da Igreja. Encareçamos a cooperação provincial e internacional no esforço de salvaguardar e promover os direitos da família humana. Isto está presente no nosso Diretório quando se refere ao Serviço Apostólico. (VSE 33-a)

EDUCAÇÃO é um ministério no sentido mais amplo, é o ministério que nós, como Congregação escolhemos e continuamos a escolher.

Os que nos precederam, viram necessidades, acreditaram que pudessem ganhar o mundo para Cristo através da educação e partiram para fazê-lo. Hoje estamos tentadas a cair num sintoma americano que se expressa nesses termos: A tarefa que está diante de nós é tão grande e tão impossível; o que **eu** posso fazer? Ou, o que *nós* podemos fazer? E assim propendemos para não fazer nada, para perder a fé naquilo que somos e naquilo que podemos realizar. Em nosso futuro “provável” eu nos vejo tomar nova segurança e nova compreensão da visão de nós mesmas como educadoras.

Somos educadoras profissionais, com especializações e experiência... No espírito de Madre Teresa, podemos transformar a sociedade. Como educadores, temos a chave para a construção de um mundo totalmente diferente no futuro. Queremos e podemos fazer com que a formação, no futuro, seja profundamente mudada. Através da educação, podemos provocar uma diferença em muitas estruturas – a formal sala de aula, a vida familiar, a Paróquia, a Diocese, estruturas nacionais e internacionais. Não apenas elaboramos idéias; criamos princípios e valores. Ao ajudar as pessoas para entrarem em contato com a profundidade de seu ser, libertamos as riquezas que há nelas; libertamos indivíduos e grupos para terem uma visão nova, para construírem um novo

mundo. Madre Teresa e suas Irmãs o fizeram ao responder os sinais dos tempos, o desafio que está diante de nós é: responder aos sinais dos *nossos* tempos – com criatividade, com habilidade, ao expressarmos nosso amor ao mundo pela educação no sentido mais amplo.

Hoje e no futuro, mais importante que a partilha de nosso conhecimento acadêmico ou de nossa especialização profissional com aqueles aos quais servimos é a partilha do que *SOMOS* como cristãs e Religiosas. As pessoas às quais servimos estão mais e mais interessadas em nossas convicções e experiências *pessoais*, particularmente em nossas experiências e convicções sobre Deus e fé e como permitimos que tais realidades toquem nossa vida, como a transformam a visão de fé e de Deus. Elas estarão interessadas em nossa própria experiência de vida: que sentido tem ela para nós, como procuramos encontrar equilíbrio e integração entre vida e morte, entre conhecimento e fé, na vivência dos princípios cristãos em nosso mundo tão alienado.

Um dos maiores dons que temos para partilhar com outros é a maneira como nós, mulheres consagradas, encaramos a vida, o amor, a resposta ao nosso Deus e aos outros seres humanos. Nós ressaltamos e espelhamos em nossa vida o aspecto universal do amor de Jesus; somos chamadas para amar muitas pessoas, para estabelecer a família de Deus. Os casais, pela sua vida, ressaltam e espelham o amor mais pessoal e íntimo de Jesus ao estabelecerem mais diretamente uma família bem

unida. Quando nós, Religiosas e Leigos partilhamos entre nós nossa maneira única de amar, nossa maneira única de viver, experienciamos mais profundamente a plenitude do ser de Jesus. Ele é tão maravilhoso que todos nós somos necessários para, juntos, refleti-LO em sua totalidade. Então, entendemos de modo vivencial, o significado das palavras de nossa Constituição: “Na Igreja, nosso chamado ao *celibato, em comunidade*, complementa o chamado de outros cristãos à comunidade matrimonial”. (VSE 4- 1970)

O Povo de Deus já espera este testemunho e expressão de fé; esta expectativa certamente será intensificada no futuro. Talvez seja esta, nossa contribuição mais profunda para aqueles aos quais servimos e para aqueles com os quais trabalhamos. E é unicamente esta partilha de *QUEM* nós somos essencialmente, que atrairá jovens para unir-se a nós no serviço pelo Reino, como mulheres consagradas.

Muitas de nós estão profundamente preocupadas com a diminuição do número daquelas que entram para a Vida Religiosa. Temos que olhar juntas para esta realidade, sem culpar o materialismo de nossa sociedade, nem a falta de generosidade por parte dos jovens. Mui provavelmente, a dificuldade básica não se encontra nestas áreas, nem nas causas expressas em frases que muitas vezes ouvimos, como: “Se fôssemos mais severas e mais exigentes, se as Irmãs se vestissem de maneira mais decente (conveniente), se as Irmãs não se queixassem constantemente ou não carecessem de flexibilidade, ou não só trabalhassem”. Procuremos juntas as

causas, razões e caminhos, mas não nos culpemos mutuamente; com isso, apenas nos destruiremos.

Questionemo-nos juntas se nossa vida reflete o que professamos: felicidade no *estilo de vida* que escolhemos maturidade e altruísmo, vida comunitária dedicada e animadora, serviço ao povo em necessidade. Também temos que considerar juntas os meios para atrair as jovens para o estilo de vida que vivemos e no qual acreditamos. Quando a maioria de nós entrou para a Vida Religiosa, ela constituía a maneira por excelência de colocar nossa vida a serviço do Reino de Deus. Com o desenvolvimento do papel do laicato, as jovens não precisam mais entrar para a Vida Religiosa, a fim de levar uma vida de serviço. A Vida Religiosa torna-se antes um ***estilo de vida***, uma maneira única de expressar nosso compromisso, antes de ser, em primeiro plano, uma vida de serviço. Devemos então, questionar-nos juntas se realmente permitimos às jovens, aos seus pais e ao Povo de Deus, que vejam e experienciem nosso estilo de vida, nossa vida interior de oração e comunidade. É este profundo sentido de vida e-na vida partilhada-que os e as jovens procuram hoje.

Sem dúvida, o futuro de nossa Congregação será afetado pela razão de os leigos assumirem seu papel próprio na Igreja. Na medida em que muda o papel dos leigos, também nosso papel de Religiosas, na Igreja, sofrerá necessariamente uma mudança. Antes de servir aos leigos, nós seremos seus colaboradores na missão total da Igreja. Mas, não podemos esperar que tal mudança aconteça;

devemos facilitar a preparação dos leigos para sua tarefa própria na Igreja atual e, de acordo com isso, prever e aceitar nossa própria missão sob uma nova luz. Precisaremos aceitar a responsabilidade de partilhar mais profunda e intensamente com os leigos, o clero e a hierarquia, participando do processo de tomada de decisões pelo diálogo em nossa Igreja e sociedade. Mesmo que *nossa* experiência e prática na participação da tomada de decisões através do diálogo é limitada, esforcemo-nos, como Congregação, durante, pelo menos 10 anos, para conseguir um pouco de compreensão e experiência nesta participação e responsabilidade partilhada.

No futuro devemos continuar na aprendizagem e no aprofundamento deste processo com todos os que contatamos, sejam estes a Sagrada Congregação pelos Religiosos, os Bispos, Sacerdotes, Conselhos, Paróquias, Comunidades Escolares em outros grupos.

Por causa das nossas experiências passadas, não será fácil para cada uma de nós: trabalhar em colaboração com outros, partilhar responsabilidades na tomada de decisões em comum, ser envolvidas num ministério colegiado e de grupo, deixar aquilo a que estávamos acostumadas, por exemplo, trabalhar primordialmente como indivíduos ou como uma Congregação.

Essa transformação pode causar-nos angústia, tensão, insegurança, ou a situação pode dar-nos

um senso de liberdade-liberdade para servir dentro do nosso verdadeiro papel de mulheres eclesiais – agindo como elemento carismático e profético na Igreja do futuro, em qualquer serviço para a qual o Povo de Deus possa chamar-nos. Nós asseguramos ao Senhor Bispo Michael McAuliffe, Presidente do Comitê sobre o Papel das Mulheres na Igreja, o qual se encontra hoje entre nós, a nossa disponibilidade em colaborar com seu Comitê, ajudando-o no seu trabalho e pelo desenvolvimento de nosso próprio ministério dentro da Igreja. Somos muito gratas pela presença do Senhor Bispo entre nós nestes dias e eu, pessoalmente, fico muito feliz, pois, considero-o “meu Bispo”, o Bispo de minha Diocese natal - Saint Louis.

Na medida em que os leigos assumirem seu papel na Igreja, nós, Religiosas, seremos mais livres para servir às necessidades daqueles que ainda não foram atendidos por outros. Jesus, Madre Teresa, a Igreja e o mundo nos chamam hoje para estarmos com os pobres e para vivermos para os pobres, os oprimidos, os marginalizados, e os que foram excluídos por nossa sociedade. Somos chamadas para servir ao Seu povo. No Evangelho, Jesus se identifica com os necessitados – os que passam necessidade física, psicológicas e/ou espiritual. No tempo de Madre Teresa, as necessidades do Povo de Deus determinaram fortemente onde e como as IENS viviam e serviam. As necessidades do Povo de Deus exigirão também de nós, no futuro, mais mobilidade, mais desprendimento, para estarmos a serviço do Seu Povo.

Esperamos que, no futuro, nos identifiquemos tanto com os pobres, os oprimidos, os marginalizados em suas necessidades, que possamos estar lado a lado com eles, diante de Deus, com um urgente *POR QUE*, ao invés de oferecer banalidades ou respostas oportunas. O povo dos barcos, em Vietnam, o povo da Nicarágua, os pobres em nossos próprios países nos suplicam para tomarmos uma atitude de solidariedade para com eles. Estes são nossos irmãos e irmãs, e nossos corações permanecem muitas vezes endurecidos, muitas vezes nem percebemos sua situação e suas necessidades. O amor é criativo e engenhoso em encontrar maneiras de ajudá-los. A ajuda paliativa, às vezes é necessária, mas tão insignificante! Temos que colaborar para chegar ao coração da questão. Estruturas injustas devem ser substituídas por outras que promovam dignidade humana, os básicos direitos e liberdades humanas. Religiosos podem ter grande influência sobre as estruturas hoje, e esta habilidade crescerá e deverá aumentar em nosso futuro “provável”.

Ao mesmo tempo em que trabalhamos para ajudar a outros, estamos sendo ajudadas por eles. Nossa identificação com os pobres, nossa dedicação em servi-los como Madre Teresa serviu aos pobres, transformará radicalmente a nossa vida comunitária, e realizarão em nós um estilo de vida mais simples. Porque os pobres são nossos amigos, e porque optamos para partilhar sua sorte, economizaremos e repartiremos com eles o que temos. Assim levaremos uma vida mais simples. Talvez nossa dificuldade, neste momento, consista

nisso, que a maioria de nós pessoalmente, conhece e ama poucos materialmente pobres.

Como Religiosas, devemos ser sinal e símbolo, uma realidade viva de que a vida simples não é apenas possível, mas que tal estilo de vida, quando bem vivido, pode produzir e de fato, produzirá liberdade e alegria; isto faz parte da Vida Religiosa. Em lugar disso, as coisas parecem ser contrárias, sendo que, é o mundo que nos chama a “economizar e repartir” com os pobres, a “viver simples para que outras pessoas possam simplesmente viver”.

Presentemente, eu nos vejo presas com amarras. Entendemos e experienciamos a necessidade de uma vida mais simples, da radicalidade do estilo de vida, no que se refere à pobreza material.

Muitas vezes, ouço Irmãs descreverem a necessidade e o desejo que sentem de expressar a vivência da pobreza, numa maneira mais radical. Sem dúvida, o Senhor está agindo em nosso meio, no que diz respeito à vivência da pobreza no sentido de um estilo de vida mais simples. Porém, a maioria de nós vem de famílias de classe média; temos nenhuma ou pouca experiência do que seja “viver sem nada”. Por isso, hesitamos em “dar o primeiro passo” porque não sabemos o que um estilo de vida verdadeiramente simples ou uma pobreza radical possam impor ou exigir de nós. Pessoas reprovam essa falta de iniciativa e motivação na comunidade ou na autoridade; a comunidade reprova a falta de risco e prontidão a este respeito, nos seus membros individuais. Padre Arrupe desafiou os membros da Conferência Inter-Americana, perguntando: Quem

ousará dar o primeiro passo? E eu repito esta mesma pergunta para nós: Quem ousará dar o primeiro passo? Parece que necessitamos de alguém ou algumas dentre nós para mostrar-nos *que é realmente possível vivermos simples e sermos felizes*; precisamos de alguém para mostrar-nos na prática, a verdade das palavras de Jesus: “Bem-aventurados são os pobres”. Com esta certeza de que é possível, poderíamos também ousar correr o risco. Irmãs, eu faço a cada uma de nós, hoje, a pergunta de Padre Arrupe: Quem entre nós ousará dar o primeiro passo?

Todavia, nós possuímos já tal experiência vivida em nossa Congregação, a experiência viva de nossas Irmãs em alguns países da Europa Oriental. Estas Irmãs optam livremente para permanecer numa situação onde a pobreza material é, de fato, uma realidade na sua vida. A liberdade e a alegria que brotam de algumas situações podem ser motivação e exemplo para nós que vivemos nos países do Oeste Europeu. O desafio para nós é: se amamos ou não *ESCOLHER LIVREMENTE* uma vida mais simples em meio da abundância, até que esta não exista mais? Não precisamos deixar acorrentar-nos pelo materialismo e comunismo. Podemos ser libertas e livres para dar esperança a outras pessoas.

Temos o chamado singular e desafiante do nosso próprio Padre Job, que escreveu o *ESPÍRITO DA CONSTITUIÇÃO* das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Seu desafio para nós é sua afirmação de que o meio principal de santidade para a *IENS* é a

POBREZA. Eu confio que este meio esteja presente em nosso futuro “provável”.

Quando consideramos nossa presença junto aos pobres, sabemos que estes não se limitam a nossa própria cultura. Somos chamadas pelo Evangelho, pelo exemplo de Madre Teresa e pela Igreja para “ir por todo o mundo”. Não basta enviarmos dinheiro ou provisão para todo o mundo; Jesus e Madre Teresa dizem: “Ide por todo o mundo”.

Sem dúvida, o futuro da Igreja está na América Latina, na África e na Ásia. Necessariamente, então, o futuro de nossa Congregação deve também estar nesses Continentes. Se isto for verdade, devemos agora, no espírito de Madre Teresa, “arriscar escassos recursos” (VSE 24) dentro das fronteiras de nossas próprias Províncias, para implantar ou fazer desenvolver uma semente para este futuro.

Madre Teresa viu as necessidades na América e arriscou seus poucos recursos, suas Irmãs, enviando à América 05 delas; esta pequena semente de 5 Irmãs na América, em 1847, tornou-se, em nossa época, o grupo maior em nosso mundo de Irmãs Escolares. A semente de 3 ou 5 Irmãs enviadas para qualquer país da África, para a Amazônia, para a Índia ou para a Papua, Nova Guiné, hoje em 1979, poderá desenvolver-se no maior grupo de IENS no futuro. Podem vocês imaginar a Congregação das IENS como comunidade essencialmente africana ou asiática que teve suas origens na Alemanha? Podem vocês imaginar em nosso futuro “provável” a Congregação

das IENS tendo como línguas básicas o japonês, o swahili (língua africana) e o Hindu, sendo que apenas algumas Irmãs falam alemão e inglês? Madre Teresa levou-nos para este caminho; ela entendeu as implicações. Ela escreve:

“Sem querer desculpar ou justificar-me, peço a meus Superiores espirituais ou a quem quer que seja que tenham paciência comigo e não lancem acusações dentro de meu túmulo, de eu ter empreendido demais, de eu ter começado em escalas amplas demais, de eu ter expandido longe demais e amplamente. O futuro dará a explicação”.

Quando trabalhamos, no futuro, com pessoas de outras culturas, enfrentaremos de uma nova maneira o chamado para estarmos presentes junto delas, na sua luta para obter um conceito e consciência próprios, podendo expressar o Catolicismo numa maneira característica de sua cultura simples, num mundo de símbolos que falam especificamente para eles. Agora começamos a perceber a necessidade, a realidade e o desafio de estarmos presentes, dentro deste caminho novo e mais difícil. Eu confio e espero que esta seja uma de nossas contribuições à Igreja de nosso futuro “provável”.

Pela nossa presença junto a povos de culturas diferentes da nossa, nós, IENS, aprendemos deles como ser cristãos, como ser IENS de uma maneira nova, como rezar, como partilhar a fé, como viver mais plena e mais completamente nossa consagração como Religiosas.

Aprendemos dessas pessoas, nas culturas nas quais trabalhamos novas maneiras de fazer UM, de ser uma presença para o povo. Recebemos muitíssimo mais daqueles aos quais servimos, permitindo assim que nossa Congregação seja enriquecida pelos dons da cultura e dos costumes do povo ao qual servimos. Isto aconteceu com a Igreja primitiva. Podemos nós permitir corajosamente que a mesma coisa aconteça conosco? Já temos este chamado e desafio em nosso meio. Por exemplo, somos desafiadas para permitir a uma menina méxico-americana que entre numa das Províncias norte-americana, ou a uma menina turca que entre numa Província européia, ou a uma jovem negra que se afilie a uma Província sul-americana - que elas nos ensinem o que significa para elas: *fazer UM, rezar, servir*. Somos chamadas a aprender com elas, ao invés de insistir somente que aprendam o “nosso” caminho. Somos chamadas a aprender sua língua para sermos mais enriquecidas por elas e para ajudá-las a se sentirem “em casa” conosco. Somos chamadas para estarmos abertas à riqueza da diversidade cultural de tal modo que essas jovens de outras culturas possam tornar-se em nosso meio, Irmãs Escolares íntegras e santas. E já somos chamadas para permitir que outras culturas nos toquem, enriqueçam e transformem profundamente a nossa vida. O chamado presente nos prepara para o futuro, quando já não haverá mais outra escolha a não ser vivermos em unidade no nosso mundo, se nosso planeta quiser sobreviver.

E lhes peço que reflitam sobre cada um desses vários aspectos de nosso futuro “provável” e sobre suas implicações: *alegria na cruz, unidade, internacionalidade, vida comunitária e suas exigências, ministério de colaboração e qualidade* onde quer que estejamos e em que serviço estivermos envolvidas, nossa presença junto aos leigos, particularmente junto aos pobres e pessoas de cultura diferente.

Quando eu estava refletindo sobre esses aspectos, fiquei tocada ao perceber que o elemento comum contido em todos eles é: *unidade ou comunidade*. Cada um desses aspectos de nossa vida e de nosso futuro exige que descubramos neles a vontade de Deus, em comum, que abordemos cada aspecto, que busquemos, experimentemos, ouçamos, reflitamos, rezemos e que o *façamos juntas, como comunidade*. Queremos juntas comprometer-nos mais profundamente com Deus, com Seu povo e uma com a outra?

Minha própria resposta a essa pergunta é SIM – alto claro e com convicção: *SIM, nós queremos!*

Olho para nosso futuro com grande esperança. Jesus nos chama. “Qualquer que seja o ponto a que chegamos, conservemos o rumo.” (Fil. 3, 16)

CENTENÁRIO DA MORTE DE MADRE TERESA DE JESUS

Irmã Mary Margaret Johanning.
Munique - maio de 1979.

Minhas queridas Irmãs,

O que eu poderia dizer-lhes por ocasião desta festa tão grande?

Congratulo-me com vocês. Nossa mãe está na casa do Pai! Agradeço a Deus por tudo o que operou na vida desta grande mulher, Maria Teresa de Jesus Gerhardinger. Eu lhes agradeço. Vocês seguem fielmente a sua mãe! Dou graças a Deus porque tantas Irmãs de tantos países puderam congratular-se, para celebrar o Centenário de Morte de Madre Teresa.

Eu disse aos distintos convidados: Madre Teresa teve um único objetivo - seguir o chamado de Deus, chamado que ela compreendia como serviço ao Reino de Deus, através do trabalho de educação e formação, como serviço aos pobres e em defesa dos direitos da mulher.

Para conseguir isso, ela exigia de suas Irmãs uma intensa vida de oração e total entrega a Deus. Muita importância ela dava ao laço da unidade entre as Irmãs.

Podemos falar muito hoje sobre a pessoa de Madre Teresa. Mas, cada uma de vocês refletiu e rezou bastante sobre ela, nesses meses. Quando pensei

no dia de hoje, achei que seria o grande desejo de Madre Teresa, que olhássemos para o futuro, e nos lembrássemos de sua repetida admoestação para todas nós: *SERMOS UM!*

Como Irmãs Escolares, sabemos quanto Madre Teresa lutou e sofreu pela unidade de nossa Congregação. Cada Irmã aqui presente deseja ser *UM e fazer UM.*

Nosso Diretório Geral diz que nos unimos em comunidade com outras que partilham a mesma convicção do chamado, da conversão contínua e do desejo interpelante de ajuda a todos os povos, a se tornarem UM em Cristo com o Pai. (DG 57-58)

Juntas como IENS nos entregamos a Cristo. Juntas desejamos anunciar seu Reino e servi-Lo. Somos mulheres que vivem em comunidade, porque acreditamos no Cristo, não apenas porque trabalhamos no mesmo lugar. Como comunidade, devemos contar uma a outra o que Ele opera em nós. Mas, a maioria de nós tem medo de falar em comunidade sobre o que Deus faz em nossa vida. Para crermos, necessitamos uma da outra. Devemos lembrar-nos mutuamente que Ele é o Senhor, o centro de nossa comunidade, com Ele formamos uma verdadeira comunidade de fé. É a fé em Jesus, que nos une. Mas, comunidade de fé, não se faz sem nosso esforço. Devemos trabalhar para isso.

Muitas vezes esperamos demais da comunidade e de cada Irmã dentro da comunidade. Devemos estar sempre preparadas e sermos capazes de

perdoar-nos mutuamente, de aceitar-nos com nossas fraquezas, e não esperar que cada uma seja perfeita. Se tivermos tão grandes expectativas, seremos sempre decepcionadas; porém, se considerarmos tudo como presente, como surpresa, viveremos muito mais felizes. Nós nos comprometemos a buscar a comunidade, em lutar por ela, em ousar algo por ela, e não apenas, usufruir dela.

Madre Teresa disse: “Somente a Unidade nos dá força, interior e exteriormente; somente a unidade, nos torna indestrutíveis; a unidade torna leve o fardo de nosso santo chamado. A Unidade nos torna invencíveis, como um exército bem organizado, em ordem de batalha”. E ela continua: “Devemos e queremos ser e permanecer unidas como Irmãs, tal qual o Senhor com seus fiéis... Em Jesus devemos tornar-nos *UM* e permanecer *UM*... A Unidade nos deu vida e nos nutriu até a maturidade. Nós temos a mesma vocação religiosa, somos guiadas pela mesma Constituição, temos o mesmo Pai espiritual, a mesma Mãe da Congregação e o mesmo Cristo que seguimos. Consideramo-nos, portanto, como membros de um só corpo, apressemo-nos a nos ajudar mutuamente, edificando-nos umas às outras. Isto se exige de nós, se procurarmos verdadeiramente a perfeição.” (Carta 3006)

Reunimo-nos, porque acreditamos Nele e nos esforçamos para nos tornar *UMA SÓ COISA*. Mas, como Irmãs Escolares de Nossa Senhora, somos também chamadas para *FAZER UM*, assim como diz

nossa Constituição: “Nossa Missão é proclamar a Boa Nova, orientando toda a nossa vida para *aquela unidade*”... *fomentar a unidade*. (VSE 4) Temos que cumprir em primeiro lugar onde estivermos engajadas-neste lugar, neste ambiente, neste momento da História da Salvação.

Temos que ser enviadas para falar de Jesus aos outros, para uni-los. Cada comunidade cristã deve anunciar a Boa Nova às outras pessoas. Isto é Missão.

Quando veio Jesus, Ele quis unir todas as pessoas, falando-lhes do Pai. As pessoas acreditaram naquilo que Ele disse, creram Nele e formaram a primeira comunidade cristã - os Apóstolos, com Jesus no meio. Porque acreditaram nele, eles viveram e trabalharam juntos, com Ele. Porém, Ele não permitiu que seus sucessores ficassem sempre junto Dele. Enviou-os para anunciarem a Boa Nova a respeito dele. *Isto é Missão*.

Nós, Irmãs Escolares de Nossa Senhora, temos a mesma missão que os primeiros cristãos e Madre Teresa, isto é, a missão *de tornar Cristo sempre mais visível em nosso mundo, através do nosso amor a Deus, e nosso serviço amoroso ao próximo*. Seja na escola, nos trabalhos domésticos ou no leito da dor, cada uma tem a mesma missão: ***Tornar Jesus visível pelo amor***.

Madre Teresa escreve: “Amem-se umas às outras, assim como Jesus nos amou, para que o mundo

creia que vocês são Suas discípulas, que vocês se consagraram a Ele, a Jesus”.

“Sejam sempre um só coração e uma só alma, como os primeiros cristãos, que edificaram pagãos e judeus e os levaram ao Cristianismo.” (Carta 4523)

Irmãs Escolares - da América do Sul, da Ásia, da América do Norte ou da Europa - todas nós nos esforçamos para conservar a herança de Madre Teresa, e cumprir sua missão em nosso tempo, no espírito de nossa Fundadora, tentando descobrir nas exigências de nossos dias a vontade de Deus, para nossa missão, e corresponder-lhe, de fato.

Somos chamadas por Deus e enviadas para construir a unidade onde quer que estejamos.

Peço a Deus esta graça para todas nós. E, as abençoô, neste dia especial.

Minhas queridas Irmãs, recomendo-as ao Espírito Santo, pela poderosa intercessão da bem-aventurada Virgem Maria, e as entrego para sempre em suas benditas mãos.
Amém!



O FUTURO: SIM OU NÃO

Conferência Educacional - NAMA

Ir. Mary Margaret Johanning

Agosto de 1980

Algumas de vocês talvez se lembram que encerrei a minha palestra na Conferência Educacional do ano passado, referente ao futuro, com estas palavras: SIM- com voz forte e clara e com a convicção, *SIM! Olho para nosso futuro com grande esperança.*

Com o título da palestra deste ano: *O Futuro: Sim ou Não*, vocês podem perguntar: Mudei minha opinião nestes 12 meses? Irei dizer-lhes, ao contrário, do que disse no ano passado? “O Futuro: Não”?

Gostaria de repetir em 1980 com voz forte, clara e com convicção: O futuro: ***SIM!... Olho para nosso futuro com grande esperança.***

No ano passado, falei sobre nosso futuro provável em termos curtos, concretos, palpáveis - um futuro com maior diversidade no serviço e modo de viver, menor número de membros, expressão em missão transcultural, etc...

Este ano, quero falar-lhes sobre algumas suposições básicas que sublinham estas expressões concretas no futuro.

É com estas suposições básicas que temos de nos confrontar quando olhamos para o futuro.

A afirmação de Rudolf Schnackenberg, citada em VSE, sobre a qual me pediram que falasse, contém uma dessas suposições básicas. Os cristãos "não vivem numa dimensão acima da História, ou numa atmosfera particular, longe daquilo que acontece no resto do mundo, mas devem santificar-se no mundo e na História, assim como ela se realiza hoje." (Schnackenberg - VSE - IV, Apêndice)

Esta afirmação pode soar muito lógica e clara, mas a tentativa da vivência *juntas*, provoca uma contínua e não solucionada tensão básica para os cristãos – a tensão referente à atitude que um cristão toma, em relação *ao mundo*.

O Evangelho de São João reflete esta tensão: Os discípulos de Jesus devem estar "no" mundo, mas não ser "do" mundo. A Vida Religiosa, dentro da Igreja, evolui de tal maneira que muito acreditavam e ainda acreditam que o único modelo para a Vida Religiosa foi e é, a Vida Monástica que, ser religioso, significava e significa, essencialmente, fugir do mundo. Este conflito para conseguir clareza acerca da Vida Religiosa como "fuga mundi" ou como envolvimento no mundo (ou achar o equilíbrio entre os dois) ocorre repetidamente, na história. Porém, cada vez que o conflito acontece de maneira mais aguda, ocorre em épocas diferentes e, conseqüentemente, num contexto diferente. De acordo com isso, o conflito é sempre novo, ainda que a questão de fundo permaneça a mesma.

Eu uso 3 exemplos muito óbvios: No Século XVI, também Inácio teve grande dificuldade para obter aprovação de fundar uma comunidade de homens que não iriam seguir o modelo monástico, mas, estarem "no mundo", como presença e serviço. Sua luta e o conseqüente esclarecimento, deu uma certa direção e clareza - uma comunidade de Religiosos que não seguem o modelo monástico de Vida Religiosa, foi aprovada na Igreja.

No Século XIX, Madre Teresa encontrou e enfrentou a mesma questão básica, como existia nos seus tempos. *Será que ela quer ser uma Jesuíta*, foi um dos comentários obviamente provocados pela sua visão de serviço, de mobilidade, e de vida não institucionalizada.

Mais uma vez, o conflito e a conseqüente solução no seu século, aumentaram a clareza: Religiosas podiam estar envolvidas "no mundo", mas, com proteções muito fortes colocadas dentro de sua Constituição, para salvaguardá-las "do mundo". Nós, em nosso século, enfrentamos o mesmo conflito básico.

Mesmo que nos confrontemos novamente com a questão básica, somos enriquecidas pelos esclarecimentos feitos por aqueles que vieram antes de nós. Também recebemos uma orientação clara dada pelo Concílio Vaticano II, na *Constituição sobre a Igreja e na Igreja no Mundo Moderno*.

Porém, essa questão e tensão básicas continuarão a aparecer na história; nossa responsabilidade diante

do futuro não é apenas aplicar essas clarificações às situações concretas de nosso tempo, mas também contribuir na busca contínua de uma resposta à pergunta: Qual é a atitude do cristão e do religioso em relação ao mundo e como se vive esse relacionamento, de maneira prática, viável e visível?

Nossa atual compreensão cristã de Deus e de nosso mundo chama-nos a acreditarmos que nossos tempos e os acontecimentos de nossos tempos nos revelam Deus. O acontecimento é a revelação se visto e interpretado à luz da fé. Deus está no acontecimento!

A teologia válida começa com o *evento* e com a *experiência da fé* dos crentes. Temos que permitir que Deus continue revelando-se a nós nos acontecimentos de nossos dias e de nosso mundo e através deles. Ele escolhe lidar conosco desta maneira. Acontecimentos são "*os sinais de nossos tempos*", que somos chamados a perceber e a ler. Irmãs, não vivemos, nem podemos viver "*num mundo à parte*". Somos chamados a sermos cristãs e religiosas *neste mundo* em que vivemos.

Ainda que estas afirmações pareçam extremamente óbvias, na ordem concreta das coisas, a fuga do mundo versus envolvimento no mundo é uma tensão que ainda existe entre nós, e o Vaticano II, foi a causa de essa tensão acontecer com forte pungência em nosso século. Por exemplo, em nível internacional nós, IENS, lutamos com a questão da ONG- Organização não - governamental das Nações

Unidas (ONU) porque, não temos certeza se, como Congregação, deveríamos estar envolvidas, em tal atividade internacional.

Em nível provincial, os Capítulos têm dificuldades em considerar ou fazer um pronunciamento provincial sobre certos assuntos. E, em nível local, não concordamos ainda que Irmãs apareçam publicamente em certas situações; por exemplo, num acontecimento de natureza cultural como: concertos, óperas, teatros. E, pessoalmente, lutamos com a tensão entre retirar-se para orar e envolvimento em serviço apostólico e como dar testemunho visível e concreto de Jesus e o Evangelho, em nossa sociedade materialista. A orientação do Vaticano II pode ser clara no que diz respeito ao envolvimento do cristão no mundo, mas nós - Igreja e Congregação - continuamos a temer este envolvimento; experienciamos dificuldades em achar o equilíbrio e lutamos para viver a orientação que temos recebido.

Nosso mundo não é totalmente cristão; por isso, somos chamadas a uma total identificação com ele. Continua sendo um desafio para nós: identificar-nos com os elementos de nosso mundo que promovam o Reino de Deus e procurar favorecê-los, tentar transformar aqueles elementos que não fortalecem e não promovem o Reino; a tensão básica que ocorre, de fuga do mundo e envolvimento no mundo, faz parte de nós.

Vocês sentem essa tensão em sua vida pessoal? Na vida de sua comunidade local? De sua Província? E na Congregação? Se for assim, como? Por favor,

reflitam sobre essas pergunta e percebam a maneira em que estão experienciando esta tensão em qualquer um, desses três níveis.

Cada uma de nós hesita em admitir, às vezes, que parte essencial do espírito de Madre Teresa é ela ter sido capaz de ler os sinais de seu tempo e permitir que o "mundo" e suas necessidades influenciassem a ela e sua comunidade. Hesitamos porque seu exemplo é tão desafiador e tem muitas implicações práticas.

Porém, a realidade é que a própria fundação de nossa Congregação partiu precisamente da urgência que Madre Teresa e Bispo Wittmann sentiram em responder aos sinais, condições e necessidades de seu tempo.

Conhecemos bem os momentos históricos importantes em que Madre Teresa deu nova orientação à Congregação, em resposta às necessidades de seu tempo. Ela quebrou as tradições de sua época, ao enviar suas Irmãs em grupos de 2 ou 3 para servirem a necessidades em áreas rurais, ao invés de continuarem a Vida Religiosa tradicional, em grandes conventos institucionais. Assim, a própria estrutura de vida comunitária proveio da visão de Madre Teresa, de ir ao encontro das necessidades que ela percebia.

Necessidades em países fora de sua querida Alemanha levaram Madre Teresa a agir, e em sua resposta, a comunidade tornou-se internacional, no sentido de que jovens de outras culturas entraram

para a Congregação e Irmãs foram enviadas para servir em culturas diferentes da sua. Madre Teresa não se recusou de servir às necessidades que ela percebia, porque não ajustou todas as suas idéias sobre Vida Religiosa, nem tentou forçar sua época para ir ao encontro de sua visão de Vida Religiosa. Certamente, ela nunca renegou o que é essencial na Vida Religiosa quanto ao serviço, mas, à luz das necessidades, ela era livre no que diz respeito às coisas não essenciais da Vida Religiosa, para servir às necessidades de outros. Estamos nós suficientemente livres para deixar serviços quando não mais forem ao encontro de uma verdadeira necessidade? Estamos suficientemente livres para abandonar uma metodologia que sempre adotamos e buscar novos caminhos que atendam melhor às necessidades educacionais de nossos dias?

Nossa Fundadora discernia consistentemente o caminho de Deus para sua comunidade nos acontecimentos de seu tempo e através deles. Como não podia responder a cada uma das necessidades de sua época, ela percebia o chamado de Deus e fazia escolhas de acordo com sua visão - a visão de transformar a própria estrutura da sociedade pela educação que afeta a estrutura da família. Ela via necessidades; ela conhecia suas possibilidades; ela respondia. Foi ao encontro das gritantes necessidades reais e imediatas às quais sabia que ela e suas companheiras poderiam atender. Ela não complicou o assunto com implicações, com "*o que acontece se...*" e com "*o que será no futuro?*" Ela respondia às necessidades diante dela e sua resposta dava direção ao futuro e *era* o futuro. Ela

usou todos os meios possíveis para ir ao encontro dessas necessidades - assistência financeira dada pelos Reis e Imperadores, assistência espiritual dada pelo Clero e por Leigos, a boa vontade e a total dedicação de suas Irmãs. Jovens reconheciam que ela e suas Irmãs iriam desinteressadamente ao encontro de verdadeiras necessidades de seu tempo e afluíram para ajudá-la.

Obviamente, ela lia a ação de Deus nos acontecimentos e sinais de seu tempo; sua resposta à ação de Deus tornou mais aguda sua própria visão e deu à Congregação uma direção para o futuro.

Sem dúvida, hoje continua a revelar-nos constantemente a Si mesmo e seus caminhos, nos acontecimentos.

As tendências sociais e globais a respeito das quais ouvimos e refletimos, nos últimos 3 dias, afetam nossa vida se o permitimos ou não. A questão é: Estaremos suficientemente abertas ao mundo para, conscientemente, permitir que suas realidades nos revelem Deus e seu chamado, afetem nossa vida comunitária? Temos que conhecer bem o nosso tempo e discernir com consciência e oração de que maneira Deus quer que respondamos a estas condições. Temos que fazer escolhas e estas devem vir de uma visão que une uma profunda compreensão do mundo e de suas necessidades, a uma profunda compreensão de nossa própria identidade e carisma de Irmãs Escolares de Nossa Senhora.

Porém, nosso mundo continua a mudar, e nossa própria compreensão muda, na medida em que respondemos, ou algumas vezes optamos por não responder, porque certa resposta não estaria em consonância com o que somos.

A tarefa continua, às vezes a mesma, às vezes nova, - de determinar nossa responsabilidade diante do mundo, de acordo com o carisma que possuímos.

Irmãs, estamos em nosso mundo e sua presente história. Estamos nele como portadoras do carisma de Madre Teresa. Dado o mundo atual e dado o carisma de Madre Teresa, que vocês possuem, qual, em sua opinião é uma das necessidades básicas mais prementes do mundo em que as Irmãs Escolares de Nossa Senhora deveriam atuar? Por favor, anotem uma dessas necessidades e a razão pela qual IENS deveriam atendê-la; partilhe-a com seu grupo.

Sua partilha, provavelmente esclarecerá meu próximo ponto; é muito provável que poucas de vocês tenham respostas iguais. A leitura dos sinais dos tempos e a resposta das IENS não está perfeitamente clara. Necessitamos uma da outra, para obter clareza e chegar a um acordo, e cada uma é responsável, neste processo.

Schnackenberg diz que nenhum cristão pode escapar da responsabilidade pelo curso da história, pelo futuro da Igreja, pela salvação das nações.

Nós, IENS, especificamos *COMO* o fazemos - compartilhamos a responsabilidade. Nosso

Diretório Geral afirma claramente que o princípio da responsabilidade compartilhada opera em todos os nossos relacionamentos. Esta *aproximação* à responsabilidade, este *COMO* é uma contribuição positiva extremamente importante que podemos dar ao futuro. Compartilhamos a responsabilidade para descobrirmos juntas a revelação de Deus, na realidade e através dela, e buscarmos **juntas** qual a nossa resposta como indivíduo e como comunidade. E somos co-responsáveis pela concretização de nossas conclusões.

Porém, antes de podermos conhecer a vontade de Deus, devemos conhecer *esse Deus*, juntas. Num sentido, compartilhamos a responsabilidade de juntas, buscar Deus, mas, em outro sentido, não precisamos buscar Deus. *Deus é*. Ele é presente. Ele é, antes de nós. Não temos necessidade de "buscar ou encontrá-lo". Ele mesmo se revela a nós de bom grado e com amor. Todavia, quantas vezes nós como *comunidades locais*, nos perguntamos conscientemente e em comum: "Como Deus se revelou a nós, na realidade e através da realidade em que nos encontramos - nesta cidade, nesta paróquia, neste momento da História da Salvação?" Estamos todas conscientes de que não custa tanto, discutir pessoalmente sobre assuntos menos vitais, tais como: deveríamos organizar uma festa de Natal para os idosos? Ou mesmo: "Como deveríamos resolver a situação do carro em nossa comunidade"?

Somente quando tivermos descoberto **juntas quem é Deus para nós e como O experienciamos, poderemos responder concretamente.**

Compartilhamos a responsabilidade de clarificar, em comum, suposições básicas que cada uma de nós faz. Parece que presumimos termos o mesmo entendimento referente a realidades básicas - por exemplo, o mundo e nosso relacionamento com ele, Deus, missão, etc... Porém, no mais profundo e sincero de nosso ser, cada uma percebe que não tivemos a mesma compreensão das suposições básicas e, nessa mesma parte mais profunda do nosso ser, desejamos expressar e partilhar nossas convicções, para chegarmos a um entendimento comum. Mas, ficamos presas ao pensar no tempo, esforço e sofrimento envolvidos em tal processo, ou outros assuntos prementes têm a precedência. O chamado e o caminho de Deus em momentos concretos não podem ficar claros para nós, se não nos aproximarmos dele e de nosso mundo a partir de convicções básicas que temos em comum e que, em essência, entendemos da mesma maneira. São estas convicções e suposições básicas que temos de esclarecer juntas, para darmos uma direção ao futuro.

Ainda que nos comprometamos em compartilhar a responsabilidade, muitas vezes é difícil para nós, como seres humanos, fazê-lo especialmente, compartilhar a responsabilidade, na tomada de decisões.

Muitas vezes é mais fácil, e às vezes parece mais eficiente, colocar sobre os ombros de outros a responsabilidade que compete a nós.

Às vezes há algo em nós que gosta que se diga o que devemos fazer; então sentimos que não

carregamos a última responsabilidade. E, certamente exige menos risco mútuo e não compartilhamos a responsabilidade nas tomadas de decisão.

Por exemplo, eu ouço dizer: "Seria mais fácil para a Senhora, como Superiora Geral, se falasse a cada comunidade local que devem fazer algo pela situação de Camboja, Cuba, Nicarágua, Haiti ou Iraque. Então, faríamos alguma coisa". Ou: Por que a Senhora, como Superiora Geral, não nos diz como devemos vestir-nos? Seria mais fácil, então, e nós o faríamos. Ou: Por que a Senhora, como Superiora Geral, não nos diz que não devemos ter gastos pessoais excessivos ou elevados - que não devemos ter contas pessoais em bancos, carros, TV, nem viajar demasiadamente - então, deixaríamos tudo isso.

Irmãs, não tenho dúvida de que muitas de nós conseguiriam fazer "em obediência à Superiora Geral" o que não somos capazes de fazer movidas pelo *nosso relacionamento pessoal com Jesus e de uma para a outra, e por nossa responsabilidade mútua, responsabilidade diante da Igreja e diante do mundo.*

Infelizmente! Mas, vocês conhecem nossa Constituição tão bem quanto eu. É sua responsabilidade pessoal e compartilhada, buscarem juntas a concreta resposta a Deus. Nestas e em semelhantes questões. Vocês são responsáveis por incentivarem-se mutuamente para chegar às decisões comunitárias e pessoais necessárias, requeridas pela nossa Constituição e

pela nossa responsabilidade pelo futuro, pela Igreja e pelo mundo. Eu gosto muito de ouvir minha responsabilidade pessoal específica como Superiora Geral e de partilhar com vocês minha responsabilidade pessoal de IENS, mas eu não posso e não quero tirar de vocês o privilégio, o direito e o dever de compartilhar, uma com a outra, a responsabilidade de buscar Deus e Seu chamado a vocês, e de tomar decisões concretas, em resposta a este chamado.

O compromisso de partilhar responsabilidade e de partilhar uma busca em comum é obrigatório para cada uma de nós, mesmo quando a busca e a descoberta nos levem a posições contrárias à opinião, aos desejos e à direção pessoal de alguém. Muitas de nós tendem a ser comprometidas em buscar e em partilhar responsabilidades enquanto a direção tomada nos agrada. Mas nós estamos juntas - comprometidas em uma contínua busca e nos resultados que obtemos, sejam quais forem.

Irmãs Escolares partilham a responsabilidade de perceber necessidades, e de dar concretas respostas pessoais e comuns, baseadas nos princípios do Evangelho e de VSE. Isto exigirá que permitamos a cada comunidade das IENS fazer diferentes decisões concretas referentes a assuntos particulares, mesmo que todas vivam segundo a mesma Constituição. Porém, a responsabilidade partilhada exige que decisões concretas feitas em todos os níveis, fiquem abertas para serem confirmadas e ou contestadas por outros.

O Vaticano II chama a Igreja à responsabilidade partilhada, à participação e à tomada de decisões, em comum. Nós, como Congregação, fomos agraciadas com o mesmo desafio e exigência, em nossa Constituição e Diretório Geral. Temos a obrigação de não apenas entre nós, vivermos desta maneira, mas também, de fomentar e promover a responsabilidade partilhada, a participação e tomada de decisões em comum, entre aqueles com os quais vivemos, trabalhamos e servimos.

Reflitam, por favor, por um instante sobre sua própria abertura e prontidão em partilhar responsabilidade, mesmo em situações difíceis, em sua comunidade, em seu serviço apostólico! O que vocês aprenderam - dificuldades e crescimentos - da responsabilidade partilhada, da participação e da tomada de decisões em comum?

Irmãs, eu falei muito sobre como entrar em acordo com o mundo atual em que vivemos, e sobre a responsabilidade partilhada por este mundo e pelo futuro.

Às vezes algumas de nós experienciam que é mais fácil de viver e trabalhar neste nosso mundo e por ele e seus acontecimentos e de partilhar a responsabilidade por ele, do que: trabalhar em nossa Igreja e por ela e seus acontecimentos e de partilhar a responsabilidade por ela.

Nossas convicções e senso de responsabilidade referentes a assuntos específicos podem, às vezes, parecer estar em desacordo com outros na Igreja, mesmo com aqueles em autoridade.

Historicamente, isto fez e faz parte de nossa Igreja. Nós todas sabemos da situação do teólogo Segundo Galilea, de Lubac e de Chardin. Podemos acrescentar a esta lista Teresa de Ávila, nossa própria fundadora Madre Teresa e a maioria dos fundadores e fundadoras de comunidades religiosas. Grandes homens e mulheres sofreram profundamente por causa da parcela de verdade que possuíram.

Estas mesmas pessoas reconheceram na resposta que a Igreja oficial lhes deu, naquele tempo, um chamado para uma fé e amor mais profundos, para uma lealdade mais forte e para maior criatividade. O amor é criativo; o amor pode encontrar caminhos; o amor, quando é verdadeiro, pode esperar, mas não espera necessariamente inerte. Repetidas vezes, a história provou as palavras da escritura atribuídas a Gamaliel: “Se o seu projeto ou a sua obra provém de homens, por si mesmo se destruirá, mas se, ao invés, verdadeiramente vem de Deus, não conseguireis desfazê-la. Vós vos arriscais a entrar em luta contra o próprio Deus”. (Atos: 5, 38-39)

Como mulheres e como IENS temos dons únicos a oferecer dentro da Igreja e para ela, bem como para o mundo. Também nesta área devemos servir, aproximando-nos através da responsabilidade partilhada, participação, tomada de decisões em comum, a busca de Deus e de seus caminhos.

Porém, algumas de nós tendem a trazer a estas situações somente o desejo de conversar com os envolvidos e às vezes trazemos apenas o desejo de

convencer outros de nossa dimensão de verdade. Muitas vezes falhamos, não trazendo a tais situações o objetivo do diálogo - o de procurar Deus e Seus caminhos - e os vários significados do diálogo - a partilha na oração e na fé, com os envolvidos, uma nova visão de nossa vida e serviço como Igreja e o mútuo chamado para a verdade e para Deus.

Nós, IENS, temos estes dons para trazê-los a tais situações, mas outros membros de nossa Igreja também possuem dons que podem partilhar conosco. Nós somos Igreja, mas não somos *toda* a Igreja. Temos verdade, mas não *toda* a verdade. Podemos nós acreditar e admitir que possuímos uma parcela da verdade apenas? Estamos dispostas a buscar Deus e seus caminhos aberta e livremente com outros nas Igrejas, que possam ter outros pontos de vista diferentes do nosso?

Neste processo é necessário que permaneçamos abertas para termos esclarecida a nossa própria visão e que percebamos que responsabilidade partilhada não renega a realidade nem o exercício da própria autoridade em uma sociedade, Igreja e Congregação. É essencial uma oração profunda e contínua para recebermos o dom de amar a Igreja com afeto. Somente quando amarmos a Igreja profundamente e com afeto, como a Mãe que nos dá a vida, poderemos começar a julgar concretamente nossa própria motivação e a fazer decisões concretas que nos levem à oração e amor e purificadas pela luta de busca e diálogo, podemos fazer esforços pessoais e comunitários para

carregar nossa responsabilidade, assim como a percebemos.

Irmãs, quando olhamos para o futuro, nosso futuro longínquo, poderemos ficar assustadas, mas pelo menos duas realidades diminuem nosso medo.

Primeiramente é nosso Deus que nos chama para o futuro longínquo e nosso Deus está conosco e para nós, em promessa e na realidade, em cada ponto do caminho.

Em segundo lugar, é nosso passado que dá esperança. Quando reflito sobre os anos passados desde nosso 1º Capítulo Geral, depois do Vaticano II, alguns dos progressos que vejo entre nós, são:

- Muito crescimento entre indivíduos e crescimento no Senhor.
- Amor mútuo mais profundo e mais pessoal.
- Uma crescente necessidade de viver a nossa Constituição - VSE.
- Crescimento no diálogo.
- Uma percepção crescente do pobre, oprimido e marginalizado.
- Um senso mais profundo de missão.
- Tentativas de refundação e de abraçar questões de "bandeira vermelha" isto é, questões delicadas.

Estes são alguns dos desenvolvimentos que reconheço entre nós, mas vocês têm experiências e percepções semelhantes, que são suas, e por isso, mais fortes e mais claras para vocês.

Passem, pois, agora, alguns minutos em silenciosa reflexão sobre os últimos anos e sobre o que aconteceu para vocês e a Congregação, nesses anos! Talvez fique mais fácil, quando lembram onde estiveram em 1968.

Por favor, anotem as respostas às seguintes perguntas e as compartilhem com seu grupo:

1. *Quais as boas características pessoais desenvolvidas pessoalmente por você, desde 1968?*
2. *Quais as boas características que a Congregação desenvolveu, desde 1968?*

Irmãs, é óbvio que muita coisa boa se desenvolveu e ainda está se desenvolvendo em nosso meio.

Temos motivo de esperança!

Concluo com as palavras de São Paulo: "Não que sejamos perfeitos; ou que já tenhamos alcançado o prêmio, mas ainda estamos correndo." (Fil. 3,12).



O CHAMADO

Irmã Mary Margaret Johanning
Berlim-1980

VÓS SOIS ENVIDAS diz, de forma bem simples, no número 1: *Fomos chamadas por Cristo*. Paremos,

por favor, por um instante para refletir o que isto significa: “*Eu sou chamada por Cristo*”!

Freqüentemente pensamos em Maria, Pedro, Abraão ou Paulo como chamados, mas eu?...Também eu sou chamada por Cristo... e chamada para **estar** com Ele, sua apóstola e discípula.

VÓS SOIS ENVIADAS nos diz o que já sabemos que nossa vocação se baseia no nosso chamado. E o Batismo nos incorporou à Igreja e nos abriu à ação do Espírito Santo. (VSE 2) Teologicamente, o batismo nos chama a atenção para duas coisas:

- Para a adoração, por ser esta a primeira missão da comunidade cristã- adorar o Pai;
- Para o serviço apostólico, isto é, proclamar a Boa Nova que nós recebemos.

Como o Batismo nos incorporou à comunidade eclesial, assim pela nossa resposta a este chamado, fomos admitidas na comunidade das IENS. Como o Batismo nos abriu para Jesus e para o Espírito Santo, assim, nossa resposta a este chamado nos faz participantes da Vida Religiosa “agraciadas com o carisma”, dom de Deus, dado a Madre Teresa. E através do mesmo chamado fomos exortadas a cultivar e desenvolver as virtudes iniciadas no batismo: fé, esperança e amor. (VSE 4)

Em VSE 3 lemos a frase... “... respondemos de uma maneira nova ao contínuo e misterioso chamado de Deus”... Esclarece-nos que, quando entramos na Vida Religiosa, nós respondemos ao mesmo e contínuo chamamento de Cristo. O chamado nunca

silencia. O chamado perdura, ele se prolonga. Somos constantemente convidadas por Deus para recomeçar. Por favor, pensem nisso. Vocês pensam, com freqüência, durante o dia conscientemente nisto, que *Deus as chama* e que Ele continua a chamá-las? Facilmente podemos acostumar-nos a estas idéias e com isso esquecer a dinâmica do chamado que nos foi feito. Podemos simplesmente pensar: Eu fui chamada quando fui batizada ou quando entrei no convento, ou quando fiz meus votos. Agora só preciso viver e cumprir esta vocação. Lembro que, quando eu fiz os votos perpétuos, acreditava ter atingido minha decisão definitiva. Pensava que tudo o que eu ainda teria que fazer seria realizar esta decisão e ser fiel a ela. Porém, quando a vida se tornou para mim um pouco monótona, reconheci que não estava pronta - que estava sentindo falta do contínuo chamamento; por isso não havia dinamicidade, entusiasmo e nada *vivo* em minha vida.

Porque nós fomos admitidas nesta Igreja e nesta Congregação, não ouvimos *sozinhas* o chamado de Jesus. VSE expressa claramente no número 1 que *somos chamadas*. E o DG. sobre Governo nos diz que, estamos reunidas para viver em comunidade com aquelas que partilham a mesma vocação. Estamos aqui juntas com outras, porque cada uma de nós foi chamada. Se eu pudesse manter constantemente diante dos meus olhos o fato de que cada uma de minhas Irmãs nesta comunidade é chamada sim, foi chamada por Deus, teríamos muito menos problemas. Deus nos ama como somos.

Deus chama você... você... e você... Quem sou eu para dizer que Ele não deveria ter chamado esta... e aquela? VSE nos diz ainda que “ cada Irmã que é chamada para nossa Congregação tem parte na missão comum”. (VSE 28) Para muitas Irmãs a afirmação do número 28 é uma surpresa. Consta ali que “nossa contínua resposta ao contínuo chamado de Deus para a missão é a oração”. Muitas pensam que nossa resposta ao chamado de Deus significa: ministério e trabalho, andar e agir. Isto me faz lembrar muito do capítulo 15 do evangelho de São João: “Deveis dar muito fruto, mas os que dão muito fruto são aqueles que permanecem em mim”.

Tu és chamada. Porém a resposta ao chamado é a *oração*. Percebemos isto em nível humano. Por exemplo, se alguém te chama, te pede para estar com ela, esta pessoa que te chamou não gostaria que fizesses muitas coisas; ela te espera e deseja que estejas com ela. Jesus nos chama e espera que estejamos em Ele. Para nós, no entanto, a dificuldade muitas vezes é esta: como podemos ouvir e ter certeza de que Ele nos chama? Em uma ocasião um menino de 06 anos me disse: “Eu seria muito feliz em fazer tudo o que Deus me diz, mas eu nunca ouço Deus falar”. Escutas o contínuo chamado de Deus? Como?

Dissemos pela manhã que Deus fala a nós, IENS, em todos os acontecimentos. Por sermos seres humanos, o Pai e o Filho já decidiram lidar conosco como seres humanos. Por isso precisam de seres

humanos, lugares, acontecimentos e coisas para nos falarem. Frequentemente estamos tão ativamente ocupadas com coisas, tão enterradas em nossos trabalhos, que temos dificuldades de achar tempo para ouvirmos o que Ele nos diz, para onde nos chama através de nossa própria vida-pessoalmente e como comunidade. A vida, desta maneira, é certamente mais segura e não nos custa tanto. Não precisamos refletir demais, rezar demais, sermos tão dinâmicas; devemos somente cumprir nossa tarefa; porém isso não significa viver responsabilmente. Deus nos chama constantemente e nós? Escutamos? Ouvimos? Respondemos? Como Deus já te chamou hoje?

Eu peço a vocês que meditem sobre isto, sobre como Deus as chamou na sua vida, especialmente como Ele as chamou à Vida Religiosa e como vocês respondem a isto. Este é um momento significativo, porque podem reconhecer nisso um sinal, de que maneira Ele as chama sempre de novo.

Depois disto peço que reflitam, meditem sobre isto, como Deus lhes falou em outros momentos decisivos de sua vida. Prestam atenção, se encontrarem uma semelhança de sua maneira de agir nestas situações: na sua vocação e em outros momentos decisivos.

Por fim, meditem como Ele chamou vocês recentemente, nas pequenas coisas. Vocês vêem também nisso, semelhantes sinais de Seu procedimento com vocês?

Rezem, por favor, que seu espírito as ilumine, que reconheçam mais profundamente sua ação em vocês e dêem a Ele, em troca disto, gratidão e poder.

1- Vocação na Bíblia

- | | | | |
|---------|-----------------|--------|-----------|
| 1. Dt. | 30, 1-14 | 5. Jo: | 1,35 |
| 2. Mt. | 4, 18-22 | 6. Mt: | 10,37-39 |
| 3. Miq. | 6, 8 | 7. Jo: | 15, 10-21 |
| 4. Jo. | 4, 11-12; 15-21 | | |

2- Vós Sois Enviadas

1. Números: 1, 2, 5, 6,12,14,15,16
2. Diretório-Governo: 1 a 29

3- Vaticano II°: Sobre a Igreja – Cap. 8

4- Madre Teresa

“Isto não é fácil, mas vejam, minhas queridas filhas, Jesus, Nosso Senhor e Deus caminha diante de nós. Sigamos a Ele. Ele nos convida a todas tão amavelmente para o seu seguimento. Ele ajuda a nós, pobres e oprimidos, por sua graça onipotente, dá-nos a consoladora e esperançosa promessa que só devemos pedir para alcançar a perfeição”.

“Com esta finalidade ele vem pessoalmente a nós e se une a nós, nos deixa experimentar aqui o antegozo das bem-aventuranças e nos promete a vida eterna, assim como nós Lhe tivermos prometido... Portanto, olho e coração dirigidos constantemente para Jesus! Implorá-Lo dia e noite! E vossa esperança não será desonrada eternamente a Jesus”.

O CHAMADO DE DEUS E A MINHA RESPOSTA A ESTE CHAMADO

Ir. Mary Margaret Johanning
1980

Nesta noite, queremos iniciar este retiro, considerando como o AMOR DE DEUS para conosco *nos chama e nos capacita a dar-Lhe uma resposta.*

Creio que sempre devemos começar o retiro com a questão básica: *Quem é Deus e quem sou eu?* Se eu lhes perguntasse quem sou eu, provavelmente me diriam que sou Ir. Mary Margaret. E se eu dissesse: “Quem é você?” Você poderia responder-me: Sou professora da 3ª série. E se perguntasse de novo: Quem é você? Poderia dizer-me: tenho a idade de 28 anos. Eu creio que a questão é: Quantas vezes eu deveria perguntar - Quem é você- até que você me respondesse: *Eu sou Filha de Deus que me ama.* É esta a maneira como pensamos a nosso respeito espontaneamente?- Que eu sou alguém que é amada por Deus! Talvez uma das maiores necessidades de nossa sociedade e de nossa Congregação é: sermos capazes de *acreditar* que somos amadas.

Aceitar que somos amadas por alguém e permitir que alguém nos ame é um grande desafio para muitas de nós e, mesmo assim, como cada uma iria deixar-se transformar, se realmente acreditasse, sem nenhuma sombra de dúvida, que Deus a ama

incondicionalmente. Sabemos que Deus é criador poderoso, onipotente, onisciente, todas essas coisas que aprendemos em filosofia, em teologia. Porém, mais importante é que Deus nos ama e que nos disseram que somos amadas *por* Deus assim como um Pai nos ama, como uma *MÃE* ama, como um *esposo* ama, ou como uma *esposa* ama.

Jesus nos diz: “*Assim* como o Pai me ama...” Sabemos que o Pai e Jesus são UM. Que Jesus não faz distinção. Ele diz: “ Como o Pai *me* ama, assim *eu* vos amo”. – “*Como...*” “ *Assim*” (da mesma maneira). Não há distinção! Assim o Pai ama vocês e ama a mim, da mesma maneira como Ele ama Jesus.

O amor do Pai chamou Jesus à existência. Jesus não existe sem o amor do Pai. “Ser filho” ou “ ser filha” significa estar em relação mútua com um e outro. Não posso ser filha sem haver um pai e uma mãe. Na minha pequena cidade natal, por exemplo, eu era conhecida, durante 18 anos, como a filha de Bernard ou filha de Gertrudes. Na mente do povo, eu existia somente em relação a meu pai e minha mãe.

E assim penso como é importante para nós sabermos: “Eu sou alguém que é amada por meu PAI”!

Mas, o que significa *ter um Deus que é Pai?* Ou que significa ter um Pai que é Deus?

Eu creio que poderíamos passar toda a semana com estas 2 perguntas apenas. É um mistério!

Saber que este Deus quer amar-me, absolutamente por nenhum motivo.

Sempre quando percebemos que alguém nos ama, começamos a perguntar: Por quê? É porque sou bonita? Ou é por causa do meu dinheiro? Ou porque sou generosa? E, se o amor é verdadeiro, devo eventualmente dizer: “não há motivo”! Sou amada porque é um *DOM*! Amor total, gratuito e livre. Eu não posso merecê-lo, não posso comprá-lo, não posso ganhá-lo. Porém, muitas de nós pensam que Deus nos ama enquanto somos boas, enquanto fazemos tudo certo. Mas, no momento em que há pecado, ou erro em nossa vida, tendemos a acreditar que Deus não nos pode amar mais. Eu penso que significa acreditarmos que podemos *ganhar* este amor, ou merecer este amor, esquecendo que ele é *DOM* gratuito.

A Palavra de Deus no livro de Isaias nos diz: “Não a amo porque você é a maior, ou a mais populosa nação, ou a melhor, mas eu a amo porque você é a mais pobre, a mais fraca e a mais simples”. Aprendi muito a esse respeito quando pela primeira vez fui à Alemanha para visitação. Em muitos orfanatos, as Irmãs sempre falam da criança menor, a mais fraca, a mais doente. Essa é a criança que todos amam! E isso me ensinou muito sobre o amor de Deus. Quando Ele diz: Eu a amo *porque* voc e é a mais fraca, a menor. Quando estamos mais cheias de pecados, mais conscientes de nossa fraqueza, daí, então, espero que saibamos ser as mais amadas. Este é o amor que pode ajudar alguém.

Saber e acreditar que somos amadas é um grande dom. Nosso Deus nos diz: Eu não amo como os seres humanos amam. ***Eu amo como Deus:*** com um amor que não termina nunca, que não depende das suas ações, mas que é livre-um *DOM!*

O que acontece quando você sabe que é amada assim por alguém?

Ouçam pessoas enamoradas, quando conversam entre si! Podem ouvir dizer: Por que você me ama? E quando escuto isso, sempre rezo para que não haja resposta porque se conseguirem responder a essa pergunta, vocês mataram o amor. Vocês deram uma *razão*- “o porquê! “ A implicação é: se este motivo não existe mais, vocês deixam de ser amadas - e assim, o amor de Deus é um dom livre! Eu creio que muitas de nós entram na Vida Religiosa pensando: eu vou ser Irmã para amar a Deus! É por isso que eu vim! Provavelmente, cada uma de nós pode recordar o dia quando finalmente descobriu que a resposta não é: Eu quero amar a Deus, mas: Muito bem, Deus! Você me ama do modo como *you* deseja! Neste momento começa a vida cristã - porque deixo-me amar como Deus deseja e aceito esse amor!

Muitas vezes, tentamos querer ser aquela que ama, *em vez de ser aquela que é amada*. Creio que há uma outra fase em nossa vida; quando conhecemos, profundamente, nossa pecaminosidade. E, nesta consciência de pecaminosidade, acreditamos que não podemos ser amadas por ninguém. Neste estado de pecado, devemos dizer: Eu preciso tanto do amor de Deus e

sei do amor de Deus que permito ser amada como pecadora. Começa aqui uma nova dimensão de vida.

Deus me ama, como um Pai, como uma Mãe! Dêem atenção à conversa das crianças pequenas: Meu papai sabe tudo! Meu papai sabe fazê-lo melhor que o seu! Ou, minha mãe faz melhor de todas! Penso eu assim do Pai?

Sugiro que, às vezes, vocês façam uma lista de todas as qualidades que uma criança manifesta em relação a seu pai ou sua mãe: confiança, dependência, orgulho ou o que quer que seja. E depois vejam se esta é a atitude de seu coração para com seu Deus! Todas essas qualidades mostram como *você* se relaciona com Deus?

Ou, tomem o Evangelho de São João! Vejam onde Jesus fala de seu relacionamento com o Pai. E copiem todos esses textos: “Eu e o Pai somos UM!” “Eu faço o que agrada a meu Pai!” “Tudo o que tenho, recebi do Pai!” E meditem isso por longo tempo, até que saibam *como* Jesus se relaciona com seu Pai. E depois, coloquem *seu* nome no lugar do nome dele, e vejam se combina! “Eu e o Pai somos UM!” “O Pai me deu tudo!” “Eu faço o que é do agrado de meu Pai!” Vocês irão conhecer Deus de uma maneira nova e bem mais pessoal, assim como Jesus o fez—não somente chamando-O de **“PAI”**, mas com a forma mais íntima de *PAPAI - PAIZINHO-* (Abba). É este nosso relacionamento íntimo com Deus?

Quantas vezes, em nossa vida, tentamos mostrar que Deus nos ama? Nossa Constituição diz que a experiência do amor de Deus nos enriquece (VSE 15) e que “o Seu amor nos impulsiona”. (VSE 19)

Eu estudei com uma Irmã da Coréia. E, freqüentemente quando lhe perguntava, por exemplo: Você já comprou o livro de que precisamos para este curso? “Meu pai ainda não me deu dinheiro”. Você vai voltar para a Coréia depois deste curso? Ela respondeu: “Meu pai ainda não me disse!” Finalmente lhe disse: “ Eu não entendo como você vive a Vida Religiosa, se você é tão dependente de sua família! E ela me disse, de modo muito simples: Você não sabe quem é meu Pai? Vejam que relacionamento ela mantinha para com seu Deus.

Sabemos que quando somos amadas por alguém nós mudamos. Tornamo-nos semelhantes àquele que amamos. A jovem que nunca gostou de jogar basquete ou futebol, enamora-se de seu “ídolo”, a estrela de futebol, por exemplo. E de repente ela assiste a todos os jogos. Ela se transforma lentamente, porque ama. Nós nos tornaremos semelhantes àquele que amamos! E veremos, neste retiro sobre VSE, como perpassa a Constituição a idéia de que nós nos tornamos semelhantes àquele que amamos.

Ela usa muitas palavras sobre Deus, sobre o amor de Deus. Ele ama com fidelidade. É um amor incondicional. Um amor íntimo, universal. Um

amor que prevê, que consagra, que chama, que envia...

Vocês podem achar todas essas gratificações. E Jesus rezou: Pai, quero que estejam comigo onde eu estou. Ouvimos seu desejo a este respeito: Eu quero que estejam comigo onde eu estou! Provavelmente, o desejo de Jesus por nós é muito maior que o nosso desejo por Ele. E o fato de Deus oferecer-nos amizade, amor, deixa-nos ficar com admiração, humildade. Mas também nos chama! O amor sempre nos chama para sermos melhores. E nada nos chama tanto quanto o amor. Se eu a amo, você quer ser a *melhor* para mim.

Há um livro em inglês chamado: *Hind's Feet on High Places* e um dos textos lá diz: “O amor é algo muito bonito, porque dá vida, porque liberta. Mas o amor também é algo terrível. É terrível porque não permitirá ao amado ser medíocre. O amor sempre nos chamará para sermos melhores”.

Deus ama. Ele toma a iniciativa. Esse amor nos chama para tirarmos o melhor de nós, a sermos semelhantes àquele que nos ama. E percebam em toda a Constituição como sempre diz: “Somos chamadas”! É geralmente voz passiva. Há muitos chamados na Constituição. O chamado mais importante, talvez seja o que está na fórmula dos votos. (DG 30) Dizemos: “Senhor, vós me chamais para ser UM convosco”! O primeiro chamado que recebemos é “*ser UM com Deus!*” E nós o proclamamos na fórmula dos votos. É o desejo de todo coração humano: de **ser UM** com o

Transcendente. Se esse Transcendente é chamado Deus ou outro poder, a humanidade deseja ser UM com o Transcendente.

No número 48 dizemos que *somos chamadas e consagradas por Deus para ser totalmente UM com Deus e com aqueles que O amam!*

Ainda no número 49: “Somos chamadas...para o seguimento radical de Jesus Cristo!”

Número 09: “Somos chamadas para aprofundar a comunhão com Deus e entre as pessoas...”

DG 128 - somos chamadas à plenitude do ser... Tudo isso se torna uma grande *UNIDADE*.

Mas uma coisa muito importante a respeito de “chamado” em nossa Constituição é que sempre dizemos ser um *chamado contínuo*. Não é que você é chamada para a Vida Religiosa e terminou! Mas é *um chamado contínuo*. Deve ser contínuo, se é amor porque esse amor continua ele, não pára.

No número 03 falamos desse “contínuo chamado de Deus”.

Número 11 (DG) “Deus continuamente nos chama para um amor maior”. Poderemos encontrá-lo em toda a Constituição. É como nos diz o Salmo 138: “Para onde irei? Para onde fugirei? Se eu for para o leste, ou para o oeste, para as alturas ou para as profundezas, lá teu amor me encontra. Eu não posso fugir”!

Há um poema em inglês chamado *Haunt of Heaven* onde o autor mostra como Deus continuamente nos

persegue. Não importa para onde eu vou: Deus me encontra, me chama. Quando alguém me chama e eu estiver aberta, eu responderei.

Quando alguém me ama e eu estiver aberta, eu devolverei seu amor com amor. Amor provoca amor. Dom-de-si provoca dom-de-si.

Madre Teresa reconheceu isso. Ela diz: “O amor dá tudo. O amor não pode esperar. Razões são insuficientes para aquele que ama”. Assim, quem é amado, deve amar.

No número 57 (DG) nós nos definimos como “aquelas que respondem ao convite amoroso de Deus”. É isso que somos! Quem é você? Eu sou alguém que é “incondicionalmente amada por Deus”. (VSE 28)

Número 57 (DG) Somos aquelas que “respondem ao convite amoroso de Deus”.

Número 03 diz: Respondemos, “aceitando” o amor de Deus. E muitas vezes pensamos que “aceitar” é uma ação passiva. Mas quando digo: “Por favor, aceite este papel”, eu poderia ficar aí a noite inteira a não ser que você faça algo. Você tem que levantar-se e vir até aqui para pegar esse papel. Assim “aceitar” é algo muito *ativo*.

Ou se eu digo: “Por favor, aceitem o que estou dizendo”! Vocês têm que ser muito ativas para fazê-lo. Vocês têm que ouvir assimilar o que eu disse, permitir que isso se torne parte de vocês.

Respondemos *aceitar* o amor de Deus, dizendo: Está bem, Deus, eu permitirei que você me ame! E o poder que temos é a liberdade de poder dizer “não”.

É interessante perceber em VSE a *quem* respondemos.

No número 40: diz que: Respondemos *a Deus*.

No número 10: Respondemos *ao amor de Deus*.

Número 24: Respondemos *ao chamado de Deus*.

Número 21: Respondemos *ao Espírito de Deus*.

Número 23: Respondemos *a necessidades*. E assim vocês percebem, naquilo ao qual respondemos, o cerne de nossa Vida Religiosa apostólica: responder a necessidades diversas.

Temos maneiras, meios na Constituição, que nos ajudam a responder a este chamado:

1. A Sagrada Escritura (VSE 31)
2. O Governo. (VSE 40)
3. Uma a outra (DG 12)
4. Maria, como inspiradora de nossa resposta (VSE 21)

O que significa ser amada? Seria bom para nós, refletir sobre nossa, minha própria experiência do amor de Deus. E minha experiência é diferente da sua! Porque Deus nos ama de maneira muito *única*. Um dos melhores dons, eu creio é descobrir o modo *como Deus me ama*. Quando descubro, posso responder mais prontamente e reconhecerei a minha pecaminosidade. E posso evitá-la quando

reconheço os sinais do amor e os sinais do não-amor.

Talvez simplesmente, tomem consciência do amor de Deus, e ouçam Deus dizer a vocês: *EU A AMO!* Eu a carrego na palma de minha mão! Eu dei o Egito... e Sabá e todas as nações em seu resgate! Eu encontro minhas delícias em você!

O que acontece a você quando alguém diz: *EU A AMO!* Dentro de nós muda!

E quando o próprio Deus diz estas palavras para nós, o que acontece?

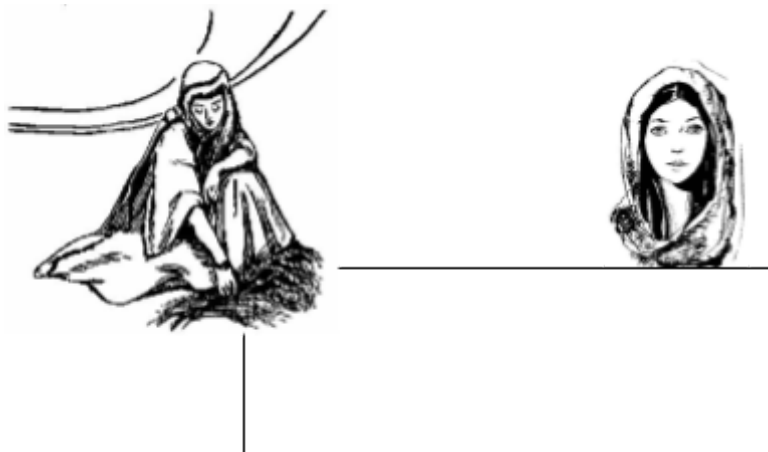
Permitam-se ouvir e sentir essas palavras e simplesmente *sintam-se* junto com Seu Deus. Sintam este imenso amor.

Uma das palavras mais importantes da Escritura é: *“Feliz é quem acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido”!* (Lc: 1, 45)

Eu as convido a refletir sobre *como* Deus as ama. Ele ama a cada uma de maneira diferente. É um dom especial descobrir a maneira única pela qual Deus nos ama.

E eu rezo para que isso possa acontecer a cada uma de vocês. Que vocês possam acreditar que todas as promessas de Deus se concretizarão em vocês! !Que vocês possam aceitá-lo e que possam deixá-lo acontecer!

EU A AMO! Eu encontro minhas delícias em você!
Eu a seguro pela mão! Eu dou nações por teu resgate. Feliz é a que acreditou!



ESPIRITUALIDADE DA ENCARNAÇÃO

Ir. Mary Margaret Johanning
1980

Nosso tema de hoje é sobre a espiritualidade da encarnação. Muitas Irmãs dizem: *Espiritualidade da Encarnação!* Eu não posso compreender esta teologia, com todas aquelas palavras e idéias. Porém nossa Constituição está fundamentada na espiritualidade da encarnação e nós precisamos entendê-la para que possamos vivê-la. É realmente muito simples, como diz a história que um dia lhes contei. Embora ainda se lembrem bem da mesma, gostaria de contá-la novamente para vocês.

É a história do menino que vende jornais na estação ferroviária. É noite de Natal e faz muito frio. O menino acende um fogueiro por estar com frio e

ele gostaria de esquentar suas mãos. Aí vem um Senhor do seu escritório e gostaria muito de estar com sua família. Ele já está atrasado. Assim ele corre a fim de alcançar ainda o trem. Corre tão apressadamente, que ele derruba o menino. Os jornais se espalham, o fogo apaga e o menino está deitado no chão. Mas o homem pensa: “realmente não tenho tempo, pois toda a família espera por mim e enquanto eu não estiver em casa, eles não começam. Assim ele corre para o trem, mas justamente, quando quis embarcar, olha para trás e vê que o menino nem tentou erguer-se, mas permanece sentado ali e chora. Aí pensa o homem: “ Eu preciso voltar e ajudar o pequeno.” Assim ele volta, ajuda o menino a erguer-se, arranja novamente os jornais, acende um fogueiro, compra chocolate quente para que o menino se aqueça e pergunta-lhe:

Precisas de alguma coisa? Está tudo em ordem? E o menino responde: Ó sim, obrigado! Está tudo bem, muito obrigado. Assim vai o homem novamente embora, a fim de esperar pelo próximo trem que só iria daí a duas horas. E, caminhando ao longo dos trilhos, grita o pequeno atrás dele:

Querido Senhor, por favor, venha aqui mais uma vez. O homem pensou: O que há, ele tem tudo que precisa! Mas, como está com tempo, ele volta e pára adiante do menino. O pequeno nada diz. Ele só olha por muito tempo no rosto do homem. Finalmente ele pergunta: **Tu és Jesus?** Tudo o que ele sabia de Jesus, ele via neste homem, por isso deveria ser talvez Jesus. E parece-me que é justamente sobre isso que estamos falando. O homem tornou Jesus presente para a criança. O menino pensou ter

encontrado Jesus. *Isto é espiritualidade da encarnação.*

Nós, como cristãos, tornamos Jesus presente. Isto é também nossa missão como Irmãs Escolares. Isto tem talvez, melhor expressão do que em VSE 4: Como o Pai enviou Cristo para manifestar seu amor ao mundo, assim também Cristo nos envia para tornar visível sua presença entre nós através de nosso amor mútuo. Aqui nos é dito não somente o *que* devemos fazer, mas também *como* o devemos fazer. O quê? Tornar visível sua presença entre as pessoas. Como? Através da nossa *unidade e amor mútuo*. Da mesma maneira nos diz VSE como podemos dar testemunho de Jesus, quando vivemos e trabalhamos *unidas no amor*. Diz também que: “manifestamos sua presença pelo amor expresso no respeito mútuo...” (VSE 7) E ainda: “Partilhamos da convicção de que... como comunidade tornamos Cristo visível.” (VSE 42) Depois de tudo isso, deveria estar claro para nós o sentido da espiritualidade da encarnação.

Olhemos agora para a Encarnação. O que acontece através da encarnação é isto: Nós vemos o Pai em Jesus. Jesus torna visível o Pai. Ele diz que “quem me vê, vê o Pai. Há tanto tempo estou convosco e não conheceis o Pai?” Jesus podia dizer isto, porque Ele é UM com o Pai e a imagem mais perfeita do Pai. Por isso Ele é *sacramento* do Pai. Ele é sacramento do Pai, por ser um sinal visível que opera o que significa um sinal do Pai, que torna presente seu amor. Em Jesus, Deus realmente manifestou *QUEM ELE É!*

Em Jesus, Deus revelou de fato quem Ele é. Alguém disse: Quando o Pai refletiu como Ele mesmo pudesse se revelar a nós, de maneira mais íntima numa criatura que pudesse dizer “Deus”, Ele se decidiu pela Encarnação. Assim Deus o tornou homem. Conforme as palavras de Karl Rahner: “É ele a única presença do divino.” Jesus é a única personificação de Deus. Ele estava tão aberto perante o Pai, que podia viver totalmente através do amor do Pai, até o grau no qual Deus estava e está.

Quando Deus nos quer atingir, Ele precisa atingir-nos da maneira que entendemos: através de pessoas, acontecimentos, lugares, tempos, e isso Ele também faz. O Pai decidiu usar para conosco a via da encarnação - na carne. A carne fala à carne. Através da carne de Jesus podemos compreender melhor Deus e Seu amor. Ele decidiu que devia igualar-se a nós em tudo, menos no pecado. O Pai escolhe para conosco não somente o aspecto da encarnação, mas Ele mesmo quer ligar-se em Jesus pela encarnação, pois Jesus é o vínculo. Ele é a aliança. E, conforme se entende pela filosofia e teologia, creio eu, que nós, por sermos humanos, sempre o seremos, mesmo depois da Ressurreição. Não existe tempo no qual deixaremos de existir. São Paulo nos diz que tudo passa, mas nós permanecemos. Jesus é homem para sempre. Ele não pode ser diferente. Ele continua sendo nossa contínua aliança com o Pai. Ele não pode abandonar esta função mesmo se o quisesse, porque Ele é, e permanece homem. E assim acontece através da encarnação.

Há três conseqüências importantes que resultam da encarnação e sobre as quais gostaria de falar.

A primeira é a Identificação. Jesus foi o que nós somos. Jesus é o que um dia seremos. Jesus foi realmente o que nós somos: verdadeiramente homem, verdadeiramente humano com tudo o que isto inclui, fora o pecado. É difícil para nós, permitir a Jesus que Ele seja totalmente homem. Como homem, Ele não podia saber tudo com antecedência, não podia fazer tudo, estar em toda a parte. Sim, Ele foi ao mesmo tempo, mas Ele foi realmente homem como nós, em tudo, menos no pecado. Nós devemos pensar nele como homem, conhecê-lo mais profundamente como homem, permitir-lhe ser totalmente homem. Então aprendemos muito sobre Jesus e também sobre nós mesmas.

Porém, agora, é Ele realmente o que um dia seremos: a plenitude da existência humana junto do Pai. Isto é nossa esperança - ressurreição - porque Ele é o que seremos. Encarnação leva à cruz e ressurreição. A condição humana leva à plenitude da existência humana junto de Deus. Encontramo-nos ainda num processo evolutivo. Penso numa inscrição que diz: Deus ainda não está pronto comigo. Portanto, tenha paciência. Ainda não estamos “prontas” ou “perfeitas”. Não faz parte da criatura humana “ser perfeita”. Mas quão impacientes somos com as outras pessoas, tão impacientes somos conosco mesmas. Deus não espera de nós que estejamos prontas. Mas este

processo de desenvolvimento é às vezes, penoso para nós.

A segunda consequência da encarnação é a condição humana. E com isso modificou, transformou a condição humana. Mas a transformação processa-se gradativamente. Na sua humanidade Jesus foi como nós e Sua existência humana precisou também ser dominada e transformada pelo amor do Seu Pai. E tal não acontece num momento. Assim, a própria humanidade de Jesus precisou percorrer 33 anos, para ser transformada, inteiramente pelo amor do Pai. Você e eu encontramos no mesmo processo. Precisamos ser abertas para Seu poder e seu amor, para que vivamos em plenitude aquela vida e aquele amor que nos conduz até lá. Nós nos deixamos transformar pelo amor, até que um dia estaremos também inteiramente transformadas na ressurreição à qual podemos chegar como criaturas humanas.

Por terceiro - para mim o mais excitante é o fato de que a encarnação ainda perdura. Não é algo que aconteceu há 2000 anos em Jesus. Ainda hoje ele se realiza em você e em mim. Há encarnação hoje, porque nossa existência humana é hoje introduzida no divino. Cada vez mais, ela será transformada. Mas, o que nos transforma? *Somente o amor!* Penso que o exemplo clássico é o namoro que vocês observam com estudantes ou com irmãos, ou sobrinhos. Para eles, de repente a grama é mais verde, o céu mais azul. E ela, que nunca esteve interessada em esporte, torna-se uma

partidária entusiasmada; e ele, que não gostava de arte, visita agora inúmeros museus de arte. Realizou-se uma transformação total através do amor, embora a pessoa seja a mesma. Algo semelhante acontece, quando nosso ser humano (nossa humanidade) é introduzido no “divino”. Desta maneira, hoje e cada dia é Natal, pois cada dia nosso ser humano é introduzido mais profundamente no divino. A encarnação ainda continua.

Porque Jesus entrou tão profundamente em nosso ser humano, tudo nele ficou diferente. Teilhard de Chardin diz tão oportunamente “desde a encarnação nada mais é profano.” Nossa vida influencia toda a realidade. Para nós é difícil acreditar que aquilo que eu faço hoje, tem influência sobre a totalidade do universo, sobre a China ou a Índia. Mas nossa vida esvazia ou plenifica a humanidade, de acordo com nossa magnitude ou mesquinhez. Não importa se é notado ou não, mas a humanidade decai ou é elevada por causa de mim.

Queridas Irmãs, creio que nossa influência sobre os outros aspectos tem o efeito de uma avalanche. Imagino que alguém de nós se levanta mal humorada e anda por ai com má disposição, triste e cabisbaixa; em meio dia, essa pessoa pode estragar o clima da casa toda. Eu me levanto de mau humor, e uma diz à outra: - O que aconteceu, será que eu fiz algo para ela? Meu Deus, não sei, mas vamos descobrir. Vivemos em muitas comunidades e sabemos que isto é verdade-e tudo por causa de

uma única pessoa. E quantas pessoas são atingidas, quando se multiplicam 10 Irmãs com 40 alunos na sala de aula? Talvez influenciaram todos os alunos que agora vão para casa e dizem: A Irmã estava totalmente fora hoje! Em casa há mais 10 pessoas e pode-se imaginar a influência que temos também sobre elas. O contrário também acontece. E isto é muito contagiante. Em nosso tempo, entendemos melhor o que significa solidariedade. Como pessoas humanas nos apoiamos e caímos juntas.

A Introdução de VSE diz que buscamos “uma compreensão mais profunda”... da solidariedade humana. Talvez estejamos apenas começando... a entender o que isso significa.

O Concílio Vaticano II viu e acentuou a encarnação a partir de uma visão mais profunda, talvez mais do que nunca antes na história da Igreja. Somos “mulheres da Igreja”; se a Igreja se modifica, nós também, como parte integrante da Igreja, temos que modificar-nos. E é um grande consolo para nós, que mudamos com a Igreja. A Igreja, que recebeu o dom da encarnação no sentido mais profundo reflete-se também em nossos Documentos e, espero que também em nossa vida. Percebem que não é fácil escolher textos de VSE que tratam da espiritualidade da encarnação, pois cada frase está repleta dela. Realmente, a encarnação influencia toda nossa vida. Por exemplo, baseadas na encarnação, estamos convencidas que Deus se serve de toda realidade para revelar-se a nós.

VSE nos diz claramente: A vontade de Deus é expressa nas diferentes situações da vida, nas exigências da comunidade e do apostolado e nas decisões das Irmãs Coordenadoras.

Porque Jesus se fez homem, cada pessoa pode dizer algo sobre Deus. Hoje, nossa idéia e compreensão da Igreja e comunidade, são diferentes. Pensávamos então, que Deus falava primeiro ao Santo Padre, depois aos Bispos, aos Sacerdotes, às Irmãs e finalmente aos leigos. Era a imagem é de uma pirâmide. A isso se opõe o conceito atual do Concílio II de “*Povo de Deus*”. Temos a imagem de círculos concêntricos; então o Santo Padre fala pelo seu povo. Mas Deus atua aqui em *cada* pessoa, não apenas nas autoridades.

Por isso acentua-se mais a pessoa, a responsabilidade e a comunidade. Porque a humanidade é um fato, cada um depende totalmente do outro. Antigamente acentuávamos mais a espiritualidade individual. Agora colocamos mais ênfase na comunidade, na *espiritualidade da comunidade e nossa responsabilidade por cada uma e pelo mundo*.

Além disso, já que cada um pode falar uma parcela da verdade de Deus, consideramos muito importante: *o diálogo, a escuta e a partilha*. Ninguém de nós possui a verdade plena. Por isso temos que *ouvir* uma à outra; por isso precisamos uma do outra. Acompanhem 2 textos da alocução de Padre Lombardi para o Capítulo de 1970. Ele diz: “Quando falarem, falem como Jesus, senão é

melhor não falar. E quando ouvirem alguém falar, podem ouvir Deus falar.”

Queridas, Irmãs, isso exige muita fé. É muito mais fácil para mim, estar sentada na capela e ouvir Deus falar ao meu coração do que crer que Ele fala através de você, de você ou de você, ou através de uma pessoa com a qual não me entendo muito bem. Poderia até ser um calouro, um aluno. Aí fala Deus e exige de nós atenção e interesse.

Resumindo: toda realidade e cada pessoa pode revelar Deus para nós, porque Deus habitou entre nós como homem.

Podemos passar meses, anos, com este mistério, com suas deduções. Podemos entender as expressões sobre *encarnação* DE MODO BEM DIFERENTE: *Deus* se fez homem; ou Deus se fez *homem*. O que significa isso, podem ler no Prefácio: *espiritualidade da encarnação*. Eu lhes recomendaria que tomassem hoje este trecho para leitura e oração. Eu lhes peço também que rezem por si e pelos outros: primeiro, para que cada pessoa conheça Jesus mais profundamente como homem e para que possam aceitar-se a si mesmas, suas co-Irmãs e a Igreja como Seu corpo, como sua presença.

1- Sagrada Escritura

1. Ap: 21, 3

2. 1ª Jo: 1,1-4

3. João: 17, 22 -23

4. Mt: 25, 31-46

5. 1ª Jo: 4,11-12,

6. Lc: 2, 1-20

7. Fil: 2, 1-15

2- Vós Sois Enviadas:

1. Prefácio e Prólogo
2. VSE: 2, 4, 6, 8, 16, 20, 22.

3- Vaticano II: Sobre a Revelação Divina 2-4, 6 e sobre a Igreja no mundo de hoje.

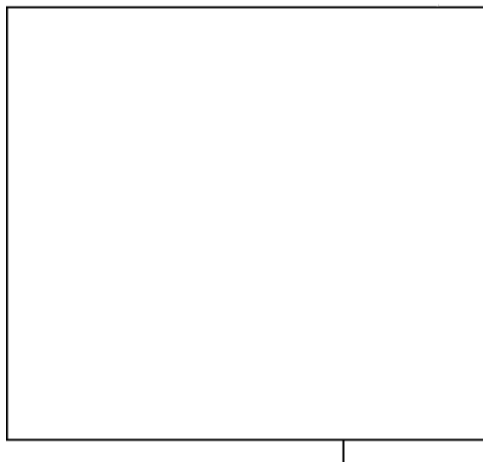
4- Madre Teresa

“Amem umas às outras como Jesus ama a todas nós para que o mundo saiba que sois suas discípulas. Sede um só coração e uma só alma, como o foram os primeiros cristãos e assim identificaram igualmente pagãos e judeus e enchiam todos com entusiasmo pelo cristianismo.

Queridas filhas, nossa sublime vocação, o mais divino entre todo divino o de conquistar almas infantis para o céu, não deveria esta vocação na qual devemos nos tornar luzes do mundo e sal da terra para as crianças, comover e estimular-nos a aspirar à perfeição, a fim de por uma vida santa, sermos luzes para as crianças?

Não através de palavras artificiais, mas pela força da cruz de Cristo, pelo espírito de Deus, pelo santo amor, será a juventude convertida e guiada; todo nosso esforço será e continuará infrutífero, se nossa vida não estiver de acordo com a dignidade de nosso estado. Por isso, deixai brilhar vossa luz para que todos que a virem, louvem vosso Pai que está no céu! Para que todo mundo reconheça e confesse que o estado religioso é um estado de perfeição e todos comecem a louvar e amar Nosso

Senhor Jesus, para que tornemos fecundo o sangue de Cristo...”



MISSÃO

Irmã Mary Margaret Johanning
Berlim - 1980

Os Padres do Concílio Vaticano II nos disseram expressamente: A Igreja peregrina, na sua essência é missionária. (Decreto sobre a Atividade

Missionária da Igreja - Cap.1) Como Congregação Religiosa, dentro da Igreja, devemos, por isso, ser essencialmente “missionárias”.

Sabemos que isso não pode ser entendido no sentido restrito, isto é, que a Igreja deve enviar todos os seus membros para anunciar a Boa Nova aos povos que ainda não tomaram consciência da presença de Cristo. Se este fosse o sentido, como poderiam as centenas de milhares de católicos, que não são ativos nas missões e como poderíamos nós, 4.000 Irmãs Escolares de Nossa Senhora, que estamos *em casa* sermos consideradas *missionárias*? Certamente não podemos ser chamadas de missionárias porque temos uma pequena porcentagem de Irmãs em outros países. Isto não pode ser o caso.

A expressão: que a Igreja peregrina é missionária, deve ser entendida em sentido mais amplo. A Igreja peregrina, na sua essência é enviada, e nós como Congregação dentro da Igreja, somos também enviadas. Mas, enviadas para onde? Para quê? Por quem?

Cristo foi enviado pelo Pai, para nós e outras pessoas para fazê-los *UM*, não somente para fazer **UM** as IENS, mas para fazer *UM todas as pessoas*. Podemos dizer que o sentido da encarnação e o sentido da missão de Cristo consistiam nisso: construir comunidade pelo amor - no Pai e entre si. Ele foi enviado para levar as pessoas ao Pai, pela fé. Olhemos para Ele! Ele veio morar entre nós.

As pessoas que nele creram, formaram a primeira comunidade de fé e de amor. A primeira comunidade cristã estava tão tomada pela realidade de Cristo, tão plena de Cristo, que não pôde guardar para si essa realidade. A fé e o amor desta primeira comunidade pequena tinha que ser partilhada com outras pessoas. A realidade de Cristo era intensa demais, para ser reclamada unicamente para si. Posso explicá-lo melhor com um exemplo:

Eu tenho um segredo. Conto-lhe esta tarde este segredo que é muito importante para a Congregação. Porém, ninguém o sabe ainda. Mas se este segredo é tão importante, cada uma de vocês pensa: “Eu devo contá-lo pelo menos para uma pessoa”! Vocês contam para uma, pedindo que ela não fale a ninguém. Não acontece isto como vocês?

Eu penso nas transferências. A Superiora Provincial ou Conselheira lhe disseram: No próximo ano você vai ser transferida para a Escola Santa Teresinha, mas não é certo ainda. Por isso, não conte para ninguém. Mas, antes de sair a relação dos nomes, a Província inteira já está sabendo...

Minha pergunta é sempre esta: Estamos tão possuídas, tomadas por Jesus que temos o que falar dele?

Podemos viver esta Boa Nova, sem contá-la a outras pessoas com entusiasmo? Deixamo-nos aprender por esta Boa Nova? Será que ela é, de fato, uma realidade para nós, se não somos impulsionadas a contá-la?

A primeira comunidade cristã contava para todos: “Veja, encontramos este homem!” Lembrem-se das Escrituras, quantas vezes isso aconteceu! A realidade da presença do Senhor Ressuscitado foi comunicada de tal maneira, que ela se expressava nas palavras, atos e no ser destas primeiras comunidades cristãs. Assim, outros se uniram a essa comunidade; também estes, por sua vez, anunciaram a Boa Nova e a fé em Jesus; desta maneira, mais pessoas foram levadas para essa comunidade de fé.

Quando novos povos se uniram à Igreja, a primeira comunidade cristã, a Igreja e também seu autoconceito sofreram uma mudança. Esses novos povos trouxeram algo para a Igreja e a Igreja o recebeu; por exemplo, alguns falam da helenização da Igreja nos primeiros tempos de sua evolução. Isto é: a Sagrada Escritura foi traduzida para o grego; aceitamos a língua grega e também alguns costumes gregos. A Igreja permite ser modificada por pessoas novas que a ela se incorporam.

Aqui, eu penso numa idéia importante referente à **MISSÃO** – da qual não nos lembramos normalmente. É a idéia do *RECEBER*. Procuramos realmente receber das pessoas às quais servimos e permitimos que elas nos transformem? Não podemos ser sempre o “grande herói” que traz os bens; os outros também têm algo a dizer-nos sobre Cristo. Nossas Irmãs missionárias aprendem isso. Nossas primeiras missionárias foram para levar a Boa Nova e agora devem elas e todas nós, aprender que recebemos muito mais de outros países e culturas, do que damos. Eles nos instruem sobre

nós mesmas. Mas, para isso não precisamos ir para terras estrangeiras. Minha primeira série me dá algo; os pais dos alunos me dão muito, *se eu aceitar*. Através dos seus dons somos tão enriquecidas como eles são enriquecidos por nós. E, enquanto enriquecemos outros, tornamos também Cristo ainda mais visível neste mundo. Nossa compreensão como Igreja e como comunidade pode crescer somente na medida em que nos relacionamos com outras pessoas e nos abrimos para receber o que elas nos oferecem. Nosso envio, nossa missão, nossa tarefa sacerdotal têm sua origem no Batismo e não podem ser separadas do envio, da missão e do sacerdócio de Cristo.

Há hoje somente uma missão, a missão de Cristo. Nós não temos outra missão. Nós partilhamos da missão de Cristo. A Missão de Cristo foi “tornar o Pai visível,” salvar a humanidade pelo amor, para uni-la com o Pai e entre si. Assim devemos manifestar Cristo, e torná-lo visível; temos que continuar a salvação da humanidade pelo amor, para assim, unir as pessoas todas com o Pai e entre si. Como nos diz São João: *“Como tu me enviaste, assim eu vos envio... Que eles sejam plenamente UM, para que o mundo reconheça que tu me enviaste e que eu os amei, assim como tu me amaste.”* (João 17)

- Mas, como cumprimos nossa Missão? Como cuidamos de *FAZER-UM*?

Através de nossa vida e do nosso amor como verdadeiras cristãs, onde estivermos. Assim levamos as pessoas a crerem na realidade do

Senhor Ressuscitado. Nós nos identificamos com as pessoas com as quais trabalhamos e vivemos, e nos tornamos UM com elas, na situação na qual nos encontramos.

Formamos uma comunidade de fé não somente com as pessoas com as quais convivemos, mas também com todas as pessoas com as quais trabalhamos. Não construímos apenas nossa própria pequena comunidade de IENS; antes, permitimos que a comunidade paroquial, escolar ou civil tenham parte em nossa fé, ao dar-lhes e ao recebermos uma melhor imagem de Cristo. Isto não é fácil; é mais fácil simplesmente lecionar em uma classe ou em um curso.

Com a comunidade paroquial ou escolar da qual fazemos parte, ficamos mais conscientes da ação salvadora, da qual participamos nesta Igreja, nesta missão a nós confiada... Assim, vivemos não apenas nossa própria comunidade de IENS, mas, enriquecidas pela missão que outros têm de Jesus, somos capazes de dar e receber, numa intensidade maior.

Numa comunidade cristã não se pode recusar a comunicar-se com outras pessoas no mundo inteiro. Uma comunidade não seria cristã se não revelasse o Cristo e se não unisse as pessoas com o Pai e entre si. Não seria uma comunidade cristã se não comunicasse a outros, tão intensamente quanto possível, sua fé em Jesus e seu amor por Ele. Temos que levar adiante a Boa Nova. Não há comunidade cristã sem missão, isto é, sem se comunicar a outros e *FAZÊ-LOS UM!*

Muitas vezes pensamos que “MISSÃO” significa: ir para um país estrangeiro a fim de lá anunciar a Boa Nova. Mas nós somos missão onde quer que estejamos.

VSE diz: *“Nossa Missão de IENS é promover a unidade... onde quer que estejamos engajadas – neste lugar, neste ambiente, neste momento da história da salvação”.* (VSE 9)

Nós somos missão, onde quer que estejamos, porque somos Igreja e a Igreja é na sua essência, missionária.

Tornamos Cristo visível, anunciando-o e assim levamos as pessoas até Ele. Desta maneira, eles são UM com o Pai e também entre si.

Eu creio que esta é a Missão mais importante de VSE: que somos enviadas para tornar Cristo visível e, assim FAZER UM, onde quer que estejamos.

1. Sagrada Escritura

1. Jo: 15, 16-17 / 17, 18-21/20, 11-18 /
2. Mt: 3, 13-17 / 5, 1-16 / 28,16-20
3. Lc: 1, 26-38
4. Is: 5, 3-5 / 6, 1-13
5. Jer: 1, 4-12

2- VSE: Números: 1, 2, 12, 15

3- DG : Ministério: 31 a 40 / Governo 52 a 64

4- Documentos da Igreja

1. Constituição sobre a Igreja: 16, 17, 92
2. Atividade missionária na Igreja: 1, 2
3. Renovação da Vida Religiosa; 5

COMUNIDADE

Irmã Mary Margaret Johanning
Berlim-1980

Num determinado momento de nossa vida, Jesus nos chamou para viver dentro de uma comunidade religiosa. Chamou-nos a partilhar essa vida com outras. Lemos no Diretório Geral: “*Unimo-nos em comunidade de fé com outras que partilham a mesma convicção do chamado.*” (DG 57) Mas, vivemos na comunidade não para nós. Uma das afirmações mais fortes de VSE de 1970 é: “*Nosso apostolado primordial é a vida comunitária, sinal profético da Igreja, que é o Cristo vivo*”. Muitas Irmãs disseram: Não entrei para o convento para viver em comunidade; entrei para ensinar, para servir, para educar. Porém, nossa Constituição diz que: “*nosso apostolado **primordial** é a vida comunitária.*” No Capítulo Geral de 1970, foi difícil para as delegadas, chegarem ao consenso sobre esta frase.

Quando refletimos um pouco, descobrimos que podemos estar ocupadas como professoras, cozinheiras ou outro tipo de trabalho, sem sermos religiosas. A razão principal de nossa vida comunitária religiosa não é o trabalho que fazemos, mas o *sinal que somos, como comunidade, do Cristo Vivo.*

Várias Irmãs pensam também que este ponto seria novo, a partir de 1970, quando Vós Sois Enviadas foi escrita. Creio que este acento dado à

comunidade, à unidade, é central e, certamente não é novo, nem para a Igreja, nem para as IENS. Já vimos no A.T. como Deus escolhe um povo para si. Escolhe um povo, um grupo, uma comunidade. No N.T. vemos como o próprio Jesus convoca um povo, de início, um pequeno grupo ligado a Ele por laços comuns. Lembremo-nos da sua última oração: *“Para que todos sejam UM... fazei que sejam UM”...*

Nós, como IENS, seguimos isso: Somos um grupo chamado por Deus, conforme VSE N°. 2. Fomos fundadas sobre a Regra de Santo Agostinho. A Introdução fala sobre ele dizendo que *“formou uma comunidade religiosa em união e amor”*, conforme o modelo da Igreja primitiva.

Queridas Irmãs, isso não acontecia naquele tempo, que um Bispo reunisse seus sacerdotes em torno de si, para viver com eles em comunidade, e enviá-los desta comunidade. Certamente conhecemos, nós todas, do tempo do Noviciado, as palavras de Santo Agostinho: *“Um só coração e uma só alma”*. Ele fundamentou toda a sua teologia sobre a base trinitária, comunitária, sobre a unidade na diversidade. Nossa tradição é agostiniana.

Lemos também na introdução, como Madre Teresa lutou e sofreu pela unidade da Congregação e até foi ameaçada de ex-comunhão. Tinha sempre diante dos olhos quão importante é a unidade. Sinto-me profundamente tocada, toda vez que leio nas suas cartas: *“A unidade nos fez nascer e amadurecer”*. A Congregação existirá enquanto estivermos unidas. A separação pode vir de nós

mesmas, quando não estamos unidas. “Somente a unidade nos dá força interior e exteriormente.”

Um das declarações mais significativas é a do Padre Job, no livrinho “Espírito das Constituições.” Citamos o número 2: *“Se quiserdes que a vossa Congregação cumpra a missão que lhe foi dada pela Igreja... deve entre vós ser claramente visível esta unidade divina”*. Segundo o Padre Job, a missão colocada pela Igreja para nossa Congregação não é somente ensinar, nem só servir, mas tornar visível a unidade divina. Segundo este modelo foi elaborada a Constituição de 1970. *Nosso apostolado e missão primordial é darmos testemunho pela nossa vida comunitária.*

A comunidade em si já é um apostolado, um testemunho. Por exemplo, se procurarmos exemplos de vida comunitária na sua forma comum, olhamos para a paróquia. O que une os seus membros? Certamente Jesus deveria ser o *elo*. Mas, muitas vezes, essa linha principal desaparece nas ninharias do cotidiano. Assim a paróquia necessita de um sinal, de um testemunho que mostre como um grupo pode viver unido na fé. Nós, como comunidade religiosa, deveríamos dar esse testemunho e mostrar que Jesus nos basta, que vivemos assim para que Ele possa tornar-se visível. Isto pode ser motivo de esperança para uma comunidade paroquial.

É possível que também para eles Jesus se torne a força unificadora. E quando comunidades paroquiais se preocuparem seriamente com isso e procurarem realizar os princípios do Evangelho,

elas, por sua vez, tornar-se-ão sinal para a comunidade mundial. Podem esclarecer para o mundo que Jesus tem algo a dizer para os problemas do mundo: fome, pobreza, amor.

Nós todas também necessitamos do testemunho vivo. Alguém deve mostrar que é possível para um grupo viver unido somente *com Jesus como centro*. O pai de uma das minhas co-Irmãs de Noviciado sempre dizia: *“Deve ser Jesus! De outra maneira seria impossível que tantas mulheres pudessem viver unidas em paz e alegria.”*

O mundo precisa desse tipo de testemunho: que alguém creia a ponto de dar sua vida por isso. Creio eu, creem vocês, que Jesus pode realmente unir-nos e nos unir a outros? Cremos tão firmemente nisso que seríamos capazes de morrer por isso? Eu daria a minha vida e todas aqui certamente responderiam com um SIM. Por isso nos tornamos religiosas, porque acreditamos tão firmemente nisso.

Pensemos agora alguns minutos em *comunidade*. Em cada comunidade há algo comum que nos une. Por exemplo: na família são os laços de sangue; no coral da igreja, é a música; no grupo de oração é a oração, etc. E entre religiosos é a dimensão *da fé*. Sem a fé em Jesus não estaríamos reunidas. Estamos aqui, unicamente porque cremos em Jesus. Somos realmente e, em verdade, uma comunidade de fé. Nós nos encontramos não apenas para fazer algo, mas para entregar nossa vida, juntamente com outras. Lemos em Vós Sois Enviadas-: *“Cristo nos reuniu em seu nome, por isso*

temos a certeza de que Ele permanece entre nós” e de maneira simples e clara, diz também o número 6: *“Cristo é o centro de nossa comunidade”*. Se vivermos esta frase, não precisamos de outra Constituição.

Formar uma comunidade, “fazer UM” não é tarefa simples. É difícil achar e conservar o equilíbrio. Por exemplo, muitas de nós lêem apenas a primeira frase do número 12 de VSE de 1970: *“Nosso apostolado primordial, sem dúvida, é a vida comunitária”*. Entendem que o “fazer UM” se refere unicamente à comunidade local e dizem: *“Cada Irmã deve ficar nesta comunidade, deve amar as outras Irmãs, servi-las; por isso estamos aqui. Outras lêem só esta frase: “Nossa missão ...é fomentar a unidade...onde quer que estejamos engajadas - neste lugar, neste ambiente, neste momento da história da salvação.”* (VSE 9)

Dizem que não é tão necessário passarmos muito tempo na comunidade local. Mas, não existe - *“ou... ou.”* Temos que fazer UM onde quer que estejamos na comunidade local e fora dela, em qualquer situação, também conosco mesmas. Por exemplo, muitas de nós não tomam tempo suficiente para o sono, o descanso, ou preocupam-se de menos com a saúde. Por isso não somos UM em nós mesmas. E quando não tenho esta unidade interior, não posso ajudar a outros se tornarem UM.

Queridas Irmãs, sempre digo que uma IENS não cumpre sua regra se ela não fizer UM durante as 24 horas do dia. Não é fácil construir a unidade onde estivermos: no 3º. ano, no grupo catequético, com

todos e entre todos que encontrarmos, na cozinha, na comunidade local, em mim mesma. Mas, esta é a nossa missão.

É muito difícil, nossa luta pelo equilíbrio interior, pela integridade de nossa vida pessoal, bem como o equilíbrio e a integridade na vida de nossa comunidade local e nas comunidades às quais servimos. Somente o Senhor nos ensinará este equilíbrio na comunidade e pela comunidade. Ele nos unificará se lhe permitirmos que aja. Ele quer nossa unidade mais do que nós a queremos. Porém, temos que lhe permitir que a realize em nós e para nós.

Mesmo que nosso testemunho de Jesus, como comunidade, seja importante, não deve e não pode ser perfeito. Até a nossa fraqueza pode ser um testemunho de Jesus. Por exemplo, um leigo escreveu um artigo sobre a necessidade das comunidades religiosas serem comunidades de perdão. Ele constata: *“Nos tempos passados, estas Irmãs nos serviram bem e nós reconhecemos isso, porém queremos mais ainda. Queremos ver sua vida interior. Queremos ver que nem tudo é perfeito, ideal. Vocês, talvez, têm uma Irmã briguenta e nós gostaríamos de ver vocês acolherem esta Irmã com amor, que vocês constantemente procuram comunhão com ela, que a perdoam, que a aceitam assim como ela é. Precisamos de testemunho. Vocês devem ser comunidades de perdão e com falhas. Permitam, por favor, que vejamos isso em vocês. Sejam para nós testemunhas disso: de que vocês podem viver com falhas e que reconhecem e aceitam estas fraquezas.”*

O testemunho não está na perfeição, mas na prontidão de procurá-la na fé. Vós Sois Enviadas lembra-nos, no número 37, que, devido a nossa condição humana, fazemo-nos, às vezes, sofrer reciprocamente. De certa maneira esperamos a perfeição de nós e das outras. A verdade, porém, é que não foi previsto que a humanidade seja perfeita. Só Deus é perfeito!

O desafio importante para nossa vida consiste nisso: que sejamos capazes de nos aceitar mutuamente em nossa fraqueza. Ao invés de esperar a perfeição de cada uma de nós, deveríamos admirar todo o bem que uma Irmã faz ou diz. “O amor constante tem o poder de curar.” (VSE 38)

Mas, a comunidade deve ser criada e recriada cada dia. Criar significa formar algo ou nada. E eu creio, queridas Irmãs, que damos um grande passo na construção da comunidade, se partilharmos nosso nada e nossa fraqueza. A Constituição acentua isto quando diz que, diariamente devemos nos *esforçar* novamente. (VSE 7)

O Diretório Geral diz que: “*A comunidade é um contínuo dar e receber.*” (DG 1) Deus nos deu este presente. O número 8 nos diz que Deus enriquece nossa Congregação por cada Irmã. E VSE 43 diz também que “*cada jovem que entra em nossa Congregação poderá descobrir o sentido de nossa vocação, participando de nossa vida comunitária.*” Quero escrever isso sempre, novamente, e dizer: Nós, não apenas as Irmãs Jovens. Nós todas

descobrimos o sentido de nossa vocação, vivendo em comunidade, pois cada dia aprendemos algo novo.

A comunidade é um presente, mas não no sentido de alguém me entregar uma bandeja dourada e dizer: *alegre-se!* Todavia, às vezes temos a impressão de que deveria ser assim. Vida comunitária não significa que eu nunca me torne solitária, necessitada ou decepcionada. Ninguém nos prometeu um mar de rosas. Ninguém disse: Dê sua assinatura e gozará da comunidade. Um dos meus textos preferidos em VSE é o N°. 33 que fala sobre Eucaristia, sobre o amor e a unidade que procuramos conseguir em comunidade. É bem realista: Nós nos comprometemos de procurar, não de usufruir. É sempre a mesma coisa: quem perder sua vida, vai encontrá-la; quem procura, vai achá-la. Quem, porém, espera demais, será decepcionada.

A comunidade é um presente, um receber, mas ela é também uma tarefa, um dar. (DG 1)

Santo Agostinho disse que, sobre a porta de cada casa de sua Congregação deveria estar escrito: "*Casa da decisão*". Isto significa que, quem morar nesta casa deveria decidir-se a dar a sua vida por amor, por aqueles que vivem com ele. Sua casa é uma casa de decisão?

Você se decidiu a amar tanto cada Irmã que mora com você que, morreria por ela? É mais fácil ir para a morte uma vez como mártir, do que morrer mil vezes por dia, por cada Irmã, em coisas pequenas.

Cada uma de nós tem a responsabilidade de colaborar na construção de uma boa comunidade. VSE nos deu também os meios que nos ajudam na construção de nossa vida comunitária. Sempre acreditei nisso. Mas algo o confirmou expressamente ainda que por outro ponto de vista. Uma de nossas Irmãs estava se preparando para o Doutorado em Sociologia numa grande Universidade. Um dos seus cursos foi sobre dinâmica de grupo. Ela deveria escrever um trabalho sobre isto. Escolheu como grupo as Irmãs Escolares, e como objeto, a Constituição. O professor não era católico; havia, porém trabalhado com Comunidades Religiosas. Ao devolver o trabalho para a Irmã, disse-lhe: Irmã, posso assegurar-lhe que, do ponto de vista sociológico, suas Irmãs alcançarão seu objetivo, se fizerem o que está escrito nesta regra. E continuou: Oposto à maioria das outras Constituições de outras Congregações, vocês não só estabeleceram os objetivos, mas indicaram também, claramente, os meios para chegar a este objetivo. Sob o ponto de vista sociológico, asseguro-lhe, mais uma vez: Se aplicarem estes meios alcançarão o objetivo.

Muitas Irmãs dizem: Não há nada de concreto em VSE. Ela não nos diz o que devemos fazer. Olhemos, então, para alguns meios indicados. Por exemplo, ouçamos o que diz VSE 7 (1970): “Como comunidade de pessoas manifestamos sua presença pelo amor expresso no respeito mútuo, na abertura, na sinceridade e confiança, no mútuo encorajamento e espírito de serviço.” E diz também

em outra parte que devemos supor a boa vontade das outras, suportando-as com paciente compreensão no amor que perdoa e esquece.

Como mulheres, parece-nos que nos rebaixamos quando animamos alguém a nos congratularmos com essa pessoa. Por que nos custa tanto congratular-nos com uma co-Irmã, dizer-lhe algo bonito, animá-la e apoiá-la? Há pouco tempo foi feita esta pergunta num questionário aplicado nas Províncias norte-americanas: De quem vocês necessitam mais apoio? Creio que mais de 90% das respostas eram: *de minha comunidade local*.

Não é tão importante que o apoio venha das autoridades ou do pessoal com quem trabalho. Necessito, porém, de toda maneira, *de minha comunidade local*.

Creio que isto vale para nós todas. Mas, novamente isto não é só algo que recebo, eu também devo dá-lo, pois minhas co-Irmãs necessitam do meu apoio. Os números 06 e 09 são muito concretos e exigem muito de nós. Mas, nosso consolo é que “Cristo é o **Centro** de nossa comunidade”. No número 11 (VSE 1970), por exemplo, encontramos outros meios: “Cristo sustenta e renova constantemente nossa comunidade por sua Palavra e pela Liturgia, especialmente pela Eucaristia e pelo Sacramento da Reconciliação.” Sua comunidade é realmente sustentada e renovada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia?

A oração comunitária e o verdadeiro diálogo promovem o crescimento interior de sua comunidade, como se diz no DG 29: “O encontro

com o Deus vivo faz de nós uma comunidade que expressa e nutre sua vida, de uma maneira especial, na vida comunitária.” Não podemos dispensar isso. Ainda em VSE diz que cada convento dedique vários dias do ano à revisão da vida comunitária. Como estão cumprindo isto? E, como realizam os Conselhos de Irmãs?

Aqui está a grande diferença entre o DG de antes e de agora. Em 1970 dissemos: “No Conselho de Irmãs trocamos idéias e informações e empenhamo-nos na construção da comunidade.” Isto soa maravilhoso e vocês se lembram que ninguém nos disse como poderíamos fazê-lo. O DG de 1977, sobre Governo, o explicita. No DG 61 lemos que no Conselho das Irmãs dialogamos “*sobre aqueles assuntos que são substanciais para a nossa Vida Religiosa: a vontade de Deus, a nossa vida comunitária e o serviço ao povo de Deus*”. O número 61 continua dizendo que deveríamos “*com fé e amor rezar, sondar, escutar, falar, refletir e formular as nossas decisões comuns*”. Estes são métodos e auxílios mais claros do que antigamente.

Temos também uma obrigação mais forte e séria de participar dos Conselhos de Irmãs: “*Estes encontros são de obrigação séria para todas*”. (DG 61) Os Conselhos de Irmãs não são apenas da responsabilidade da coordenadora, mas cada Irmã é chamada para a participação ativa e colaboração responsável. Eles nos dão oportunidade para compartilhar descobertas e experiências de fé, para esclarecer valores e colocar objetivos para a comunidade.

Depois da revisão do DG sobre Governo, senti por muito tempo a ausência de uma frase contida no DG de 1970. Foi esta: “*A comunidade é tão forte quanto são unidos os seus membros*”. Sempre pensei que isto fosse um critério perfeito para a força interior de uma comunidade local. Olhe para a Irmã com quem menos se entende, no seu convento; este relacionamento lhe mostra qual a vitalidade de sua comunidade. Depois de muita reflexão descobri que a mesma coisa está contida no novo diretório sobre Governo onde diz que “um reflexo da qualidade de nossa vida comunitária é da maneira pela qual participamos no Conselho de Irmãs e chegamos a decisões comuns.” (VSE 61) Algumas podem achar esta afirmação um pouco difícil. Em que consiste a qualidade de sua vida comunitária? Ela é proporcional à facilidade na tomada de decisões e na chegada ao consenso. Nisto se reflete a vida comunitária.

Gostaria de terminar com uma reflexão a partir de minha experiência ao visitar, no ano passado, nossas Irmãs da Romênia. Certamente vocês sabem que essas Irmãs há 30 anos não podem mais viver em comunidade. Às vezes moravam de 2 ou 3 no mesmo lugar. Todavia elas observam fielmente os votos: como pessoas são inteiramente fiéis à Congregação. Nesse dia, então, esperei uma Irmã até ao anoitecer. Ela não pôde vir se encontrar conosco antes, porque cuidava de seu irmão. Lá, o “maior crime” consiste em encontrar-se num grupo de pessoas - isto vocês devem saber. Assim, ela esperou até ficar escuro.

Estávamos reunidas em um grupo de quatro que tinham vindo durante o dia. Finalmente ela apareceu na porta. Eu estava sentada em frente à porta. Levantei-me para cumprimentá-la. Porém, ela virou-se e correu para o próximo quarto. Lá soluçava por longo tempo. Quando se acalmou, perguntei-lhe o que havia acontecido. Respondeu-me que, ao abrir a porta e ver a comunidade, foi tomada de tanta saudade da comunidade, que não conseguiu entrar. Depois de 30 anos fora da comunidade, as Irmãs da Romênia lembram-se apenas do lado bom da vida comunitária. Não se recordam mais das dificuldades da mesma. O tempo purifica e traz à luz o essencial.

Eu lhes peço, queridas Irmãs, agradeçam a Deus pela graça de sua vida em comum. Peço a cada uma de vocês que implorem a graça de poder tomar sempre “a decisão” de que Santo Agostinho fala: de dar a vida por suas co-Irmãs, de morrer por elas.

1- Sagrada Ecsritura

1. Atos: 2, 42-47 / 4, 32-35
2. 1ª. Cor: 12, 12-27
3. Ef.: 4, 1-6
4. Col: 3, 12-17

2- VSE: 1, 2, 3, 6, 7, 10 a 16, 20 a 22, 25, 70.

3- DG: Comunidade: 01 a 10

4- Vaticano II Igreja: 09-12 / 13-26

5- Madre Teresa

“... Permaneçamos unidas em amor e unidade como Irmãs. A Unidade nos dá força e coragem, torna-nos invencíveis e realiza grandes coisas...

Por isso, afastamos toda a falta de delicadeza, suportamos as fraquezas das outras com paciência, estendendo generosamente a mão num gesto de reconciliação, antes do sol se pôr. Então também o Senhor tem misericórdia conosco.

Longe de nós, portanto, toda a sensibilidade exagerada. Ajudem-se mutuamente com amor fraterno e rezem juntas com seriedade, como pobres pecadoras, em nome de Jesus.

Nosso Senhor estará, então, em nosso meio e nossa oração será ouvida.”

“Estejam unidas em amor fraterno e paciente! Este laço de concórdia no amor ajudou-nos até agora e nos protegerá também no futuro, nas tempestades que ainda virão, para que possamos sair da prova de fogo como ouro puro.”

6- Padre Sebastião Job

“Irmãs Escolares, não deveis viver isoladamente, cada uma só pensando em seus próprios interesses. Deveis formar uma comunidade cujos membros têm um único objetivo diante dos olhos... Força unida é mais forte que força dividida. É a unidade divina... que agora se manifestará diante do mundo através de sua comunidade.”



O SERVIÇO APOSTÓLICO

Mary Margaret Johanning
Berlin 1980

Muitas vezes usamos o texto de VSE de 1970 que diz: “Nosso apostolado primordial, sem dúvida, é a vida comunitária, sinal profético da Igreja que é o Cristo vivo.” *FAZER UM* onde estivermos, é em si, um grande serviço à Igreja. Madre Teresa escreveu: “A finalidade de nossa Vida Religiosa não é apenas a nossa própria santificação.”

O tema fundamental na vida de Madre Teresa foi o anúncio do Reino de Deus. Uma comunidade de cristãos não se pode deixar dominar por suas próprias necessidades e problemas. Se for uma comunidade de *cristãos*, ela tem uma missão, um

desejo de *anunciar a Boa Nova*. Portanto, cada grupo que se encontra em torno de si mesmo, morrerá.

Toda a entrega deve expressar-se no serviço. A entrega, automaticamente, transforma-se em serviço, manifesta-se no Servir. Por exemplo: No matrimônio sirvo ao meu parceiro, porque o amo; ao se tratar de uma amizade, sirvo à minha amiga. Na minha entrega a Jesus, sinto-me impelida a *Servir a Ele e a seu povo*. (VSE 68) Onde há amor total, também há serviço total.

Um teólogo disse: O maior contemplativo é a pessoa mais ativa. Ela é ativa não por causa da ação, mas porque medita sobre Jesus - ela conhece Seus pensamentos e Seu coração, Sua solicitude pelo Reino de Seu Pai - e Suas necessidades e desejos se transformam nas necessidades e desejos dela, por AMOR a Ele. Então servirá ao Reino com todo o seu ser, por causa de seu amor a Jesus.

Jesus serviu a todos, inclusive aos seus apóstolos. Lembremo-nos de João 13, onde Jesus pegou a toalha, cingiu-se e lavou os pés dos apóstolos. E explicou o seu gesto: “O que eu vos fiz, fazei-o vós também”. Ele **serviu**. Quando me lembro de Jesus, como Ele lavou os pés dos discípulos, percebo que, às vezes, é mais fácil *deixar* lavar nossos pés, do que lavar, então gostaríamos mais de lavar os pés dos outros. Em Inglês temos um provérbio que diz: “A grama é sempre mais verde do outro lado da cerca.”

Cada uma tem uma tarefa a cumprir, uma tarefa que se distingue da de outros. E temos que aceitar essas diversidades. Umas são chamadas para ensinar, outras para dirigir a comunidade, a Província, a Congregação, outras para cozinhar e algumas, para sofrer. Um serviço não é mais importante que outro. Por exemplo: a cozinheira e a lavadeira são tão importantes quanto a Superiora, a Diretora da Escola, a Superiora Geral. Apenas temos tarefas diferentes; cada uma é necessária e importante. São Paulo nos ensina que a cabeça não pode dizer ao pé que ele é menos necessário que ela. Cada membro é importante.

Temos outro provérbio em inglês que cabe bem aqui: “Nós todas trabalhamos na vinha de Deus. Por que atirarmos as uvas umas nas outras?” Temos o dever de acolher o chamado que nos é feito. O N° 12 de VSE mostra que podemos “fomentar a unidade” somente quando “reconhecemos na tarefa a nós confiada, o chamado pessoal de Deus, respondendo-lhe prontamente.” (VSE 12- 1970)

Quando refletimos sobre o serviço apostólico, em VSE observamos primeiro as palavras de Madre Teresa: “Continuemos a servir ao Deus Trino com alegria.” (VSE 49)

Nosso primeiro serviço como IENS é *destinado ao Deus Trino*. Mas, observem o acréscimo, nós servimos “com alegria”. Será que a alegria caracteriza seu serviço ao Povo de Deus?...Quando as pessoas se lembram de sua escola, de seu

trabalho, será que dizem... Como as Irmãs são alegres?”

Esta é a palavra de nossa fundadora: “Servi aos Deus Uno *COM ALEGRIA*.” VSE também fala em alegria nos números 7, 14, 23. A eficácia de nosso apostolado é influenciada por esta atmosfera, ou é enfraquecida pela falta de amor e alegria. Aqui está a importância da irradiação de nossa vida comunitária sobre nosso apostolado.

Isto sabemos de nossa experiência. VSE observa que devemos servir-nos mutuamente, de boa vontade. Muitas vezes nos esquecemos de que nossa Constituição também nos chama para que sirvamos, mutuamente. E ela nos diz *COMO* o devemos fazer: “*Com amor*”. Quando alguma coisa não está bem na comunidade, no seu relacionamento com a co-Irmã, não posso anunciar a Boa Nova *com alegria*. Devemos servir-nos de tal maneira que criemos uma atmosfera de alegria e de paz. Além da alegria no servir existem outros valores que devem caracterizar nosso serviço. Segundo VSE são eles: *amor e desinteresse*. Muitas vezes os textos se referem ao nosso modo de servir, pelo qual irradiamos o amor de Jesus. Por exemplo: Jesus ama a todas as pessoas; assim também nosso amor não pode excluir ninguém. Seguimos a Jesus em seu amor pelas pessoas. “Em espírito de serviço e amor, procuramos pôr em prática o que reconhecemos ser a vontade de Deus”. Unidas no amor, cumprimos, de fato, nossa Missão e serviço da Igreja. Somos nós, IENS, conhecidas pelo nosso serviço de amor?

Somente quando estamos unidas a Ele, nosso serviço na Igreja e no mundo se torna frutífero. Nossa plena realização como mulher encontra-se nessa unidade com Ele e no serviço apostólico *desinteressado*. Com amor verdadeiro e desinteressado, estamos presentes para aqueles aos quais servimos. Muitas vezes as IENS trabalham demais e isto é quase tão ruim quanto não ter trabalho.

Recebemos a instrução a respeito de nosso serviço apostólico, de Madre Teresa. Nossa Constituição diz, no número 22: “Impelidas pelo amor de Cristo, optamos expressar nossa missão através do ministério orientado para a educação” - no sentido mais amplo. Educação no sentido mais amplo significa que auxiliemos a todos a desenvolver sua personalidade, a formar sua consciência de julgamento de tal maneira que se tornem capazes de colaborar na construção de um mundo de justiça e paz. Creio que cada uma de nós, onde quer que esteja trabalhando, é uma educadora, no sentido mais amplo, pois para cada uma de nós deve ajudar aquele que encontrar, a desenvolver sua personalidade. Uma Irmã, por exemplo, que faz limpeza no convento, ou que trabalha na lavanderia é educadora, em certo sentido, pois pode ajudar a toda pessoa que encontrar, para que faça desabrochar o melhor que tem. Pela maneira como se comporta diante do comerciante, do padre, do operário, do professor, do médico, ela evoca o melhor dessas pessoas, uma reação que depois atinge o ambiente como uma avalanche. Tenho

certeza de que a cozinheira da Casa-Mãe teve uma influência muito grande sobre minha formação, pois foi sempre alegre, sempre generosa e serviçal.

Afirmamos que somos especialmente sensíveis ao que diz respeito à educação das jovens-mulheres. Por causa da situação da sociedade na época de 1830, Madre Teresa viu a necessidade de fazer algo para melhorar a vida da família. Ela resolveu fazê-lo pela educação das meninas, as mães do futuro. Boas mães melhorariam a vida familiar e, com isso, a sociedade. Que objetivo! Que visão ampla! No prólogo de nossa Constituição chamamos Madre Teresa de “educadora de visão mundial”. Temos nós, Irmãs Escolares de Nossa Senhora, a mesma intenção que nos urge - como ela - transformar a sociedade?

Em VSE 44 lemos que queremos ajudar às jovens “adaptar-se às situações completamente novas da mulher dos tempos de hoje”. Todavia, somos *nós* instruídas sobre as situações completamente novas da mulher em nosso tempo? Conhecemos nós, suficientemente, os conflitos, as lutas das mulheres em nosso mundo, de modo que possamos ajudar às jovens a enfrentar as dificuldades que encontrarem?

Não basta ser professora. Temos que ser também educadoras. Pedro Fourier, Bispo Wittmann, Padre Job e Madre Teresa acentuaram “instrução e educação”; nunca mencionam apenas a “instrução”. O desenvolvimento espiritual e moral da pessoa é mais importante que a “instrução”. Também

dizemos que servimos aos pobres e marginalizados. Já lhes disse quantas se opuseram a tal colocação no dia primeiro de maio, no Capítulo Geral. Afirmaram que isto não corresponde à realidade, pois não preferimos os pobres e marginalizados.

Uma das Irmãs européias propôs que se tirasse esta frase da Constituição, porque não a iríamos cumprir, mas nós a incluímos e depois a viveremos. Quem são os pobres e marginalizados na Alemanha? Nós os servimos? Na maioria das situações nós, como Congregação ou como Província, não somos suficientemente livres para “largar” serviços que oferecemos há tempo, para servir aos pobres e marginalizados. Porque temos menos Irmãs, torna-se mais difícil decidir onde Deus exige nossos serviços. Mesmo que Madre Teresa tenha preferido os pobres, ela escreveu uma carta semelhante ao número 24 de Constituição, onde observa que “os fundadores não colocam limites quando se trata de suprir uma necessidade.” (Carta número 189)

O número 24 nos exorta a abrir-nos para *novas* formas de apostolado. Muitas vezes Irmãs se preocupam porque algumas não trabalham na escola; quando, porém, consideramos a multiplicidade de tarefas que as Irmãs cumpriam no tempo de Madre Teresa, não podemos dizer que se preocupavam unicamente com a escola, mas com a educação no sentido mais amplo. Sua preocupação visava a necessidades não atendidas por outros, como o menciona nossa Constituição no número 24: “Fé profunda e grande coragem

impeliram Madre Teresa a arriscar até os mais escassos recursos para ir ao encontro de necessidades, onde quer que fosse chamada.” Muitas vezes me pergunto: Madre Teresa não se teria dedicado, de início, ao cuidado dos doentes, se esta fosse a necessidade mais urgente de seu tempo, na Baviera, e não à educação das meninas?

Quando leio o número 24, penso muitas vezes em nossas Irmãs mais idosas que não podem cumprir suas tarefas profissionais, porém estariam dispostas a servir aos outros. Por exemplo: Há tantas pessoas idosas ou doentes, talvez até nossas próprias Irmãs idosas ao nosso redor ou em asilos, que ficariam muito gratas por uma visita, por alguém que lhes desse atenção, por alguém que até rezasse por elas.

O número 24 diz que “Fé profunda e grande coragem impeliram Madre Teresa a arriscar **tudo**” até os mais escassos recursos para atender necessidades às quais ninguém se dedicava. Se Madre Teresa tivesse deixado suas Irmãs na Europa até ver atendidas todas as necessidades, talvez não tivéssemos hoje Irmãs na América nem em outros países de Missão. Ela arriscava seus escassos recursos.

Também nós temos que pensar no futuro! Quando temos poucas Irmãs, custa-nos enviar os melhores elementos para as terras de Missão. Mas, Madre Teresa o fez. Ela escreveu: “Eu suplico a meus superiores espirituais e a outros que não me acusem, mesmo depois de minha morte, porque

espalhei demais a Congregação. O futuro dará a explicação.” Nós, vocês e eu somos o futuro. E nós somos responsáveis de agir da mesma maneira, em vista do nosso futuro. Essa mulher teve coragem!

Sobre Madre Carolina Friess, diz o prólogo que “sabia interpretar os sinais dos tempos, dando-lhes resposta, sem temer riscos.” Madre Georgianne escreveu na sua Introdução à Constituição que voluntariamente arriscamos tudo para ajudar aos outros, a acreditar que Jesus os ama e que o Pai zela por eles.

E quando Madre Teresa descreve as qualidades necessárias para as candidatas que desejam entrar na Congregação, ela exige delas *espírito de coragem e aventura*. Verdadeiramente, ela era uma mulher de fé, disposta a assumir riscos. Será que esta prontidão para ousar, para arriscar, pelo Reino de Deus, é *ainda hoje*, característica das Irmãs Escolares?

Conforme o número 24, Madre Teresa respondeu à providência Divina, manifesta nos sinais dos tempos, e nós deveríamos fazer o mesmo. É isto que sempre ouvimos dizer no Noviciado, porém, eu o aprendi de uma maneira *nova*, apenas como membro do Conselho Provincial. Foi unicamente em resposta ao chamado da Divina Providência que sempre se aceitou um novo serviço.

Mas novamente somos chamadas a procurarmos pôr em prática o que reconhecemos ser a vontade de Deus.

Nós *todas juntas* é que descobrimos a vontade de Deus a respeito do serviço apostólico. Todas “somos co-responsáveis para que essas decisões... promovam nosso serviço apostólico.” Cabe especialmente às dirigentes de nossa Congregação a responsabilidade de coordenar nossos esforços apostólicos de tal modo que as Irmãs, unidas no amor, cumpram, de fato, sua missão a serviço da Igreja. Para tornar isso concreto, cada Irmã deve “reconhecer na tarefa a ela confiada, o chamado pessoal de Deus, e responder-lhe prontamente.” (VSE 22-1970)

Preocupa-me muito, que muitas Irmãs parecem fazer apenas um trabalho, ao invés de participar conscientemente de uma missão, isto é, da missão de tornar Jesus visível, de anunciar a Boa Nova. Há uma grande diferença em nosso comportamento diante de nosso trabalho apostólico: se simplesmente “fazemos” o trabalho ou “cumprimos uma missão de Deus.”

Creio que há uma falha na compreensão da missão, que consiste em tornar Cristo Visível. Quando Irmãs Escolares não podem mais ser ativas, elas se consideram inúteis dentro da Congregação ou da Igreja. Por isso, algumas se agarram ao seu trabalho por mais tempo que o deveriam – o que não é para seu bem, nem para o bem da Congregação e da Igreja. Pois, nossa missão não consiste em realizar muito, mas em tornar Cristo Visível. O número 01 diz: “Toda Irmã Escolar é chamada e enviada para fazer como que todos sejam *um!*”

As Irmãs doentes, idosas, as que se dedicam às mais variadas ocupações, conforme os dons especiais recebidos do Espírito Santo participam da missão redentora de Cristo... “As Irmãs idosas e doentes tornam Cristo Visível para suas Irmãs, de muitas maneiras. Talvez cada uma de nós deva refletir como podemos apoiar nisso as Irmãs idosas e doentes, e cuidar delas.”

Nós *as visitamos*? Nós as encorajamos? Nós lhes *escrevemos*? Nós as ajudamos? Penso aqui, não somente nas Irmãs de nossa casa, mas também da Província.

Neste sentido entendemos o N.º. 4 de VSE que diz que “cada Irmã é enviada a tornar Cristo visível pelo seu próprio ser.” Muitas delegadas não estiveram de acordo com esta colocação. Quando a leram pela primeira vez, disseram: Nem toda Irmã torna Cristo visível. Mas é verdade, e está em nossa Constituição: tornamos realmente Cristo visível pelo nosso ser - umas bem, outras menos bem.

A finalidade de nosso serviço apostólico é: construirmos uma comunidade cristã, fomentar a unidade, onde quer que estejamos engajadas.

O Diretório Geral nos diz que nos unimos em comunidade com o desejo interpelante de ajuda a todas as pessoas a se tornarem UM em Cristo com o Pai. Nesse sentido colaboramos com todos aqueles que se esforçam para que haja maior justiça e uma organização mais humana nas relações sociais. O Diretório sobre Ministério nos impele também à ajuda no que se refere aos múltiplos problemas de justiça e paz no mundo.

Isso fazemos, quando cumprimos e ensinamos os fundamentos sociais da Igreja. (DG 33 a)

Às vezes, temos que fazer a pergunta: Quanto tempo faz que lemos a Encíclica Social da Igreja ou a última Encíclica do Santo Padre? Vivemos estes princípios ao preocupar-nos com os estudantes, ou com outras pessoas; por exemplo: nós as tratamos com respeito e dignidade? No caso afirmativo, vivemos os princípios sociais fundamentais. Tornar Cristo visível pelo nosso próprio ser; este é nosso serviço apostólico mais importante. Uma das tarefas mais difíceis é: estar simplesmente *presente* para alguém. É mais fácil *fazer* algo por alguém. Muitas vezes, porém, é a única coisa que é necessária: estar presente para alguém. Num enterro, por exemplo, é impossível fazer algo pela família enlutada, mas nossa presença significa muitíssimo para eles. Talvez seja por isso que a maioria de nós fica tão desajeitada em tais situações. Não podemos fazer nada, só podemos marcar presença.

A pergunta decisiva não é o que fazemos, ou onde o fazemos, mas, *como* servimos. Servimos com amor, alegria, desinteresse e queremos construir em nosso serviço Seu Corpo, a Igreja! Não somos chamadas para este tipo de servir, só porque gostamos, ou para tal tipo de serviço, só porque temos mais jeito para realizá-lo – mas somos chamadas para aquele serviço que constrói Seu Corpo, a Igreja. Este é nosso papel como IENS.

Rezemos uma pela outra que possamos servir com alegria e muito amor: a Deus, ao seu povo e uma à outra.

1. Sagrada Escritura

1. João: 13, 1-11 / 21, 15- 19 / 8, 31-32
2. Mateus: 7, 21-27 / 10, 26- 33 / 4, 18- 25
28, 18- 20 / 5, 1-16 / 10, 37- 39
3. Marcos: 4, 1-3
4. Lucas: 5, 1-11 / 10, 1-24 / 9, 10-17 / 9, 1-6
5. Isaias: 42, 1-7
6. 2ª Cor: 5, 11 / 6, 16 / 3, 5-17
7. 1ª Tim: 4, 10-11

2. Vós Sois Enviadas

1. Números: 3, 6, 12, 13, 14,
2. Diretório Geral: Ministério
3. Diretório Geral: Governo

3. Documentos da Igreja

1. A Igreja Hoje- 59- Lumen Gentium.
2. A Igreja no mundo de hoje: 40 a 44
3. Educação Cristã
4. Renovação da Vida Religiosa- 5
5. Atividade Missionária da Igreja- 12

4. Madre Teresa

“Se eu descobrir em mim falhas e amor próprio, não quero me afligir por isso, porém, reconhecendo minha fraqueza, quero continuar com coragem no Seu Serviço.” (1823- Madre Teresa- Carta N°. 4404)

PROFETIZAR E PASTOREAR

Conferência Educacional-SSND
Palestra de Ir. Mary Margaret
Chicago - 1981

Profeta e Pastor

Pediram-me que integrasse, nesta palestra, o que ouvi durante os dois primeiros dias desta Conferência, sobre a Vida e a Missão. O próprio fato de termos podido separar: "Palavra profética" para um dia, e "Coração Pastoral" para outro, reflete a posição em que estamos, na Igreja e na Congregação, hoje.

É semelhante à dicotomia *ação/ contemplação*, sobre a qual ouvimos e falamos tantas vezes. Consideramo-las uma coisa só, no entanto, por necessidade e propósitos humanos, estabelecemos uma dicotomia, ao invés de uma unidade.

Consciente desta realidade gostaria de colocar agora algumas experiências e características. Peço que verifiquem e vejam quantas destas qualidades e experiências têm sido e são parte de sua vida.

As pessoas que irei descrever:

- Foram chamadas por Deus, de modo bem direto e muito pessoal.
- Este chamado criou uma situação totalmente nova em sua vida.
- Afastou-as de sua atual maneira de viver e deixou marcas profundas na sua vida interior e exterior.

- Toda a sua vida é orientada para um serviço especial.
- Isto era mais do que uma nova profissão: era um novo caminho de vida.
- Exigiu que abandonassem sua vida social normal.
- São impelidas por uma vontade maior que a sua.
- Elas sentem com o coração de Deus.
- Servem ao seu povo e conhecem os nomes das pessoas com quem trabalham e as necessidades de cada uma.
- Elas lidam com grupos que querem seguir um líder, que querem estar juntos.
- Elas trabalham especialmente com aqueles que são rejeitados pelos demais, ou injuriados de alguma maneira.
- Estão dispostas a dar a vida por aqueles que ficaram conhecendo e amando.

Não tenho dúvidas de que se identificam em muitas destas qualidades e características. Isto significa que vocês são *Profetas*. Que vocês são *Pastoras*. Tirei estas qualidades da descrição de um profeta, na teologia do Antigo Testamento de Von Rad, e da descrição de um "pastor" como a da Webster e a Enciclopédia Americana.

Irmã Margred o expressou, em outras palavras, quando disse, na terça-feira: "Vocês parecem uma Boa Nova!" "Vocês são uma Boa Nova!" Vós Sois Enviadas descreve desta maneira: "Cada Irmã proclama o Evangelho pelo seu próprio ser." (VSE 1)

Proclamamos Jesus, insuficientemente, ou bem, mas O proclamamos *por aquilo que somos*. Cada Irmã pronuncia a palavra pelo seu ser, pela sua vivência com outras Irmãs em comunidade, e onde quer que ela partilhe a verdade.

Nós tornamos Jesus presente; Jesus torna o Pai presente. Nós somos seu corpo, somos "Jesus, o profeta"; somos "Jesus, o Pastor," no mundo de hoje. E VSE nos diz *como* proclamamos Cristo: pelo nosso amor mútuo para com outras pessoas. Essa qualidade de amor em nosso ser, em nossos relacionamentos, reflete nosso coração de pastor. Somos profetas e pastores por aquilo que somos. Testemunhamos que ouvimos a Palavra de Deus; que ele nos libertou; que somos tocadas por Deus e enviadas por Ele para proclamar palavras proféticas, para Ter um coração de pastor.

IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA - PROFETAS

Como IENS, somos enviadas para sermos *Profetas e Pastoras*. Consideremos, por um momento, o termo "*profeta*".

Quando a maioria de nós estudou os profetas pela primeira vez, aprendemos que profeta era alguém que predizia o futuro. Agora, porém, entendemos que profeta é aquele que conhece bem a mente e o coração de Deus, alguém que conhece e compreende bem o povo e os acontecimentos de seu tempo, de modo que possa falar da mente e do coração de Deus para seu povo em termos

compreensíveis. Na introdução de VSE somos imediatamente colocadas numa dimensão profética. Lê-se o seguinte: "Consideramos essencial para nossa Constituição, vida e missão" (Prólogo) uma compreensão mais profunda do seguimento de Cristo, como ensina o Evangelho, isto é, conhecimento da mente e do coração de nosso Deus, e uma compreensão mais crescente de nosso tempo, isto é, conhecimento de nosso povo e dos meios pelos quais podemos comunicar-lhe Deus.

Isto exige *oração* - (tome todos os dias a Sagrada Escritura, para conhecer Jesus Cristo)... Exige também *estar "no mundo"* não fugir dele - aquela dimensão da espiritualidade apostólica e inserção no mundo do qual lhes falei na Conferência Educacional no ano passado; VSE usa sempre a palavra "Cristo", quando se refere a Jesus. Isto, certamente, não tinha sido planejado, mas parece ter um significado especial. "Cristo" é a tradução grega do termo hebraico "Messias", que significa "o ungido". O *Ungido* era aquele que devia vir que deveria cumprir todas as profecias do Antigo Testamento. Jesus é a concretização, o ungido, o Cristo que engloba em si todas as profecias. Aquele que é, ele próprio, o profeta por excelência.

Nós, IENS, seguimos este Cristo, o Filho do Deus Vivo, o profeta. Seguimo-Lo; somos chamadas a sermos "profetas" - a termos o nosso relacionamento com o Pai, assim como o teve com Jesus Cristo, a conhecer sua mente e seu coração, a conhecer e amar seu povo, a falar claramente para seu povo, a respeito de sua mente e coração, de uma maneira que todos entendam.

A Vida Religiosa deve ser o elemento carismático e profético na Igreja. No passado, parecíamos perder essa dimensão do nosso chamado e nosso papel na Igreja. Mas, gradualmente, nós nos tornamos mais fiéis a esse chamado, não obstante o quanto custa. Porém, há um questionamento entre nós: se **é** nosso papel sermos a dimensão carismática e libertadora da Igreja! Na medida em que os papéis do laicato e do sacerdócio se tornam mais claros, temos uma visão melhor do nosso próprio papel como Religiosas na Igreja. Mas, devemos também perceber, nos dias atuais, a necessidade que há na Igreja, de "vivermos além de nossos papéis e de nossos limites" quando o chamado de Deus o exigir de nós.

Nosso chamado não é simplesmente experimentar o mundo e os acontecimentos, mas ajudar na interpretação do mundo e dos acontecimentos, à luz da fé; viver no mundo e no que nele acontece, com esperança; transformar nosso mundo pelo amor com que permeamos o cotidiano. Somos chamadas a ver os acontecimentos com a Visão do próprio Jesus, a ver o *A MAIS* que neles está, e ir mais além, a ver Deus e Sua atuação acima dos fatos da nossa experiência. Somos chamadas a desenvolver, em nós mesmas e a fortalecer nos outros uma visão pascal que nos conduz continuamente para O MAIS; ajuda-nos a ver de verdade, como o cego do Evangelho. O fato não é que nossos olhos sejam cegos, mas que não enxergamos com a visão de Jesus.

Não há dúvida de que devemos ser profetas e precisamos de profetas entre nós - para nossa Congregação, para nossa Igreja e para nosso mundo. Não há dúvida de que somos chamadas a sermos proféticas, mas, sabemos o que acontece com os profetas. Geralmente eles são mortos; geralmente, é dizer o contrário daquilo que o povo gostaria de ouvir. Jesus diz: "Vede, eu vos envio profetas, sábios e escribas; a uns, matareis e crucificareis; a outros, açoitareis em vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade." (Mt: 23,34) Porém, quem é profeta não se engaja para ser perseguido; ele age respondendo a um apelo urgente da palavra do Senhor nele. As conseqüências vêm dessa resposta a Deus. Geralmente, o profeta não tem tempo nem interesse de proclamar-se a si próprio, profeta. Ele está ocupado em lutar com Deus por não querer falar Sua Palavra; ou está ocupado com a proclamação de Sua Palavra. Muitas vezes já ouvi pessoas denominarem-se o "profeta" de seu grupo - e eu duvido. É diferente e soa mais verdadeiro quando membros do grupo perguntaram a si mesmos se ele é profeta ou o consideram como tal.

PALAVRA PROFÉTICA

Irmã Margred lembrou-nos que a palavra profética é dirigida, principalmente, a *comunidades*, não a indivíduos. Como *comunidades* temos que ouvir esta palavra. Como *comunidade*, teremos que responder. Penso que temos que nos perguntar:

- Quando foi a última vez ou, quantas vezes, nossa comunidade local deixou que a Palavra de Deus nos

empolgasse como comunidade ou que despedaçássemos os ídolos que possuímos *como comunidade?*

- Quais são nossos ídolos - *como comunidade?*... Quando foi a última vez, ou, quando regularmente, permitimos que a palavra profética de Deus fale de compaixão e fidelidade para nós *como comunidade?*

Nosso ouvir e falar a Palavra de Deus *como comunidade* esclarece e enriquece nossa própria identidade como comunidade. Observamos isso em nossas Irmãs e irmãos judeus: Por que esta noite é tão importante? Contem novamente a história! Quem somos nós como Congregação, como comunidade?

Vamos contar novamente a história! A história de grande valor na vida das IENS. Está intimamente ligada à revisão de VSE. É necessário que *cada* Irmã reconte essa história, na sua experiência, inspiração, reflexão. A história deve transformar-se em vida e deve ser contada novamente *nela*, para nós.

A Palavra de Deus sempre nos chama à conversão, à mudança. E nós, IENS, dizemos que isso é "retorno ao amor". (VSE 36) A palavra profética não condena, mas chama à conversão. O coração do pastor nunca condena; chama à grandeza (de alma). Conversão é resposta à auto-revelação de Deus; é mistério, não autodomínio, como indivíduos e como comunidade.

Vós Sois Enviadas nos assegura que a conversão é também uma experiência de *toda* a comunidade. (VSE 37) Somos capazes e realmente vivemos no

Mistério, em respeito e admiração, o santo temor, diante da palavra profética de uma ou de outra, do nosso Deus?

Se a Palavra de Deus é dirigida primeiramente a comunidades, nós, que proclamamos a palavra pelo nosso próprio ser, somos, em nosso próprio ser, orientadas primeiramente para comunidades, para nossa própria comunidade local, provincial e internacional, para as várias comunidades com as quais entramos em contato a às quais servimos. Pelo nosso próprio ser devemos proclamar Cristo às comunidades; anunciar misericórdia e fidelidade de uma para outra e para outros, capacitando-nos mutuamente para destruir os ídolos que nos amarram. Nós somos palavras proféticas para as Irmãs de nossa própria comunidade, bem como para outras comunidades que contatamos, para a Igreja e para o mundo.

Em outro sentido, a própria constituição VSE é uma palavra profética especial de Deus para nós, IENS. Devemos ouvi-la juntas, bem como individualmente e responder-lhe, re-contar sua história, oralmente e com nossa própria vida. VSE revela e clarifica nossa identidade. Como palavra profética, como nós mesmas, IENS, por si, é “maior do que nós”.

Só podemos tentar vivê-la, podemos apenas começar a vivê-la. Contentes em confiar no Senhor que diz: “Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder”.

Aqui me refiro às palavras de Ir. Margred: "É mais importante que falhemos juntas, em amor, neste esforço, do que sermos absolutamente certas como Congregação, como Província, como comunidade local." Não é isto uma reminiscência de Madre Teresa? Ela diz tantas vezes que é a UNIDADE que nos torna fortes.

Penso que nós, participantes desta Conferência Educacional de 1981, experienciamos um dom muito especial e maravilhoso. Neste sentido, refiro-me à sessão depois da palestra de Ir. Margred, quando falamos neste palco. As Irmãs que falaram, colocaram coisas como: "Eu me sinto tão pequena ao vir aqui para falar, não sei como. Foi e é uma luta para mim. É um risco, estou com medo."

Ouvimos também, o que cada uma de nós já sabe que é mais fácil dirigir-se aos de fora da comunidade, do que as "nossas próprias Irmãs." Partilhamos nossas fraquezas publicamente, em nível interprovincial; presumimos a boa vontade de ambas as partes. A fraqueza, quando partilhada aberta e honestamente, forma comunidade. Quando partilhamos nossas fraquezas, não só entre nós, na própria comunidade, mas também com outros, percebemos o efeito unificador do poder de Deus em nossa fraqueza. Gradualmente, crescemos em nossa capacidade de falar a verdade no amor e aceitá-la com humildade, de partilhar experiências de vida, fé e oração. Nesta experiência podemos ousar abrir-nos ainda mais profundamente para Deus e para os outros.

Nestes dias aqui, experienciamos a palavra profética e unificadora em nosso meio e esperamos que nossas Irmãs que falaram conosco, tenham experienciado nosso coração de pastora, nossa unidade com elas.

Nesses dias me dei conta de que *esta Conferência Educacional* é a última antes do próximo Capítulo Geral. Ao refletir sobre isso, pensei que já disse muitas coisas nas Conferências Educacionais. Também refleti sobre o fato de que é *difícil* viver tudo isso. Assim, sinto a necessidade de dizer a vocês, que representam as Irmãs da América do Norte e as Conferências Educacionais dos anos passados, que eu não vivo VSE muito bem, e sinto muito. Peço e confio no seu perdão e no fato de prosseguirmos juntas, como pecadoras, porém, remidas; realistas, porém, esperançosas.

ORAÇÃO DE PASTOR

Também ouvimos muito sobre o coração de pastor, durante estes dias, sobre "a compaixão - sentir com"... Penso que devemos perguntar-nos: - Nós permitiremos tornar-nos tão UM com aqueles com os quais vivemos e trabalhamos, que sentimos dor, entorpecimento, alegria e compaixão com eles? Muitas vezes estamos tão ocupadas com nossos serviços que não tomamos tempo para sentir, para perceber nossos sentimentos, para sermos capazes de nomeá-los e expressá-los. Nós frustramos o próprio efeito de nosso ministério.

Quando VSE se refere ao ministério, normalmente o faz em termos de amor. Esse é o critério que aparece repetidas vezes quando se fala de nosso

serviço. Está colocado como "serviço de amor". Somos chamadas para aquele tipo de amor e serviço que construirá seu Corpo.

"Partilhamos o carisma de Madre Teresa que deu preferência aos pobres, servindo-os com amor"...

Todo nosso ser emocional deve estar presente em nosso trabalho! Não cumprimos simplesmente uma tarefa: AMAMOS seu povo. Eu me sinto sempre profundamente tocada pela exigência de Jesus, neste sentido, quando falo com Pedro: - "Tu me amas?" Então- "apascenta minhas ovelhas. Não apascente minhas ovelhas, não seja pastor, a não ser que seu coração esteja em tudo isso." Não apascente minhas ovelhas, a não ser que você me *AME* a não ser que você as ame. Jesus quis ter a certeza, por 3 vezes, daquele amor. Não seja pastor sem coração. Você ama o povo ao qual está servindo, ou com os quais você está trabalhando?

Essa pergunta surge não somente do título desta palestra. Ela surge da nossa própria identidade como IENS. Madre Teresa considerou-a um critério importante na aceitação das candidatas - que as jovens que se apresentavam *amassem* verdadeiramente as crianças.

E mesmo assim, Irmãs, vocês e eu sabemos como é penoso e exigente amar verdadeiramente as pessoas com as quais vivemos, trabalhamos e às quais servimos. Quando amamos de fato, nós nos tornamos vulneráveis; temos que resolver problemas e dificuldades no amor e no relacionamento. É inacreditável como sofremos quando Deus nos chama *destas* pessoas às quais

servimos e que amamos, para *outras*. Gostaríamos de evitar tal sofrimento, tal ferida. Ficariamos tão felizes se alguém nos dissesse que, com o tempo e a prática, "tudo fica mais fácil".

E tudo o que alguém que realmente conhece a realidade poderá dizer-nos, é que "não se tornará mais fácil". Porém, crescemos com os ferimentos recebidos, nós nos tornamos mais plenamente pessoas porque amamos e nos deixamos amar.

Se Cristo está relacionado com a palavra profética, "Jesus" está relacionado com o coração do pastor: Jesus é o coração de nosso Deus feito homem! João diz que podemos vê-lo, apalpá-lo, senti-lo. E nós também vemos, apalpamos, sentimos Seu corpo.

PALAVRA DE PROFETA, CORAÇÃO DE PASTOR: AÇÃO.

Os palestrantes que falaram anteriormente referiram-se à necessidade de decisões, de decisões comuns, não apenas ações. Ouvimos que decisões em comum devem levar em consideração a realidade da Igreja, sua tradição e documentos, nossa cultura e nossa experiência pessoal. Em nossos dias lutamos sempre mais, para fazer coincidir nossa prática com nossas crenças e convicções. Muitas de nós identificam-se com os objetivos e ideais de VSE, porém lutamos individualmente e como comunidade, para transformar esses objetivos em realidade. Necessitamos de oração e do chamado e apoio de nosso Deus, nossa comunidade e nossos amigos,

para fazer uma unidade entre aquilo que acreditamos e aquilo que fazemos.

Por exemplo, muitas pesquisas em nossas Províncias norte-americanas indicam que acreditamos que deveríamos estar com os materialmente pobres e as pessoas marginalizadas e oprimidas de nossa sociedade. Porém, poucas de nós dão realmente o passo para realizar isso. Muitas de nós acreditamos em nossa missão evangelizadora, espalhando a Boa Nova a todas as nações, porém, poucas de nós damos o passo decisivo.

Em alguns países, nossas Irmãs, que querem viver uma vida cristã comprometida e tentar motivar o povo para viver de acordo com o Evangelho, colocam-se em oposição à situação do Governo. Esta situação continuará a repetir-se em outros países onde servimos - e talvez, mais cedo do que imaginamos - também aqui. Sim, estas Irmãs são, muitas vezes criticadas, até pelos "seus", suas famílias, por nós, por suas Irmãs. Alguns pensam que estas Irmãs estão se envolvendo na política, são comunistas, são socialistas e acham que elas deveriam "ficar dentro de seus conventos, onde seria seu lugar". Gradualmente, pouco a pouco estamos aprendendo juntas, que nossa religião não é apenas a de conventos silenciosos, de missa dominical e de terços em família. Gradualmente estamos aprendendo intelectualmente, que a *justiça* é um elemento constitutivo do Evangelho, que ela é tão simples e profunda que atinge até o tratamento que dou à minha Irmã, e como me relaciono com meus alunos e outras pessoas.

No último final de semana, animei os membros de seus Conselhos Provinciais a fazerem uma escolha pessoal para terem algum contato regular com pessoas materialmente pobres, oprimidos e marginalizados em nossa sociedade. Irmãs, devemos tornar reais nossas convicções, nosso carisma-passo por passo, mesmo pequeno. Temos urgência disso.

Neste espírito eu lhes solicito também a encontrarem alguma maneira de deixar que os pobres e os sem poder toquem suas vidas de modo simples - não pensando tanto no que vocês iriam fazer pelos pobres, mas no que estes pobres farão por vocês.

Podemos também dizer agora que temos tanto que fazer - o que é mais do que verdade. Mas, o que nosso estilo de vida e nossas escolhas pessoais revelam sobre nossas prioridades e nossos valores? O que nossas opções dizem a respeito de nosso chamado de estar com os pobres e com os que sofrem? São estas as pessoas com as quais Jesus se identificou. Ele se colocou ao lado dos pobres; Ele, consistentemente optou por estar com a prostituta, com os pobres pescadores, com o desprezado coletor de impostos. Eu ouço os obstáculos sobre os quais Irmã Margred falou: medo da dor, medo da mudança, ligação com os bens que conhecemos. Irmãs, eu também conheço essa experiência.

Eu digo: “Bem, vocês sabem, eu não falo muito bem o italiano- como poderia conversar com alguém?”

Eu digo: “Bem, vocês sabem, eu estou fora 04 meses cada vez, como poderia ser consistente ao visitar alguém?”

Eu digo: “Mas, eu tenho tanto para fazer, que não consigo esvaziar minha escrivadinha e responder às cartas que nela estão agora - como vocês sabem.”

E, diretores espirituais e outros dizem: “Está certo - você tem demais para fazer; não pode fazer mais isso.”

Mas Deus diz: “FAÇA-O”. Há uma maneira!... Juntamente com Deus, encontraremos o caminho; Ele no-lo mostrará.

A palavra de Deus nos chama fortemente hoje. Temos a obrigação de sermos pessoas simbólicas, que encarnam para a Igreja e a Congregação, os valores, objetivos palpáveis e possibilidades... de vida, pela presença que atrai, de ajudarmos aos corações e serem sinais e " volta ao Senhor", do Senhor Deus que, na sua misericórdia, entrou em nossa vida, no maior aniquilamento. E nós O seguimos-entrando nas vidas onde ela se mostra mais aniquilada, mais ferida.

PALAVRA DE PROFETA, CORAÇÃO DE PASTOR: INTEGRAÇÃO.

Coração de pastor e palavra de profeta- pastor e profeta- estas são, de fato, duas funções ou papéis distintos na Igreja e no mundo.

Precisamos da distinção; precisamos dessa diferença. Porém, entre nós, há provavelmente,

poucas que se manifestam muito fortemente um ou outro destes dons. A maioria de nós, lutamos para conseguir um equilíbrio maior entre estas duas dimensões de nossa vida. Em nossa Igreja e em nosso mundo, necessitamos de um elo mais forte entre profeta e pastor. Repetidas vezes nós dissemos que nosso papel de profeta deve ser cumprido de um modo pastoral; e, aquele que assume o papel de profeta sem uma dimensão pastoril, não será um bom profeta. Falar a verdade sem amor, ter em mente apenas a "dura verdade" enquanto anunciamos às pessoas, sem preocupação alguma pela situação em que estão e como sentindo o reagimos, não é ser um verdadeiro profeta.

Recordamos o que Irmã Margred nos lembrou muito bem: que " o poder da palavra deve ser adaptado às necessidades das pessoas, do povo."

Assumir o papel de pastor sem dimensão profética, não é ser pastor verdadeiro. Por exemplo: amar, servir, cuidar de nosso povo sem nunca desafiá-lo pela palavra de Deus, pelo exemplo de Jesus e pelo nosso próprio exemplo... preocupando-nos apenas de que as pessoas se sintam bem, não é ser verdadeiro pastor. Nosso amor mútuo, às pessoas às quais servimos, deve ser tão profundo que possa ousar chamar as pessoas para darem o melhor de si, mesmo a custo de sofrimento e dor.

Um profeta deve ser pastor: deve falar ao coração; um pastor deve ser profeta: deve falar a palavra que atua como espada de dois gumes. Seus papéis são

diferentes; o profeta, por si só, não é pastor-e pastor, por si só, não é profeta.

Temos papéis diferentes, em nossa Igreja, e, mesmo assim, somos uma só Igreja. A Igreja e nós, IENS, formamos comunidade-unidade na diversidade. Nós, IENS com a acentuação em “fazer UM”, devemos lutar e ser exemplo para a Igreja. Nós como profetas, pastoras, professoras, administradoras (Rom. 12,6) somos capazes de vivermos juntas, nesta diversidade de dons, para fazer “UM”.

Assim como todas as comunidades religiosas, mas, de modo especial, por causa de nosso carisma, temos responsabilidade única de mostrar para a Igreja que estes diversos dons de profeta e pastor servem para enriquecer o corpo, como um todo. Precisamos mostrar que isso é possível. “Nosso apostolado primordial é a vida comunitária, sinal profético da Igreja que é o Cristo Vivo.” (VSE 12-1970) Nosso próprio esforço de formar uma comunidade de fé como nossos próprios profetas e pastores - e nosso esforço de partilhar a nossa fé é um sinal profético da Igreja e um serviço, tanto à Igreja como ao mundo, porque testemunha o poder unificador e reconciliador de Deus.

Também precisamos da comunidade para “verificar” nosso profetizar e nosso pastorear, para desafiar nossa palavra profética e nosso coração de pastor.

Se formos aquela pessoa de abertura, de oração, de reflexão, de diálogo e discernimento que VSE aponta como ideal, então nossa palavra profética

pode ser purificada, esclarecida, afiada, moderada pela oração e por nossa comunidade. Nosso coração de pastor pode ser alargado, amenizado e fortalecido pela oração e pela comunidade.

MARIA - MODELO DE INTEGRAÇÃO

Nosso modelo de Palavra de Profeta? Coração de pastor é MARIA. Em Maria não há palavra sem coração; não há coração sem palavra.

Nosso coração não fala sua própria palavra. Jesus mesmo nos fala que Ele diz somente o que o Pai quer que Ele diga.

O coração deve primeiro receber a palavra, antes de falar; a palavra pode ser dada somente a um coração aberto e cheio de amor. Maria ponderou a palavra recebida em seu coração aberto e cheio de amor.

Mas, a palavra não ficou ali - ela a viveu no meio do seu povo, até ao ponto de ficar debaixo da cruz.

ELA FICOU DE PÉ JUNTO à palavra que ela recebeu; ela lhe deu carne, ela a fez carne e a deu ao mundo - em grande sofrimento e angústia pessoal.

Ela a deu como Palavra - com seu coração - depois de tê-la recebido, e enquanto ela a ponderou, guardou e carregou.

Nós aprendemos a palavra de Deus e nos tornamos livres e íntegras, somente quando nos deixamos segurar, umas às outras, junto ao seu coração.



O AMOR DO PAI

Irmã Mary Margaret Johanning
1982

Em nossa vida, às vezes temos que parar e pensar sobre o que é, e sobre Aquele que é sua origem e que a sustenta: DEUS!

- QUEM É DEUS?*
- QUEM É JESUS?*
- QUEM SOU EU?*

Muitas vezes respondemos a esta pergunta de maneira diversa, antes de pensarmos nas respostas essenciais, quem é, realmente.

Resposta essencial: *SOU FILHA DO NOSSO PAI, amada por Deus que é PAI!*

Pensem o que significa ter um Pai que é Deus ou ter um Deus que nos diz que é Pai. ! Meu Pai é Deus! Nosso Deus nos ama e Ele nos ama com o amor de um Pai.

A resposta clara para a pergunta de quem é Deus e quem somos nós, encontramos em nossa Constituição número 28: "...quem somos nós: criaturas incondicionalmente amadas por nosso Criador!" E isto é o que somos!

E o número 33 diz: "...somos atraídas ao relacionamento de amor de Cristo com o Pai, no Espírito Santo!" É isto que somos!

Jesus nos revelou que Deus é Pai. Sem esta revelação jamais poderíamos acreditar que Deus é meu Pai. Sim, Ele é Deus e Criador, Onipotente, onipresente e tem todas as outras qualidades que aprendemos em filosofia e teologia. Porém, Jesus nos revelou que Deus é Seu Pai e nosso Pai. Assim como Deus ama a Jesus, ele nos ama. *Da mesma maneira.* Isso nos dá uma pequena idéia de como o Pai ama Jesus. E da mesma maneira me ama também. É incompreensível para nós! E, na verdade é um mistério. No entanto, Jesus nos diz que devemos falar com Ele: Pai Nosso! E Jesus chama Deus de ABBA, isto é, *Papai, Paizinho!*

Temos facilidade, tu tens pessoalmente facilidade, em chamar Deus de papai ou papazinho?

Cada uma de nós deveria ter diante de Deus a mesma atitude que Jesus teve diante do Pai. Somos filhas do Pai, assim como Jesus é filho do Pai. E Ele diz a Seu Pai acerca de nós: “Assim como tu estás em mim e eu em ti, assim eles devem estar em nós.” (João 17,20) Não há nenhuma diferença! É profundamente tocante crer que o Pai, Filho e Espírito Santo nos amam pessoalmente, com o mesmo amor com que as 3 pessoas divinas se amam entre si. De alguma maneira somos uma parte da SS. Trindade porque somos amadas com o mesmo amor que as 3 pessoas divinas têm mutuamente. É importante crer nisso, que o Pai, o Filho e o Espírito Santo nos amam pessoalmente com o mesmo amor que eles têm reciprocamente. Com Madre Teresa, em VSE somos muitas vezes remetidas ao Deus Trino, ao Pai, Filho e Espírito Santo. E VSE nos diz que somos introduzidas na comunidade de amor de Cristo com o Pai, no Espírito Santo. Somos amadas por Ele. (Cf. VSE 33)

Como é bom quando alguém nos ama! Sentimo-nos agradecidas por sermos amadas por alguém. Isto sabemos de nossa experiência. Muitas vezes não refletimos suficientemente sobre isto. Quando alguém nos ama, freqüentemente nossa primeira reação é perguntar: Por que essa pessoa me ama? Mas para essa pergunta não há resposta, pois o amor verdadeiro um presente, um presente gratuito. Este amor pode ser aceito como puro dom. É simplesmente doado. Assim o Pai nos ama. Nós

não merecemos seu amor, nem o podemos adquirir. Ele simplesmente nos ama como Pai e Ele nos diz que para isso não há razão nem explicação.

Muitas vezes não pensamos quão humildes deveríamos ser. Mas quando alguém nos dá um grande presente sem motivo, gostaríamos de dizer: Não posso aceitá-lo sem motivo. Temos que ter humildade. E assim Deus nos ama. Não merecemos Seu amor, nem o podemos conquistar. Como IENS, pensamos muitas vezes que temos que merecer tudo, isto nos faz importantes – ao invés de apenas aceitar! Mas, Deus nos ama simplesmente como Pai. Se alguém me pode dizer por que me ama, então seu amor não é totalmente livre. Se ele me amasse apenas por causa do meu jeito agradável, meus talentos, minha inteligência, ou por causa de minha maneira simpática, o que então aconteceria se tudo isso se modificasse em mim, por exemplo, por doença ou outras circunstâncias? Será que, então, ainda me amaria?

Será que não pensamos muitas vezes que Deus me ama apenas quando sou boazinha, comportada, quando faço o que Ele quer, quando não peço? Não é essa amiúde nossa concepção do amor de Deus? Todavia não é isso o que Ele pensa, pois Ele diz que nos ama porque somos fracas, porque somos pecadoras. “Eu não te amo porque tu és tão inteligente, comportada, porque és talentosa, tão boa!; eu te amo porque és pequena, fraca, pobre, pecadora. Eu te amo, porque te amo! Pronto! Eu presenciei isto muitas vezes no plano humano. Por exemplo, num orfanato ou sala de aula, a favorita é

sempre a criança menor, a mais fraca, a mais doente. Se nós amamos assim, esperamos outra coisa de nosso Deus? De qualquer modo parece que as IENS acreditam que elas têm que merecer o amor de Deus por aquilo que fazem ou pela “perfeição”. Sentimo-nos melhor quando fazemos alguma coisa. Mas essa não é a maneira de nosso Deus. João escreveu na sua primeira carta: “ Este é o mistério: não que nós amamos a Deus, mas que Ele nos amou primeiro.”

Deus iniciou conosco este relacionamento amoroso. VSE diz-nos isso no número 04: “Nele está nossa esperança, em seu AMOR nossa fidelidade. E no n°. 03 diz: ” ...respondemos de uma maneira nova ao contínuo chamado de Deus...e ainda “ fomos chamadas por Cristo...”

Muitas vezes preocupamo-nos muito intensivamente em amá-Lo. Quando entramos na Congregação pensamos: Eu venho para amar a Deus. Mas, depois de muito tempo dizemos: Ó Deus, ama-me como tu o desejas! Seremos amadas por alguém, faz-nos tão dependentes dele! E, se os que nos amam são o Pai, o Filho e o Espírito Santo, devemos nos sentir totalmente dependentes e abertas.

O que significa ser amada pelo Pai da mesma maneira como Jesus é amado? Ser filho ou filha pressupõe que haja um Pai. Não há filho, nem filha sem o Pai. O filho ou a filha recebem toda a sua existência do pai. O filho ou a filha existe, porque há um pai. Sabemos tudo isso. Mas, quantas vezes

pensamos que realmente não temos existência como filha, sem Pai. Deveríamos ser capazes de falar com o Pai, da mesma forma, da mesma maneira como Jesus: “Eu e o Pai somos UM! Eu faço o que o Pai quer! Tudo o que tenho, recebi do Pai.”

Leiam o evangelho de São João uma ou duas vezes. Transcrevam, num papel, os testemunhos de Jesus a respeito de si e de seu Pai. Provavelmente encherão uma página inteira. Depois levem este papel consigo, e o meditem durante meses, até que compreendam mais profundamente o relacionamento entre Jesus e seu Pai. Mais tarde coloquem seu próprio nome no lugar onde está o nome de Jesus e vejam se a afirmação é verdadeira: “Eu e o Pai somos UM! Eu sempre faço o que o Pai quer! Tudo o que tenho, recebi do Pai!”

Pensem também no comportamento característico de uma criança, ou de um adulto perante seu pai e transcrevam estas características numa folha de papel. Depois vejam o seu relacionamento com o pai, se tem os mesmos traços. Por exemplo, a criança confia totalmente no seu pai, ama-o acima de tudo, mesmo quando ele não é perfeito. A criança pensa que o pai faz tudo certo. Em seguida vejam se seu relacionamento com Deus Pai traz os mesmos traços. Temos a mesma confiança como uma criança em seu pai? Quem trabalha na escola certamente muitas vezes ouvem as crianças dizerem: - Meu pai sabe tudo! Meu pai é o mais forte! Meu pai é o melhor! A criança tem orgulho de

seu pai. Temos nós também tanto orgulho de nosso Pai e falamos tão livremente a respeito dele?

Para ter conhecimento e intimidade suficiente de nosso Pai, de Jesus e do Espírito Santo é necessário passar tempo com ele. O santo padre, João Paulo II, disse outro dia que a Religiosa deveria diariamente tomar tempo para dizer ao Pai quanto O AMA e, além disso, dizer que está aí para receber seu amor. Quando amamos alguém, queremos gastar tempo com esta pessoa; queríamos fazer coisas incríveis com ela, fazer as mínimas coisas juntas e contar-lhe tudo o que acontece conosco. Quereríamos gastar tempo com esta pessoa. Penso nisso muitas vezes, especialmente nestes dias. Gostaria tanto de passar *bastante* tempo com vocês. Isto acontece, quando *amamos* alguém. Mas, muitas vezes acontece que, estamos ocupadas, que não temos tempo de estar com aquelas pessoas que amamos.: Pai, Filho e Espírito Santo. Jesus diz que devemos “permanecer nas coisas do Pai”. E, a coisa mais importante de nossa vida deveria ser a vontade do Pai. Acima de tudo devemos, como Religiosas, ser mulheres *santas*, e não apenas, mulheres que fazem todo tipo de trabalho. Nosso Deus nos disse isso muito claro: “Não quero tuas obras nem teus sacrifícios. Quero teu *coração*: Eu quero *a ti mesma*!” E nossa Constituição prevê este tempo para nós. Ela nos assegura que cada Irmã tem o direito de uma hora de oração pessoal, e diz também que cada Irmã é responsável, para encontrar no seu dia, tempo suficiente para seu contato pessoal com Deus. E nós fazemos isso

porque O amamos e porque somos amadas por Ele e não porque é obrigação. De nossa experiência, sentimos que às vezes nos falta a vontade de rezar. Mas sabemos que, para estabelecer um relacionamento com uma pessoa é necessário gastar tempo com ela.

Se vocês tivessem tempo livre, o que fariam com essas 03 pessoas Divinas?

Pergunta: Quantas Irmãs cada uma de vocês conheceria, se não fosse Irmã Escolar de Nossa Senhora? – Talvez nenhuma. Para mim, isto é sempre um milagre! Conhecemos e nos reunimos com Irmãs de vários países. O que nos UNE? Porque nos reunimos? A única coisa que nos une é *Jesus*. Sem a fé *nele*, não estaríamos aqui. Sem a fé nele, nossa vida não teria sentido. Somos de fato, uma *comunidade de fé*?

Numa determinada época de nossa vida, Jesus nos chamou a viver dentro de uma comunidade religiosa. Ele nos chamou, para partilhar essa vida com outras. Nosso Diretório Geral número 63 diz que: “Unimo-nos em comunidade com outras que partilham a mesma convicção do chamado, de conversão contínua e do desejo *interpelante* de ajudar a todos os povos a se tornarem UM em Cristo.” (DG 57)

Pensem agora em cada Irmã de sua comunidade. Cada uma tem o mesmo grande desejo de ajudar as pessoas, de contar-lhes do Pai, como vocês. Cada Irmã é 100% amada pelo Pai e recebeu o mesmo chamado como vocês. De outro lado, vocês necessitam tanto de conversão quanto as outras.

Jesus nos reuniu desta maneira. Em nossa Congregação, as Irmãs sempre viviam em comunidade. Porém nossa Constituição e Diretório Geral nos exortam a vivermos de modo mais profundo, como comunidade de fé para testemunharmos, em comunidade, a realidade de ser *Jesus* e a *fé nele*, o elo que nos une. O trabalho que fazemos juntas não pode ser a força unificadora mais profunda. Fato lamentável, que é possível vivermos na mesma casa e trabalharmos juntas, sem ser fundamentalmente para nós, o mandamento de Jesus: *AMAI-VOS UNS AOS OUTROS!*

Madre Teresa compreendia o segredo deste amor. Ela escreve: “O amor impele a doar-se a si mesma; no entanto deixa tudo por conta do vinhateiro.” Madre Teresa permitia-se ser amada por Ele como Ele o desejava. Isto nos lembra de Santo Agostinho que dizia: “Ama a Deus e depois faz o que quiseres.” Como vocês sabem, nossa Congregação é fundada sobre a regra agostiniana.

Já no Deuteronômio 6,5 - encontramos um mandamento sobre o amor de Deus que nos diz:

“Amarás o Senhor, teu Deus, de todo coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças.” A fim de se lembrarem disso, os judeus traziam uma faixa frontal para se advertirem que só existe um mandamento de Deus: Amá-lo acima de tudo e com todo nosso ser. Eles afixavam esta citação sobre suas portas e a tocavam quando entravam em casa, a fim de se lembrarem do único mandamento. Amar a Deus inteiramente.

Repetidas vezes Jesus nos diz que é tão importante amar a Deus, como amar aos outros. O segundo mandamento é igual ao primeiro. Todos aos quais servimos, logo, percebem se somos felizes, como Religiosas. Somente quando estivermos felizes entre nós e deixarmos que os outros o percebam, teremos vocações. O que meninas e outras pessoas muitas vezes observam a nosso respeito é: muito trabalho e rostos compridos. Estes não são atrativos para a Vida Religiosa. Deveriam ver em nós a alegria de nossa entrega a Jesus, e de nosso convívio. Hoje, todos e, especialmente os jovens, procuram o sentido da vida, e nós devemos deixá-los perceber que nós encontramos esse sentido profundo da vida.

Creemos que encontramos o sentido da vida. Mas, mostramos isso às outras pessoas? Devemos dizer com nossa vivência que *Jesus* é o sentido de nossa vida. Nossa Constituição diz: “Cristo é o centro de nossa comunidade;” (VSE 6) é a Cristo que servimos.

Pergunta: Onde percebo que Jesus é o centro da comunidade na qual eu vivo?

- *Como* o seguimos juntas?

Deve ser algo muito mais profundo do que rezar Laudes e Vésperas e celebrar a Eucaristia juntas. Isso seria um bom assunto para o Conselho de Irmãs. Um dos nossos maiores deveres é *procurar juntas a vontade* do Pai e cumpri-la: “Fazei o que Ele mandar!” (Prólogo) Isto é característico das IENS. *Toda* a comunidade deve fazer o que Ele diz a

todas juntas. Com Jesus, orientamos nossa vida para buscar e fazer a vontade do Pai. (VSE 41) Isto foi a realidade mais profunda na vida de Madre Teresa. Encontramo-nos, para fazermos juntas a sua vontade, na comunidade local, provincial e internacional.

A maior coisa que deveríamos contar-nos mutuamente é o que imaginamos ser o desejo de Jesus a nosso respeito. *O que deseja Jesus, neste momento de sua comunidade?* Esta é uma boa pergunta, quando a comunidade se encontra para iniciar um Novo Ano. Esta busca em comum, o chamamos de *diálogo*. E muitas Irmãs Escolares não gostam muito de ouvir essa palavra, talvez porque não fizemos boas experiências com ela.

DIÁLOGO: encontrar-se para buscar em comum o que Jesus deseja de nós. Não o que *eu* desejo, ou você, mas o que Ele deseja de nós. Para isso, viemos. Mas é muito difícil para nós.

Às vezes, Irmãs se chocam quando lhes digo que têm a mesma responsabilidade pela Congregação, como *eu*, ou a mesma responsabilidade pela Província como a Superiora Provincial, ou a mesma responsabilidade pela sua comunidade local, como a coordenadora local. É mais fácil viver com menos responsabilidades. Então, sempre posso dizer: Foi a Superiora que fez isso. Foi a Superiora que mandou! Cada uma de nós é responsável de falar com a comunidade sobre aquilo que Deus quer dela. Isto significa que devo estar em contato com o chamado de Deus para mim pessoalmente, e para a

comunidade. Devo descobrir o que Ele opera na minha vida e partilhar isso com a comunidade.

É mais fácil conversarmos sobre o que pensamos a respeito de questões religiosas do que partilhar nossas experiências religiosas. Porém, se o fizermos, estaremos surpreendidas e admiradas ao perceber como Deus trabalha em nós. Ele atua justamente aqui, em meio da comunidade, onde vivo, e eu só posso estar diante disso com admiração e gratidão. Então verei cada Irmã com outros olhos e me torno mais aberta, percebendo melhor como Deus atua na minha vida e de nossa comunidade. A troca de nossas experiências de fé é difícil para nós, IENS, porque não estamos acostumadas.

Achamos sempre que é mais fácil para outros do que para nós. Mas, nós todas devemos lutar para consegui-lo.

Não é fácil para uma IENS aceitar, em comum, suas fraquezas. Mas, talvez devamos aprender, em comum, como podemos, na fraqueza, aprofundar a nossa fé e a nossa comunidade de fé.

Em certo sentido, achamos que devemos ser perfeitas. E isto não é verdade. Não é humano. As pessoas não devem ser perfeitas, mas somente Deus. O maior desafio para o futuro, creio eu, é: Será que podemos aceitar-nos em nossa fraqueza?

Muitas Irmãs dizem que o lugar mais difícil para comentar-se algum erro é na comunidade, porque as outras Irmãs não o aceitam. Mas, pessoas de

fora são capazes de aceitar, são mais capazes de aceitar nossas fraquezas.

Às vezes é mais fácil partilhar as minhas experiências de fé com as pessoas de fora, porque as Irmãs de minha comunidade já conhecem meus defeitos. Não conheço melhor meio para construir uma comunidade de fé, do que: partilhar nossa experiência de Deus. Jesus nos uniu na fé.

Temos que permitir-lhe levar-nos a um relacionamento mais profundo para com Ele e as outras pessoas.

Eu lhes peço que rezem com intensidade, profundidade, amor pessoal e íntimo com o Pai. Quando imploramos esta graça, peço-lhes que meditem sobre o amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo em sua vida. Como experimentamos seu amor concretamente? De que maneira vivenciamos isto? Vocês não vão se dar conta de um dia para outro, mas eu as animo a refletirem sobre isto.

Por favor, coloquem sua vida diante dele e permitam-lhe falar-lhes pessoalmente como: Eu te amo! Eu te dei tudo o que tenho! Tu és preciosa! Eu te seguro pela mão! Sintam o que acontece em vocês ao ouvirem seu Deus, seu Pai, dizer-lhes estas palavras, enquanto vocês refletirem sobre sua vida. E acreditem, por favor, em Suas palavras! Uma das afirmações mais fortes da sagrada escritura é: “Bem aventurada és tu que creste, pois se hão de cumprir as coisas que te foram ditas da parte do Senhor.” (Lc.1,45)

Esta é minha oração por vocês, para que possam acreditar naquilo que Ele diz: “Eu te amo como tu és. Tu és minha filha querida!”

1- Sagrada Escritura

- | | | | |
|-------------|-----------|-----------|--------|
| 1. Jr: | 29, 11-14 | 6. João: | 16, 27 |
| 2. 1ª João: | 4, 9-10 | 7. Salmo: | 138 |
| 3. Is: | 43, 1-5 | 8. João: | 17, 24 |
| 4. João: | 15, 9-11 | 9. Gál: | 4, 4-7 |
| 5. Lam: | 3, 21-26 | | |

2- Vós Sois Enviadas

1. Números: 1, 2, 3, 4, 20

3- Vaticano II

1. Sobre a Igreja: # 2, 3, 4, 5

4- Madre Teresa

“Não posso descrever minha paz interior. Agora estou em Jesus! Que ele faça o que quiser, Nele posso confiar. Permanece em mim eu permaneço em ti. Posso contar com Ele... a prudência calcula, o amor ama. O amor dá tudo com alegria, e novamente e diariamente, tudo... Sim, com certeza! O amor não pode esperar. Para o amor nada significa a razão fria. Quem fez os santos, senão o amor; quem os ajudou a lutarem contra a morte e o inferno, senão o amor; o amor triunfou contra todo mal. Este amor permite que eu reconheça meus pecados, me arrependa, os deploro, leva-me a melhorar. Este amor entregou-se à mais dura morte de cruz e eu também não queria entregar-me? Eu estaria fria diante de tantas ofensas e este amor

infinito, eu desejaria ainda comodidade, honra etc. Para mim, o que o Divino Amor, de modo nenhum, pode suportar?”

“Eu sei que meu corpo não pode deixar de sofrer, a alma também deverá ser purificada. Esta purificação entrego ao vinhateiro. Ele vai limpar os ramos e o que talvez vai doer, ele também podará. Eis porque tudo é somente graça de Deus, merecimento de Cristo e intercessão de Sua Santa Mãe. Amém.”

“Não deixem jamais morrer esta gratidão em seus corações, pois um chamado para a vida religiosa é uma graça, que é concedida a almas eleitas.”

“Amemos a Deus acima de tudo.”

“Aconteceu-me algo. O Senhor atraiu-me a Si. Que Graça! Estou em Jesus! Não consigo descrever minha paz interior. Agora estou em Jesus. Que Ele faça comigo o que quiser. Confio nele. Ele permanece em mim e eu nele; posso contar com Ele.”

5. Padre Sebastião Job

“Irmãs, deveis permanecer unidas à videira, para que obtenhais de Cristo, força, vida e existência enquanto O seguirdes com todo coração e toda alma, com toda mente e todas as forças.”

ORAÇÃO

Irmã Mary Margaret Johanning
1982

“A oração é a fonte e o centro de nossa vida pessoal, comunitária e apostólica.” (VSE 27) É como que o coração de nossa vida consagrada. Essas frases colocam a oração no centro de nossa vida, no centro de nosso apostolado e de nossa comunidade. Atinge a comunidade. Isto influencia o serviço apostólico, frutifica nosso trabalho. *Mas o que é rezar?*

É difícil expressar o que fazemos quando estamos com alguém que amamos profundamente. Mas, toda pessoa que ama, entende que, às vezes, não encontramos palavras para expressar o nosso amor. E o mesmo acontece a respeito da *oração*.

Alguém disse que não se ensina a rezar, assim como não podemos ensinar a ninguém como apaixonar-se por alguém, ou como sentir amizade por alguém. É algo que *acontece* em nossa vida. Não o podemos aprender, *acontece* em nosso relacionamento.

E oração é isto: relacionamento entre pessoas que se amam, o tempo que passam juntas, somente UMA (UM) para a OUTRA (OUTRO). Oração é *comunhão*.

O Pai, o Filho e o Espírito Santo nos oferecem amizade, amor *incondicional*. Sua amizade, Seu amor. (VSE 28) E esta resposta a esta amizade oferecida, nos leva “para um relacionamento mais profundo.” (Nº. 29)

A qualidade de nossa oração depende de *como* nos relacionamos mutuamente-Deus e nós, nós e Deus. Karl Rahner diz: Enquanto você tem que perguntar-se: *Estou rezando?* Você não está rezando ainda, porque você não conseguiu ainda perder o seu ser no ser do outro.

O mesmo acontece quando assistimos a um concerto: Se ficarmos olhando para o relógio para ver se já está terminando, não estamos tomadas, absorvidas, pelo concerto, não estamos perdidas nele.

Assim também, não podemos dizer que estamos tomadas por Deus, perdidas nele, se a cada momento nos analisamos e perguntamos: Como está minha oração? Está crescendo? Está se aprofundando? ao invés de permitir que estejamos perdidos um no outro. Deus em mim e eu em Deus.

REZAR É ABANDONAR-SE - entregar-se. E “entregar-se”, significa: colocar a minha vida nas mãos de outro, deixando-me guiar por ele. E isso não é fácil, especialmente quando *este outro é Deus*. Mas, é isto que fazemos quando *amamos*. (VSE 28)

VSE 27 diz: “Vamos ao Pai por Jesus, na força do seu Espírito”. Unidade! Intimidade! Não existe ser

humano sem intimidade. E, grande parte de nossa intimidade, nós a temos com o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Intimidade leva à *contemplação* e ao *misticismo*: Deus toma conta de nós até o ponto em que nós lhe permitimos. O que sempre me toca, quando vou para Assis, e em lugares como este é: o que Deus pode fazer com um ser humano quando este lhe permite que aja nele. “Deixa-te modelar! Tu não sabes o que Deus fará de ti.” Ele pode fazer-nos santas, se estivermos abertas.

ORAÇÃO é contato, encontro com o “Deus vivo” (VSE 29), ou “viva união com este Deus!” (VSE 27) Dizemos que nosso mundo, *hoje*, nos solicita, como mulheres apostólicas, por todos os lados. Há necessidade, há obrigações, há expectativas, há tarefas, pessoas que precisam de nós. Creio que o problema é: Como podemos *integrar* tudo isso. Como integrar: vida pessoal, comunitária, necessidades, tarefas, pessoas, Deus? VSE nos diz no número 30 que a oração está no coração de nossa consagração, expressa e aprofunda nossa consagração. Venho diante de Deus para expressar minha consagração. E, neste expressar, eu aprofundo minha consagração.

A oração nos ensina, quando temos que dar “ênfase ora à pessoa, ora à comunidade, ora ao mundo que servimos.” (VSE 28) Somente a oração nos indica para onde Deus nos chama, diante de tantas necessidades.

Jesus não subiu ao monte para rezar, com a finalidade *de ensinar-nos* como rezar. Certamente subiu ao monte porque teve necessidade de rezar, de estar com Seu Pai e pergunta-lhe: Pai, o que vem agora? Onde? Como? Quem? Teve necessidade de passar tempo com aquele que o enviou e tempo com Aquele que amava. E gostamos de gastar tempo com quem amamos.

“Oração é uma atenta escuta.” (VSE 32) É Deus quem toma a iniciativa, não sou eu. E, no entanto, quantas vezes vamos à capela e dizemos: - Deus, eu preciso disto e daquilo! Será que você fará algo por mim? Tendemos a tomar a iniciativa: Deus, aqui está o que eu quero pedir! Agora, peço que aja!

Mas, oração é ouvir a palavra de Deus e dar resposta a Ele que toma a iniciativa.

O que você sente quando fala Deus fala repetidas vezes: Eu a amo! Você é preciosa aos meus olhos! Eu troco reinos por você!

O que você lhe responde? *Esta resposta é oração.* E pode ser que você nem consiga dar nenhuma resposta, mas, apenas dizer: Tentarei acreditar tudo isso! Isto também é oração. Mas, ninguém pode dar uma resposta inteligente sem prestar atenção primeiro.

A ORAÇÃO é muitas vezes definida como um “atenta escuta”, e muitas vezes como *resposta*. Frequentemente é um ato de fé. Pois, realmente exige fé, dizer: Estou andando, ou ajoelhada e estou falando com Deus. Isto é ato de fé.

Vós Sois Enviadas, número 32, nos coloca Maria como modelo desta unidade de escuta-resposta. Ela estava tão unida a Deus, O amava tanto, que soube interpretar os mais leves acenos dele, disposta a fazer o que Ele lhe pedia. Assim, o Verbo pôde encarnar-se nela.

Algumas pessoas dizem que “*rezar é esperar.*” Se a oração é ao mesmo tempo, fé e resposta, cabe a nós: *ESPERAR*. Na oração, dependo totalmente daquele que age. A espera coloca o acento principal no *outro*, não em mim. Quando espero, estou impotente. Perco minha segurança, meu controle. E quando o faço por muito tempo, eu me transformo. Deixo de lado toda a manipulação. Quando perdi minha paciência e espero com amor, eu me torno *contemplativa*.

Um teólogo diz: “Esperar por alguém significa estar unicamente com ele.” Talvez muitas de nós nos esforcemos demais para que em nossa oração *aconteça algo*.

VSE, número 28, diz: “na oração... nos abandonamos à realidade de quem é Deus e de quem somos nós.” É uma adoração ativa, aquela que proclama Deus, como *Deus*.

“Nós nos aproximamos de Deus, prontas para sermos transformadas” (VSE 28) dispostas para mudar. Quando amamos alguém, mudamos. Assumimos sua atitude, vida, etc. vamos diante de Deus, dispostas para mudar e para aceitar nossa missão mais intensamente.

VSE nos descreve bastante o que nos *ajuda* para rezar. Há uma tendência, em nossos dias, de não aproveitar bastante essa ajuda. E, não a aceitando, às vezes nos queixamos de que não conseguimos nada. Temos que fazer um trabalho de *base*. Não podemos dar um concerto, sem praticarmos antes, sem fazermos ensaios.

O número 31 menciona como primeira ajuda a *Sagrada Escritura* que é “a Palavra Viva de Deus”. Deus fala para nós *hoje*. Hoje Ele diz: Eu a amo! Hoje Ele diz: Eu a Envio! Hoje Ele diz: Eu entrego meu corpo a você! Ele está vivo Ele fala. Muitas de nós podemos dizer: Não sei o que fazer com a Escritura. Nunca fui treinada para isso. Se ouvirmos com atenção essa *Palavra Viva*, saberemos *como* responder, na oração. Ouvir, para responder!

O número 31 diz: “Através da Escritura, Deus se nos revela e nós aprendemos a reconhecê-lo, atuando em nossa vida.” Devemos usar diariamente a Sagrada Escritura, para meditar, e assim chegar a um conhecimento mais profundo de Jesus Cristo.

Tenho medo de que muitas de nós rezamos ainda como rezávamos há cinco ou dez anos atrás. Mas, nosso Deus é um *Deus Vivo!* Ele nos leva sempre mais ao encontro dele. Porém, nós temos uma tendência de agarrar-nos àquilo que sabemos. Pelo menos, estamos seguras, agindo assim. E é um *risco*, deixar uma maneira de rezar, que já sabemos, para abraçar uma nova maneira de rezar, se Deus nos levar a isso. Não é estranho que Deus, muitas

vezes, tem que *tirar* de nós um dom, para dar-nos outro melhor, porque não seríamos capazes de deixá-lo, livremente.

E, voltamos novamente para a *AMIZADE*: Quando vocês encontram um amigo, uma amiga pela primeira vez, você falam, falam, falam... E, gradualmente, vocês se tornam mais silenciosas. Com amigos, amigas, verdadeiramente íntimas, bons amigos, boas amigas, não há necessidade de falar. Simplesmente estamos juntas. (DG 46 a)

E, creio que esta é também a maneira do nosso relacionamento com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Não é sempre o mesmo. Há tempos bons e ruins, tempos de mais silêncios e tempos em que somos mais falantes.

O Diretório Geral indica outra ajuda para nossa vida de oração: *é a Leitura Espiritual* (DG 46 c), a partilha, a direção espiritual, o exame de consciência. Mas, podemos fazer todas essas coisas e ainda não dizer que estamos rezando. Nossa oração depende de *como* nos relacionamos com Deus, em amor. “A oração põe em foco a nossa vida...” (VSE 28)

Não podemos separar oração e vida. Quando não conseguimos rezar, temos que olhar para nossa *vida*. Normalmente, algo está errado nela. E quando, às vezes é a nossa vida que não dá certo, temos que examinar nossa *oração*.

Porque, para nós, mulheres apostólicas, vida e oração se inter-relacionam. Para nós, mulheres

apostólicas, Deus se revela tanto nas pessoas como nos momentos de oração. Precisamos de tempo especial para estar com aquele que amamos. Mas, também aprendemos a respeito de Deus, o dia todo. E, isso deveria levar-nos a louvá-lo, agradecer-lhe. Nossa oração não pode limitar-se a *uma* hora apenas por dia. Novamente, o nosso relacionamento durante o dia com aquele que amamos, depende da *intensidade* do nosso amor.

A pessoa que é altamente contemplativa é também aquela que é mais *ativa*. Quanto mais ela está envolvida em Sua Missão, *deve* proclamar a Boa Nova.

Veja o número 28: “A oração é a nossa contínua resposta ao contínuo chamado de Deus para a missão.”

A Constituição, além da oração *pessoal*, fala da *oração comunitária*. (VSE 29 e 30) Esta, porém, depende da oração de cada Irmã. (DG 44) Nunca seremos uma comunidade orante, se não formos pessoas que rezam individualmente. Como pessoas responsáveis pela vida de oração da comunidade como um todo, não temos mais vida “privativa”, desde que entramos numa comunidade para partilharmos a aventura de nossa fé.

Assim, dizemos no Diretório Geral 45 que: “cada uma de nós tem o *direito* de, ao menos, uma hora diária, para a oração pessoal”, direito este, *carinhosamente*, respeitado pela comunidade.

E, qual o significado dessa hora? É um tempo particular em que devemos aprofundar nossa intimidade com o Senhor, por meio de qualquer forma de oração que Ele nos oferece. Não importa o que você faz neste tempo, que meios você usa. O que importa é que você aprofunde sua intimidade com Deus.

Há muitas Irmãs que dizem: “Não tenho tempo de rezar *uma* hora por dia!” Se isso acontecer é sinal de que temos trabalho demais, ou que estamos envolvidas demais. Temos que ter a ousadia de conseguir tirar esse tempo para nós. Muitas vezes é uma questão de prioridades. Há pessoas que não encontram *uma* hora por dia, para rezar. Mas, passam, pelo menos, este mesmo tempo diante da TV, ou dispõe de uma hora, cada dia, para fazer qualquer outra coisa. Mas, este momento com o *Deus vivo* é que nos faz comunidade. A comunidade deve expressar sua fé, em conjunto. E essa oração dá *vida* à comunidade.

Como comunidade eclesial, rezamos com a Igreja. (VSE 29 e DG 42) Não rezamos só para nós. Trazemos as necessidades do mundo. Adoramos, louvamos e agradecemos pela Igreja. A oração em comunidade é o fundamento da vida comunitária. Não podemos viver juntas, sem rezar juntas. Como comunidade de fé, expressamos juntas nossa fé, pelo menos 2 a 3 vezes ao dia : Laudes, Vésperas e, talvez, Eucaristia (DG 41 e 42).

Dizemos que “nossa oração em comum brota da nossa vida comunitária e a alimenta.” (DG 44) Ela

depende do relacionamento de cada uma para com Deus, de sua abertura para Ele, para os outros membros da comunidade e para todas as pessoas. E ela também deve mudar o nosso relacionamento, levando-nos à Conversão.

Não sei se podemos dizer: Porque rezamos Laudes e Vésperas juntas, nosso relacionamento mudou. Será que nossa oração comunitária decorre de nossa *vida* na comunidade? Quando temos um verdadeiro problema na comunidade, será que nós o rezamos? Ou quando temos uma grande alegria como comunidade, será que a levamos para nossa oração? Diretório Geral- 44 nos diz: “Cada comunidade local procure descobrir como poderá melhor expressar-se na oração...” O amor pode ser expresso em todas as formas possíveis, quando for amor.

Uma das formas de oração muito valiosa, especialmente para nós, IENS, é a “Adoração ao Santíssimo Sacramento” (DG 46 d), Jesus na Eucaristia é fonte e expressão do nosso amor mútuo e incentivo constante para também nós entregarmos a vida pelos irmãos e irmãs. Sobre a *Eucaristia* falaremos em outra ocasião, mais detalhadamente.

A oração que nos une a todas as IENS no mundo inteiro, é a “Antífona Mariana” (DG 46 e). Não consta mais a obrigação de outra oração comunitária pela Congregação como havia até pouco tempo. Há muitas comunidades que rezam a Antífona Mariana em latim, para expressar, por

uma língua comum, esta nossa união com toda a Congregação.

Queridas Irmãs, sejamos sempre mais, mulheres de oração, capazes de levar amor e paz onde há ódio e discórdia, mulheres fortes, para lutar, porque ancoradas em Deus. Peçamos sempre a graça de rezar de acordo com o dom que Deus nos deu, de amá-lo e de perder-nos nele!

1- Sagrada Escritura

1. Mateus: 6, 5-13
2. Lucas: 1, 46-55 / 1, 68-79 / 11, 1-13
3. Romanos: 8, 26-27
4. Isaias: 55, 1-13
5. 2ª Samuel: 7, 18-29

2- Vós Sois Enviadas

1. Números: 27 a 32
2. Diretório Geral: 40 a 50

3- Madre Teresa

“Não deixemos de rezar em espírito e em verdade-nossa tarefa sagrada que aqui começamos e que continua na eternidade. Vocês se consagraram ao senhor e lhe deram, como acredito, todo seu coração para sempre, para que nele possa reinar, de agora em diante, seu santo amor. Usem fielmente os meios para alimentar sempre esta chama; um deles é a oração. A oração é aquela fornalha ardente a qual se acende e conserva o fogo do amor divino; pois os santos só se tornaram santos mediante a oração”.

4- Padre Sebastião Job

“Quem não sente uma necessidade interior de rezar, nem começou a viver espiritualmente, em Deus; pois, onde não há respiração, não há vida. A oração é a respiração da alma”.



CHAMADO E MISSÃO

Irmã Mary Margaret Johanning
Agosto de 1983

O Capítulo Geral de 1970 escolheu como tema de nossa Constituição a *MISSÃO*, unificando assim, todo o seu conteúdo e expressando *o que somos como IENS: CHAMADAS E ENVIADAS* (VSE 1).

QUEM SOU EU? QUEM SOMOS NÓS?

1. Sou alguém profundamente amada por Deus. Nossa identidade básica é sermos chamadas e estarmos num relacionamento de AMOR com nosso Deus, com seres criados por Ele.

Esta nossa identidade transparece mais fortemente ainda nas respostas ao segundo esboço da Constituição revisada. A idéia de “sermos chamadas e enviadas” já aparece no Prólogo e prepara a Constituição, sendo resumida mais uma vez, na Conclusão. “Somos *chamadas*”... para o “seguimento radical” de Jesus Cristo. (VSE 34) Somos *enviadas*... a continuar a missão de Cristo...

Já pelo fato de sermos batizadas, participamos da *missão* de Cristo, que consiste em proclamar a *BOA-NOVA DO REINO*. Somos incorporadas na vida de Cristo e na comunidade da Igreja, que é *missionária*, por sua própria natureza (VSE 2).

Somos aquelas que seguem JESUS. Somos cristãs, com tudo o que isso encerra.

Pelo *BATISMO* somos incorporadas na vida de Cristo. A partir daí, vivemos a vida de Jesus e pela vida de Jesus – vida que é *DIVINA*.

Mas, não somos apenas incorporadas na vida de Jesus, e sim, na vida da *IGREJA*. O *BATISMO* realiza em nós duas coisas:

- Capacita-nos a adorar a Deus de modo bem especial - por viver a vida divina, posso comunicar-me com o *divino*.
- Orienta-nos para o serviço cristão - Como todos os batizados, partilhamos da missão de Cristo que é *ANUNCIAR A BOA NOVA, anunciar a salvação*.

Há uma só missão: A Missão de Cristo! Jesus se identificou a si mesmo como “Aquele que foi enviado pelo Pai” (VSE 1); esta é sua *identidade*. E,

estando nós incorporadas na vida de Cristo, somos também nós: *ENVIADAS!*”

2. Somos Religiosas *APOSTÓLICAS*. Só o Espírito de Deus nos capacita a respondermos ao chamado contínuo. Deus chama, Deus consagra e nós respondemos, nós aceitamos que Ele nos consagre.

Deus consagra e nós respondemos, nós aceitamos que Ele nos consagre. A aceitação desde *DOM*, não é passiva, mas muito *ativa*: exige nossa colaboração.

Em VSE número 03 diz: “Nós nos comprometemos de viver o compromisso do Batismo *nesta* Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora.”

O BATISMO nos orienta para a *MISSÃO* e somos consagradas por Deus *PARA A MISSÃO*, isto é, vivemos de tal modo que o Reino se torne mais claramente visível em nosso mundo e nós o fazemos “*conscientemente, livremente*” (VSE 10).

A grande missão da Igreja chamada de Corpo Místico de Cristo (*Lumen Gentium*) é a de tornar Cristo visivelmente presente, no tempo e no espaço. Assim há uma só missão: a missão de Jesus. Nós continuamos sua missão, partilhamos de sua missão como *Irmãs Escolares e Nossa Senhora*. E VSE 4 diz claramente: “A nossa missão é proclamar a Boa Nova como *IENS*, orientando toda a nossa vida para aquela unidade para a qual Jesus Cristo foi enviado...” isto é, “levando todos à Unidade com o Pai ” (VSE 5) como Ele o fez.

Em 1970, nossa missão como IENS havia sido definida como: *SER UM E FAZER UM*. Era difícil de ser entendida, nesta expressão a própria terminologia de “MISSÃO” que é: Proclamar a Boa Nova *DO REINO PARA QUE TODOS SEJAM UM COM O PAI*. A Unidade está intrínseca à proclamação da Boa Nova, é *meio e objetivo*.

Nossa Constituição diz que nós *ESCOLHEMOS* este nosso estilo de vida, para continuar a missão de Cristo. Haveria outros *estilos* de vida, mas nós escolhemos *este*.

Seria bom observar quantas vezes aparece o sentido de “escolher” em nossa Constituição. Não estamos aqui, nesta vida, apenas para *SERVIR* ao Reino de Deus. A *ESSÊNCIA DA VIDA RELIGIOSA* é o desejo de *SEGUIR A JESUS*, o desejo de pertencer a Cristo de uma maneira bem especial.

Antigamente a Vida Religiosa era a maneira mais perfeita de viver. Hoje, após o Vaticano II, todo modo de viver deve ser perfeito, todo mundo é chamado à santidade.

Há, porém, dois caminhos para seguir a Jesus:

- O caminho comum escolhido pela maioria das pessoas.
- O caminho das pessoas que escolheram seguir a Jesus na sua viagem apostólica, que escolheram *SEGUIR ALGUÉM* que estavam *PROCURANDO* e que *ENCONTRARAM*. Assim deixam a maneira comum de viver (o berço, a rede, o ninho, a toca...) porque se sentem

cativadas pela mensagem de Jesus. Por causa de Jesus e de seu Reino, deixam tudo, sem se importarem com o que isto lhes irá custar.

Jesus é o único necessário para mim! Ele satisfaz os meus desejos. *ELE ME BASTA!*

E a nossa vida concreta deve proclamar esta convicção interior. Todo mundo deveria perceber em nós, que, interiormente, estamos convencidas de que Jesus nos basta.

Nosso modo de viver deve mostrar isso, claramente, publicamente. Estamos em contínuo estado de proclamar a nossa fé. Não seguimos Jesus para proclamar o Evangelho, mas proclamarmos o evangelho porque seguimos a Jesus!

ELE NOS CATIVOU. E tudo em nós, deveria revelar isto: nossa pobreza, nossa vida comunitária, nossa oração, nosso trabalho, nossas vestes, nossas conversas... etc ... *EXPERIENCIO JESUS E ELE ME ENSINARÁ COMO VIVER!*

É nosso amor, nossa paixão por Ele que norteia a nossa vida. Ele é o único necessário e todo o resto depende disso. Porém, isso só conseguiremos na *FÉ*. Toda a nossa vida depende do Evangelho, depende da Fé.

Deveríamos viver de tal maneira que o *transcendente* se tornasse óbvio em nossa sociedade secularizada. Isto é ser sinal visível, profético na Igreja. Às vezes perdemos essa visão e deixamo-nos contagiar pelo mundo secularizado.

Temos por missão, mostrar pela nossa Vida que há algo mais.

Exercício: Reflitam sobre seu chamado primeiro, ou seja:

- *Como experienciei o Chamado de Deus na minha vida? Como soube, como senti que Deus me chamou?*

SOMOS CHAMADAS

Todo chamado visa a um objetivo. Todo chamado é para sermos *ENVIADAS!*

O tema básico de nossa Constituição é a *MISSÃO*. Deus nos chama e consagra para:

- Proclamar o Reino Dele.
- Proclamar a Salvação que vem DELE.
- Proclamar o Seu Amor - pelo que somos, dizemos e fazemos.

COMO CONCRETIZAR ESTA MISSÃO?

Assim como Jesus o fez: Ele tornou este *DEUS DE AMOR* visível.

Agora a *IGREJA* torna Cristo *visível* dizendo: *Vocês querem ver o Pai? Então olhem para mim!*

E nós? Deveríamos ser capazes de dizer: *Vocês querem ver Jesus? Então olhem para nós!*

Podemos cumprir nossa missão somente dentro de uma dimensão de *FÉ*.

Mais importante do que *DAR*, é a dimensão *RECEPTIVA* de nossa Missão. Devemos deixar transformar a nossa vida por aqueles aos quais

anunciamos a Boa Nova. Devemos estar abertas à Boa Nova que as outras pessoas nos transmitem: *MUTUALIDADE!*

A MISSÃO tem duas dimensões: *O DAR E O RECEBER!*

A grande pergunta que surge é: - Qual é a *UNICIDADE* em Nossa Missão, se esta é a de todos os cristãos? O que é realmente nosso? – Como devemos agir para que todas as pessoas que nos vêm já possam descobrir *quem* somos?

Em VSE, número 04 diz claramente: O que é característico em nós, IENS?

Anunciamos a Boa Nova através de tudo o que está em nossa Constituição.

- Através de nosso Carisma,
- Através de nossa Tradição, etc...

Veja o Prólogo: O Povo nos pede *HOJE*:

- Proclamem sua Fé!
- Ensinem-nos a rezar!

- Contem-nos de Deus, falem-nos especialmente sobre aquele Deus em quem vocês acreditam!
- Não nos contem o que está nos livros!
Contem-nos em quem vocês *acreditam!*

TODAS NÓS, EM QUALQUER SITUAÇÃO E EM QUALQUER LUGAR, podemos ser Irmã Escolar de Nossa Senhora porque tornamos Cristo visível por tudo o que somos e fazemos.

Individualmente e como comunidade, estamos sempre em MISSÃO (VSE 49) continuando a Missão de Cristo.

Proclamamos este Cristo – A BOA NOVA

- Pela nossa Vida
- Pelo nosso Sofrer
- Pelo nosso Morrer.

- *Como SUA experiência de vida consagrada a faz diferente de uma pessoa leiga?*
- *O que você tem de particular?*

- *Você sente algum apelo na sua vida, de mudar algo para que Cristo se torne mais*
- *claramente visível na sua vida? Ou...*

- *Há algo mais na sua vida que impede que o Reino se torne claramente visível?*

1. Sagrada Escritura

- | | |
|------------------|-----------------------|
| 1. Lc: 4, 14- 21 | |
| 2. Col: 1, 28-29 | 5. Fil: 1,20-21 /2,16 |
| 3. Jo: 17, 18-23 | 6. Mt: 10, 5-9; 16-20 |
| 4. Gál: 1, 15 | 7. Rom:14,17 |

MINISTÉRIO

Irmã Mary Margaret Johanning
Agosto de 1983

Nossa *missão* é “proclamar a Boa Nova como IENS, orientando toda a nossa vida para aquela unidade para a qual Jesus Cristo foi enviado.” (VSE 4)

Proclamar a Boa Nova! Todo grupo que se concentra em si mesmo, morre.

Nós expressamos esta nossa missão, isto é, proclamamos a Boa Nova, através do ministério orientado para a *Educação*. (VSE 22) Este é nosso *serviço* ao povo de Deus, ao seu Reino. Através disso provamos o nosso amor. Deus quer que lhe digamos que O amamos. Você me ama? E quer que o expressemos na *ação*. “Não é aquele que diz Senhor, Senhor, que entrará no Reino de Deus, mas o que *faz a vontade* do meu Pai”...

Dizemos que temos *uma* missão – a de Jesus Cristo. Mas esta missão nós a expressamos numa variedade de ministérios ou serviços, para os quais Deus nos chama, “reconhecendo cada um deles como parte do ministério comum da Congregação.” (DG-32)

Missão e ministério são duas coisas diferentes. *Missão* é nosso envolvimento na vida de Deus, na missão de Jesus. Mas nós o fazemos pelo nosso *serviço*. E VSE nos diz no número 24 que, nossos ministérios ou serviços específicos são respostas a necessidades diversas. Talvez notemos quão freqüentemente há referência a “necessidades urgentes”. Quando atendemos necessidades educacionais *urgentes*, estamos bem dentro da tradição de Madre Teresa: no seu tempo, não havia escolas para meninas. Ela e o Bispo Wittmann tiveram a convicção de que, para mudar a sociedade, deve-se mudar a família; e para mudar as famílias, é necessário mudar as mães; mas para

treinar as mães, deve-se começar pela educação das *meninas*. Não parece ser o retrato de nossa sociedade de hoje? Degradação da sociedade, da vida de família, da mulher! Sabemos que, uma maneira de ir ao encontro dessa realidade, de transformar a sociedade é a **EDUCAÇÃO**.

E, quando atendemos realmente necessidades *urgentes*, não nos faltarão vocações. Assim, na África, há jovens que querem entrar em nossa Congregação. (Em 2007 temos 33 Irmãs nativas.) Vós Sois Enviadas, 22 e 23 diz que todos os nossos ministérios, mesmos diferentes, são orientados para a **Educação**. Não importa o que fazemos: em tudo, somos educadoras. Muitas de nós, ainda não estamos convencidas disso. Uma Irmã, por exemplo, que faz trabalhos domésticos, pode pensar: “Eu não sou educadora! Pois não sou professora, não fiz Faculdade!” Mas nós sabemos que a palavra educar vem do latim “*educere*”, que quer dizer “*tirar para fora*”. Para nós, IENS, “educação significa tornar as pessoas capazes de alcançar a plenitude de seu potencial...” (VSE 22) Nós fazemos desabrochar nelas o que Deus nelas colocou – o potencial de serem criadas e viverem como imagens de Deus, destinadas para sua glória e para “humanizar a terra”. Pela educação “fazemos desabrochar o pleno potencial das pessoas tornando-as capazes de agir com responsabilidade.” (DG 31)

Tudo que “educação” significa para nós, é maior do que ajudar as pessoas a serem *boas*, é mais do que um simples treino intelectual. Wittmann,

Job e Madre Teresa acentuaram “Unterricht und Erziehung” – Instrução e Formação. O desenvolvimento moral da pessoa é mais importante do que a “instrução”. Não basta ajudar as pessoas, *a saber*, mas a *amar e a servir*, para poderem chegar ao pleno potencial. Nós dizemos que ajudamos outros “a orientarem seus dons para humanizar a terra” (VSE 22). Toda vez que ajudamos alguém a *crescer*, estamos educando.

Neste sentido, podemos dizer que “somos educadoras em tudo o que somos e fazemos.” (VSE 23) Assim, também a Irmã que faz trabalhos domésticos, está educando o tempo todo, seja pela maneira como trata o padeiro que entrega o pão ou recebe o carteiro, o jornaleiro, o mendigo. O *modo* dela ao tratar, tira deles seu potencial e *afeta* o modo como eles, por sua vez, se relacionarão com as pessoas da casa vizinha. Se esta Irmã os fizer mais felizes, pelo seu modo de tratá-los e de interessar-se por eles, poderão fazer as mesmas coisas que outros fazem, porém o *COMO* é diferente. Ela não apenas serve, mas está *educando*.

Mas, para educarmos assim, diz nossa Constituição que nós precisamos de uma “visão cristã daquilo que a pessoa é chamada a ser e daquilo que o mundo é destinado a tornar-se” (VSE 22). Temos que saber o *objetivo*; e isto afeta o *que* fazemos e *como* o fazemos. Madre Teresa sempre teve a visão de que *a sociedade* tinha que ser *transformada*. E esta visão afetava o *tipo* de serviço: a sociedade teria que ser transformada através da transformação das *famílias* e estas, através da

transformação das *mães* (das mulheres). Por isso, procurava educar as *meninas*. Somente quando temos uma visão clara do *objetivo* que queremos alcançar, podemos dar passos seguros para alcançar este mesmo objetivo.

Será que nós temos uma *VISÃO*, ou simplesmente executamos tarefas? Madre Teresa era uma mulher de visão; em tudo agiu de acordo com essa *visão*. Isso a levou a ir contra certas estruturas do seu tempo, por exemplo: ela *como mulher*, iria dirigir a Congregação; que esta deveria transcender dioceses e países. E isso ela fez porque estava *convicta* de que teria que ser assim. Ela não derrubou estruturas simplesmente por derrubá-las. Ela agiu assim porque tinha uma *visão*.

Conta-se a respeito de livros de pedagogia escritos por suas Irmãs e que Madre Teresa mandou colocar de lado, pois os considerava já superados. O Governo, porém, comprou todos os livros porque os achou maravilhosos. Madre Teresa já estava um passo à frente. Isso era “*ter visão*”. Ela não fazia simplesmente um *serviço*, mas sabia para onde estava caminhando. O rei Luís da Baviera disse a seu respeito: “Esta mulher sabe o que quer, e o que ela quer, é bem pensado”.

Um objetivo claro e preciso muda muito o que fazemos e *como* o fazemos. Assim, precisamos de uma visão cristã de pessoa e de mundo. Então, como Madre Teresa, educaremos com a convicção de que o mundo pode ser transformado. E essa

transformação vem da transformação das *pessoas*.
Isto é *educação!*

Madre Teresa foi sensível às necessidades das pessoas e preferiu os pobres, servindo aonde quer que fosse chamada. Ela sempre foi para onde foi *chamada*. Isto é muito característico do que somos como IENS: que as pessoas nos *chamam* para servir. Somos mulheres que, vendo concretamente as necessidades, arriscam tudo para ir ao encontro delas.

Madre Teresa, porém, não pensou em resolver todos os problemas que havia na Alemanha no seu tempo, antes de atender o novo chamado para a América do Norte. Se ela tivesse esperado para ir primeiro ao encontro de *todas* as necessidades da Alemanha, antes de pensar na América do Norte, não existiriam Irmãs americanas hoje. Quando pensamos na América Latina, na África e Ásia, poderíamos dizer o mesmo: “temos tantas necessidades em casa!” Como poderíamos ainda mandar Irmãs para outros países? - Assim muitas vezes, impedimos que pessoas chamadas entre nós sigam este chamado.

Conhecemos estas palavras de Madre Teresa: “Peço aos meus superiores que não lancem no meu túmulo que me estendi demais... O futuro dará a explicação”. Nós estamos vivendo neste “futuro” de Madre Teresa e vemos que ela agiu bem. E nós seguindo seus passos. No ano passado (1983) o Conselho Geral teve que aprovar o Noviciado no Peru, no Norte do Brasil e na África Oriental e

Ocidental. E, em outras áreas do mundo, fechamos os noviciados por falta de vocações. Temos que ouvir a voz do Espírito.

Madre Teresa seguiu para onde foi chamada. Ela atendeu necessidades não atendidas por outros. E nós seguimos como está expresso no número 24: “Em seu Espírito, respondemos ao chamado de Deus manifesto em nossos tempos”. A seu exemplo, “não excluimos ninguém de nossa preocupação...” Ela disse: “ Nossos fundadores não colocaram fronteira ao nosso serviço, a não ser a necessidade”. Onde havia necessidade, lá estava Madre Teresa! Como nós estamos continuando sua atuação? – “Sempre escolhemos maneiras de *viver e servir* que favorecem o crescimento” (VSE 23). *Viver e servir!* Madre Teresa insistia nisso, que a maneira mais eficaz de educar é através do *exemplo da professora*, da formadora, da coordenadora. E isto é muito mais importante do que aquilo que ela *faz*. “O testemunho de nossa vida é fundamental” (DG 40). No número 23 de VSE lemos que “somos educadoras em tudo o que *somos e fazemos*”. E o que torna as pessoas capazes de alcançar a plenitude de seu potencial é o *AMOR*.

O *AMOR* faz a pessoa crescer. No número 31 do Diretório Geral dizemos que “o nosso modo de viver e trabalhar revela o amor de Deus”. No número 40 do Diretório Geral, dizemos que o *amor* é um dos aspectos fundamentais para o nosso ministério.

Um dos critérios básicos para nosso serviço é a mutualidade. Não somos nós que fazemos as coisas pelas outras pessoas, mas nós o fazemos juntas.

“Por nosso ministério, nós e aqueles a quem somos enviadas, nos enriquecemos mutuamente...” (VSE 25) “Aprendemos daqueles a quem somos enviadas e somos enriquecidas por eles; ao mesmo tempo, *juntos* crescemos na capacidade de descobrir a presença de Cristo entre nós” (DG 31). E nossa mutualidade é um testemunho de unidade em nosso mundo dividido (VSE 25 e 26). Padre Leonardo disse: “Dêem-me uma Congregação que é capaz de dialogar, que pode trabalhar juntamente com aquelas pessoas aos quais serve, e eu iria mudar o mundo e a Igreja.”

Juntos, crescemos na capacidade de descobrir a presença de Cristo entre nós” (DG 31). Cristo está presente, mesmo antes de chegarmos a um lugar. Uma citação diz: “O primeiro passo para nos aproximar de outras pessoas é tirar nossas sandálias, porque o lugar de que estamos nos aproximando é santo”. Justamente com o povo, descobriremos essa presença de Jesus e o tornaremos ainda mais visível.

Não só nosso ministério ativo, mas também nossa vida, oração, sofrimento e morte é um serviço (DG 32).

E dizemos que “apoiamos uma à outra em nossos vários ministérios, reconhecendo cada um deles como parte do ministério comum da Congregação” (DG 32). Às vezes, porém, não aceitamos ainda quando uma Irmã deixa a escola para fazer um trabalho diferente. Pensamos até que ela não é mais fiel ao carisma de Madre Teresa. Quanto sofrimento de Irmãs que *tinham* que dar aula sem

terem vocação para este serviço, até que, como Congregação chegamos ao ponto de dizer: Alguém pode ser IENS sem ser professora. Madre Teresa disse que a única fronteira para nosso serviço são as necessidades. Isto não quer dizer que a escola e a educação formal não são importantes. São extremamente importantes em nosso ministério, em nosso carisma. Mas o *amor* para com nossas Irmãs que não sentem o chamado de Deus nesta direção é mais importante ainda. O mesmo acontece com as Irmãs idosas que já não podem mais trabalhar na escola. Não importa o que fazemos; sempre podemos ser *sinais* do amor de Deus e fazemos parte do ministério comum da Congregação, contanto que tenhamos a aprovação do Provincialato e somos enviadas por ele e/ou pela comunidade.

Para nós, IENS, a preocupação pela *justiça* deve estar presente em todos os nossos ministérios (DG 33). É aí que encarnamos os valores evangélicos.

Quando falamos na “construção de uma sociedade mais justa” algumas perguntam: Como posso lutar pela justiça se trabalho apenas dentro de casa, ou na sala de aula; ou já sou idosa? Por isso a letra “a” do número 33 do DG diz: Cada uma de nós deveria ser capaz de viver e lutar pela justiça - encarnando os valores evangélicos e vivendo a doutrina social da Igreja; trabalhando pelo crescimento integral das pessoas e na promoção da dignidade humana. E tudo isso levaria a uma mudança positiva das estruturas da sociedade. A maneira como nós nos relacionamos com as pessoas, respeitando sua

dignidade, mudará a maneira como *elas* se relacionarão, por sua vez, com seus semelhantes.

Somos chamadas a “fomentar aqueles valores que revelam o Reino de Deus” (DG 33 a e b), tanto entre cristãos como também entre não-cristãos. Isto não é fácil. Mas vimos que, mesmo antes de termos ido a um lugar, Cristo já estava lá. Temos que pensar *como* levar os *valores* evangélicos à sociedade em que vivemos: *como* reforçar o senso de comunidade; como aprofundar o senso do amor no ambiente em que vivemos. Ajudamos realmente as pessoas a interessarem-se umas pelas outras de maneira bem pessoal?

Devemos perguntar-nos: Qual a maior necessidade desta área? E como estamos respondendo? (DG 37) Isso exige que tenhamos uma *atitude* de discernimento, confrontando constantemente nosso serviço com a vontade de Deus que se nos manifesta, muitas vezes, através de situações *concretas*.

Tudo o que fazemos reflete internacionalmente (DG 36). Não somos limitadas a uma diocese, graças à Madre Teresa! Não somos limitadas a uma única nação, graças à Madre Teresa! E começamos a entender, lentamente, que a internacionalidade é um *DOM* para nós. Assim também, a nossa Constituição teve que ser escrita de maneira suficientemente ampla para que todas as Irmãs pudessem vivê-la. Isto é um *Dom*! Na Constituição e Diretório Geral temos muitos pontos que nos mostram porque a internacionalidade é um *dom*: ela torna mais aguçada a nossa consciência de

mundo. Porque temos Irmãs na Polônia, em Guatemala, em Honduras, etc... sentimos mais as necessidades desses países e sofremos mais com a situação de conflito.

Nossa internacionalidade nos leva a descobrirmos como *partilhar* e, acima de tudo, testemunhar nossa unidade (VSE 26).

Devido à nossa internacionalidade temos a obrigação de desenvolver uma visão mundial e um senso de responsabilidade global, em nós e naqueles aos quais servimos. O mundo precisa um do outro. Todo dom traz consigo uma *responsabilidade*. Será que, de fato vivemos *internacionalmente*? Temos oportunidade de vivermos com pessoas de outras culturas, em nossas próprias comunidades. E sempre há algo a aprender. A internacionalidade nos desafia a viver realmente o cristianismo. Sempre de novo acontece em nossa história que, embora sendo cidadãs de países inimigos, continuamos *IRMÃS*, unidas pelo mesmo Evangelho e mesmo carisma. (Ex: alemãs e americanas, polonesas e alemãs, japonesas e americanas, Irmãs da América Latina e da América do Norte, argentinas e inglesas...)

Peçamos a graça de que nosso compromisso de amor com Jesus, realmente nos impulsiona a amar e servir ao seu povo, e que, apesar das múltiplas necessidades existentes, não percamos o equilíbrio interior e o equilíbrio entre “oração, vida comunitária e ministério que decorrem um do outro e se completam.” (VSE 30)

1- Vós Sois Enviadas

1. Prólogo
2. Ministério 22-26
3. Comunidade 9
4. Oração 28,30

5. Pobreza 17
6. Governo 41
7. D.P.C. 43
8. Conclusão 38

2- Diretório Geral

1. Ministério 31-40
2. Pobreza 22
3. Obediência 28
4. Conversão 51. a
5. Governo 61-g.h

3- Vaticano II e Documentos da Igreja

1. Lumen Gentium 46
2. Gaudium et Spes 12, 31,40-44
3. Perfectae Caritatis 20
4. Ad Gentes 12.
5. Evangelii Nuntiandi
6. Medellín: 4, 12
7. Puebla: 1012-1062,606
8. Redemptor Hominis 21

4- Sagrada Escritura

1. Isaias: 06, 5-13/ 52, 7/ 61,1-13
2. Mateus: 5, 1-15/ 7, 21-27 / 28, 18-20
3. Lucas: 4, 43/ 5, 1-11/ 9, 1-6. 10
4. João: 7, 16-18 /8, 31-32
5. Atos dos Apóstolos: 1,6-8

6. Filipenses: 1,27
7. 1ª Timóteo: 4, 6-16

5- Fundadores

1. Pensamentos de Madre Teresa: 2, 3, 4
2. Carolina do Danúbio

6- Madre Teresa

“Elas, (as IENS) abrem estabelecimentos de vários tipos, tais como: escolas paroquiais, externatos, internatos e orfanatos, nas aldeias, nas pequenas e grandes cidades, aonde a Divina Providência as chamar... e onde as Irmãs se estabelecem as meninas mais pobres serão centro especial de seu interesse.”

“A instrução, porém, não é o único objetivo que as Irmãs deveriam ter em vista; sua finalidade principal é antes a formação do coração - numa palavra, a EDUCAÇÃO”. (Regra de 1865)

Carta nº 3006

Carta nº 4404

7- Padre Sebastião Job

“A formação dos jovens corações não é uma mera formação exterior para brilhar, não somente uma cultura da etiqueta social, mas uma formação da criança para um vivo temor de Deus e piedade, para uma fidelidade vocacional e para a vida cristã. Se tal formação estiver unida a um ensino regular apropriado, então se pode esperar com razão da

escola: uma educação que é o alfa e o ômega. A boca fala do que está cheio o coração.”



POBREZA EVANGÉLICA

Irmã Mary Margaret Johanning
Berlin-1983

A “pobreza” em si é algo *negativo*, que não deveria existir no mundo. Para diferenciar o *objeto* deste nosso 2º Voto, *desse* tipo de pobreza, nós chamamos de: *POBREZA EVANGÉLICA*.

Pobreza *Evangélica* é:

- Pobreza de acordo com o Evangelho
- Pobreza provocada pelo Evangelho
- Pobreza como condição de “possuirmos o Reino”.

“Bem-aventurados os pobres de espírito...”

Mt.5

Jesus *preferiu os pobres*: estava sempre ao lado deles, seja dos mentalmente, fisicamente, psicologicamente ou economicamente pobres. Ele estava *do lado deles*. E nós, *que seguimos Jesus*, não podemos agir de outra maneira.

Se queremos ajudar aos pobres, estar ao lado deles, devemos *viver pobremente*. Porém, podemos ser pobres somente na medida em que somos *ricas* em Jesus. Pois, não podemos como seres humanos, viver a pobreza no vácuo. Precisamos de um ponto seguro. Se encontrarmos essa segurança em *Cristo* podemos viver em total insegurança, em qualquer lugar. Mas, não a encontrando em Jesus, nós a procuraremos numa *idéia*, numa *coisa*, numa *pessoa*, pois necessitamos de segurança na vida. Na medida em que amamos o Cristo, na medida em que Ele é TUDO para nós, na medida em que experienciamos Seu Reino em nossa vida, podemos ousar ser POBRES.

Somos pobres, quando amamos Jesus. Veja o que diz São Paulo em Romanos 8, 35-39. Tome sua bíblia e veja o que diz aí. VSE número 16 diz: “Não nos prendemos a nada, a não ser ao Senhor...” E “a experiência de Cristo nos enriquece”. Podemos segui-Lo em pobreza evangélica, unicamente porque nos sentimos *enriquecidas* pelo Seu AMOR.

Tornamo-nos semelhantes Àquele ao qual amamos. POBREZA não significa necessariamente AMOR. Mas, todo amor verdadeiro pelo Cristo, nos deve levar à pobreza. Bem-aventurados aqueles que amam *tanto*, que *escolheram ser pobres!* Pelo nosso Voto de Pobreza Evangélica, “esforçamo-nos por viver na dependência *incondicional* do Pai (VSE 28). Não há “*se*”, “*em caso de*”, “*vamos ver*” mas, nossa dependência deve ser *total, incondicional*, motivada pela confiança de que a Divina Providência e a comunidade tomarão conta de nós. Confiança,

alegria e liberdade interior caminham juntas, onde há vivência de uma pobreza autenticamente evangélica.

O conteúdo propriamente dito do *Voto* está expresso no número 15 e 50 de VSE. “...*Professamos depender da comunidade, no uso dos bens materiais*”. Não é fácil *dependermos de alguém*. Mas nós, IENS, damos um passo além: Os números 16 e 17 de VSE e os números 17 a 23 do Diretório Geral explicitam mais detalhadamente o que engloba este voto para nós, *IENS*.

“A verdadeira pobreza evangélica significa estarmos totalmente vazias diante de Deus e aceitarmos nossa condição humana” (VSE 16). Sou nada, mas mesmo assim, amada por Deus. Sou fraca, cometo erros, pecados! Faz parte de minha pobreza, de eu ser capaz de dizer: “Sou tudo isso, e me *aceito* como sou”!

Não é fácil partilhar a nossa pobreza, isto é, a nossa “condição humana”. Aí percebemos que a pobreza é humildade e que humildade é verdade. A única grande verdade é que Deus é *Deus* e que nós somos Suas *criaturas*, incondicionalmente amadas por Ele. Justamente quando nós nos admitimos *fracas*, somos *fortes*, pois permitimos que Ele possa agir em nossa vida. (2^a Coríntios: 12,10) Esta atitude nos leva a “não nos prendermos a nada a não ser ao Senhor” (VSE 16). Se conseguirmos isso, veremos que a pobreza traz: alegria, paz, contentamento, liberdade interior-tornando-nos “livres do desejo egoísta de possuir” (VSE 16). (Esta é a raiz de nossa condição humana). Somente

quando nossa segurança está em Jesus, como já dissemos, podemos viver na insegurança.

Quando *somos livres* assim, e confiantes, podemos estar abertas ao *diálogo*. Não precisamos temer que a outra tenha uma idéia melhor. Antes, nos iríamos alegrar com essa idéia *melhor* e ser capazes, com toda a liberdade interior, de renunciar à nossa. Esta liberdade e confiança que marcam a atitude interior de toda pessoa verdadeiramente *pobre* levam-nos a “esperar contra toda a esperança e a aceitar, com alegria, privações e inseguranças.” (VSE 16)

Como Congregação, assumimos o compromisso de “levar esperança cristã ao nosso mundo marcado pela violência.”

Há pessoas que pensam ser suficiente a pobreza *espiritual*, esse desprendimento e liberdade interior - e não ser necessária a pobreza *material*. Para elas, a pobreza defende unicamente do nosso espírito. Mas, lendo Madre Teresa, Padre Job e nossa Constituição, *não* podemos pensar assim.

A POBREZA, para nós, IENS, deve ser material e espiritual. Deve ser uma *disposição interior* que devemos mostrar exteriormente. Nossa pobreza exterior é um *sacramento* (sinal visível) de nossa pobreza interior (VSE 16).

Expressamos nosso espírito de pobreza:

- Tendo tudo em comum
- Vivendo simples
- Partilhando (espiritual e materialmente)

- Reverenciando as coisas criadas e sentindo-nos co-responsáveis pelo mundo
- Recebendo com gratidão, (ser suficientemente *simples* para receber *simplesmente*) sem dar sempre algo em troca.

Quem consegue fazer isso, simplesmente, humildemente, é uma grande pessoa.

POR QUE nós, Irmãs Escolares de Nossa Senhora, devemos ser pobres?

Padre Job, no seu livrinho “Espírito das Constituições das Irmãs Escolares”... nos dá uma resposta:

- Porque Cristo o exige no Evangelho
- Porque o exemplo de Maria o exige
- Porque Bispo Wittmann o exige
- Porque o objetivo principal da Congregação é *ajudar aos pobres*.

Somos chamadas a *ser* pobres para *servir* aos pobres: isto é o coração, o cerne do que somos como IENS.

Para nós, *IENS*, a *pobreza é o meio principal para chegarmos à santidade*. Nossa Congregação foi fundamentada na pobreza. Reconhece-se, geralmente, o carisma de uma Congregação naquilo pelo qual se luta mais! A *pobreza* é um dos aspetos mais *fortes* do nosso carisma.

Madre Teresa escreve, na carta número 714: “O espírito de pobreza é o espírito de nossa

Congregação. Se nós nos afastarmos dele, queridas Irmãs, nossa Congregação decairá”.

E, numa de suas orações, ela pede: “Jesus... deveria ser pobre de espírito e desejar sê-lo. Mas, por mim mesma, não o conseguirei. Por isso, rezo: Senhor, fazei-me vazia de mim mesma e enchei-me de Vós.”

(25/09/1825)

E, Deus sempre nos fará pobres, de maneira diferente daquela que nós queremos. Percebe-se que Deus quer algo de nós, como Congregação a respeito da *pobreza*. Sempre mais Irmãs sentem o chamado para uma vivência diferente e mais radical da pobreza.

Às vezes pensamos que podemos fazê-lo somente quando *toda* a comunidade quer assumi-lo e culpamos a comunidade pela nossa falta de pobreza mais radical. Nada nos impede de viver mais radicalmente, se Deus nos chamar para isso. A nossa vida, assim, pode tornar-se um desafio para toda a comunidade.

Certamente, a vivência da pobreza se torna mais fácil quando temos o apoio da comunidade e quando *todas* a assumem. Mas, se Deus não nos dá esse tipo de ajuda, Ele nos dará a *força* necessária para sermos pobres, em espírito e externamente.

Alguém pode gloriar-se porque tem somente 02 lençóis, enquanto outra possui 04, achando com

satisfação, que é a *mais* pobre. Ela seria orgulhosa, sim, mas não pobre!

Por quê? Porque estou comparando.

Toda a lei da *comparação* é *contra* o espírito de pobreza. (Ela tem *tanto*- eu não tenho- Quero também. Ela pode fazer tal curso, - eu não! Quero também! etc...) Quanta mesquinhez para uma pessoa que fez o voto de “não se prender a nada, a não ser no Senhor.” (VSE 16)

Sem a graça de Deus, não podemos ser pobres. Devemos distinguir entre o *que precisamos* e o *que desejamos*. Precisamos de alimento, remédios, educação, etc. Isto é necessário. Mas, há outras coisas que bem poderíamos dispensar, e que apenas queríamos ter. Quanto menos desejamos, mais *livres* somos e mais alegres e felizes. Que triste, ver uma Religiosa eternamente insatisfeita!

A nossa única motivação para nossa pobreza é “por causa do Reino.” (VSE 17) Por causa dele, deveríamos até ser capazes de sofrer privações, opressão e morte!

O *Diretório Geral* sobre a *Pobreza* é diferente de todos os outros *Diretórios*.

a) Como IENS, “*temos tudo em comum*” (DG 18) até os dons pessoais e espirituais. É difícil para nós, sermos tão dependentes da comunidade. Devemos, dentro deste espírito, ser suficientemente humildes, para *pedir* o que precisamos. Não é fácil, mas *liberta* nosso coração. Não devemos dizer: Ganhei tanto dinheiro dos meus catequistas. Posso

comprar um par de sapatos? – Não, o certo é entregar tudo, sem nada guardar para si. E, se preciso, então *peço*.

Não é fácil pedir, não é fácil receber; não é fácil prestar contas. Mas é necessário, se quero ser pobre, como Religiosa.

b) Devemos ter sempre em mente, que somos apenas “*administradoras*” de tudo o que nos é confiado (DG17). Não devemos agir como se fôssemos donas. “Ai se alguém tocar em algo que é meu!” Quanto sofrimento e quanta discórdia isso pode provocar numa comunidade! “Uma só coisa é importante: *DEUS*, como o *TUDO* de minha vida!”

A *partilha* é um aspecto importante da pobreza. Só quem é *pobre*, sabe partilhar (DG. 18 e 19 c). Partilhar nossa capela? Nossa casa? E nossa privacidade? Talvez tenhamos que repensar o que é “privacidade” num país pobre, onde falta tudo (e a nós, não falta nada) – O *pobre* não pensa em si-mas, no outro! Tem olhos abertos para as necessidades de seus irmãos e irmãs dentro e fora da Congregação.

c) A *simplicidade* em nosso estilo de vida *expressa* nosso voto de pobreza. Ela é, para nos, IENS, um *meio* de continuar a missão de Cristo “por causa do Reino.” (DG. 20)

Deveríamos perguntar-nos sempre: “Meu modo de viver é coerente com o compromisso que fiz?” Ele reflete a vida de Cristo? Reflete nossa missão de

tornar Cristo *visível* pelo nosso Ser? Isto deve ser o nosso critério!

O número 15 de VSE é o resumo do nosso voto de pobreza. Encontramos força para vivê-lo: na unidade e no amor, na confiança irrestrita na Providência Divina e na orientação de nossa vida segundo a vontade de Deus.

A *transferência* é um meio que Deus nos oferece para “*crescermos no desprendimento*”. Deixando *tudo*, nós lhe provamos que não nos prendemos a nada, a não ser *NELE*.

Os 03 votos, na verdade, formam uma grande unidade. Entregamos nossa vida toda (Virgindade Consagrada). Naturalmente fazemos o que Ele nos diz (obediência) e seremos capazes de “deixar tudo” (pobreza). É uma *única* vida que vivemos a Vida Consagrada de acordo com os 03 votos. Um afeta o outro. Nosso voto de pobreza, necessariamente nos faz confrontar-nos com a *justiça social*. Em nossa Constituição, ela entra na dimensão da pobreza e do ministério. Devemos colaborar para eliminar as *causas da injustiça* que vêm do desejo imoderado de poder, posse e prestígio (DG 22).

Todas nós, direta ou indiretamente, contribuimos para as injustiças no mundo, participamos do *pecado social*. (DG 22) Pecados sociais são os que criam ou contribuem para manter estruturas sociais injustas, que não são apenas causadoras da violência, mas que, em si mesmas contribuem com todas as formas de violência. Enquanto possuo

mais do que preciso, estou sendo injusta. Por isso, devo viver simples. Fizemos nosso voto de pobreza numa cultura que nos moldou. Somos influenciadas pela cultura na qual vivemos. Por isso, temos que viver em constante atitude de conversão e vigilância.

Em nosso esforço de construirmos um mundo mais justo, confrontamo-nos com a questão *do papel da Religiosa no cenário político*. Novamente Jesus será nosso modelo: no Evangelho, denunciava tudo o que estava errado, tudo que via sendo contrário à vontade do Pai e contra o Reino. Nós temos que fazer o mesmo - sabemos que isso nos trará perseguições. Porém, é muito importante *como* o fazemos: dentro de nossa consciência e com amor (amor que é crítico), não com ódio e rancor. Temos que nos atualizar constantemente, sermos conhecedoras da situação, da realidade - para podermos agir com conhecimento de causa. E, antes de tudo, devemos estar enraizadas NELE, e denunciar pela nossa própria vida. É fácil falar, mas difícil *viver!*

A causa dos *pobres* deve ser a causa de cada Irmã Escolar de Nossa Senhora, ainda mais quando vive na América Latina. Pois, como já disse, o objetivo principal de nossa Congregação *é servir aos pobres*.

Devemos perguntar-nos sempre: Quais os *pobres* a quem devemos servir? Quais os *pobres* em nossos dias, na *minha* realidade concreta?

Podem ser materialmente pobres ou não. No tempo de Madre Teresa os *pobres* eram: a mulher (as

meninas) a criança surda-muda que ela conheceu, os órfãos. Ela deu preferência aos materialmente pobres.

Certamente, este voto é o que mais nos compromete e desafia, a nós, IENS. Que Deus nos faça descobrir caminhos como vivê-lo, e nos dê a coragem de assumi-lo, na realidade em que vivemos!

1- VSE: 1 a 5, 15 a 17, 50, 51.

2- Diretório Geral: 17 a 23, 31, 32, 35, 37,51.

3- Sagrada Escritura

1. Salmo: 62
2. Isaías: 58, 6-9
3. Mateus: 4, 1-11
4. Marcos: 10, 17-31
5. Filipenses: 2, 5-11/6, 25-34/12, 41-44
6. Lucas: 12, 32-34
7. Atos: 2, 44-45/4, 32-35

4- Vaticano II

1. Perf. Caritatis: 13
2. Mater et Magistra
3. l. Gentium: 08, 31, 44, 46
4. Pacem in Terris
5. Gaudium et Spes: 4, 10, 12
6. Populorum Progressio
7. Justiça no mundo: (Sínodo de 1971)
8. Medellín:1, 12, 14
9. Puebla:
87-90/733-735/743/746-747/769/
1134-1165

5- Padre Sebastião Job

1. “Tenho pena deste povo”

6- Madre Teresa: “O espírito de pobreza é também o espírito de nossa Congregação”. (Carta 714)



OBEDIÊNCIA APOSTÓLICA

Irmã Mary Margaret Johanning
1983

Percebemos que existe em nós a tendência de *possuir*, a qual desejamos erradicar de nós, com nosso Voto de *Pobreza*; percebemos também em nós a tendência de amar muito íntima e pessoalmente a uma só pessoa, ao que contrapomos com o Voto de *Virgindade*; e, temos também a tendência de *seguir* a nossa *própria*

vontade, de sermos nosso próprio Rei; a tendência de controlar, a tendência de querermos ser Deus.

E é pelo dom *da obediência* apostólica que agimos contra esta tendência. Muita gente pensa que a obediência *apostólica* é uma obediência que só tem a ver algo com a *transferência*. (Até chamamos de obediência o papelzinho da transferência) Nossa Constituição nos diz que “nossa obediência, como a de *Cristo*, é *apostólica*” (VSE 18).

Prestamos obediência incondicional ao Deus que nos envia. “Apostólica” - significa aqui que nossa obediência não é a de uma criança, nem a de um funcionário ou soldado, mas a Obediência de uma pessoa enviada. (VSE 18) Vivemos deste envio. *Somos enviadas* como Cristo foi enviado. (*Envio*, em grego quer dizer “apostolein”).

Assim, nossa Obediência é uma obediência *apostólica*. É *Deus* que nos envia. Mesmo que não possamos mais exercer um serviço apostólico (um ministério) ainda assim, somos enviadas, agindo, portanto, em obediência apostólica.

Nossa Obediência, como a de Jesus, deve ser *incondicional* (VSE18). Ele estava tomado pelo desejo de agradar ao Pai. Fez *tudo* que o Pai lhe ordenara fazer. Podemos dizer assim, que a obediência genuína é baseada numa verdadeira *paixão* de fazer a vontade de Deus: prontamente e sem reservas, sem “*mas*”, ou “*se*” ou, “*vamos ver*”.

E, quanto mais profundamente compreendemos o carisma de Madre Teresa, tanto mais percebemos que ela era realmente apaixonada por *conhecer e fazer* a vontade de Deus, não se importando com aquilo que tinha de deixar - enquanto Deus o queria. Esta foi uma de suas características; e esta é uma das maneiras de descrever o que somos como Irmãs Escolares de Nossa Senhora (Prólogo).

Seria difícil viver a obediência, sem *humildade*. Madre Teresa disse que “A Obediência é a expressão visível e a tarefa genuína de um coração humilde.”

Vemos na Escritura, que Jesus “aprendeu a obediência pelo sofrimento”. Se Jesus teve que *aprender* a obediência pelo *sofrimento* - e nós queremos segui-lo “obediente até a morte, e morte de cruz”, (VSE 18) também nós devemos contar com o sofrimento, na busca e no cumprimento da vontade de Deus.

O Pai queria que Jesus reconciliasse todos com Ele (dimensão da UNIDADE). E Jesus respondeu “SIM”, pelo seu sofrimento: “Pai, se for possível, deixe passar este cálice, sem que eu o beba. Mas, não como eu quero, e sim, como Tu queres”. (Lc. 22, 42). É bom sabermos quão radicalmente devemos viver se quisermos seguir a Jesus e Maria na sua obediência: “Fazei o que Ele vos disser”. Fundamentalmente, ao sermos obedientes, estamos seguindo os passos de nossos fundadores.

Padre Job e Madre Teresa de Jesus disseram que há 03 virtudes fundamentais: 1ª Obediência; 2ª Obediência; 3ª Obediência!

Temos a tarefa de *atualizar* nosso Carisma. John Kennedy, Martin Luther King, Romero e tantos mártires nossos, como Cristo, deram sua vida no cumprimento daquilo que Deus lhes ordenara.

E assim, também nós temos o *nosso* caminho a percorrer, com respeito à Obediência. Como Jesus e Madre Teresa, também “nós entregamos nosso ser a Deus e Sua vontade. Entregamos nossa vida a Ele e seu desígnio.” Entregar nosso ser a Deus e Seus Caminhos, é *Obediência!* É difícil entregar-se a um outro, especialmente quando esse outro é Deus. Pois sabemos que o caminho de Deus passa pelo mistério pascal: morte e ressurreição.

Só *o amor* pode fazer isto. Nosso amor para com Ele “nos impulsiona a unir nossa à vontade de Deus.” (VSE 19)

Somente o amor do Pai chama Jesus a unir sua vontade humana com a do Pai até a cruz. E é o *amor* somente que poderá motivar nossa total entrega e submissão. Tornamo-nos sempre mais semelhantes Àquele a quem amamos. Quanto mais nos sentimos atraídos por ele, quanto mais nós o amamos, tanto mais nossos desejos se tornam iguais aos desejos Dele.

Mas, esta nossa entrega deve ser madura, livre. No Diretório Geral número 25, dizemos que “na

obediência nos empenhamos por desenvolver uma *consciência cristã*, para buscar a verdade, e agir com liberdade e responsabilidade.” A Obediência é possível porque Deus nos quer manifestar Sua vontade, e nós podemos fazê-la, quando a procuramos e discernimos. “A obediência apostólica penetra a totalidade de nossa vida.” (VSE 19)

Em último caso, é só a Deus que temos de obedecer. Obedecemos a seres humanos somente enquanto mediatizam Deus para nós. “Professamos obedecer a Deus, através daquelas Irmãs”... (VSE 18) Eu não posso entregar minha vontade a uma outra *pessoa*. Mas, posso escolher de submetê-la a Deus, através das pessoas, “das Irmãs chamadas para o ministério da autoridade.” (DG 27)

Como Jesus, eu escolho fazer sempre o que agrada ao Pai. O problema é: Como sabemos o que agrada ao Pai?

Um menino disse um dia, para uma de nossas Irmãs:

- “Eu gostaria de fazer o que Deus quer!” Mas, por que você não o faz, perguntou ela.

- “Porque eu nunca ouço *Deus falar* para mim. Eu ficaria realmente contente, se Ele me falasse o que quer de mim”.

E, nossa Constituição nos diz *como e onde* Deus fala para nós. “Ele nos revela sua vontade através de Sua palavra, através das pessoas, através das situações da vida, da Igreja e do mundo e através de suas inspirações em nosso coração.” (VSE 19)

Por isso, o “*ouvir*” é tão importante na obediência apostólica. Para “*ouvir*” é necessário: tempo, abertura, disponibilidade e sensibilidade muito grande para as manifestações de Deus, que são sempre encarnadas. Pois, a única maneira de Ele falar conosco é através dos seres criados.

Há o perigo da distração, da falta de espaços de silêncio em nossa vida. Algumas de nós sentimos até certo *medo* do silêncio.

O constante apelo de Maria: “Fazei o que Ele vos disser”, (VSE 19) deveria suscitar em nós essa convicção da importância do silêncio - para dar espaço para Deus e Sua Palavra - em nós, em nossa comunidade. Devemos criar o costume de estar à escuta, perguntando-nos freqüentemente: - “Onde Deus se revelou a mim, neste dia? Nesta manhã? – Como se revelou a mim, ontem”?

E o número 27 do DG nos diz ainda que uma maneira toda especial pela qual Deus nos fala, é através daquelas Irmãs que Ele chama para exercer autoridade.

Quando o Conselho Provincial, o Conselho Geral me pedirem para fazer algo, é uma revelação toda particular da vontade de Deus para mim. É uma das revelações mais fortes de Deus. “*Professamos obedecer a Deus através daquelas Irmãs que exercem a respectiva autoridade...*” (VSE 18) Isto é o Voto! Mas, o restante é o exercício do voto! Somos obedientes a Deus na totalidade de nossa vida. Que é difícil saber a vontade de Deus, nós o

sabemos! Contudo, temos a *ajuda* da comunidade – podemos descobrir essa vontade de Deus, *juntas* (VSE 19).

Isto o torna mais fácil e também mais difícil, porque todas nós vemos como uma coisa em comum, mas também todas nós vemos de um ângulo diferente. Cada um tem uma interpretação diferente. E, para chegar à verdade, é necessário muito esforço: escuta, discernimento, paciência.

Na verdade, no decorrer dos anos, a obediência religiosa não mudou, em *essência*. Nós prometemos *obedecer*, mas sempre fomos responsáveis de apresentar nossa opinião às nossas Superiores, mesmo na regra antiga. Fomos sempre responsáveis para nos submeter, quando descobríamos que era a vontade de Deus, mesmo se ela não estivesse em conformidade com aquilo que a gente queria.

A essência não mudou; mudou apenas o *método*. Antigamente, recebíamos o papelzinho da transferência pelo correio - tal dia esteja em tal lugar! Agora, recebemos muitas cartas, mais telefonemas, visitas – e sabemos aonde devemos ir, bem antes de chegar a nós o tal envelope.

Hoje, acentuamos mais a *co-responsabilidade*. Eu sou responsável para ouvir Deus falar, sou responsável pela Província, pela Congregação. A novidade da obediência hoje é: que Deus fala a *todas* nós. Todas temos uma parcela da verdade; não é mais o que o Papa, os Padres, as Superiores

falam, que são a linha *direta* de Deus para nós! Cada uma tem uma parcela da verdade. –Se é verdade que Deus se revela na vida, precisamos cultivar *essa atitude respeitosa de escuta...* (DG 25)

Diz VSE - número 19, que nossa maneira de discernir se faz na “reflexão, na oração e no diálogo.” E mais, *toda a nossa vida*, nossas atitudes, devem estar marcadas pelo espírito de “oração, reflexão, diálogo e discernimento.” (DG 25) Porque, se Deus se revela em tudo, na nossa vida, devo achar uma maneira de descobri-lo na vida, através de *um modo de viver. Rezamos, ouvimos, refletimos e falamos* – tudo isto é importante para saber o que Deus quer de nós. Assim, o diálogo não é questão de uma hora, mas um modo de viver.

No Diretório Geral, número 24 - dizemos que “a obediência apostólica abrange a busca individual e comunitária da vontade de Deus, a participação no processo de tomada de decisões, a aceitação e a execução das decisões, legitimamente feitas”. Tudo isso é *OBEDIÊNCIA!*

Temos responsabilidade individual e comunitária, de buscar a vontade de Deus; temos responsabilidade de *participar* no processo de tomada de decisões, temos responsabilidades de implementá-las. Não podemos dizer: Ah, o Conselho pode fazer e resolver o que quiser; eu faço mesmo o que quero fazer!

Tenho responsabilidade de *dizer* o que penso, na Assembléia Provincial e no Conselho de Irmãs, porque o Espírito age em cada uma de nós.

Provavelmente, uma das maiores dificuldade da nossa Congregação *hoje*, é a responsabilidade partilhada (co-responsabilidade) (VSE 20). Qualquer uma de nós é tão responsável pela Congregação, quanto a Superiora Geral. E, qualquer uma de nós é tão responsável pela Província, quanto a Provincial. Temos ainda que vencer barreiras e costumes do passado para, realmente, *sentirmos* a responsabilidade que temos pelo *todo*.

Na Constituição dizemos que nós todas partilhamos da responsabilidade “nas decisões comuns que nos levam a proclamar a Boa Nova, promover a unidade e nos ajudam a crescer até a plena maturidade em Cristo.” (VSE 20)

Esses 03 são bons *critérios* para as decisões tomadas no Conselho de Irmãs. São bons critérios para todas as decisões que fazemos em comum. No Diretório Geral, número 29 - lemos que, “*crescemos* na capacidade de responder ao Espírito de Deus.” Quanto mais nós O amamos, tanto mais fácil será para nós fazer a Sua vontade, até que desapareça a nossa vontade pessoal, permanecendo somente a vontade de Deus- “Não o que eu quero, mas o que tu queres”. À medida que somos introduzidas mais profundamente na vida de Cristo, à medida em que nos tornamos uma só coisa com Ele, sentiremos este Seu desejo de fazer o que o Pai deseja, mesmo que esta obediência nos leve até a morte! (VSE 18)

Todavia, obediência não significa apenas *luta*, mas também *alegria*. (VSE 29) Sentimos segurança pelo

fato de estarmos sendo *enviadas* pela autoridade de algum outro. Isto nos dá liberdade. A certeza de sermos enviadas por Deus e por nossa comunidade nos dá liberdade e paz. Assim acontece numa transferência. Deus é tudo para nós. O fruto é: alegria, paz e uma profunda liberdade interior. Mas, não só nesses grandes momentos e, sim em tudo na vida, quando faço minhas escolhas e elas me mostram que foi vontade de Deus, isso me dá essa liberdade e paz. Cada transferência nos dá chance para uma *vida nova*, de mostrar que Deus é tudo para nós.

Talvez uma das frases mais marcantes da Constituição encontra-se no número 20: “O crescimento na obediência nos une mais profundamente ao Deus de amor, estreita a nossa união e nos impele para cumprir nossa missão.” Essa frase nos dá a dimensão pessoal, comunitária e missionária da obediência.

RESUMINDO...

Em nossa Vida Religiosa encontramos *força* na unidade e no amor. Estamos falando em Virgindade Consagrada. Encontramos segurança na Providência. Isso é Pobreza! Encontramos orientação na vontade de Deus. Obediência! (VSE 21)

Maria é nosso modelo. Nesta segunda frase do número 21, foi incluída a dimensão trinitária de Santo Agostinho.

Os votos são a expressão de nosso compromisso, mas também significam a fidelidade ao nosso compromisso.

Fórmula de renovação dos Votos: DG nº 30- Esta fórmula resume quem somos como IENS: UM com Deus e *enviadas* por Ele, a proclamar a Boa Nova - a do Seu Amor; e o fazemos pelo nosso próprio ser - *por minha vida!* Fazemos o compromisso dos votos *em comunidade*, de acordo com a Constituição e o Diretório.

Maria, nós citamos como modelo perfeito dessa entrega total ao Senhor (VSE 21).

Peçamos a graça de sermos sempre tão atentas a Deus, que descubramos seu chamado; de amá-lo tanto que possamos dizer SIM, que possamos ser obedientes. Porque, para nós há 3 virtudes fundamentais: Obediência! Obediência! Obediência!

1. **VSE:** 8 a 15; 18 a 21; 41 e Prólogo
2. **DG:** 24 a 30; 52 a 58; 60; 61; 63; 64.
3. **Madre Teresa:** Carta número- 714

4- Sagrada Escritura

1. Gênesis: 12, 1-9 Abraão 22, 1-19 Isaac
2. 1ª Samuel: 3, 1-19 Fala, Senhor
3. Isaias: 6, 1-13 Eis-me aqui, Senhor
4. Lucas: 1, 26-38 Anunciação e 2, 15
5. João: 4, 34; Meu alimento é...
6. João: 6, 38; 7, 17; 8, 47; 10, 27-28
7. Marcos: 14, 32- 42

5- Vaticano II

1. Perfectae Caritatis: 14
2. Verbum Dei: 05

6- Puebla: 748-750

7- Padre Job: O espírito da Constituição-Parte IV

A *Obediência* é o fundamento da ordem do mundo - a vocação de toda a criação... Toda a sociedade humana forma um pequeno mundo, no grande universo. Não deve, portanto, a *obediência* ser um elemento vital de toda sociedade humana, principalmente de uma comunidade religiosa?

Toda a vida de Jesus, do presépio à cruz era submissão - *obediência*. De acordo com o Evangelho, a obediência é a base, o bastão firme, a estrela segura e o único sinal autêntico da vida cristã e principalmente, da perfeição evangélica.

Uma nova criatura deve ressurgir do túmulo da velha criatura. O orgulho deve dar lugar à humildade; a desobediência à obediência... Uma alma feminina que, de verdade, pode dizer na presença de Deus e do Anjo: “*EIS, EU SOU A SERVA DO SENHOR*” - é outra Maria... Recomendo-vos 03 virtudes importantes e fundamentais... Enquanto florescerem entre vocês, Deus irá cumulá-las com seus favores e a sua casa. Estas 03 virtudes são: obediência, obediência, obediência, porque a obediência não é nada mais do que uma expressão visível e um sinal verdadeiro de um coração humilde...

Fala SENHOR. Amém!

VIRGINDADE CONSAGRADA

Irmã Mary Margaret Johanning
1983

Nossos VOTOS são uma resposta dada livremente à iniciativa de Deus, um dom de nós mesmas, recebido pela Igreja. (VSE 10)

Pelos Votos, nós nos comprometemos a viver o *Batismo*, como membros da comunidade cristã eclesial, a das *IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA* (VSE 12).

É a intensificação do nosso compromisso batismal. Prometemos: *CRER* – e esta nossa *fé* é intensificada pelo Voto de Obediência; prometemos: *ESPERAR*, confiar - e esta nossa *esperança e confiança* são intensificadas pelo voto de *Pobreza*, pelo qual queremos depender totalmente de nosso Deus; e nosso compromisso de *AMAR* é intensificado pelo *Voto de Virgindade Consagrada*.

Não é simples, separar esses 3 votos, porque constituem uma única vida. A *razão* pela qual podemos intensificar nosso compromisso batismal pelos *votos* é que *Deus nos ama tanto*. (1^a. Carta de São João)

“Porque Deus nos amou primeiro, nós lhe damos uma resposta de amor, optando livremente por seguir a Cristo” (VSE 10).

Professamos *publicamente*... Nosso compromisso não é algo particular. Mas é testemunho! *Professamos* algo! E - “para sempre”. Por sua natureza, os votos são uma auto-entrega *definitiva e perpétua*. O fato de serem *públicos* os votos, ajudam-nos para que sejam permanentes. O que prometemos em público, não podemos mudar tão facilmente. Todo amor verdadeiro é permanente.

*A ordem dos votos, hoje, é: VIRGINDADE
CONSAGRADA, POBREZA EVANGÉLICA E
OBEDIÊNCIA APOSTÓLICA.*

Vivemos nossos votos em *comunidade* (VSE 10). Isto consta também na fórmula dos votos! Os votos não são um fim em si mesmos. Existem para a *missão*.

-Pedro, tu me amas?

- Sim!

- Então, apascenta as minhas ovelhas! (João, 21)

Pelos votos estabelecemos a união com Deus e com a comunidade cristã . Eles também nos libertam, para *servir*.

É possível um compromisso permanente? Sim! Porque “é com um Deus fiel que fazemos um compromisso de fidelidade” (VSE 10). Porque Deus é *fiel* podemos dizer que seremos fiéis. Pois nossa fidelidade não vem de nós; ela é um DOM de Deus.

Pelos Votos, nós nos comprometemos uma a outra e damos à nossa vida uma direção que não é a nossa, mas a da Congregação. (VSE 10) – porque *amamos*. Por sua vez, nossas Irmãs, na comunidade, nos apóiam e desafiam na vivência dos nossos votos. Consagradas por Deus, pelos votos, “proclamamos *profeticamente* a primazia do Reino” (VSE 12).

Profeta é alguém que conhece tão bem a Deus, que é tão unido a Ele, que conhece tão bem a mente de Deus, que se torna expressão viva; mas também conhece tão bem o seu povo, que sabe expressar a Palavra de Deus numa linguagem que o povo entende. Ele é o representante do povo junto a Deus e o representante de Deus junto ao seu povo. O *profeta* não prediz o futuro (não é um adivinho); de outro lado, diz muito sobre o futuro.

Acreditamos tanto nas promessas de Deus, que estamos dispostas a viver essa vida casta, pobre e obediente. Vivemos assim porque confiamos que Deus nos *basta*, que Ele completará a boa obra começada em nós. Para este nosso estilo de vida, dizemos que Seu Reino é o mais importante para nós tem “a primazia” (VSE 12) e que queremos depender unicamente de Deus. Isto é um risco! Proclamamos que Seu Reino está entre nós e ainda virá. Somos chamadas a torná-lo sempre mais claramente *visível*.

“Nossa vida de votos completa a vida de outros membros da comunidade cristã” (VSE 12). Pelos nossos votos, especialmente o da Virgindade, assemelhamo-nos a Jesus que ama *universalmente*.

Ele ama a todos. E nós, tentamos amar assim, amar a todos, mesmo que não o consigamos perfeitamente.

A vida dos casados mostra outra faceta do amor de Jesus: o amor *íntimo* dele, assim como o esposo ama a sua esposa e a mulher ama seu marido. Os casados testemunham mais o amor *íntimo de Jesus* e nós, mais o aspecto universal desse amor. Assim, nossa vida de votos completa a vida deles (VSE 12). Como somos limitados, nunca seríamos capazes de mostrar, num *único* estilo de vida, toda a *plenitude* da vida de Jesus e do seu amor.

Mas, quando dizemos que testemunhamos o “amor universal” de Jesus, não queremos afirmar que não amamos também de maneira *pessoal e íntima*. Porém, acentuamos: o amor a cada pessoa. O mesmo acontece com os casados: não quer dizer que não saibam amar a *muitos*, mas acentuam o aspecto *íntimo* do amor. Eles e nós, pela nossa maneira de ser, de amar e servir, “juntas continuamos a missão de Cristo.” (VSE 12)

Poderíamos perguntar uma vez aos nossos irmãos casados: - Como é que vocês amam? E eles, certamente gostariam de saber também como *nós* amamos.

O voto da *VIRGINDADE CONSAGRADA* é o *voto de amar*. Ele contém a totalidade do que somos: somos as únicas criaturas na terra, que podem *amar* constantemente, verdadeiramente. Há uma relação íntima entre a virgindade e os outros votos. Praticamente, ela os engloba:

- Se amo verdadeiramente, deixarei *tudo* por causa do meu amado- isto é *Pobreza*.
- Se amo verdadeiramente, faço tudo que a pessoa amada deseja - isto é *Obediência*.

Usamos a expressão: *Virgindade Consagrada*.

A *consagração*, entendida em seu sentido teológico mais profundo, é a ação pela qual Deus mesmo faz da pessoa a Sua propriedade, para sempre; e por isso a pessoa é *consagrada* por Deus. Tal consagração exige “a *totalidade* de nossa pessoa” (VSE 13) e por isso, a perpetuidade. Eu não posso consagrar-me a mim mesma; somente *Deus* pode consagrar-me.

Por isso, o Concílio mudou o tempo do verbo na Constituição Dogmática, números 43 e 44- *Lumen Gentium*, usando a voz passiva “consecratur”. Isto significa que é a ação de Deus, que é passivamente aceita pela pessoa. Teologicamente, só há *consagração* no sentido verdadeiro da palavra, quando o voto é *perpétuo* e é aceito por Deus, como tal, para o serviço da Igreja. Por isso, usamos o termo “Virgindade Consagrada” na fórmula dos votos perpétuos (DG 30).

Pelo nosso voto de virgindade, anunciamos a Boa Nova, proclamando o *AMOR* de Deus para conosco. *Porque Cristo nos ama*, queremos “viver celibatária e castamente, por causa do Reino”. (Conteúdo do Voto) Mas, o nosso voto de virgindade é muito mais ainda. É o voto de *amar* com um “*amor maior*” (DG11). Cada uma de nós sabe o que exige amar alguém. Inclui, não apenas alegria, liberdade e consolo, mas também solidão, sofrimento,

abandono (VSE 14). Pois quando prometo doar-me *totalmente*, amar com amor indiviso, a Deus e a Seu Povo, então suas alegrias se tornam *minhas* e seu sofrimento, *meu*.

A causa de Deus é minha causa, a causa do povo é minha também. A Fundadora das Irmãs Salvatorianas o expressa muito bem quando diz: “A dor mais profunda que pode atingir o nosso coração, é a dor daqueles que amamos.”

Quando vejo sofrer alguém que amo muito, sem poder fazer nada para esta pessoa, sofro mais do que sentiria a dor se fosse minha. E, quando isso já acontece com *uma pessoa*, quanto mais faz sofrer o acolher centenas de alunos, paroquianos, pobres, etc. com os quais tenho contato, com esse amor.

A vida na virgindade é *graça* de Deus; não a poderíamos viver para sempre, com nossas próprias forças.

Alguns duvidam se é possível que uma pessoa celibatária seja plenamente pessoa humana. Sabemos que podemos ser pessoas muito realizadas, mesmo no celibato, quando sabemos amar verdadeiramente. É o chamado para o amor que leva o ser humano à plena realização (não um amor egoísta que procura auto-satisfação, mas um amor que se dá a ponto de esquecer-se a si mesma). O Diretório Geral, número 14 o expressa quando diz que “o dom de toda nossa pessoa a Cristo e ao seu povo exige e promove nosso contínuo crescimento para a plenitude da vida.”

Deus nos chama a desenvolver em nós, constantemente, essa capacidade de amar. Nós todos, porém, conhecemos Religiosas nas quais a força do amor não chegou ao pleno desabrochamento. E, muitas vezes, estas são pessoas muito infelizes, insatisfeitas, ou pessoas que vivem de compensações. Podem transforma-se uma cruz para os outros, especialmente para sua comunidade.

Na nossa primeira Regra havia esta frase: “Seria sinal tristíssimo para uma Irmã, se com a idade não crescesse no amor...” (Capítulo 17- n.º. 234) Para tudo isso, precisamos de uma grande motivação: “por causa do Reino de Deus” (VSE 13) - por causa de *Cristo* que nos envolve com Seu Amor! Sem o Reino, este tipo de vida não teria sentido. São Mateus o expressa de maneiras diferentes: “Há eunucos que se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus. Quem tiver capacidade para compreender, compreenda”. (Mt. 19 12) Nossa Constituição, ao falar do amor gratuito, usa o termo: “entrega Eucarística” (VSE 14) a Deus a ao seu povo. Na Eucaristia Jesus fala à Igreja: “Isto é meu corpo, dado por vós e por muitos”! Como Jesus, nos oferecemos a nós mesmas, com todo o nosso ser.

A *comunidade* nos fortalece e confirma esta entrega (VSE 14 e DG 12). Fazemos nosso voto de virgindade a Deus, mas vivemo-lo *em comunidade*. Por isso, somos responsáveis pela virgindade de cada uma. Chamamo-nos mutuamente à vida pelo nosso amor, ou nos matamos mutuamente pelo desamor, pelo *gelo* em nosso relacionamento. Assim

contribuímos para a fidelidade ou para a infidelidade de nossas co-Irmãs. Temos esse tipo de poder sobre elas. Quem não se sente bem na sua comunidade, procura facilmente suas amizades e “amores” fora. Quantas Irmãs, quantos Padres, não teriam sido infiéis, se tivessem encontrado *apoio* no amor fraterno de uma comunidade (DG 12 e 13) e/ou uma genuína amizade humana! Ela é um dom de Deus; dá-nos liberdade, alegria e vida. É tão bom saber que somos amadas! Mas, isto deve ser cultivado com prudência e auto-disciplina (DG 13).

Podem vir momentos em nossa vida e certamente virão em que teremos de confrontar-nos com dificuldades e enfrentar crises de vivência do voto da virgindade. Além de ajudas que já conhecemos: A Eucaristia, a leitura meditativa da Sagrada Escritura, a devoção a Maria e um estudo teológico sempre atualizado, sobre este voto, há algo que temos que aprender ainda.

Há uma regra fundamental de Santo Inácio para o discernimento dos espíritos. Ele diz: “Quando se luta com uma tentação, mas se comunica abertamente a verdade sobre isto ao seu confessor ou outra pessoa sábia e piedosa corta-se no mesmo instante, a influência do mau espírito e afasta-se o mal”.

Pensamos, muitas vezes, que podemos vencer sozinhas e não queremos por nada do mundo, partilhar com alguém a nossa dificuldade. Porém, a experiência de muitos de nós é esta: no momento em que tiver a humildade de partilhar minha dificuldade com alguém e colocar-me sob o olhar perscrutador de Deus, ele me libertará. Isto vale

para todas as dificuldades, porém, especialmente no âmbito da virgindade. Muitas crises podem ser *evitadas* se considerarmos as *condições básicas* para uma vivência serena do nosso celibato, mencionadas em nosso Diretório Geral 14: “uma profunda reverência e aceitação de nós mesmas, bem como o conhecimento das dimensões psicológicas e cristãs de nossa condição humana e de nossa sexualidade”.

É importante, como mulher, saber da influência que temos sobre o homem pela sua maneira de nos comportar e de nos vestir, e pelo que dizemos. Para nós vale o mesmo que para outra qualquer mulher comprometida.

Temos sempre consciência de que já estamos comprometidas e não livres neste sentido? Sabemos o que está de acordo com nossa entrega, com nosso compromisso com Jesus? Nosso comportamento deve refleti-lo.

A mulher celibatária deve ter um senso para a solidão, um senso para o ministério e um senso para a comunidade (DG 15), bem como a prontidão de sublimar suas energias sexuais e vida nupcial (intimidade com uma pessoa humana). O DG 16 nos coloca Maria como modelo. Ela nos ensina a “*amar e a aceitar o amor dos outros, como mulheres consagradas totalmente dedicadas a Deus*”.

O segredo de nossa fidelidade é: reafirmar diariamente o nosso SIM sem reservas, total a

Cristo (VSE 14) acreditando no Seu amor para conosco e nos *doar* aos outros, sem reservas.

Assim, experienciamos sempre mais as palavras de São Paulo: “Não sou mais *eu* que vivo, *é Cristo* que vive em mim.” (Gálatas 2, 20) Tornamo-nos *UM* com Ele e assim *UM* com o povo.

O estudo deste voto nos deve levar a uma revisão de vida quanto ao *nosso primeiro amor*. Seria bom refletir, no final, sobre as palavras do Apocalipse Capítulos 2 e 3.

1. VSE: 10 a 14 e 21

2. DG: 11 a 16

3. Sagrada Escritura

Pessoas que amam são chamadas a anunciar a Boa Nova da Ressurreição.

1. Oséias: 2, 16-25
2. Mateus: 19, 10-12 e 19, 27-29
3. João: 21, 15-19 e 20, 1-2/11-18
4. 1ª. Cor: 6, 12-20 e 7, 25-35
5. 2ª. Cor: 5, 14-17
6. Gal: 2, 20
7. Apocalipse: 2, 2-5; 7; 20 e 3, 2-6; 11
8. Fil: 3, 7-15 e 4, 13
9. 1ª. João: 3, 16-18 e 4, 7-19

4. Documentos da Igreja

1. Perfectae Caritatis : 12
2. Lumen Gentium : 42-44

3. Presb. Ordinis: 16
4. Penovationis Causam: 13-15
5. Puebla: 749 -750

5. Madre Teresa

Madre Teresa: Carta No. 714 de 30/05/1847

“A obediência nos manda ainda observar a *castidade*, guarda-nos puras e imaculadas de corpo e alma, como esposas de Jesus. Já há muito tempo sabemos, queridas Irmãs, que esta virtude, bela e delicada, pode se perder facilmente, e só continuará a florescer, pura e imaculada, em meio aos espinhos da disciplina e vigilância de cada uma de nós. Por isso, é necessário também, neste ponto, a disciplina diária. Entretanto, se *rezarmos*, com humildade e confiança, o Senhor não nos deixará cair. Vivamos também assim, que possamos receber muitas vezes a Santa Comunhão e por ela, nos tornarmos fortes para a luta contra a carne, o mundo e Satanás.

Durante o dia, toda vez que o relógio anuncia as horas, recorramos com filial confiança a Maria, a nossa boa Mãe da Congregação, para implorar auxílio, especialmente nos tempos de tentação.”

Madre Teresa- Carta No. 520 de 03/03/1863

“Não se contentem em cumprir o voto de *castidade*, abstendo-se de desejos físicos indevidos, mas oferecendo todos os seus pensamentos, palavras e ações por amor a Deus, com uma intenção pura e santa e assim alcançarmos uma perfeita pureza de espírito, perfeita pureza de coração e perfeita pureza de comportamento”.

Madre Teresa- Carta No. 3520 de 03/03/1863

“Ajamos de tal modo que, livres de todas as amarras, possamos dedicar-nos a Deus e a nossa profissão com um coração indiviso”.

Madre Teresa- Carta No. 714 de 30/05/1847

“Conservamos este amor diante de Deus e dos outros, quando observamos fielmente os santos Votos. Eles são baluartes contra o nosso inimigo, o pecado e o mal. Os santos votos são ao mesmo tempo as nossas armas e a nossa coroa. No dia da santa profissão, queridas Irmãs, prometi-lhes, em nome de Jesus, a vida eterna, se observarem fielmente os seus santos votos”.

6- Padre Job- Do Espírito das Constituições - Parte IV.

“Os votos têm um valor grande e profundo e grande influência na Igreja de Deus. Por eles, os Institutos Religiosos distinguem-se das outras massas de fiéis, são colocados no candeeiro em terra escura. São no meio do mundo um testemunho da verdade do Evangelho, que também se faz visível pelas grandes experiências na vida dos que crêem. São um testemunho do poder do Espírito Santo, que sempre ornamenta a verdadeira Igreja, a Esposa de Jesus, com os seus dons. São um testemunho dos ensinamentos e do modo de viver dos Apóstolos, que encontra somente na verdadeira Igreja de Jesus os seus amigos e imitadores. Além disso, é pelos votos que os Institutos Religiosos recebem a sua estabilidade, firmeza, continuidade, consagração e sanção”...

Do Voto de Castidade

“O mundo pode gritar contra o celibato, como quiser; daquilo que Jesus ensinou e instituiu, no entanto, não se tirará nada. Mesmo entre os espinhos de nossos tempos, ainda florescerão lírios. Sempre o Espírito Santo, a força do Altíssimo envolverá a Igreja para que possa gerar almas que compreendam a Palavra Divina da vida celibatária, porque é dado a eles, compreendê-la. Sempre haverá na Igreja almas eleitas, que renunciam ao matrimônio POR CAUSA DO REINO... Porque a castidade é um dom de Deus, seriamente as admoesto: *“VIGIAI E ORAI SEM CESSAR”!*

EUCARISTIA

Irmã Mary Margaret Johanning.
Junho de 1983

Nós, Irmãs Escolares de Nossa Senhora, “Somos chamadas a ser UM e a levar todos à Unidade com Deus” (VSE 33) num mundo dividido por guerras, num mundo onde a injustiça já é institucionalizada, num mundo onde o ser humano carece sempre mais de unidade, de equilíbrio interior, num mundo auto-suficiente, materialista e racionalista, que perdeu sua ligação com Deus.

Grande tarefa, que, por sua vez, nos faz totalmente dependentes de Deus, pois a unidade é obra dele,

não das pessoas. Somente Cristo no-la pode obter, como dom especial, pelo seu sacrifício na cruz.

Assim, a Unidade não existe sem a *EUCARISTIA* - o *Sacramento da Unidade*. Somente com Jesus, e em Jesus, podemos ser Um e fazer UM.

“A Eucaristia existe para a Unidade; a graça da Eucaristia é a Unidade”. Já Madre Teresa sabia, indubitavelmente, que as duas realidades eram uma só. E por isso, acentuava as duas, e nos deixou as duas como pontos fortes de nossa herança: Unidade e Eucaristia.

Ainda não tocamos em profundidade o que a Eucaristia pode ser, o que deve ser, e o que é em nossa vida. Sabemos que com ela celebramos a UNIDADE, e que ela é “a principal fonte e expressão do amor,... da comunhão, da Unidade.” (VSE 33)
Nós vamos a Jesus, para que Ele nos faça *UM*: Um com Ele e Um entre nós. Esta é a chave que ainda não descobrimos muito bem. Pois, encontramos comunidades que dizem: “Não temos unidade entre nós, aqui em casa; por isso, seria uma farsa celebrar a Eucaristia juntas”. Ainda não percebemos, porém, que é *melhor*, neste caso, celebrar juntas a Eucaristia, para permitir que o Senhor *nos faça UM!*

E, quando a união de nossa comunidade de fé, é uma realidade, sentimos necessidade de celebrá-la, de expressá-la em símbolos - num ritual chamado Eucaristia; e a expressamos juntas, publicamente. Assim, diz nossa Constituição, número 33: “A

Eucaristia é a principal fonte e expressão do amor e da comunhão”...

A Eucaristia deve expressar a totalidade de nossa vida. É necessário esforço e perseverança para planejar a liturgia de tal maneira que ela realmente “*expresse a totalidade de nossa vida e reflita a cultura* na qual servimos.” (DG-43)

Karl Rahner diz: “Hoje a Igreja se encontra numa crise semelhante àquela que houve na passagem do judaísmo para a universalidade da Igreja, abrindo-a para outras culturas.”

A liturgia que planejamos, deveria refletir o povo ao qual servimos. Eucaristia-expressão de nossa vida! (DG 43)

Eucaristia- “principal fonte e expressão de amor e da comunhão (unidade) que procuramos conseguir em nossa comunidade e no mundo.” (VSE 33) Não que já os possuímos! Assim precisamos reunir-nos na Eucaristia, *para nos tornar unidas*. O Diretório Geral número 41 diz: “*Como comunidade local, devemos fazer sérios esforços para celebrar a Eucaristia juntas*”, pois a comunidade local precisa encontrar sempre mais profundamente seu centro em Jesus (VSE 6) e expressar a unidade que tem.

E há desculpas como estas: “Não encontramos sacerdotes disponíveis!” ou “Não conseguimos achar uma hora em que todas possam estar juntas.”

Se realmente valorizamos a Eucaristia, juntas encontraremos caminhos para poder celebrá-la. *Precisamos* muito da Eucaristia. Temos necessidade de nos colocar diante de Cristo, para sermos mudadas, para sermos transformadas com Ele e por Ele. Temos necessidade de nos encontrar como *comunidade*, para sermos transformadas e para aprofundar a nossa unidade, em Jesus.

Nós o fazemos, porque, como diz VSE número 33: “Somos chamadas a ser UM e a levar todos à unidade com o Pai”. É por isso que nós, IENS, temos tanta necessidade da Eucaristia!

Conhecemos bem o ministério da Eucaristia: Jesus se oferece ao Pai por nós e se entrega a nós pelo Pai-opção livre e consciente, feita por amor, confirmada hoje, feita presente hoje.

Em cada Eucaristia que é aquele mesmo, aquele único sacrifício de Jesus oferecido por Ele ao Pai, (na primeira Sexta-Feira Santa) Jesus, continua dizendo: “Pai, em me entrego por este povo.”

É isso que torna a Eucaristia efetiva hoje, que Jesus continua dizendo ao Pai: “Eu me entrego por eles” (VSE 34).

Jesus deseja a Unidade: “Pai, quero que, onde Eu estiver, estejam comigo aqueles que me deste. Que sejam UM como nós”. (João: 17, 11 e 24)

“Na Eucaristia somos atraídas ao relacionamento de amor do Cristo com o Pai, no Espírito Santo.” (VSE 33)

E Madre Teresa diz tão bem: “Ele coloca dentro de nós, o desejo da unidade... a capacidade de amar... o desejo de íntima união”. Quando alguém nos ama e se dá por nós, a única resposta verdadeira só pode ser: *o dom de nós mesmas*, o amor em troca. Nosso primeiro impulso ao contemplarmos Jesus na cruz, é dizer: “Não! Você não deve sofrer tanto, não tem que morrer por mim”. No entanto, nos momentos de silêncio e aprofundamento, reconhecemos que necessitamos de sua morte. Temos necessidade da redenção. E neste momento sabemos que há uma única resposta Àquele que se entrega por nós: *AMOR*, auto-entrega a *ELE!* Porém, temos a liberdade de dizer Não! Podemos estar com medo...

Sentimos o desejo radical de ser discípula, seguidora de Jesus (VSE 34), ao nos confrontar com o que Ele diz e o que Ele faz na Eucaristia. Aí, Ele fala pela Sua Palavra. Nós a ouvimos todos os dias. Ela nos revela os princípios e valores de Jesus. E nós, juntas dizemos, após tê-la ouvida: “Graças a Deus”! Começamos lentamente a perceber e concretizar esses mesmos valores em nossa vida. Nós os acolhemos e vivemos juntas, porque a Eucaristia é um ato comunitário. Assim, não sou eu sozinha que vivo a Palavra que Deus me revela cada dia, mas toda a comunidade se compromete a vivê-la. Deveríamos ainda fazê-lo mais conscientemente, perguntando-nos, cada dia, diante da Palavra de Deus, que é a vida: “O que Jesus nos diz hoje, individualmente e como comunidade?”

Nem sempre conseguimos viver a Palavra com perfeição. Assim, no dia seguinte, chegamos ao ritmo penitencial e confessamos: “Falhamos”! Somos frágeis! (VSE 35) Mas, somos “nós”. Ainda não entendemos bem que não sou eu que celebro a Eucaristia, mas “nós”, como *comunidade*. Ela é um ato comunitário. *Fazemos* algo. É uma *ação*. Não *sentimos* a missa, mas: recebemos Jesus do Pai, aceitamo-lo, oferecemo-lo, juntamente com tudo o que somos e fazemos; comungamo-lo e nos comprometemos. É verdadeiramente uma ação, um ato, porque os sacramentos são *atos de Jesus*.

O ato da Eucaristia é sua *total* entrega ao Pai por nós. E nossa ação é: *recebermos* Jesus do Pai este dom de Jesus, e render-lhe graças. Eucaristia é: Ação de Graças! E a melhor maneira de agradecer um dom é *usá-lo*. Assim, nós *usamos* o dom de Jesus para oferecê-lo ao Pai; pois é o único dom de valor que podemos oferecer. E nós nos oferecemos juntamente com Ele, tornando-nos assim, uma oferta de valor. Ao fazê-lo, nós nos unimos à Igreja que recebe do Pai, o dom de Jesus, dá graças e o oferece, por sua vez, ao Pai, em adoração. Assim, realmente podemos dizer que a Igreja é mais verdadeiramente Igreja, na Eucaristia. É aí que Ele age. Mostramos como *nós* somos unidas à Igreja, quando dizemos que: “Somos mais verdadeiramente aquilo que somos, quando celebramos e vivemos este sacramento da unidade” (VSE 35), isto é, quando *nós* recebemos Jesus e O oferecemos novamente. Isto é nossa identidade. A Eucaristia é o sacramento da Unidade.

Na Eucaristia, Palavra e Ação estão intimamente unidas. A palavra necessita de ação e a ação da Palavra. Só assim criam impactos. Palavras sem ação, não convencem, são ocas. Por outro lado, às vezes, nossos gestos não se fazem entendidos sem a palavra. Necessitamos da palavra e da ação, juntas! Jesus falou em palavras, na Última Ceia, o que iria fazer. Ele o fez em símbolo (e símbolo é realidade) e na Sexta feira Santa realizou o que disse. E Ele continua a dizê-lo e fazê-lo sempre e sempre, novamente.

A Eucaristia é *sacrifício*, porque Jesus continua a imolar-se por nós, diante do Pai. No Antigo Testamento, o sacrifício, geralmente levava à morte; era imolação do ser *vivo*, quando este era objeto de sacrifício. E, depois de imolada a vítima, em muitos casos, era consumida pelo povo. Jesus é o sacrifício, Jesus é o alimento (a refeição), é o elo de união entre Deus e o povo. Se comeremos a mesma comida e bebermos do mesmo cálice nós nos tornamos *UM*. Se formos alimentados com a mesma comida e bebida, vivemos a mesma *vida*. E, se o alimento e bebida é *Jesus* então, *essa vida é Jesus*.

Na Eucaristia “somos introduzidas sempre de novo, no auto-despojamento do Cristo... A partilha de seu corpo e sangue, nesta refeição sacrificial, nos une intensamente com Ele e com às nossas irmãs e irmãos.” (VSE 33)

Na Eucaristia partilhamos essa vida mais intensamente, tornando-nos *UM* com Jesus. Mas também nos tornamos *UM* com nossos irmãos e

irmãs ao partilhar esta comida: o mesmo corpo e o mesmo sangue. Assim, temos unidade em todos os níveis. Recebemos gratuitamente *Jesus* do Pai e recebemos generosamente nossos irmãos e irmãs. E um é tão importante quanto o outro.

Recebemos com gratidão o *corpo* de Cristo, na pequena hóstia branca e cremos, manifestando nossa fé pelo “Amém”! Acreditamos realmente neste Amém? Também dizemos que nós, nosso irmão ou irmã, somos o Corpo de Cristo, que nós O tornamos presente. Aceitar isso, às vezes, é mais difícil do que aceitar a presença de Jesus naquela pequena hóstia branca. Como nos custa, às vezes, dizer à nossa co-Irmã ou a qualquer pessoa na comunidade cristã: Sim! Amém! Eu a aceito como Corpo de Cristo, e dizê-lo com o mesmo respeito com que me apresento diante de Jesus na hóstia branca: em silêncio, em admiração, de joelhos! Será que realmente nós nos aproximamos uma da outra com esta mesma reverência e respeito porque acreditamos uma na outra com essa mesma admiração e respeito porque acreditamos que nós duas somos Corpo de Cristo? Não devemos excluir ninguém e sim, “aceitar a totalidade do *Corpo de Cristo*” (VSE 35).

Mas, ninguém de nós torna Jesus *totalmente* presente. Somente a comunidade cristã pode fazê-lo. Nós, cada uma de nós, somos *uma parte* deste Corpo de Cristo. Ensinamos bem ao povo esse respeito pelo Santíssimo Sacramento-o Corpo de Cristo. Mas podemos e devemos ensinar-lhe também aquele respeito pelos

outros Corpos de Cristo - seus irmãos e irmãs.

Madre Teresa diz tão bem: “Quem comunga está em Jesus, e através dos que comungam, Deus será revelado aos outros”. “Vivemos como testemunhas do Reino de Deus” (VSE 35) tornando Cristo presente. Chamamos de “nova espiritualidade da encarnação” o que Madre Teresa já disse no Século XIX: pelos que comungam, Deus é revelado às outras pessoas. Isto é ação. É ação sacrificial, é refeição, é auto-despojamento de Cristo, é redenção que continua.

Jesus o disse e sabemos que a redenção não está terminada. Nós continuamos a missão de Cristo, somos instrumentos de salvação. Assim, dizemos que “a Eucaristia nos impele a entregar a nossa vida...” “em memória de Jesus” (VSE 34) e que a: “Eucaristia é o maior impulso e desafio para nossa comunidade em missão” (VSE 35). Pois, o que de melhor podemos fazer em nossa missão, *é dar a vida pelo povo*, “ em memória de Jesus e seguindo seu exemplo.” (VSE 34) Jesus mesmo disse: “ Fazei isto em memória de mim”. Foi o desejo de alguém que ia morrer: “Quando o fizerdes, lembrai-vos de mim”!

Quando vocês fazem o que EU fiz, pelo bem do povo, lembrem-se do que Eu o fiz também. Não se entreguem apenas umas às outras, mas, ao fazê-lo lembrem-se de mim. E assim me tornarão presente, porque se lembram de mim, quando o fazem. Dêem seu corpo e sangue, toda a sua pessoa, pela redenção dos outros e assim lembrem-se de mim.

Dizemos que a Eucaristia é essencial para nossa vida, que nossa Congregação é fundamentada na Eucaristia. Isto não significa que ela se resume numa meia hora de celebração. *A vivência autêntica da Eucaristia* é: a entrega de nossa vida, momento por momento, pelos outros, em memória de Jesus. Assim dizemos no Diretório Geral 41: “ Nossa vida é Eucarística porque é uma oferenda dada ao Pai, em união com Cristo, pelos outros.” Então entendemos porque dizemos que “a Eucaristia é o centro de nossa vida consagrada”. (VSE 35)

É o centro da *virgindade consagrada*_- Jesus amou até morrer;

É o centro da *pobreza* - porque significa um desprendimento total, entrega total de nossa vida;

É o centro da *obediência* - porque Jesus foi obediente até a morte. E é isto que devemos viver.

Não adianta comungar simplesmente, sem assumir a Eucaristia que recebo. É coisa muito séria. Quem quer *ter a vida, dê a vida*. Eucaristia vivida é: fazer-se pão para alimentar os espíritos famintos, e *sangue* para os corações sedentos de amor e de paz.

Devemos *fazer-nos Eucaristia* uma para a outra. Cada uma de nós deveria estar tão unida à ação de Cristo, que se torna profundamente Eucaristia, sendo “corpo dado e sangue derramado”.

A Igreja coloca sempre a Profissão Religiosa dentro da celebração Eucarística porque deve significar a participação constante de alguém que diz às pessoas: “Isto é o meu corpo e o meu sangue,

entregue para vocês.” Cada vez que ouvimos as palavras da Consagração, nós nos deveríamos lembrar disso: que nos fizemos *DOM* ao Senhor. E Ele nos devolve ao mundo, para que todos os irmãos e irmãs tenham direitos sobre nossa vida. Fomos chamadas para grandes coisas: o mundo dilacerado de hoje precisa do *DOM* de nossa *VIDA* para se unir. Nossas comunidades precisam do *DOM da VIDA* de cada uma, para que cheguem à Unidade.

Na Eucaristia experienciamos a realidade do chamado de nosso Mestre, que nos mostra o caminho com as palavras: “Amai-vos uns aos outros”. E que faz o que disse: “Eu me entrego ao Pai por Vós”. Ele nos envia para fazermos o mesmo! E, ao fazê-lo nós O lembramos. É essa auto-entrega, em nome de Jesus, que produz a Unidade.

Todas essas experiências poderiam assustar-nos, até afastar-nos da Eucaristia. No entanto, não devemos esquecer que Cristo é nossa *VIDA*. Assim, não confiamos em nossas próprias forças, mas no poder e na força de Jesus Cristo. A Eucaristia é o pão dos fortes, a fonte do amor, o sustento e a renovação de nossas comunidades, como lemos em VSE 6: “Cristo nos renova e sustenta através de sua presença, expressa mais intensamente na Eucaristia”. (João: 6, 5-51)

Termino, com estas palavras: “Muitas de vocês já ouviram dizer que eu creio que o futuro da Igreja está na América Latina e na África. Eu o creio realmente! Creio que aí há necessidades a serem

seguidas e atendidas por nós, IENS. Mas, se não estivermos aí presentes com a Eucaristia, então duvido de nosso futuro”.

1- Sagrada Escritura

1. Lc: 22,14-20 e 24, 25-35
2. Jo: 6, 22-66 e 4, 21-24
3. 1ª Cor. 11, 23-27
4. Atos: 2, 42-48
5. Isaias: 55, 1-5 e 25, 6-9

2- Vós Sois Enviadas

1. Eucaristia: 33-35
2. Comunidade: 6
3. Oração: 29
4. Votos mais Introdução-11
5. Diretório Geral: 40, 42, 45c

3- Vaticano II

1. Sacrosanctum Concilium: 3, 10, 11, 47, 48
2. Unitatis Redintegratio : 2
3. Ad Gentes: 39
4. Renovação da Vida Religiosa: 47-48
5. Redentor do Homem: 20
6. Presbiterorum Ordinis: 5
7. Abri as Portas ao Redentor: 3

4- CAROLINA DO DANÚBIO – páginas 98-109

5- Madre Teresa: Carta Nº 3537, de 03/04/1863

“A Santa Comunhão é um auxílio. Moisés, pela intimidade com Deus, participou de sua glória

deslumbrante, de modo que ela se refletia em seu semblante. As nossas almas também se tornam puras, boas e lindas pela freqüente união com Jesus.”

“... Se a cruz pesa muito, oh, vão a Jesus Crucificado no SS Sacramento. Contem-lhe as suas preocupações, talvez no silêncio de uma hora noturna de oração. Nunca as deixará sem luz, consolação e auxílio. Para mim também havia tempos em que não podia achar outro meio e agora, para a maior glória de Deus, posso revelar-lhes que o Senhor nunca me recusou uma graça que pedi para a sua causa, ou para vocês, minhas filhas.”

ORAÇÃO

“Ó Jesus, meu Senhor, criei em mim uma fome por uma comunhão freqüente para que aquela união, que almejava em toda a minha vida, se realize. Que o vosso amor eterno tome, verdadeiramente, conta de mim e que eu seja exclusivamente vossa, para sempre.” AMÉM

CARTA Nº 714 de 03/05/1847

“Vivamos também assim que possamos receber muitas vezes a santa comunhão e, por ela nos tornar fortes para a luta contra a carne, o mundo e satanás.”

CARTA Nº 2941

“Não podemos fazer nada sem Jesus. Peçamos-lhe Sua graça na Santa Comunhão.”

CARTA Nº 3007

“Rezemos especialmente na Santa Missa, com Jesus e por Jesus que, ao mesmo tempo, é vítima e sumo sacerdote.”

6. Padre Job- O Espírito das Constituições- Parte V

“Apressem-se... para receber Aquele em seu coração, que pode curá-las novamente e preservá-las puras em futuras tentações - Jesus Cristo no SS Sacramento, a quem devem receber aos domingos e dias santos e também algumas vezes durante a semana.

Além da Santa Missa, não existe outro exercício melhor para a estabilidade e expansão de seu Instituto religioso do que a adoração de Jesus ao SS Sacramento – que poderia ser um consolo para Irmãs idosas que, cansadas do calor e dos fardos do dia, voltando das filiais para a Casa Mãe, poderiam descansar ali, aos pés de Jesus”.



MARIA

Ir. Mary Margaret Johanning
1983

Ao refletir sobre a realidade de Maria em nossa Constituição, talvez não haja nada que a caracterize melhor do que a simples palavra MÃE. Qual é o verdadeiro significado de "MÃE" para nós? Usamos este título várias vezes em nossa Constituição e Diretório. Às vezes chamamos Maria de “Mãe de nossa Congregação”.



Damos-lhe também o nome de “MÃE da Igreja e Virgem, Mãe de Jesus”.

Me. Teresa disse e escreveu muito claramente que dedicou a Congregação a Maria. "Há somente uma Mãe na Congregação", diz ela, "e esta é Maria". Então, ficamos sabendo realmente de Madre Teresa, que Maria é Mãe de nossa Congregação. Ela é também "Mãe da Igreja". Muitas de vocês sabem que houve entre os Padres Conciliares uma longa discussão, a respeito do lugar de Maria. Deveria ela receber um Documento próprio, ou deveria ser

incorporada no Documento sobre a Igreja (Lumen Gentium)? Finalmente, Maria entrou nesse Documento, como "Mãe de Deus, Mãe da Igreja, Virgem Mãe de Deus, Mãe dos Homens". E a Sagrada Escritura, apresenta-a para nós como Virgem e Mãe.

Ao escrevermos a Constituição, tivemos um problema semelhante ao dos Padres Conciliares. Vocês perceberam que, na Constituição de 1970 não há nenhum parágrafo separado sobre Maria. E não há muitas referências de Maria na Constituição atual. Mas, quando analisamos cada um dos textos, descobrimos que neles está contida toda a Teologia sobre Maria. Não foi omitida nenhuma dimensão-chave da devoção mariana. O espírito de Maria impregna fortemente o Documento atual. E há um parágrafo separado sobre Maria dentro da secção sobre "Oração". De propósito, foi colocado neste lugar, após o parágrafo sobre a Sagrada Escritura.

Assim, todas nós temos consciência, de que a devoção a Maria é, seguramente uma parte de nossa herança; certamente, Maria nos pertence como Irmãs Escolares de Nossa Senhora. No entanto, se olharmos nossa vida em relação à nossa devoção a Maria, observamos, provavelmente, muitas mudanças. E, freqüentemente se pergunta:- O que significa realmente, ser uma comunidade mariana? O que significa hoje, para nós, venerar Maria, como Irmã Escolar?

Não temos muitas orações comunitárias a Maria; não temos muitas prescrições relacionadas com a devoção a Maria. Por outro lado, diz nossa antiga regra algo sobre isto e que foi transferido para a nossa Constituição atual. A antiga regra registra no número 165: “A Irmã que pratica a melhor devoção a Maria que ao mesmo tempo é a mais agradável a Nossa Senhora é aquela que se empenha com santo zelo em fazer o que o Senhor dela requer”. Não há, talvez, sabedoria maior do que esta. O que significa hoje, ser uma comunidade mariana? O que significa para nós, venerar Maria? Muito simples: “Fazer o que Ele nos diz”. A antiga regra declarou que a norma das IENS seja: *“Fazei o que Ele vos disser”* (Prólogo).

Um jesuíta erudito, exegeta bíblico, fez uma exegese de VSE, pouco depois de sua publicação e tratou dos parágrafos da Constituição do mesmo modo como teria se aproximado de textos bíblicos. Tornou-se um estudo fascinante. Ele mesmo chegou ao resultado assombroso:

-Vocês sabem o que de fato fizeram? Vocês tomaram uma frase da Sagrada Escritura, que se refere a um determinado acontecimento - um casamento e jarras a serem enchidas - e disseram: “Isso deverá caracterizar toda nossa vida, não só um acontecimento”. Isso é bom, enquanto souberam o que fizeram, enquanto souberam o que pediram. Caracterizar toda sua vida por “Fazei o que Ele vos disser,” certamente está correto, mas difícil de realizar.

Ao mesmo tempo, pouco depois da publicação de VSE, disse um pregador de retiro: Vocês não podem ser Irmãs Escolares de Nossa Senhora, porque tão raramente mencionam Maria na sua Constituição. Até hoje não sei se ele disse isso conscientemente, com segundas intenções, ou se tinha outros motivos. Mas, qual foi a consequência? Cada retirante tomou a Constituição e a examinou toda e voltou, a fim de provar-lhe, de que a Constituição estava fortemente impregnada disso. É verdade que, na Constituição alemã e no Diretório Geral, somente nuns 10 textos Maria é mencionada expressamente. Porém, se examinarem estes textos, terão uma teologia Mariana completa. Além disso, têm o comportamento e espírito de Maria, na Constituição e no Diretório, como um fermento, que tudo leveda tudo penetra. Mesmo que não seja mencionada, seu espírito perpassa o todo.

Assim hoje gostaria simplesmente, de rever esses 10 textos passo a passo. O primeiro texto encontramos no Prólogo, onde diz: “Em espírito de fidelidade criativa , nos unimos a Maria, Mãe da Igreja e de nossa Congregação, que amorosamente nos desafia: - *“Fazei o que Ele vos disser”*. Isso é como que uma mina de ouro num parágrafo! Maria, Mãe da Igreja e de nossa Congregação! Aqui se reflete, o que lemos Constituição, sobre Igreja. E, se não fizeram isto recentemente, recomendo-lhes que leiam novamente. Diz-se de Maria, que ela é modelo da Igreja e “protótipo mais evidente na fé e no amor”. Ela ensina à Igreja a fé, o amor- isso é declarado expressamente- sua própria peregrinação da fé é a peregrinação à qual segue a Igreja, é a

união à qual aspira a Igreja. Finalmente: a busca da vontade de Deus e o cumprimento da vontade de Deus. VSE faz referência à forte fé de Maria e o Diretório Geral apresenta-nos novamente “Maria, como Mãe da Igreja e de nossa Congregação”. (DG 8 c)

Continuando, VSE nos diz que, na prontidão, unimo-nos a Maria. Permitti que contemplemos a prontidão de Maria. Ela estava pronta para sempre escutar o Pai, Filho e Espírito Santo, para aceitar e receber tudo deles. Estava constantemente pronta para deixar que mudassem totalmente sua vida. Este comportamento de Maria deverá ser também o nosso comportamento. Vós Sois Enviadas 19 nos exorta a responder prontamente ao chamado de Deus, aceitar privações e inseguranças, deixando-nos guiar por Deus sempre prontas a fazer o que Ele nos disser.

Poderia parecer perigoso, viver nesta abertura para Deus. Nossa vida, certamente, tomará uma direção diferente daquela que nós planejamos se verdadeiramente abandonássemos nossa vida totalmente à sua direção. Vida religiosa foi comparada com alguém que senta na beirada da cadeira à espera da vinda do Senhor. Pronta para ser guiada por Deus. Se sentarmos na beirada da cadeira, podemos nos movimentar mais facilmente, podemos reagir mais rapidamente. Porém, se nos instalarmos comodamente numa poltrona, precisamos de mais tempo para nos levantar quando alguém nos chama. Religiosos devem sentar na beirada da cadeira - prontas a responder,

a qualquer hora, ao chamado de Deus. No entanto, todas sabemos como é incômodo sentar, por mais tempo, na beirada da cadeira. Porém, é esta a nossa prontidão ao Seu chamado. Vocês podem ler toda a Constituição sob o aspecto da prontidão e notar que, cada explicação, ali, pressupõe esta prontidão. É uma questão perigosa, porque pode mudar toda minha vida, como mudou a vida de Maria. Sim, é um perigo estar pronta, isso não se pode negar. Mas o “risco” nos conduz antes à vida que à morte.

Conforme o Prólogo, somos também UM com Maria “em espírito da fidelidade”. A fidelidade não é estática. Gabriel Marcel demonstrou minuciosamente, que a fidelidade deve ser criativa, se é fidelidade autêntica. Conhecemos a parábola dos talentos. Enterrar o talento não é ser fiel. Não, usá-lo, desenvolvê-lo, multiplicá-lo, modificar-se, isto é fidelidade. Não sou fiel com você, se eu, por exemplo, me comportar com você, se tratar você como há 25 anos atrás, quando a encontrei pela primeira vez. Se meu relacionamento com você fosse ainda o mesmo, para provar minha fidelidade, então não seria fiel. Manter a fidelidade apesar de suas e de minhas mudanças, isso eu chamo de fidelidade criativa. Se isso já acontece conosco, entre nós, quanto isso não deverá valer em relação a Deus? E isso é o mistério: - Como pode Deus ser imutável e, apesar disso, mudar constantemente? A resposta é: Porque Ele nos ama. Ele nos trata assim como somos e nós devemos tratá-lo como Ele é. Ser fiel de maneira criativa concede aos outros o direito de serem aquilo que são. É isso, queridas Irmãs, o

que mais falta no mundo: nos casamentos, famílias, na vida religiosa, na Igreja, na sociedade. Ser constante, permanecer fiel a si mesmo, isto é maravilhoso. Num parágrafo anterior no prólogo dissemos que, renovação é a fidelidade da consagração à própria vocação. Isso traz vigor, isso traz vida. Pensemos nisso, de como a fidelidade opera renovação!

O segundo texto sobre Maria encontramos em VSE, número 19 que fala sobre a obediência. Aqui nos apresentam Maria como modelo de “estar vazia interiormente diante de Deus, abraçando de todo coração a vontade de Deus - na fé e obediência. Maria é verdadeiramente *modelo de nossa pobreza*. Nela se cumpriu o que estava prefigurado na vida dos Anawin do Antigo Testamento, que permaneceram fiéis a Deus, esperando pela sua segunda vinda. Enquanto esperamos, no esvaziamento e na dependência de Deus, nossa pobreza inclui a sinceridade e prontidão de dizer “sim” aos seus caminhos, como Maria. Um dos textos mais consoladores da sagrada escritura é, ao menos para mim, depois da anunciação, o fato de que Maria se assustou com aquilo que o anjo disse. E, acho emocionante que não se diz, por quanto tempo durou esta situação. menciona-se somente que ela disse: “Faça-se segundo a Tua palavra”. E assim temos esta imagem: o anjo apareceu, mas ela se assustou e disse SIM. Eu duvido que tenha sido assim. Penso que nos identificamos com Maria, quando estamos assustadas, preocupadas. E lutamos, como também ela provavelmente o fez, para nos entregar, para dizer: “Faça-se segundo a

Tua palavra”, para ser aberta, permitindo que Deus seja o dono de nossa vida.

Muitas vezes é a luta, o esforço de dizer SIM aos caminhos da Deus, mais valioso, do que um SIM imediato, que nada nos custa, sobre o que não refletimos ou tomamos uma decisão pessoal. Jesus salvou o mundo através de um SIM consciente e humano à vontade de Deus. Tomamos parte nesta obra da salvação, através de nossa decisão livre e humana, de obedecer à vontade de Deus e de nos submetermos a Ele. Jesus e Maria nos mostram o caminho da submissão em liberdade. Isso é dito em VSE 14: “Pela virgindade consagrada, pobreza e obediência, nós somos introduzidas, de modo radical, na obra redentora do Senhor, e consagrou-se totalmente como serva do Senhor à pessoa e obra de seu Filho.

Aqui há uma diferença interessante entre o texto inglês e alemão, em relação a Maria. O texto alemão coloca Maria mais no âmbito da obediência e o inglês, ao contrário, menciona-a mais fortemente no âmbito da pobreza. Contudo, tanto o texto inglês quanto o alemão se referem à palavra da sagrada escritura: “Fazei o que Ele vos disser”. Esta frase é mencionada, no texto alemão, em três das 10 citações sobre Maria. No prólogo e DG emprega-se cada vez a forma do plural: vós ou nós. Os trechos se referem a “nós” “nós seguimos”, “nós somos interiormente abertas” “nós fazemos sempre o que Ele nos diz”. A forma do singular nem é usada. Para que possamos obedecer e fazer Sua vontade, precisamos indagar comunitariamente, qual é Seu

chamado para nós. Isso nos conduz imediatamente à comunidade, ao diálogo. Se Ele no-lo ordena, devemos dizer umas às outras o que Ele nos disse a você e a mim. Dali reconhecemos o que Ele diz ao grupo, se local, provincial ou geral. Escutamos, buscamos juntas e depois fazemos o que Ele nos diz. Isso significa sermos Irmãs Escolares.

Há outra referência a Maria no DG 16 como a Província, na sua qualidade de Província, ouve Deus e a Igreja. Com Maria, a Mãe da Igreja e da Congregação, procura conhecer e fazer a vontade de Deus, na sua resposta comum às necessidades da Igreja e no seu serviço ao povo de Deus. Vocês notam que os textos que se referem a Maria, apontam para o *ouvir*. Nós, por exemplo estamos atentas à sua vontade, à palavra e Cristo, à Divina Providência, às sua exortações e ao apelo do Espírito Santo, a Deus, em silêncio interior, à palavra do Senhor que “o silêncio de um ativo ouvir a Deus realiza um profundo crescimento espiritual” (VSE 46-a).

Conforme VSE 32 com Maria, nós “ponderamos a palavra recebida” em nossos corações para que, pela ação do Espírito Santo, ela se torne frutífera no cumprimento de nossa Missão. Nosso mundo, nossa sociedade não tendem a considerar algo, não tendem à contemplação; e não é fácil decidir-se a isso: tomar-se tempo para considerar, para refletir, para contemplar. No entanto é nossa tarefa. Devemos reservar não só tempo para oração, mas tempo adicional para consideração, para refletir

sobre a Palavra de Cristo, o que é um pouco diferente de oração.

Pelo texto percebemos novamente que é a Sagrada Escritura que nos diz quem somos, quem nos alimenta. Precisamos conhecer a Sagrada Escritura como um todo, para que possa alimentar nossa vida. Isso deve ser uma norma para a vida cristã. Clarifica nossa noção da natureza do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ninguém de nós tem disso uma noção perfeita. Repetidas vezes, tomo a norma como medida de minha noção e deixo assim, a norma modificar minha noção, a noção do Pai, do Filho e do Espírito Santo e da comunidade cristã. Mas nós refletimos, a fim de tornar fecundas estas considerações, cumprir nossa missão. Ouvimos para agir. A anunciação conduz à visitação. Os textos que se referem a Maria, estão também em estreita relação com nosso serviço ao povo de Deus, nossa participação na missão salvífica de Cristo.

Como Irmãs Escolares de Nossa Senhora respondemos ao Espírito Santo e participamos, com Maria, da missão de “dar vida na encarnação do verbo”. (VSE 32) Esta é, queridas Irmãs, uma das mais espetaculares afirmações. Como Maria respondeu ao Espírito Santo e deu vida, assim também nós. Participamos do seu “papel” de dar vida. Aqui está a realidade do “dar vida”, da *maternidade*, do nosso ser *feminino*. Dar vida, significa encarnação do verbo. Damos vida quando o tornamos visível, quando o tornamos presente. Presença que dá vida! Tornamo-lo carne aqui e agora como naquele tempo Maria deixou que se

tornasse homem. É o papel de dar vida. Sabemos das dores do parto...das penas...dos sofrimentos para que surja vida. Nascimento conduz à morte, à manjedoura, conduz à cruz.

Correspondemos a esta explicação, quando como Igreja, honramos Maria rezando diariamente a Antífona Mariana pedindo três coisas: perseverança, crescimento do bom espírito de nossa Congregação e para alcançar vocações (DG 46 e). É bom que nos lembremos oportunamente, por que cantamos a antífona mariana. Não apenas para honrar a Maria, sim, isto também, mas para rezar, especialmente pelo espírito da Congregação, pela perseverança e por vocações. Isso ajuda a nos tornar mais conscientes de que lhe confiamos a Congregação, que ela é a Mãe da Congregação.

No DG 5 (1970), sobre virgindade consagrada lemos que: “Para permanecermos fiéis a Cristo necessitamos de forças. Nós as haurimos... na devoção à Mãe do Senhor.” O que significa fazer o que Ele vos disser? Cada uma de nós tem sua própria compreensão, sua própria devoção, seu próprio relacionamento com Maria, como Mãe, mas vocês, como IENS, deverão fazer o que Ele disser. Esta frase sobre Maria relaciona-se com a virgindade, mas eu a aproveito como exemplo para tudo. Força para a fidelidade encontra-se na devoção à Mãe do Senhor. Quando se encontram em dificuldades, seja por causa da virgindade, pobreza ou obediência, ou da vida em si... procurem os trechos em VSE que tratam disso. Leiam os trechos, rezem pela compreensão exata,

deixem que os textos projetem luz sobre sua situação. Então, deixem-se conduzir por aquilo que ali está dito. E vocês vão aprender a conhecer VSE, porque o fizeram através da vida. É tão grandioso e tão exigente que não podemos entendê-lo de uma só vez. Mas, quando vivo o que de momento estou precisando, jamais repetirei: O que diz a sobre virgindade? Porque eu aprendi isso através da vida. Por exemplo, posso ser fiel, fortalecida pelo meu amor e devoção à Mãe do Senhor. Teoria e prática! Permiti que ambas me convidassem e desafiassem. Deram direção à minha vida e assim participam da minha vida e vice-versa. Não é somente um livro, mas tornou-se, para mim, realidade viva.

Gostaria de reunir agora, todas as particularidades que, conforme VSE são reforçadas em nós pela devoção a Maria: Prontidão, disponibilidade, abertura, fidelidade, estar vazia interiormente, considerar, responder, deixar que a oração produza frutos, dar vida, fazer o que Ele nos diz. Maria faz exigências; no entanto, são antes atitudes, a maneira como fazemos algo e não o que fazemos. Isto significa: *“Fazer o que Ele nos disser”*.

No DG 16 temos: “Maria, a Virgem Mãe de Jesus inspira-nos a amar e aceitar o amor como mulheres totalmente dedicadas a Deus.”

Paulo VI fez uma forte declaração sobre Maria. Ele afirmou: “A mulher moderna, que aspira à participação na força das decisões na sociedade -esta mulher moderna irá verificar com surpresa, que Maria de Nazaré, embora totalmente entregue à vontade de Deus, estava longe de ser uma mulher

tímida e submissa. Pelo contrário, ela foi uma mulher que não hesitava em anunciar que Deus eleva os humildes e oprimidos- em anunciar que Ele abate do trono os poderosos. A mulher moderna reconhecerá que Maria sobressaía da multidão dos pobres e oprimidos do Senhor, uma mulher forte que experimentou tanto a pobreza como o sofrimento. Nenhuma mulher tímida e submissa! Uma mulher forte que proclamava seu Deus - não obstante, totalmente abandonada nele! Contemplamos Maria, que faz corajosamente o que Ele diz. Ela vai ao encontro de Isabel, diz “sim”, fica em pé debaixo da cruz. Não estamos tratando com uma mulher indecisa, mas com uma mulher que conhece seu Deus e Lhe obedece.

Termino esta conferência contando uma experiência pessoal sobre Maria. Certo dia, durante a celebração Eucarística, desceu um jovem sacerdote do púlpito, após o evangelho e dirigiu-se a nós como comunidade paroquial. Ele disse: “Hoje gostaria de falar-lhes sobre meu filho...” Depois continuou: “Lembro-me tão bem quando ele nasceu. Ainda lembro como ele se perdeu o que experimentei nessa ocasião. E deixem que eu lhes diga o que senti quando ele saía de casa... etc. Jamais esquecerei um dos últimos dias. Ele entrou e eu estava preparando a comida para ele e seus amigos. Era um feriado e ele saiu correndo de casa, depois de me haver perguntado quando a comida estaria pronta. Voltou mais uma vez e disse: Queria só dizer que não se preocupe caso aconteça alguma coisa. Voltarei sempre e estarei sempre contigo. Fiquei descansado! Eu nem sabia de que ele falava.

E assim ele continuou a narrar. Esta descrição foi uma das mais grandiosas encarnações de Maria que jamais havia vivenciado. Ele falava como se fosse Maria. Mais tarde conversei com o sacerdote e perguntei: Como o Senhor faz isto? E eu recomendo a vocês o que ele me recomendou. Ele disse: Tomei um dos evangelhos e li-o e rezei com o mesmo olhar de Maria e neste momento, vi a passagem do evangelho como mãe, como a mãe dele. E disse: Agora conheço Jesus de uma maneira totalmente diferente porque O conheço como Sua Mãe o conhecia. Isto eu recomendo também a vocês porque creio que este modo é muito eficaz para conhecê-lo como Sua Mãe o conhecia!

Por ocasião do Capítulo Geral de 1972 tentamos encontrar alguém que falasse sobre Maria. Procuramos em toda cidade de Roma por um teólogo mariano. Quando procurávamos informações, disse finalmente alguém: Bem, eu sei de um homem que conhece Jesus realmente e proponho que lhe perguntem. Pois, se alguém conhece realmente Jesus, deverá também conhecer Maria. E se alguém conhece Maria verdadeiramente, também conhece Jesus. Assim aconteceu que o homem falou ao Capítulo Geral muito bonito sobre Maria, porque conhecia Jesus o qual o instruiu sobre sua mãe.

Desejo-lhes hoje, que alcancem a graça de conhecer melhor Maria, mas, sobretudo, que obtenham seu espírito. Uma mãe sempre gostaria de dar tudo o que tem aos seus filhos. Antes de tudo, peçam a graça para que façamos o que Ele nos disser,

individualmente, como comunidade local, provincial, internacional.

1- Sagrada Escritura

1. Lc: 11,27-28
2. Lc: 1, 26-56
3. Lc: 2, 22-35
4. Jo: 19, 25-26
5. Atos: 1,12-14
6. Jo: 2, 1-11
7. Gal: 4, 4-5

2- VSE: 6, 7,14,19 e Prólogo

3- DG: 3, 4, 5, 6, 27

4- Vaticano II: Constituição sobre a Igreja- Capítulo 8º

5- Regra de 1924- 185

“As palavras de Maria: Fazei o que Ele vos mandar, devem ser também a divisa das IENS. Cada Irmã empenhe-se com zelo em fazer o que o Senhor dela requer; assim ela pratica a melhor devoção que ao mesmo tempo é a mais agradável a Nossa Senhora.”

Madre Teresa: Maria brilha como estrela do mar pela sua virgindade; teve o mérito de ser mulher porque pela sua pobreza extrema estava acima de todos os bens da terra; ela foi um mar amargo por causa dos sofrimentos e a obediência difícil que

devia observar, desde o berço de seu Divino Filho até sua morte na cruz.”

“Maria, a augusta rainha do céu concederá auxílio em nossas necessidades, proteção em nossos perigos, consolo nas tribulações, bênção em nossos trabalhos, crescimento e perseverança na perfeição, certeza na morte, obterá bem-aventuranças na vida eterna, junto ao seu Divino Filho Jesus, exaltado acima de todas as coisas, por toda a eternidade.”



CONVERSÃO

Irmã Mary Margaret Johanning
1983

Muitas passagens de VSE nos lembram do *amor de Deus*. Números: 10, 13, 15, 20, 22, 28, e, especificamente o número 36 sobre **CONVERSÃO**.

Dizemos que o amor de Deus é incondicional, total, radical (VSE 28). E nós o vemos em Jesus. Nele se manifesta o amor de Deus para conosco. E, quanto mais ele se torna assunto de nossa meditação, tanto mais “ experienciamos nossas próprias faltas de amor”. Assim podemos entender os grandes santos que muitas vezes, se consideram os maiores pecadores do mundo.

Quem ainda não possui o senso de pecado, talvez é porque ainda não conseguiu ter o senso do amor de Deus. O *senso* de pecado não é o sentimento de culpa sobre o que fiz de errado, mas o senso de minha pecaminosidade, a consciência de *quem sou diante de Deus*. Para chegar a esse *senso de pecado*, devo ter um senso muito claro de quem é Deus, uma experiência profunda em Seu AMOR! Somente então, poderei perceber também a minha fraqueza, a minha pecaminosidade, a minha falta de amor.

Assim VSE 36 diz: “À luz do amor radical de Deus, experienciamos nossas próprias faltas de amor.” Lembramos Pedro: “Afasta-te de mim, porque sou pecador!” Quando estou com alguém que possui em abundância um dom que eu não tenho, percebo mais drasticamente a minha falta deste dom!

A Sagrada Escritura diz a respeito de Deus: “Meu amor não é o vosso amor”. E nós sempre quereríamos que Deus amasse do mesmo jeito como nós amamos. E quando o ofendemos, pensamos que Ele se torna irritado e vingativo como nós seres humanos fazemos. Mas Deus nos diz: “Meu amor não é como o seu. Eu sou fiel. Vocês

não têm que ser boas para que eu as ame. Eu as amo assim como são!”

E, diante deste amor, sentimo-nos humilhadas. O amor é humildade, porque é dom, e o dom, devemos recebê-lo humildemente e com gratidão.

Temos a necessidade de unir-nos, sempre e de novo, a Deus, a necessidade de “voltar à comunhão”. Idéia de *UNIDADE*, relacionada com *CONVERSÃO*.

Converter-se é mudar, transformar-se, voltar ao amor, perder o medo. Pois, o verdadeiro amor, afasta todo temor. Se sentimos medo de pessoas, situações, devemos realmente pedir a Deus que nos dê o dom do *AMOR*. Quem ama, não tem medo do desconhecido, mas, abandona-se. Somente o *AMOR* nos torna capazes de seguir a Deus para o desconhecido, confiando plenamente *NELE*. E é o *amor* que nos inspira a arrepende-nos e a mudar nossa vida. Porque o pecado é falta de amor. E quando falho no amor, sinto a necessidade de estar novamente unida com aqueles que me amam.

Vós Sois Enviadas é muito realista no número 37: “Com o passar dos dias, meses e anos de nossa Vida Religiosa, nós nos confrontamos com decepções, culpas, insucessos, vazios. Rezamos para sermos perdoadas, para podermos mudar e para podermos perdoar”. No *PAI NOSSO* rezamos: ... “assim como nós perdoamos”! Que coragem pedirmos isso! Não é fácil perdoar. Por isso rezamos para... perdoar, para mudarmos. Mas, sabemos que não podemos mudar num vácuo. É apenas o *amor*

que me permite mudar. Assim, VSE diz que “o constante chamado de Deus e o apoio carinhoso de uma comunidade *que perdoa*, nos conduzem à conversão” (VSE 37). Sem isso, nem posso ousar de querer mudar. Como comunidade, devemos permitir que nossa Co-Irmã mude, acreditar nela, vê-la com olhos novos cada manhã, sem rotular para sempre, sem excluí-la, nem julgá-la com ar de fariseu.

Às vezes também deveríamos ouvir as palavras de Jesus: “Quem estiver sem pecado, atire a primeira pedra...” – O amor de Deus é *paciente*. E, se Deus é tão paciente para conosco, quanto mais paciência nós deveríamos ter com as falhas de nossas Irmãs. Cada uma de nós precisa de uma comunidade de amor, de perdão, que nos ajude a mudar cada dia, que nos ajude a vencer, que nos fale a *verdade com amor*. Não deveríamos dizer-nos a verdade, mutuamente, antes que nos amemos o bastante. Se não amamos, não podemos dizer, por que se não for para corrigir na caridade, é melhor não dizer. Assim nunca haverá mudança para melhor. Pois, é *amor* que causa mudança, que nos liberta para mudarmos. “Gradualmente crescemos na capacidade de falar a verdade no amor, e de aceitá-la...” (VSE 37) VSE nos mostra que isso é um processo lento, mas constante.

O Diretório Geral, número 51 a , diz que a *Vida* nos chama à *conversão*; a vida comunitária, a prática do diálogo, a aceitação da diversidade, a disciplina para ser honesta e autêntica, etc, nos chamam constantemente à mudança. Não podemos

esquecer que “o amor é, de fato o cumprimento da lei” (DG 51 b).

A tarefa é grande! E nós, limitadas! Mas, “aprendemos, com a graça de Deus, a confiar que sua força se revela na fraqueza” (VSE 37). Quando somos fracas, então, Deus pode manifestar seu poder. Mas, quando nós queremos ser fortes, apoiar-nos em nossas próprias forças, Deus não pode penetrar em nossa vida. Recordem o tempo de sua maior fraqueza e reflitam se não foi o tempo de sua maior dependência de Deus. Neste sentido, nossa fraqueza se transforma em dom.

Já imaginaram como nossas comunidades iriam mudar, como nossa Congregação iria mudar se todas nós vivêssemos de nossa fraqueza e não de nossa força e poder?

Lembrem-se de *Natã e Davi!* Davi não se desculpou (1^a. Samuel: 11 e 12), mas disse: “Pequei contra Javé!” - Assim, Deus lhe perdoou. - Quantas desculpas encontramos, quantas justificativas, quando alguém nos chama atenção de alguma falta! E, quantas vezes estouramos “em tais situações! Por quê? Porque nos julgamos *perfeitas*. Precisamos de coragem para caminharmos como pecadoras e, como tais, anunciar a Boa Nova. Quando eu mesma me sinto ferida, machucada, então, sei como se sente uma pessoa ferida. Quando eu mesma me sinto pecadora, então sei como lidar com pecadores.

Você é uma ovelha perdida. E Jesus vem, encontra-a, coloca-a sobre seus ombros e a carrega. E, mesmo nos seus ombros, como pecadora, você proclama a misericórdia de Deus e anuncia a Boa Nova da Libertação.

Quando nos identificarmos com o povo que peca - e nós *realmente* somos pecadoras também, então o Reino cresce. Mas, quando nos consideramos santas e perfeitas, afastamos o povo de nós.

Por que temos muitas vezes vergonha de ficar na fila da confissão, em nossa igreja-matriz, onde o povo nos conhece? Por que temos “vergonha”, às vezes, de confessar-nos com um Padre que nos conhece? Será que não queremos conservar nossa “auréola de santidade” dos que abraçam “o estado de perfeição”, como se conceituava a Vida Religiosa, no passado?

Devemos admitir que falhamos, aceitando humildemente nossa humanidade. Veja o relacionamento profundo entre *conversão e pobreza!*

Temos necessidade de expressar nossas faltas e pedir perdão. Também temos a necessidade de ouvir de nossa comunidade e Irmãs as palavras: Eu lhe perdôo. Nós lhe perdoamos! Mas, para acontecer isso, devo admitir que falhei. Se eu pedir perdão, logo sou perdoada; terei coragem de pedir novamente, quando falhar outra vê. Mas, se a pessoa ou comunidade se irritar, me acusar, etc. terei mais dificuldade de procurar seu perdão pela

segunda vez. E, conversão é um processo que “dura a vida inteira”.

Conversão é um mistério, é trabalho de Deus, que requer nossa resposta. Conversão é uma resposta afirmativa à auto-revelação de Deus. Deus se revela a si mesmo, e à luz desta auto-revelação, eu mudo. Às vezes somos tentadas a relacionar a conversão com autodomínio e força de vontade, exclusivamente. Mas, ela é um mistério. Deus nos chama a si e, ao fazê-lo, chama-nos para a conversão. Enquanto respondo, converto-me. Quando respondo ao amor, transformo-me, sem percebê-lo. Acontece comigo o mesmo que se realiza em jovens que se amam. Nem percebem o quanto mudam, porque seu único desejo é agradar a pessoa amada.

Madre Teresa escreveu: “O amor me faz reconhecer meus pecados, arrepende-me deles, chorá-los e, leva-me a mudar”.

A conversão tem dois pólos: de um lado está o chamado de Deus, o amor de Deus, e isto é um mistério. Do outro lado estamos nós: fracas e inconstantes, uma mistura rara daquilo que gostaríamos de fazer e daquilo que não conseguimos fazer, como nos diz São Paulo.

Temos a tentação de olhar só para nós, ao invés de olhar para Ele e deixá-lo agir como Ele quer. Ele nos chama a não nos concentrarmos tanto em nossas limitações e em nosso egoísmo e nos chama para alargar nosso horizonte.

A vida espiritual consiste, essencialmente, em perguntar-nos: “Amo meus irmãos? Minhas irmãs?” Tendemos a concentrar-nos em nossa pessoa, para atingir um nível espiritual mais elevado e nos tornar perfeitas, ao invés de reconhecer que a perfeição consiste no amor dos irmãos e irmãs.

O pecado é uma realidade em nossa vida. É a nossa recusa de amar e de sermos amadas. No *Sacramento da Reconciliação* “celebramos o poder sanador e unificador de Jesus” (VSE 38). É o Sacramento do perdão e a expressão de nossa conversão (DG. 51-14). Nele, não só acusamos nossas faltas, mas também *damos glórias a Deus*. Na confissão proclamamos Deus como Deus e nós, como suas criaturas. Expressamos nossa pecaminosidade e somos perdoadas.

Santo Agostinho escreveu no início de seu livro “*CONFISSÕES*”: Você é grande, Senhor, e digno de ser louvado.

A constante pergunta de Deus àquele que procura o sacramento da reconciliação é: - Você me ama? Ele não pergunta: - Você tem certeza de que confessou tudo? - Você tem certeza de que rezou sua penitência? -Você me ama? Esta é a pergunta!

Como já vimos o pecado é a ausência de amor. Assim, ele sempre afeta a comunidade. VSE, número 38 diz que o sacramento da reconciliação “desafia cada membro da comunidade a crescer no perdão, na amorosa aceitação recíproca e na

convicção de que o amor constante tem o poder de curar.”

A conversão, portanto, não é somente um ato individual, mas também comunitário. Porque o fato de Jesus nos perdoar, chama-nos a perdoar-nos mutuamente, a amar-nos como somos, porque Jesus faz o mesmo. VSE, número 39 diz que a comunidade “conhece o Senhor mais profundamente ao aceitar o perdão e começar de novo”.

O perdão é a chave de toda a construção da comunidade. Assim, a conversão é uma experiência que atinge toda a comunidade. Também como comunidade devemos ouvir o apelo de Deus e responder-lhe. Também como comunidade devemos reconhecer e confessar nossa situação de pecado. Há uma luta dentro de cada uma de nós para reconhecermos e aceitarmos nossa pecaminosidade e fraqueza como Congregação. Sem dúvida, nossa comunidade é fraca e cega, paralítica e cheia de pecados, necessitando de ser perdoada, de ser transformada.

QUERIDAS IRMÃS,

Convido-as, em primeiro lugar, a perdoarem-se a si mesmas. Isto é mais difícil. Madre Teresa disse que “o ato mais nobre de um cristão é *perdoar*. Peço também para todas nós esse verdadeiro dom de proclamar nossa pecaminosidade e, ao mesmo tempo, o grande e misericordioso amor de nosso Deus.

1. Vós Sois Enviadas: 36 e 39

2. Diretório Geral: 51

3. Sagrada Escritura

1. II Samuel: 11, 12, 1-5
2. Jer: 31, 31-34
3. Os: 11, 1-6
4. Deut: 30, 15-20
5. Rom: 7, 14-25
6. Col: 3, 13-15
7. 2ª. Cor: 5, 17-20
8. Lc: 15, 4-7/15, 11-32/7, 36-37
9. Mc: 1, 40-42 /7, 31- 37
10. Mt: 6, 14-15

4. MADRE TERESA

“A vitória mais nobre de um cristão é perdoar e isto faço de todo o coração” 1840- (para uma candidata que deixou a Congregação.)

“A prudência calcula, o amor ama. O amor dá com alegria tudo, e sempre de novo, diariamente, TUDO... Sim, o amor não pode esperar”.

Para o amor, a fria razão não vale nada. Quem fez os santos tão fortes... quem os ajudou a lutar contra a morte e inferno...?

Foi o *AMOR*; contra todo mal, o *amor* sai vitoriosamente.

Esse amor me faz reconhecer meus pecados, arrepende-me deles, chorá-los e me leva à mudança.

Este amor entregou-se na cruz por mim, e eu não deveria entregar-me também? Poderia eu ficar indiferente diante das muitas ofensas causadas a este amor infinito? Como poderia ainda desejar comodidade, honra, etc?

Sei que meu corpo sofrerá; também a alma deve ser purificada. Esta purificação deixo para o vinicultor. Ele limpará os galhos e, que certamente vai doer, ele os podará.

Por isso, tudo é graça de Deus, merecimento de Cristo e intercessão de Sua Santa Mãe. AMÉM”!



DESENVOLVIMENTO PESSOAL EM COMUNIDADE

Irmã Mary Margaret Johanning
1983

*Durante toda a nossa vida estamos num
processo de desenvolvimento do
ser-ao-vir-a-ser. (VSE 45)*

Nosso desenvolvimento pessoal em comunidade é um processo contínuo que dura a vida inteira.

Falando em termos práticos, muitas de nós encontra dificuldade em aceitar a idéia de que cada uma de nós ainda está *em formação*. Nós tínhamos e ainda temos a tendência de pensar que, desde que conseguimos fazer a profissão perpétua, nós nos formamos como IENS e que não é mais necessária a formação posterior.

Nossa imagem de formação estava contida inteiramente no que nós conhecíamos como formação inicial: Postulantado, Noviciado, Juniorato, Profissão Perpétua.

Convido-as a refletir sobre aquele período de sua vida em que você cresceu e se desenvolveu como pessoa durante aqueles anos de formação inicial. Quem foram as pessoas que influenciaram sua vida durante aqueles anos especiais? Quais foram as experiências significativas de crescimento para você, como pessoa? Que experiências favoreceram

seu progresso mental no processo de formação como uma Irmã Escolar de Nossa Senhora? Nunca nos lembramos e refletimos suficientemente sobre essa época tão importante de nossa vida. Fazendo esta reflexão, muitas vezes, descobrimos que, não foi um acontecimento específico ou uma pessoa realmente envolvida no ministério da formação quem influenciou mais fortemente em nosso desenvolvimento de IENS. Muitas vezes pessoas ou fatos totalmente estranhos ao contexto imediato do plano de formação, foram os fatores mais influentes em nosso desenvolvimento pessoal durante esses anos.

Todo contexto: os programas, as diretrizes, sem dúvida fixaram uma atmosfera de IENS; vivemos, respiramos e nos movemos no espírito de IENS e neste meio de alguma forma observamos mais do que práticas, fatos e informações; crescemos dentro do espírito da Congregação e aprendemos a vivê-lo embora fôssemos muitas vezes incapazes de verbalizar- naquele tempo - ou mais tarde, o que ocorria em nossa vida.

Após refletir como você se desenvolveu como pessoa e como IENS durante os seus primeiros anos da vida religiosa, eu a convido a refletir sobre sua experiência de vida desde sua profissão perpétua. Cada uma de nós deve admitir que nós crescemos como pessoa desde a época de nossa profissão final. Muitas de nós deve ter crescido de uma forma que nunca teríamos imaginado ou esperado; outras talvez não se desenvolveram como esperávamos. Através de tais reflexões seremos capazes de

concluir se crescemos mais em comunhão com os membros da Congregação, com suas metas e objetivos ou se, com os anos, enfraquecemos esta comunhão. Importantes nesta consciência são as razões que causam a realidade - o que ocasionou você crescer em maior ou menor profundidade na comunhão com os membros da Congregação com quem você conscientemente, por opção, resolveu ligar sua vida? A mudança de direção ocorreu em um momento específico e se assim foi, por quê?

Desde a profissão perpétua, não permanecemos estáticas como pessoas; crescemos e nos desenvolvemos não só como pessoas, mas como IENS. Por exemplo: nossos métodos e maneiras de rezar mudaram e se aprofundaram; aprendemos muitas vezes com dificuldade formar, aprofundar e a manter relacionamentos; nossas convicções sobre vida, Vida Religiosa, a igreja e o mundo alargaram; desenvolvemos uma autodireção maior e mais genuína. Aprendemos através de doenças, decepções, falhas ou quando as situações difíceis em nossa vida podem se tornar fontes de crescimento; nosso caráter se tornou mais ou menos forte, dependendo do que nos foi necessário para chegar a uma maturidade e experienciamos muito aquilo que incentivou a sabedoria e a perspicácia.

A Constituição se refere a tal desenvolvimento quando afirma que, "nós estamos num contínuo processo de desenvolvimento do ser -ao- vir-a-ser" (VSE 45) Nenhuma de nós terminou sua *formação*, nosso desenvolvimento como mulheres apostólicas.

Todas nós continuamos a crescer e a nos desenvolver; nossa "formação" nosso desenvolvimento continuam. Não importa há quanto tempo fizemos nossa profissão, não importa nossa idade, não importa se fez a profissão perpétua, continuamos a crescer e a nos desenvolver. Por exemplo: O que você aprendeu na semana passada ou o que se aprofundou dentro de você? Como Deus agiu em sua vida ontem ou mesmo hoje? Como você se desenvolveu mais como mulher, como mulher religiosa apostólica, como IENS - ontem, na semana passada, no ano passado? Nossa oração e exame particular deveriam capacitar-nos a estarmos prontamente em contato com os contínuos aspectos de desenvolvimento de nossa vida e com o único modelo de graça e iniquidade através do qual Deus chama e reparte conosco. Através de tais meios estamos em contato não só espiritualmente, mas também humanamente em nosso desenvolvimento. Por exemplo: Reconhecemos que desenvolvemos nossa habilidade de nos relacionar com as pessoas, de estar em casa conosco mesmas, com nosso corpo, nossos talentos e limitações de lutar com a verdade, e de dirigir nossa vida de maneira concreta em direção aos objetivos que estabelecemos para nós mesmas por nossa opção fundamental. Estas são algumas das muitas áreas de nosso crescimento pessoal que ocorre com o tempo, experiência e com ajuda.

Aquilo que a primeira carta de São João considera seguidores de Cristo podemos aplicar para nós mesmas como IENS (1^a João 3,2) somos agora

IENS, agora, neste momento, e não podemos imaginar o que vamos ser mais tarde. Nossa Constituição sintetiza a idéia de São João assim: “Juntas, descobrimos, continuamente, o significado de nossa vocação”. (VSE 44)

Nossa experiência nos persuade que nosso desenvolvimento, nossa "formação" é contínua e que será pela vida inteira. Podemos exercer algum controle neste processo; de muitas formas dirigimos nosso desenvolvimento. Por exemplo: Por nossa atitude a respeito da vida dos outros, podemos limitar ou intensificar nosso crescimento e desenvolvimento. Para crescer e desenvolver é preciso mudar; mudar significa mover-se dentro do desconhecido, não tendo certeza do que irá acontecer-nos como pessoas. Por essa e outras razões, todas nós temos medo de mudar para uma condição superior ou inferior. Evitar mudança tanto quanto possível é evitar possível crescimento e desenvolvimento. De um lado encontramos ambivalência dentro de nós mesmas; queremos crescer e nos desenvolver, queremos tornar-nos pessoas melhores e plenas, mas resistimos ao preço que tal crescimento e desenvolvimento requerem.

Podemos também exercer controle sobre nosso desenvolvimento pelas escolhas conscientes que fazemos. Por exemplo: olhar excessivamente shows na TV, ler certos romances ou participar em atividades sociais específicas ou fomentar certos relacionamentos, não dirigem nosso desenvolvimento pessoal em direção a Deus, de acordo com nosso compromisso com votos.

Podemos e devemos ser fiéis a nós mesmas, fazer escolhas apropriadas. Podemos também fazer escolhas a partir de uma perspectiva diferente: fazer um curso, desenvolver alguma habilidade ou talento, criar um relacionamento, buscar direção espiritual, ou dedicar-me a algum hobby. Nossas decisões a respeito de nosso desenvolvimento pessoal em todos os sentidos requer discernimento do espírito no trabalho em nós, bem como uma contínua conversão; estes são os fatores decisivos na determinação de nosso desenvolvimento que está dentro de nosso controle. Deus continua a nos atrair para sua vida divina; escolhas concretas tendo em vista resposta que combinam com nossa opção, são nossas.

Aquela que é fiel em pequenas coisas será fiel nas grandes. E de outro lado, aquela que não é fiel nas coisas pequenas, como será fiel nas grandes? (Madre Teresa-1831)

Como Cristo, nos colocamos freqüentemente diante do mistério pascal e temos que fazer escolhas humanas à luz do chamado de Deus, de nós mesmas e da realidade. Nós nos expressamos usualmente a respeito de tais escolhas em termos de: "quero me desenvolver como pessoa, como IENS, ou não; porém, a pergunta mais freqüente é: "Deus me chama de uma forma especial, como responderei"? Não pode haver dúvida que Deus continua a agir em nossas vidas; por isso o chamado ao crescimento e desenvolvimento continuará a acontecer e a exigir de nós uma resposta. Isso encontramos numa afirmação clara e

surpreendente em nosso Diretório Geral: "O contínuo chamado de Deus e nossa contínua resposta a Ele é a essência de nosso desenvolvimento pessoal em comunidade" (DG 113). Assim, nosso desenvolvimento progressivo, que continua mesmo através de experiência de morte, não consiste num programa fora de nós mesmas; sua essência está nas ações, no chamado de Deus e em nossa decisão consciente e concreta *de responder*.

Deus é o nosso principal guia na formação. O caminho de Deus é absolutamente único para cada uma de nós; isto requer sensibilidade aos movimentos de nossos corações. Somos chamadas a sermos as primeiras responsáveis por nosso desenvolvimento pessoal em comunidade porque, melhor do que ninguém sabemos de que forma Deus age dentro de nós. Não obstante sua ação em nossa vida é preciso acreditar que Deus sempre nos chama à plenitude do ser (DG 124) e para a plenitude da vida em Cristo (VSE 47).

Nossa experiência neste tipo de "formação" continuada, progressiva, de desenvolvimento, indica porque o título desta seção de nossa Constituição mudou de "formação" para desenvolvimento pessoal em comunidade. Não há um símbolo específico de IENS no qual devemos transformar-nos. Antes, cada uma de nós é chamada a ser a melhor pessoa possível, em resposta ao chamado de Deus, ao Evangelho, a nossa Constituição e Diretório. Tal desenvolvimento pessoal é "formação", desenvolver-se ao máximo; é

a única e verdadeira "formação" isto é, um processo progressivo.

NOSSO DESENVOLVIMENTO SE DÁ PRINCIPALMENTE NA VIVÊNCIA DO DIA-A-DIA

Por causa do contínuo chamado de Deus e nossa contínua resposta na essência de nosso desenvolvimento pessoal em comunidade, chegamos à conclusão que nosso desenvolvimento pessoal “nossa formação permanente se realiza, antes de tudo, em nossa vida quotidiana de fidelidade criativa a Deus, ao seu chamado, e ao nosso Carisma e à Constituição” (DG.123). Nosso Deus é encarnado. A ação de Deus se dá em nossa realidade. Muitas vezes é difícil crer que é em e através das ninharias comuns da vida diária que nos desenvolvemos como pessoas. Convido-a novamente a refletir em sua própria experiência. O que a ajudou mais solidamente a se desenvolver como pessoa, a ser a religiosa apostólica que é hoje? Provavelmente deve ter havido fatos de destaque tais como: retiros especiais, programas que lhe deram ímpeto especial para se desenvolver como pessoa, como IENS. Nosso Diretório reconhece tais acontecimentos como formativos (DG.123 a). Porém muitas vezes a riqueza mesmo, destes fatos- chave de nossa vida, só é conseguida pela sobrevivência dos mesmos em nossa vida do dia-a-dia ; a riqueza de experiência é aprofundada e compreendida pelas provações e pecados da vida. A própria atividade de nossa vida deveria sustentar nosso desenvolvimento. Nosso caminho usual para

a plenitude e santidade consiste na nossa vida diária de ministério e comunidade; somos mulheres religiosas apostólicas.

A Reflexão sobre nosso ministério e nossas experiências com o povo a quem servimos, revela que nosso ministério estabelece facetas importantes de nosso desenvolvimento como pessoas. Não só nos prepara profissionalmente e nos atualiza tornando-nos como somos, mas também o povo com quem e por quem trabalhamos nos afeta como pessoas religiosas. A reflexão sobre o povo e acontecimentos que influenciaram e continuam a nos influenciar através dos anos de ministério, faz-nos extremamente gratas e também nos apontam regras de desenvolvimento pessoal que desconhecíamos.

Vós Sois Enviadas muitas vezes se refere a estes aspectos de reciprocidade em nosso ministério, como não só influenciemos, mas somos influenciadas por aqueles aos quais somos enviadas. Por exemplo: "através do nosso ministério, nós e aqueles a quem somos enviadas somos mutuamente enriquecidas. Tornamo-nos aptas a crescer na comunhão com Deus e entre nós, e na aceitação da responsabilidade pela terra e seus habitantes" (VSE 25) e a liderança daqueles com quem trabalhamos "confirma e apóia nossos esforços e intensifica em nós o desejo de responder a necessidades urgentes ainda não atendidas" (DG. 35). Quer sirva as crianças e suas famílias, os idosos, estudantes de qualquer idade, ou nossas próprias Irmãs, nosso desenvolvimento pessoal

deve ser profundamente influenciado pelas pessoas que são uma parte do ministério de nossa vida diária.

Somos enriquecidas, mudadas, formadas e transformadas por aqueles com os quais convivemos mais de perto; temos influência direta e constante uma na outra, para o melhor ou para o pior. Nosso desafio é ajudar-nos uma a outra a levar a cabo a responsabilidade de continuar a crescer como mulheres religiosas apostólicas tornando-nos à imagem de Jesus Cristo de forma única. E cada uma é chamada a ser um reflexo dele. Esta responsabilidade provém do fato de que nos ligamos aos membros da comunidade (VSE 10). Escolhemos desenvolver-nos como pessoas EM COMUNIDADE e tal desenvolvimento acontece através das situações boas e das situações difíceis. Somos chamadas a nos envolver umas com as outras, investir nossas vidas nas vidas das outras, não só para nosso próprio desenvolvimento, mas também pelo desenvolvimento de nossas Irmãs. A Constituição afirma direta e simplesmente como executar esta responsabilidade; "escolhendo maneiras de ser e interagir em comunidade, que nos levam a sermos as pessoas que Deus tinha em mente ao criar-nos" (VSE 45). Estar concretamente presente junto às nossas Irmãs e permitir-nos ser auxiliadas não acontece automaticamente; repetidas vezes devemos fazer escolhas concretas de ser e atuar de forma a tornar as Irmãs aptas a se tornarem o melhor que puderem. Tais escolhas custarão nossas vidas, mas elas ao mesmo tempo nos darão vida. O desenvolvimento contínuo em

comunidade nos desafia a acreditar e viver o chamado do Evangelho na realidade diária "aqueles que ganharem a sua vida, devem perdê-la" este é o coração do mistério pascal, a norma de vida de Jesus Cristo que renunciou a sua vida para que os outros possam se desenvolver como pessoas, para que possam ser salvos. A Constituição e o Evangelho nos chamam a sermos UM com Jesus Cristo e nos asseguram que "quanto mais nos identificamos profundamente com Jesus Cristo, mais a sua vida se torna modelo para a nossa" (VSE 46). Um critério indiscutível para nosso desenvolvimento pessoal é em que grau o modelo de vida de Jesus Cristo se torna o nosso.

"Lenta e irresistivelmente Deus nos atrai mais intimamente a si, transformando-nos em sua imagem." (VSE 31) "Na medida em que crescemos na plena maturidade em Cristo, nos tornamos sempre mais integradas (VSE 46) como pessoas". A integração afetiva não está em nosso poder. Ela acontece quando "sempre de novo fixamos nosso olhar em Jesus Cristo que nos torna capazes de integrar as muitas facetas de nossa vida" (DG 113). A integração de nossas vidas é um aspecto da Unidade, uma parte importante de nosso carisma. A fragmentação que permeia nosso mundo atual intensifica a aspiração natural, o desejo de integração e unidade em nossos corações, uma aspiração que já tem sido intensificada de uma única forma porque partilhamos do espírito de Jesus Cristo e de Madre Teresa. Os meios e critérios para nosso desenvolvimento pessoal como religiosas apostólicas são expressos em termos de

Unidade. "Evoluímos como religiosas apostólicas na medida em que nos tornamos mais profundamente integradas em nós mesmas, com Deus e com os outros" (DG113).

Desenvolvimento para nós significa crescimento na integração, na unidade, no melhor de nós mesmas, "as pessoas que Deus tinha em mente ao criar-nos" (VSE 45).

Quando refletimos nas pessoas que influenciaram em nosso crescimento e desenvolvimento, vamos, se for possível, comunicar-lhes nossa gratidão. Esta é uma forma importante de afirmarmos, encorajarmos e capacitar-nos mutuamente. Partilhar com nossa comunidade local de fé sobre nossas experiências de crescimento e desenvolvimento pessoal, sobre como Deus nos formou e continua a nos formar, pode também nos capacitar e a nossas Irmãs a sermos mais convictas de quão extraordinária é nossa vida em comum.

Muitas de vocês me desafiaram, encorajaram e me apoiaram, especialmente nos 07 anos que tive o privilégio de servi-las na qualidade de Superiora Geral. Sem vocês eu não teria me desenvolvido no que sou hoje nem teria sido capaz de responder a Deus como o fiz. Agradeço e asseguro-lhes minha oração e minha gratidão.

Enquanto continuarmos nosso desenvolvimento pessoal em comunidade, continuemos a confiar "que Deus sempre nos chama à plenitude do ser... e a responder a qualquer que seja o Seu chamado" (DG124).

Assim alcançaremos nosso objetivo: seremos formadas à verdadeira imagem de Jesus Cristo.



GOVERNO

Irmã Mary Margaret Johanning.
São Paulo - Julho de 1984

Falamos muito, nestes dias, sobre nossos objetivos como indivíduos e como comunidade, sobre nossos sonhos e sobre nossos ideais. Creio que a pergunta que ocorre é: - O que une tudo isto? Eu penso que uma de nossas respostas é *Governo*, Oração, Eucaristia. Toda vez que, pelo menos duas pessoas estão juntas, se tiverem que fazer algo juntas, precisarão de algum tipo de estrutura.

Estrutura muitas vezes, é vista de maneira negativa, como algo que restringe. Mas uma boa estrutura *deve fluir da vida e dar vida*. Se uma estrutura não flui da *VIDA* e não produzi *VIDA*, então não é estrutura verdadeira. E o Governo é *estrutura*. Assim, se o governo não decorrer de nossa *vida* e não produzir vida, não é um bom governo.

Há anos atrás, um questionário foi enviado para as Províncias e regiões perguntando: - O que mais lhe tem ajudado para renovar-se? Houve muitas respostas. Entre elas: retiros, encontros, direção espiritual. E uma Região respondeu: - O que mais nos ajudou foi *o Governo*.

Quando interrogada, a Região do Japão disse: - Sim, o Governo nos capacitou a fazer o que tínhamos que fazer para responder ao chamado de Deus. O Governo nos libertou para responder a Deus. Eu creio que é sobre isto que queremos dizer quando falamos sobre *ESTRUTURA* promovendo *VIDA*. Ou dizemos, no número 40 que: “O Governo nos liberta para os caminhos do Espírito”. Liberta-nos para os caminhos de Deus.

Muitas vezes vemos *lei e estrutura* como algo que *limita*, e não que liberta. No entanto, os israelitas, quando leram o salmo 118, experienciaram a *LEI* como algo que lhes dava *VIDA*. Cada verso, neste longo Salmo, tem um termo diferente para expressar a *LEI*: estatutos, preceitos, mandamento, lei e sempre produzindo vida.

E nós dizemos no número 40 de VSE que “as estruturas do governo nos libertam para os

caminhos do Espírito”. Elas produzem *VIDA*. Decorrem de nossa vida e ao mesmo tempo a animam.

Falamos sobre as razões da existência do governo. Dizemos que: O Governo “nos torna capazes de responder a Deus” e nos capacita para servi-lo mais efetivamente. São razões-chave para o Governo!

Vocês encontram coisas adicionais que é papel do governo no número 61 de VSE:

- O governo existe para fortalecer a unidade;
- Capacita-nos a proclamar a Boa Nova;
- Promove nosso desenvolvimento humano e cristão, nossa vida
- Comunitária e o nosso ministério.

O que dizemos é que o *Governo* toca toda a totalidade de nossa vida.

No Capítulo Geral de 1968, conta-se que todas trabalharam na secção sobre “governo” durante mais ou menos 03 semanas. Foi nesta ocasião que se iniciou uma estrutura totalmente diferente. Lá pelas tantas alguém perguntou: - Mas quando é que vamos terminar com o capítulo sobre “governo” para podermos tratar sobre algo espiritual? Desde então percebemos mais e mais que o governo tem algo a ver com vida espiritual. Ele nos liberta para os caminhos do Espírito. Nós dizemos que a *liderança* em nossa Congregação é essencialmente espiritual. Recentemente duas pessoas em Roma, que são Conselheiras Gerais de outra Congregação, leram nosso documento. Ambas disseram: - Vocês são realmente ousadas em dizer que a liderança é

essencialmente espiritual. Porque, normalmente pensamos em “liderança” ou em “autoridade” como sendo relacionadas com “administração” e com um pouco de “espiritualidade” que vem em acréscimo na Vida Religiosa.

Nós dizemos que *autoridade e liderança*, para nós, são essencialmente espirituais. Também dizemos que autoridade é “serviço”. No número 41 dizemos que liderança (autoridade) é um “serviço de amor”. Creio que é o mesmo que lemos no Evangelho de hoje onde Jesus diz: - “Vocês sabem que, entre os pagãos, os governantes sobrecarregavam os outros... Isto não deve acontecer com vocês. Se alguém quer ser o primeiro, seja o escravo de todos”. Jesus veio para servir. Não acontece assim no meu Reino. Seu Serviço é de AMOR.

Autoridade, como palavra, significa: dar ou aumentar a VIDA. E assim entendemos então, como o *governo* deve fomentar a VIDA. Mas em nossa Constituição e Diretório, como mencionei anteriormente, governo não é igual a *autoridade*. Governo é igualado à participação e exercício da autoridade.

Em VSE, número 73 dizemos: “Vitais ao governo, são, antes de tudo, as Irmãs, depois o Conselho, depois a Assembléia e o Diretório”.

Vitais ao governo são em primeiro lugar as *IRMÃS!* Isto fica evidente quando se pergunta a alguém a respeito de sua escola, sobre qual é a estrutura da mesma. Frequentemente nos dirão: - Bem, há o

administrador e o diretor, os professores e auxiliares e finalmente os estudantes. Ou, no hospital: o administrador, os médicos, enfermeiros e pacientes. E a gente se pergunta então: - Por que existe a escola ou o hospital? Não é para os estudantes e para os doentes?

Nós dizemos: em primeiro lugar, na nossa estrutura vêm as *Irmãs*. E nós vemos isso refletido no número 57 do Diretório Geral. Iniciamos a parte do Governo com a *Pessoa na Comunidade de Fé*. A próxima secção fala de *comunidade local de Fé*, depois a *Comunidade Provincial de Fé e a Comunidade Internacional de Fé*. Mas, básica para nossa estrutura é a **Pessoa**.

Falamos sobre esta *pessoa* no DG 58 - O que é necessário? “Cada Irmã faz com que as atitudes necessárias para uma busca comum da vontade de Deus, sejam parte indispensável de sua vida diária”. Isso é básico. Ela assume a responsabilidade por seu desenvolvimento pessoal, por suas decisões pessoais e ela presta contas delas à comunidade.

Falamos nesta manhã, sobre a última frase: Ela “toma tais decisões em concordância com seu compromisso com Cristo e de acordo com a Constituição e os Diretórios Geral e Provincial”. Assim, todas as decisões que eu tomo, devem ser feitas à luz desses compromissos. E eu devo prestar contas à comunidade sobre essas decisões. Elas devem estar de acordo com o que somos.

Em todos os níveis, dizemos em VSE 41: em nível local, provincial e internacional - cuidamos da participação de cada membro e do exercício de autoridade. Em todos os níveis do governo, precisamos de participação, porque, dizemos o “Espírito opera em cada Irmã”. Cada uma de nós possui uma parte da verdade. E, se eu não partilhar a *minha* verdade, a comunidade nunca poderá chegar a descobrir a vontade de Deus. Pode ser que tudo o que a comunidade precisa, é minha pequena parte. E quando faltar essa parcela da verdade pode ser que não descubramos a vontade de Deus.

Mas muitas de nós costumam dizer: - Eu não fui treinada para isso! Isso é verdadeiro, provavelmente, para muitas de nós, aqui. Mas, não pode ser desculpa! Nós *aprendemos juntas*. Eu tenho a obrigação de dizer *minha* verdade. “O Espírito age em mim”. Muitas de nós não valorizam o que eu devo dizer. Ou o que eu teria que dizer não é importante! Mas, isso reflete o que pensamos a nosso respeito. É importante, porque Deus atua em você. E é uma responsabilidade séria, verificar se está falando a verdade de Deus.

Porque o Espírito age em cada uma de nós, nós todas partilhamos da responsabilidade pela vida e missão da Congregação. Cada uma de nós é responsável para conhecer e fazer a vontade de Deus.

No número 53 do Diretório Geral nós nos referimos novamente a esses dois princípios: *participação e exercício de autoridade*.

E no número 56 dizemos que esses dois princípios estão interrelacionados e são orientados pela subsidiariedade, um outro princípio. Muitas de nós conhecemos a “subsidiariedade” assim: A coisa deve ser resolvida no nível onde está o problema ou a ação. Mas há ainda outro lado da subsidiariedade que esquecemos, muitas vezes. É o seguinte: “Quando o assunto não é tratado em nível da pessoa responsável, então o próximo nível tem a obrigação de garantir que o assunto seja abordado”.

Participação, autoridade, subsidiariedade!

No DG 54 dizemos que todas nós colaboramos “ativamente na busca do bem comum para conhecer e fazer a vontade de Deus”. E como consequência, isso fortalece nossa unidade e promove a aceitação e execução das decisões legalmente tomadas. Eu creio que sabemos isso de nossa própria experiência. Quando alguém diz: - Esta é a decisão! Vamos fazê-la desta maneira! - O que dizer então a respeito disso e disso? Mas, quando todas estamos envolvidas numa questão, e todas dizemos o que temos que dizer, e quando todas estamos de acordo com uma decisão, então todas a apóiam 100%. Promovem a aceitação, a implementação da decisão tomada.

Nós todas possuímos uma parte da verdade. Nós todas temos o poder e a obrigação de tomar

decisões. Dizemos no DG 54 que partilhamos a responsabilidade. *Todas* nós somos co-responsáveis pelo governo local, provincial e internacional.

Falamos no DG número 55, que “em todos esses níveis nossa tomada de decisões é feita por discernimento”. *Discernir*, como sabemos, significa: distinguir entre o bem e o mal, ou entre um bem e outro bem, vendo qual é o maior. E, geralmente, é mais difícil discernir entre um bem e outro bem, do que entre bem e mal. VSE nos mostra que discernimento significa: tomar decisões “em reflexão, oração e diálogo”. (DG 55) Fazer algo com reflexão e oração, exige que avancemos *lentamente*, que tomemos tempo. Eu tenho que saber o que está acontecendo dentro de mim, quando você fala. E é necessário tempo e silêncio para sabê-lo. Devo ouvir e falar, no diálogo, assim como você também. Muitas vezes pergunta-se: - O que significa *diálogo*? No documento de 1977, tentamos expressar o que faz parte do diálogo. Dizemos que pressupõe reflexão, diálogo e oração. Se eu desejo falar, isso significa que primeiro tenho pensado e rezado sobre aquele assunto. E assim, por exemplo, num Conselho de Irmãs, eu devo saber antes qual é o assunto a ser tratado. Porém, muitas vezes, chegamos ao Conselho de Irmãs ou na partilha de fé dizendo: “Vamos falar sobre isso”! Ninguém está preparada, ninguém teve tempo de pensar ou de rezar sobre o assunto, tempo de refletir. Temos que saber qual é o assunto bem *antes*! Assim podemos refletir, rezar e preparar-nos devidamente. Pressupõe-se que eu tenha colhido informações para dar meu parecer.

Se eu tenho que participar de uma tomada de decisões, então tenho que ter as informações necessárias, não importando qual seja a decisão. Digamos por exemplo: Esta comunidade está se perguntando se deveria comprar um carro novo. Então *todas* devem saber quanto custa, quanto ganhamos pelo carro usado, qual é o preço do seguro... etc. Todas essas informações serão necessárias. Não posso dizer simplesmente:- Sim, vamos comprar, sem ter maiores informações ou conhecimento maior dos fatos. Qualquer decisão mais séria exige informação, conhecimento básico dos fatos. Assim, *diálogo* pressupõe que conheço fatos, que rezei que refleti e que estou preparada. Dizemos que requer em seguida, quando nos encontramos, “**prontidão para mudanças**”. Pode ser que eu acredite que *temos* que comprar esse carro. Mas pode ser que, ao ouvir as outras, ouço motivos muito bons que me provem o contrário. E pode ser que mude de idéia, se estiver aberta e ouvir a verdade. Isto não significa que não sou fiel a mim mesma, simplesmente significa que alguém pensou em alguma coisa na qual não pensei. E eu estou aberta para mudar. Não vim com a resposta pronta. Vim para *buscar*, vim disposta a uma busca em comum. Isto é discernimento. É *co-responsabilidade!*

Uma vez estive numa eleição provincial. Estávamos elegendo a última conselheira. Já tínhamos feito 5 escrutínios, sem resultado. E eu disse: pode ser que devamos parar e conversar um pouco juntas! - O que queremos que esta conselheira deva ser? - Qual

sua função? – Não, Não, disse o grupo, nós vamos rezar em silêncio e votar. E a eleição não saía. Finalmente paramos para conversar. E, no próximo escrutínio a conselheira foi eleita. Mas, somente na avaliação, a assembléia aprendeu que nós não estávamos buscando *juntas!* Estávamos buscando individualmente! Cada uma de nós rezava em silêncio e depois escrevia o nome. Cada uma buscava sozinha! Somente quando procuramos *juntas*, ficou claro.

Dou-lhes outro exemplo sobre a “prontidão para mudar”. Uma vez estive presente na eleição de uma coordenadora local. Havia 13 Irmãs na comunidade, e duas candidatas para a eleição. Falamos sobre o cargo e, sobretudo, a respeito das qualidades necessárias. Fomos votar. Seis a favor de uma e sete a favor da outra! E votamos, votamos!... 6 a favor de uma e sete a favor de outra. E conversamos, e conversamos. Resultado: 6 e 7. E depois do 13º. escrutínio, eu disse: - “ O que está acontecendo aqui”? Vamos descobrir. E o que havia era que ambas as candidatas podiam ser aceitas por todo mundo. Assim, as que 1º. votaram numa, depois votaram na outra. E no 3º. escrutínio mudaram de novo e assim por diante. *Prontidão para mudar!* Isso não acontece muitas vezes. Foi porque havia 2 candidatas aceitas por todas e porque a comunidade era muito aberta. Falamos de uma “ procura comum na fé e no amor” Isso exige que busquemos sinceramente. Eu tenho que dizer minha verdade. Porém, não só falar, mas “ouvir” com abertura a outra e estar disposta a mudar. Falamos, ouvimos! Isso exige muito tempo. E

muitas vezes ficamos impacientes e dizemos: - Oh, vamos decidir e votar ao invés de perseverar no diálogo para chegar à verdade. É geralmente, não é *minha* verdade ou *sua* verdade que é o resultado final, mas uma verdade completamente nova, que emergiu porque buscamos juntas. E nisto há liberdade. E nisto está uma decisão de consenso. Quando juntas reconhecemos o chamado de Deus como chamado de Deus, esta é uma decisão de consenso.

Nós a definimos assim: É uma decisão que todos os membros podem aceitar, apoiar e executar, mesmo que alguns, individualmente, prefiram uma decisão diferente. (DG 55) Não é o voto da maioria, mesmo que a maioria de nós tendamos a viver com o voto da maioria. Por exemplo, há uma questão numa comunidade de 13. Falamos e falamos. Vemos onde as pessoas estão. E 10 dizem “Sim” e 3 dizem “não”. Temos a tendência de dizer: - “Está resolvido o assunto! 10 pessoas disseram Sim! Este é voto da maioria! *Não é fé! Não é consenso!* É um passo apenas. Normalmente, deveríamos perguntar a essas 3: - Poderiam nos dizer por que vocês pensam que “não”? E quando nos dizem os motivos, muitas vezes ouvimos algo novo, algo que não havíamos percebido. A partir desta escuta muitas vezes mudamos nossa opinião, ou também não, dizendo: “Sim, entendemos sua razão, mas ainda acreditamos que esse é o chamado de Deus”. A pergunta depois é: - Vocês 3 podem viver com essa decisão ainda que não seja sua preferência? Vocês podem ir conosco? Parece que Deus leva a comunidade por esse caminho.

Muitas decisões que fazemos não são assuntos de consciência. E, normalmente, essas três pessoas podem dizer: - Não é aquilo que queríamos, mas se Deus parece conduzir-nos neste caminho, aceitamos! Alcançamos assim então, a decisão que todas podem aceitar e concretizar.

A questão da regra da maioria, porém, muito nos faz perguntar a respeito da regra da minoria. Se essas 03 pessoas dizem: - Eu não vou absolutamente mudar minha idéia! Então pode acontecer que, muitas vezes, para manter a paz, toda comunidade diz: que está "OK"! Mas essa é regra da maioria, que também é injusta. É injusto se uma comunidade tem que viver de acordo com o que 01 ou 02 ou um pequeno grupo quer, a não ser que elas possam explicar para nós e nós concordamos. Então, sim! E já experienciei muitas Assembléias Provinciais que mudaram decisões por causa de um voto da maioria porque a minoria disse: - Este e este e este não são meus motivos. Ah, nós não pensamos nisso! Vamos mudar então! Mas, quando simplesmente alguém se fixa dizendo: - Eu não quero mudar, então, talvez, a paz deve ser perturbada para se chegar à verdade.

Nós não sabemos muito bem vencer situações de conflito. Nós devemos ganhar prática nisso, de alguma maneira.

Dizemos que chegamos a decisões de consenso, "principalmente nos assuntos que dão diretrizes para nossa vida em comum e missão". O número

55 do DG nos dá orientação clara sobre isto: “Em todos os níveis, nossa tomada de decisões é feita por discernimento: reflexão, oração e diálogo. O diálogo autêntico pressupõe reflexão orante e a coleta de informações necessárias. Requer prontidão para mudar a vontade para buscar em comum, na fé e no amor, para falar com sinceridade e ouvir com abertura”. (DG 55)

Assim, por exemplo, no número 03 do Diretório Geral sobre *comunidade* lemos que a comunidade toma decisões de consenso a respeito de estruturas: quando rezar, quando ter silêncio, lazer, hospedar, criar objetivos, como celebrar... Todos esses pontos devem ser decisões de *consenso*. E isso toma tempo. Mas, quando **todas** nós concordamos com um objetivo, todas também o assumiremos. Como sabemos, isso exige paciência.

Em VSE, número 68, dizemos que a finalidade do governo local é ajudar a comunidade em seus esforços de reconhecer e responder ao chamado de Deus. A comunidade local é o lugar primário onde, juntas, seguimos Jesus Cristo. A finalidade do governo em nível local é ajudar-nos reconhecer e responder ao chamado de Deus. É esta a tarefa do Conselho de Irmãs.

No número 60 do Diretório Geral dizemos que cada uma de nós, cada Irmã, partilha a responsabilidade por sua comunidade. Eu não posso dizer: Você sabe, nossa comunidade não é tão boa. Mas também, a coordenadora não faz nada por ela. – **Eu sou responsável!** Não sei por que a coordenadora não corrige! Ela sai cada noite! – Se

eu não concordo com a maneira dessa Irmã viver, por que eu não falo com essa Irmã? E, muitas vezes, é mais fácil quando uma Irmã confronta a outra, em vez da autoridade fazê-lo. Em cada comunidade temos responsabilidade, compartilhamos responsabilidades. Ninguém pode deixar de aceitar uma responsabilidade, porque há uma coordenadora local que pode fazê-lo. Nós todas somos co-responsáveis. Nossa Constituição é muito clara. É por isso que, dizemos que a coordenadora é chamada de uma maneira *especial* para:

- Promover a unidade
- Ser sensível às necessidades de cada Irmã
- Facilitar o diálogo
- Coordenar a execução das decisões
- Tomar decisões, de acordo com a autoridade que lhe é própria. (DG 63)

Porque basicamente, *cada Irmã* deve fazer essas coisas, eu creio que é verdade dizer que, se cada Irmã estiver vivendo 100% seu envolvimento e responsabilidade, a coordenadora local não terá um serviço a mais como coordenadora. Mas, raras vezes, vivemos 100% de nossas capacidades. Muitas vezes precisamos de alguém em autoridade para dizer: - O que está acontecendo aqui? - Por que não está cumprindo sua tarefa? Tomar a iniciativa quando ninguém a toma e perguntar: - O que vamos fazer? Mas suponho que é tão simples para nós não **ser** responsável, *não* pensar sobre o que deve ser feito, porque se supõe que a coordenadora deva fazê-lo. E pode ser que ela precise de algumas pessoas para partilhar com ela a responsabilidade, para também serem

responsáveis pela comunidade. Não podemos todas fazer todos os serviços. E assim temos papéis e funções diferentes, maneiras diferentes para cumprir nossas responsabilidades. E assim o Diretório Geral número 03 - sobre comunidade, diz que *decidimos juntas como essas responsabilidades devem ser distribuídas*. Decidimos juntas, através de *consenso*. Mas todas nós dizemos: Encontramos-nos no Conselho de Irmãs (DG 61) “para partilhar e dialogar sobre aqueles assuntos que são essenciais para nossa Vida Religiosa”. Assuntos importantes. Percebam o que fazemos aí!

Sobre o Conselho de Irmãs dizemos que: empenhamo-nos para melhorar a qualidade de nossa vida comunitária e de nosso serviço ao povo de Deus. Estes são os objetivos do Conselho de Irmãs. E depois vêm os itens **a**, até **c** – coisas que acontecem no Conselho de Irmãs:

- Procurar juntas a vontade de Deus
- Esclarecer valores
- Estabelecer objetivos, etc

Se quiserem saber que tipo de comunidade vocês têm, olhem para seu Conselho de Irmãs. Ele reflete bem *como* vocês vivem em comum, como partilham uma com a outra, como buscam juntas! Dizemos isso no número 61 do Diretório Geral: “A maneira pela qual participamos no Conselho de Irmãs e chegamos a decisões comuns, é um reflexo da qualidade de nossa vida comunitária”. Mais e mais devemos preocupar-nos sobre a *qualidade* de nossa vida em comum, não apenas vivermos juntas. A pergunta é: - *Como vivemos juntas? A qualidade* do

nosso tempo e espaço! A qualidade de nossa participação!

A comunidade local, provincial e internacional de fé são todas estruturas que devem nos dar *VIDA!*

Dizemos no DG número 56 que “estes relacionamentos são marcados por oração, comunicação e apoio mútuo”. E o resumimos no número 42 de VSE que diz: “Partilhamos da convicção de Madre Teresa de que o governo central... nos fortalece na proclamação da Boa Nova e promove a unidade”. Sabemos quanto ela acreditou no governo *central*. Todas as Províncias, disse ela, são os ramos. E muitas de vocês que viram a capela do generalato, sabem que o altar tem a forma de uma árvore.

Dizemos que o governo central nos une como Irmãs, transportando fronteiras nacionais e culturais e nos irmana na mesma missão. E creio que em todos os níveis é para nós um desafio, descobrir *como* participamos e como executamos autoridade, de modo que um nível possa dar a vida ao outro, de modo que atuem em comum. É um desafio único para nós. Sabemos que nossas experiências, que a participação nos enriquece. Resultam decisões melhores e nos capacitam a partilhar a responsabilidade por tais decisões.

Durante o Capítulo Geral tivemos algumas tradutoras leigas. E até hoje quando nos visitam, elas dizem: - Eu nunca vi coisa igual! Todas essas mulheres esperando, dialogando, até que todas

estivessem de acordo! A paciência, o respeito por cada pessoa - para entender, para assimilar, para mudar! E essas tradutoras se tornaram portadoras da Boa Nova em Roma. Indo para outros Capítulos Gerais, disseram: - Esta não é a maneira como nossas Irmãs o fazem! Vocês poderiam fazê-lo assim! - então todo mundo ficaria contente! Não votem apenas, preocupadas para que termine tudo de uma vez!

É um dom que podemos oferecer à Igreja. Nós o tentamos em nossas comunidades. Eu creio que isso influenciará a maneira como agimos em nossa sala de aula, na paróquia, no hospital, em qualquer lugar. Os leigos sempre querem participação na Igreja. Nós temos mais de 15 anos de experiência. Cometemos alguns erros. Não participamos todas ainda. Algumas de nós monopolizam. Falam o tempo todo. Algumas de nós não levam a sério o que uma outra fala. Umás até riem da outra que diz algo. Isso machuca. Demorará muito tempo até que eu fale novamente, se você riu de mim. - Erramos! Mas estamos aprendendo! Recebemos esse dom para dá-lo à Igreja Em qualquer ministério em que estivermos envolvidas, ensinamos ao fazê-lo: a participação e tomada de decisões em comum, equilibradas, com o exercício da autoridade.

E assim, para nós e para aqueles que se unem a nós, creio que necessitamos de capacidade, do desejo de partilhar responsabilidades, de participar e, no entanto, sempre dentro do contexto e do equilíbrio com o exercício da autoridade.

HOMILIA- MEU NOME MINHA IDENTIDADE

Irmã Mary Margaret Johanning
Munique- 16/10/86

Recentemente quando estive na África, eu conversei com um grupo de pessoas a respeito de como o catolicismo poderia ser melhor inserido na cultura africana.

Uma vez que o povo na África vive de uma forma um tanto diferente da maioria de nós, como se pode esperar que o povo africano expresse sua fé católica como nós na América e Europa fazemos? O catolicismo não poderia ser expresso de uma forma mais africana? perguntei.

Depois de pensar um pouco um senhor idoso disse:
- Eu posso dar um exemplo: O Batismo. O Batismo católico poderia ter um significado mais profundo para o africano se fosse mais ligado à nossa cerimônia do nome, disse ele.

-Fale-me mais, pedi a ele.

-Por exemplo, disse: Em minha tribo, quando nasce uma criança, o pai e a mãe vêm junto com a criança e todos os parentes de ambos os lados da família. Faz-se a pergunta: Como queremos que seja esta criança, que se pareça com quem, pelo que deve ser notada?

Talvez queremos que esta criança seja sábia ou responsável, ou principalmente amorosa, cuidadosa e capaz de tratar bem as pessoas. Após decidir-se sobre uma ou duas características, entre outras, faz-se a pergunta:

- Quem em nossa família, ou quem conhecemos que tenha tido tais qualidades em um grau mais elevado? Talvez o tio José, ou a mãe da criança, Ana, ou nosso amigo Luis. Aos poucos, as duas famílias decidem quem melhor caracteriza estas qualidades. Então, é dado aquele nome à criança. Por exemplo, porque a tia Hannelore tem estas qualidades, a criança se chama Hannelore. Uma tal cerimônia tribal bem que poderia ser incorporada ao batismo para tornar o sacramento mais africano, disse aquele senhor idoso.

Com relação ao “ nome”, no tema de nossas vésperas esta tarde, ouvimos 2 princípios neste exemplo:

- Como queremos que a criança seja
- Quem vive assim agora.

Estes dois princípios determinam o **nome** da pessoa. Estes dois princípios também são mais próximos de nossa própria experiência. Sabemos que nosso nome nos dá nossa identidade, nossa peculiaridade, nossa individualidade; nosso nome diz quem somos; ele fala aos outros sobre nós.

Quando refletimos sobre nosso próprio nome, muitas vezes achamos que temos mais do que um nome. Temos um nome oficial - em geral dado por nossos pais, formalmente. (Mary Margaret).

Frequentemente temos outro nome - que é usado por nossa família, amigos, alguém que nos ama. (Mary) Geralmente nos sentimos bem quando nos chamam pelo *NOSSO NOME* e não assim: você aí, com chapéu vermelho! Em geral também vivemos de acordo com nossos nomes; por isso é que o africano da tribo pergunta: como queremos que seja esta criança?

O tom de voz usado quando falam nosso nome é tão importante quanto o nome que é usado; por exemplo, quando sua mãe, pai ou professora diz: Mary, ou Mary Margaret Johanning, estou te dizendo....O último é assunto sério . Muitas vezes temos ainda outro nome e este é o nome que Deus tem para nós - se estivermos suficientemente silenciosos para descobri-lo. Como Deus a chama: pelo seu nome oficial, pelo nome de sua família, amigo, amado ou por um nome pessoal só conhecido por você e Deus?

Ouvimos isto agora na leitura da palavra na qual Deus nos diz: *EU TE CHAMEI PELO NOME*. Pense nisto - Deus sabe o meu, o teu nome - e Deus chama a mim, a você pelo nome!

Nós também escutamos o tom de voz de Deus hoje na Escritura - escute o tom: não temas; não importa o que aconteça, eu estou com você. Você não vai ser prejudicada. Por quê? Porque, diz Deus, *VOCÊ É MINHA!*

Ainda mais - conhecer alguém pelo nome e chamá-lo por este nome estabelece uma certa afinidade, um certo compromisso. Nós não dizemos

a alguém: chame-me por Mary ou Suzi. Mas quando fazemos isso, temos a sensação de pertença. Lembre-se que no AT Moisés pensou que tinha que saber o nome de Deus - isto lhe daria o sentido de pertença - ele pertenceria a Deus e Deus lhe pertenceria.

E hoje, lendo a escritura, ouvimos Deus dizendo-nos o verdadeiro nome de Deus, que significa que Deus quer relacionar-se conosco, pertencer-nos e quer que nos relacionemos e pertençamos a Deus.

Deus diz: Eu sou o Senhor, teu Deus, teu Salvador, o único santo. Nós conhecemos a Deus pelo *NOME*-temos uma afinidade com Deus e pertencemos a Deus. E Deus quer isso. Nosso nome tem seu principal fundamento em Deus. Isto implica intimidade. Qual é o seu nome pessoal para Deus? Como você chama a Deus quando está a sós com Ele?

Chamemos a Deus, muitas vezes, pelo nome e ouçamos Deus chamar-nos pelo nosso nome. Hoje Deus diz a cada uma de nós: *Você é minha!* Isto é, você me pertence e eu lhe pertença. **E, EU A AMO**, o que quer dizer que temos afinidade um com o outro.

Isto é sempre **BOA NOVA**. Quando alguém nos chama pelo nome e diz que nos ama, isto é BOA NOVA. Alegremo-nos, celebremos e demos graças-temos motivos para isto!



**“QUE TODOS SEJAM UM PARA QUE O MUNDO
CREIA.”**

Minhas queridas Irmãs,

Sem dúvida, vocês estão esperando boas notícias do encontro do dia 18 de maio, referente ao processo das virtudes, para a beatificação de nossa fundadora, Madre Teresa de Jesus Gerhardinger. É uma grande alegria para nós, comunicar-lhes que a decisão da comissão dos teólogos foi positiva: de acordo com o ponto de vista da comissão, Madre Teresa é uma mulher de virtude heróicas. Mesmo que cada uma de nós esteja convencida disso, é uma grande satisfação, Ter esta realidade confirmada por teólogos que seriamente estudaram e consideraram sua vida. Louvemos e agradecemos a Deus por esta benção.

Como resultado da resposta positiva, dada por esta comissão de teólogos, a causa de Madre Teresa será agora examinada por uma comissão de cardeais. Esta comissão também deve concluir dos seus

estudos, que Madre Teresa pode ser considerada uma mulher de virtudes heróicas. Este encontro, provavelmente se realizará no outono de 1982. Se esta comissão também der uma resposta positiva, o Santo Padre publicará um decreto que irá declarar Madre Teresa “venerável” e uma “mulher de virtudes heróicas”. Com esta proclamação, encerra-se o processo das virtudes.

O último passo exigido para a beatificação é o processo dos milagres. Não é possível determinar o espaço de tempo necessário para a conclusão do mesmo, mas, presentemente, já estão se tomando medidas importantes para alcançar este objetivo. Estão sendo examinados documentos referentes a duas curas pela intercessão de Madre Teresa.

Ficarão sabendo a data do encontro da comissão dos cardeais, quando esta tiver sido fixada. Agradecemos-lhes pelas contínuas orações, interesse e favores recebidos pela intercessão de Madre Teresa. Se houver ainda outras graças recebidas pela sua intercessão, pedimos que enviem relatórios a esse respeito para Irmã Maria Luitborg Brandl, no Generalato.

“Nestes dons do espírito, dados a Madre Teresa, reconhecemos o carisma que ilumina e orienta a vida e a missão de nossa Congregação”.
(VSE-revisão)

Enquanto esperamos e rezamos pelo término do processo de beatificação e nos preparamos para celebrar o 150 aniversário da fundação de nossa Congregação, demos os passos necessários para renovar o espírito de Madre Teresa em nossa vida

peçoal e em nossas comunidades locais. Esta verdadeira encarnação de nosso carisma é a maior honra que podemos dar a Madre Teresa.

Com gratidão e oração,
Ir. Mary Margaret
Johanning-SSND-Superiora Geral

**LITURGIA EM MEMÓRIA DE IRMÃ MARY
MARGARET
SAUDAÇÃO DE IRMÃ PATRÍCIA FLYNN**

Dia 03 de outubro de 1994-
Jefferson City.

Dia 04 de outubro de 1994-
Casa Mãe de St.Louis.

Que a paz de Cristo esteja com cada um de vocês!
Queridos: Gertrude e Bernard Johanning, Joetta e Cindy, irmãs de Mary Margaret, seus irmãos Jerome, Mryl, Robert e Don;
Bispo Mc Auliffe, Padre Sheehan, Padre Fleming, membros da família e amigos vindos de Glasgow, Jefferson City, Saint Louis, Missouri e de todo mundo, de modo especial, quero dar as boas vindas para vocês, queridas Irmãs Escolares de Nossa Senhora e agradecer-lhes pela sua presença aqui neste dia. Precisamos um do outro, neste momento.

Cada dia de novo, desde a morte de Irmã Mary Margaret, luto para tomar consciência da realidade de sua partida. Quando vejo sua foto, posta aqui na Igreja, quando vejo vocês – Bernard, Gertrude e família – aprofunda-se ainda mais a dor da despedida em mim, em nós.

É difícil acreditar que estamos reunidos aqui, na Casa Mãe de Saint Louis, onde Mary Margaret pronunciou seus votos, em 1960, para celebrar a Eucaristia em sua memória.

Porém, estamos aqui unidos como comunidade de fé, e procuramos, neste ritual, dar-nos o mútuo apoio e amor que necessitamos enquanto choramos a morte desta pessoa que amamos tanto.

Nós, sua família e amigos, e nós, Irmãs de sua comunidade religiosa, estamos envoltas pelo mistério deste momento, pelo evento Pascal em nossa vida.

Precisamos lembrar-nos mutuamente de que Deus é o coração deste mistério e que as respostas às nossas perguntas e nossa busca pelo *PORQUÊ* da sua morte -porque não foi curada-estão escondidas em Deus.

As palavras de Mary Margaret sobre sua vida e sua morte podem ajudar-nos a abraçar este mistério: *Estou eu pronta e disposta para ser usada como instrumento, do jeito como Deus me possa escolher, para o bem da Congregação e da Igreja?* (Sua carta

do dia 16 de agosto de 1994). Ela disse um maravilhoso SIM a Deus - na sua vida e na sua morte.

A resposta de Irmã Mary Margaret, dada com total disponibilidade, de ser instrumento de Deus e o dom de si mesma, certamente produzirão frutos em nós. Nós que sofremos tanto com sua morte, entenderemos mais profundamente, estas palavras da Bem-aventurada Madre Teresa, no que se refere às orações pela cura de Mary; *mas depois suas raízes serão mais fortes e suas flores mais belas.*

No sábado antes de sua morte, eu estive com ela. Ela me disse o quanto desejava comunicar-se com todas as Irmãs e expressar-lhes o quanto cada uma significava para ela. Eu lhe prometi que o faria em seu lugar.

Ela me falou que esperava sua visita, Madre Georgianne.

Ela renovou seus votos. Ela me abençoou. Eu também a abençoei e enviei.

Durante a semana passada, uma vez que tinha feito suas despedidas, aqui na terra, Mary partiu para Deus como uma estrela que estava se apagando. Ela se lançou nos braços do Deus fiel, do Deus que era sua vida, seu amor, sua alegria e também seu mistério.

Sei que a Bem-aventurada Madre Teresa a recebeu de volta em casa.

Mary Margaret está com aquele que amava com este seu coração que continuou batendo e que a manteve viva, por mais dias do que foi esperado. Ela agora conhece a plenitude da vida, da alegria eterna.

Eu acendo esta vela como sinal da presença de toda a Congregação Internacional. Choramos sua morte, Mary. Mas, ao mesmo tempo, nos alegramos, celebramos e damos graças pela sua vida e sua presença entre nós e na Igreja.

Bernard e Gertrude, esta vela também simboliza as orações de toda a Congregação por vocês e sua família.

Em seu nome, lembramos sua fé, lembrando sua vida durante a qual sempre lutou para fazer o que Deus nos disser, elevemos nossa mente e nosso coração ao Deus de amor e celebremos com alegria a vida, a morte e a vida eterna da nossa Mary, nossa *Irmã* Mary Margaret!

Ao acender esta vela, recordo estas palavras do primeiro esboço de VÓS SOIS ENVIADAS:

“ Na morte dizemos o nosso último sim humano a Deus. Confiando no poder de Deus em levar-nos à plenitude da vida, terminamos nossa vida terrena com um ato de adoração, na hora da morte. Proclamamos que Deus é Deus e nós, suas criaturas.



Somos chamadas por Deus e
enviadas pela Comunidade.
Partimos com alegria!
Amém!Aleluia!
Neste espírito vamos rezar!
Vamos viver!

Ir. Patrícia Flynn

HOMILIA EM MEMÓRIA DE IRMÃ MARY MARGARET JOHANNING -IENS

Revmo Michael F.McAuliffe, STD
Bispo de Jefferson City- USA

Missa em memória a
Irmã Mary Margaret Johanning -IENS
Dia 03 de outubro de 1994

Se tudo o que aconteceu na morte de Irmã Mary Margaret, acontecesse também na minha morte, eu seria a pessoa mais feliz. Sei que eu não mando nisso, mas posso esperar.

Mary morreu assistida por duas famílias que lhe deram grande apoio. Sua família natural e a família das Irmãs Escolares de Nossa Senhora.

Cada membro teve o privilégio de um tempo particular com Mary para dizer-lhe que podia entregar sua alma a Deus – e este privilégio foi concedido a mim também.

Foi muito difícil para mim, como foi para todos vocês conhecer Mary Margaret com plena saúde e depois ver como sua vida ia se apagando lentamente.

Na manhã de sua morte, membros das famílias se encontraram para preparar esta liturgia. Ouvi o que disseram a respeito dela. Ela não queria que falasse sobre essas qualidades que marcaram tanto a sua vida, mas é necessário que eu o faça.

Ela era persistente, mas gentil.

Uma pessoa de total confiança.

Muito reservada, porém sempre pronta para dar de si às pessoas.

Tão comum como um sapato velho,

Porém, capaz de assumir os cargos mais elevados que a Igreja ou o mundo tinham para oferecer.

Humilde!

Sempre teve tempo para as outras pessoas.

Elaborava todos os detalhes de algum projeto ou programa.

Era alguém que fez cada pessoa sentir-se muito especial para ela.

Soube fazer desabrochar o melhor em cada pessoa.

Deu a cada pessoa, plena atenção.

Não teve medo de aventurar-se ao desconhecido.

Sabia ser teimosa, mas de uma maneira graciosa.

Quando sentia que algo estava certo, ela o fazia persistentemente.

Ela era uma mulher de convicção.

Acima de tudo, ela era mulher de Igreja.

Que grandes qualidades de liderança ela mostrou quando foi eleita e serviu como líder internacional das IENS - e qual não tem sido a impressão que deixou aqui na diocese que era a sua! Como somos felizes!

Quando lhe ofereci o cargo de Chanceler, senti que a experiência a ajudaria no futuro. Eu a imaginava voltar, um dia, para Roma como Conselheira, para ajudar ao Santo Padre no esforço que a Igreja faz para cumprir os desafios do Evangelho na situação concreta em que se encontra. Este não foi sonho, mas uma realidade diante das propostas que lhe foram feitas de ir para Roma.

Ela era uma pessoa de oração, totalmente entregue ao seu Senhor e Deus.

Ela teve sede pelo Deus vivo - como diz o Salmo 42: "Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo!"

Cantar os louvores de Deus parecia ser o tema de sua vida-como o Evangelho o expressa: "Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos." (Lucas: 10, 21)

Consumia nela o desejo de partilhar com outras pessoas a sua experiência espiritual. Foi admirável! Quantas pessoas confiaram nela, buscando sua

ajuda e assistência. Aqueles que procuraram orientação espiritual com ela, certamente encontraram conforto na sabedoria e compreensão, fundamentadas na santidade de sua própria vida.

Seu grande desejo era conhecer Jesus tão bem quanto possível e estar unido a Ele. A passagem de Lucas deve tê-la fascinado como pessoa e como teóloga. “Ninguém conhece Jesus senão o Pai e ninguém conhece o Pai a não ser Jesus e aquele a quem Jesus o quiser revelar.”(Lucas 10,22)

Jesus pode falar de todos os mistérios porque é Filho e há reciprocidade perfeita de conhecimento entre Ele e o Pai; o que lhe foi entregue é revelado somente àqueles que o desejarem. (cf. Mt 11, 25-27) Não é para admirar que ela era como a conhecíamos, porque no seu esforço de unir-se com Jesus, Ele, em troca, lhe revelou os mistérios mais profundos. Um dos livros favoritos da Bíblia para Mary, eram as Lamentações. Lemos aí: “Javé é bom para quem nele confia, para aquele que o buscar. É bom esperar em silêncio a salvação de Javé. (Lamentações: 3, 25)

Conhecer Jesus e através dele o Pai, significou para ela partilhar sua experiência. Naturalmente esta participação é graça e salvação: “Ele nos liberta de uma existência sem sentido e nos torna pessoas novas, filhos de Deus”. (Os 4 Evangelho - Bruce Vawter - C, M. 1967)

Muitas vezes, falamos do amor de Deus para conosco; o sinal disso é que Ele nos deu como dom

seu filho único. E este, tendo aceitado nossa natureza humana, derramou seu sangue por nós. Não duvido do amor de Mary por Jesus, e do seu amor por ela.

Várias perguntas nos inquietaram quando refletimos sobre a morte prematura de Mary. Olhando para a grande necessidade que temos de pessoas como ela, com todos os dons e talentos que Deus lhe deu, especialmente com suas qualidades de líder e de orientadora espiritual, por que Deus quis levá-la agora? E o que aconteceu com o milagre que todos nós pedimos, suplicando que, através da intercessão da bem-aventurada Maria Teresa de Jesus descesse a força curadora do Espírito Santo sobre Mary?

Como resposta primeira, sabemos que os caminhos de Deus não são os nossos caminhos. Marcos diz: “Não pensas as coisas de Deus, mas as dos homens”. (Mc. 8,33) Mas a desejou e decidiu de levá-la consigo.

Um segundo ponto é a confiança que temos em Deus, e que um dos fundamentos da vida espiritual é a intenção de fazer a vontade de Deus. Quantas vezes Mary disse isso - e quantas vezes vocês e eu falamos o mesmo.

Talvez devesse agora confiar-lhes um segredo. Mary tinha grande amor pelas missões. Quando sua comunidade perguntou a ela, no ano passado, se estaria disposta a ir para a África e ensinar num seminário, servir como orientadora espiritual e dar

retiros, ela fez o discernimento com a ajuda do Espírito Santo e percebeu que isto era a vontade de Deus para ela. Eu e outros ajudamos Mary nesse discernimento; eu tive que concordar que era a vontade de Deus, assim como pude vê-la, mas Deus a quis unicamente para Si.

A família de Irmã Mary Margaret sofre por esta grande perda e nós também sofremos. Mas para ter futuras vocações temos que depender de famílias como estas. Naquele quarto no hospital eu vi uma fé que me impressionou profundamente. Gertrude e Bernard, vocês devem orgulhar-se daquilo que passaram para seus filhos.

E, Irmã Patrícia e Irmã Kathy, eu experimentei o que significa uma comunidade de religiosas para elas mesmas e para a Igreja.

HOMILIA EM MEMÓRIA DE IRMÃ MARY MARGARET JOHANNING -IENS

Por David L. Fleming- SJ
Dia 04 de outubro de 1994
Casa Mãe - Saint Louis-Missouri-EUA

Bispo McAuliffe, Irmã Patrícia Flynn, Irmã Kathy Wegman, Irmãs Escolares presentes, desta província e do mundo todo, membros da família Johanning especialmente Gertrude e Bernard, estimados convidados, amigos de Irmã Mary

Margaret, eu sou David Fleming, jesuíta, que acompanhou Mary Margaret em sua jornada de fé, durante os últimos seis anos. Eu fui nomeado editor da revista **Review for Religious**, em 1988 e pedi para Irmã Mary Margaret fazer parte da equipe de conselheiros. Até a sua morte, ela prestou serviços valiosos.

Pedimos o milagre da cura de Irmã Mary Margaret. Com toda razão, nossas expectativas eram grandes. Madre Teresa como fundadora, precisa de um milagre reconhecido para a sua canonização e Irmã Mary Margaret era a candidata própria para isso. Parece que Madre Teresa, à beira da morte, também experimentou um milagre e aqui estava sua sucessora, numa situação semelhante. A semelhança parecia perfeita. Num mundo secularizado, onde a fé, às vezes, é tão agredida, um milagre poderia ser ocasião de um grande aprofundamento na fé para todos nós peregrinos que se sentem um pouco cansados em sua jornada para a vida eterna com Deus. Mary Margaret contou-nos com um sorriso que recebeu uma carta de uma Irmã amiga na qual escreve: “Não tenho certeza se acredito em milagres, mas você conseguiu que rezássemos por um”.

Como Marta, na morte de Lázaro, estamos tentando dizer a Jesus: “Senhor, se você estivesse aqui, minha irmã não teria morrido.” Mas também, como Marta, estamos dispostos a ouvir com fé as palavras de Jesus: “ Eu sou a Ressurreição e a Vida”. Com Mary Margaret acreditamos que o milagre de nossa identificação com o Ressuscitado

já aconteceu em nosso batismo e em cada eucaristia que celebramos.

Mas, Mary Margaret deu sua contribuição importante no fortalecimento de nossa experiência de fé. Na sua carta de 16 de agosto, quando escreve para todos os membros da Congregação, ela menciona que “milagre” tinha acontecido nesta grande corrente de oração que unia as IENS internacionalmente; e ela citou a oração: “Deus, mostre-nos Seu poder para fortalecer a nossa fé e para levar-nos a uma Unidade sempre maior em você e... ajudar-nos a usar toda nossa força para *que todos sejam um* para a maior glória de Deus ao qual prestamos louvor e gratidão agora e para sempre.”

Não foi fácil para Mary Margaret pedir por um milagre. Ela expressa sua própria fé com o mesmo sentimento que São Paulo escreveu aos Filipenses: “A minha expectativa e esperança é de que em nada será engrandecido no meu corpo, pela vida ou pela morte. Pois, para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro. Mas, se o viver na carne me dá ocasião de trabalho frutífero, não sei bem o que escolher. Sinto-me num dilema. Estou fortemente atraído por ambos.” (Filipenses: 1, 20-23)

Durante os dias de seu retiro, em julho, ela se confrontou com sua resistência de participar da oração sugerida por Irmã Patrícia Flynn, em sua carta dirigida à Congregação. Após o primeiro ela, ela falou com lágrimas nos olhos, sobre sua vergonha e sua preocupação por estar se mantendo

fora da corrente, da comunhão de orações de todas as suas Irmãs. Ela confessou: “Eu passei minha vida encorajando as Irmãs para tal Unidade e fico desapontada em reconhecer que eu mesma me mantenho longe de tão grande graça de Deus.” A partir desse momento, pôde rezar a oração por intercessão de Madre Teresa, muitas e muitas vezes. Ela a rezou tanto em alemão como em inglês. Sim, agora sabemos que, através de Mary Margaret aconteceu um “milagre” – não aquele que imaginávamos, mas o milagre da unidade na oração, um milagre que fortaleceu a fé de todos nós.

Hoje, estou profundamente tocado por outro dom de Mary, após a minha participação da Missa em sua memória, na catedral de Jefferson City, ontem. Todos sabem que Mary Margaret determinou entregar seu corpo para pesquisas científicas. Entre nós vivos que queríamos velar seu corpo e celebrar uma missa de corpo presente, havia um mal estar e até desapontamento sobre a decisão de Mary. Descreveu-se sua liderança como “calma e determinante”; às vezes com uma expressão menos feliz, “amável e teimosa”. Nesta decisão, ela venceu. Mas, para o nosso bem.

Na decisão de Mary, ouço a pergunta dos anjos às mulheres que vieram ao túmulo de Jesus: “Por que procurais entre os mortos aquele que está vivo?” (Lc 24,5) Numa Missa em memória, não há caixão, não se pode ver o corpo. Na sua maneira, Mary Margaret nos dá, de modo novo, o símbolo do túmulo vazio. Além da oferta generosa de seu corpo

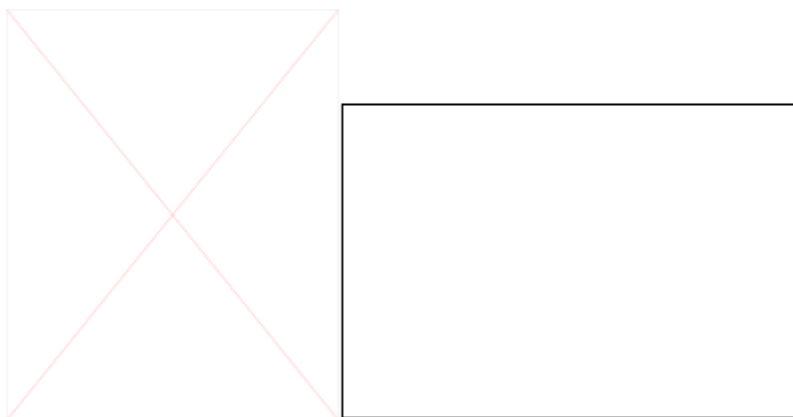
à ciência médica, ela quis que a celebração de sua vida e morte se centrasse claramente na vida e ressurreição. A vida deve ser celebrada. E mais ainda nos diz Mary Margaret que a vida eterna em todos os seus ministérios deve ser celebrada.

No Evangelho de hoje, Jesus fala que há muitas moradas. Diz aos seus seguidores que irá adiante para preparar-lhes um lugar. Conhecemos o jeito de Mary Margaret de atuar e socorrer, assim podemos esperar que Jesus receberá muita ajuda dela na preparação dos lugares. Nem no céu pode estar a antiga Superiora Geral sem colaborar. Peçam, bispo McAuliffe e Padre Mike Wilbers pela diocese de Jefferson City!

Mas o Evangelho fala também de uma dificuldade no caminho para o céu. Às vezes todos nós nos sentimos um pouco perdidos em nossa peregrinação de fé. Talvez nos sobrevém escuridão, na qual não vemos mais onde está o caminho.

Para nós também, é honesta a pergunta de Tome: “Senhor, como podemos saber o caminho?” Mary Margaret deu-nos como último presente sua luta durante os últimos meses de sua vida. Para alguém que gosta de planejar e ter uma visão geral, tornou-se difícil conhecer o caminho - quer dizer, desprender-se de outros nas coisas mais simples do dia a dia, estar nas mãos de Deus. O exemplo de Mary Margaret fica conosco. Nestes últimos dias, ela encontrou seu caminho, passo por passo. O caminho sempre foi Jesus, o centro de sua vida consagrada.

Jesus disse a Tomé: “Eu sou o caminho a verdade e a vida.” Em todos os seus dons para nós, Mary Margaret queria mostrar-nos que devemos encontrar nosso centro somente em Jesus - nosso caminho, nossa verdade, nossa vida. Mary Margaret, nós a enviamos com alegria.



MISSA EM MEMÓRIA IRMÃ MARY MARGARET JOHANNING

Reflexão após a Comunhão, feita por
Irmã Kathleen Wegman, IENS
Dia 04 de outubro de 1994
Casa Mãe - St. Louis.

Cada um de nós conhecia alguma capacidade de Irmã Mary Margaret. Há muitos aqui que partilharam, de maneira única, as últimas 48 horas de sua vida com Mary:

- A família Johanning;
- As IENS: sua comunidade local, São Pedro e outras.

Ser membro da família Johanning e Irmã Escolar de Nossa Senhora, provavelmente são os dois maiores dons que Mary trouxe para a Igreja e para o mundo.

É evidente que a fé de vocês, sua família, moldou a personalidade de Mary. Sua fé, fortaleza, profundo amor e respeito mútuos e a liberdade de deixar Mary partir, têm sido um testemunho para todos nós, nestes dias passados.

Mary veio para as IENS como uma Johanning, possuindo esta profunda fé e forte convicção. Estas qualidades continuaram a ser desenvolvidas entre as IENS e se estenderam sempre mais - dos começos em Glasgow, Missouri, sobre a diocese de Jefferson City e a Província de Saint Louis.

O encontro destes dois grupos de fé, nas suas últimas horas de vida, deve ter sido muito confortantes para Mary. A pertença e unidade -experienciadas como família, como

comunidade IENS, como povo de Deus - continuarão vivas entre nós.

Aqueles de nós que estavam com Mary, nos seus últimos dias - partilhamos de maneira particular nossas memórias sobre ela, nossas histórias. Eu os convido agora de relembrar algo sobre Mary Margaret e partilhá-lo com a pessoa ao seu lado.

Como IENS, Mary deu sua vida. Sua missão foi a de Jesus - a missão de ser enviada de fazer UM. Hoje serão abençoados e enviados no espírito das IENS, com a bênção de Madre Teresa, a fundadora das IENS.

Como nossa Superiora Geral, Mary Margaret rezou esta bênção para e sobre as IENS no mundo inteiro. Nas últimas 48 horas de sua vida, nós a rezamos muitas vezes sobre ela.

Eu convido Irmã Patrícia Flynn, nossa Superiora Geral e Irmã Judith Kamada, a Superiora Regional do Japão para darem esta bênção comigo.

***“ARRISCAR NA FÉ POR UM MUNDO
MAIS JUSTO E HUMANO.”***

Roma, Itália.
19 de outubro de 1994.

Irmãs Escolares de Nossa Senhora
Queridas Irmãs,

Irmã Mary Margaret Johanning disse seu último SIM a Deus, na manhã de sábado, dia 1º de outubro de 1994. Ela morreu como viveu sempre lutando para fazer a vontade de Deus. Toda sua vida era um SIM ao Deus que amava. Viveu o que escreveu em *VÓS SOIS ENVIADAS*:

“Durante toda a nossa vida, esforçamo-nos para fazer o que o Senhor nos diz, para responder positivamente a Deus e ao seu agir em nós. Este impulso básico de nossa vida alcança sua culminância na morte, momento para a qual a própria vida nos prepara. Na morte dizemos nosso último sim humano ao nosso Criador.” (VSE 47)

As Irmãs Escolares, os membros de sua família e amigos que a visitaram, após o início de sua quimioterapia, em 27 de junho, experienciaram a realidade destas palavras pela maneira como viveu com o câncer. Todos que estiveram ao lado de Mary, durante os últimos 3 dias de sua vida, testemunham que esta afirmação se tornou realidade ainda profunda no seu morrer.

“Confiando no poder de Deus em levar-nos à plenitude da vida, vemos a morte como um ato de adoração: morrendo, proclamamos que Deus é Deus e nós, suas criaturas.” (VSE 47)

É isso que Irmã Mary Margaret tentou fazer quando lutava para desprender-se e confiar em Deus e naqueles que cuidariam dela e estariam com ela. Também queria acreditar que talvez lhe pudesse ser concedida a graça da cura. Após lutar com essa possibilidade, durante seu retiro, em julho, ela foi capaz de dizer outro SIM, oferecendo-se prontamente para ser usada como instrumento, de maneira que agradasse a Deus, para o bem da Congregação e da Igreja.

Nossas e suas orações pela cura, não foram atendidas assim como esperávamos. Nossa Irmã Mary Margaret morreu. Porém, eu creio que, da mesma forma como ela acreditou, a força, o poder e a fê de nossos corações tocaram algo muito profundo nela e em nós como Congregação. Nossa unidade como comunidade orante foi aprofundada e temos consciência mais clara do que significa estar totalmente aberta a Deus, assim como ela o foi. Esta graça não é tão visível como a de uma cura física, mas é ainda mais profunda.

Eu convoco a cada uma de nós a considerar esta experiência da doença e morte de Irmã Mary Margaret e nossas orações por um milagre, como convite a viver seu desafio como está escrito no prefácio de *VÓS SOIS ENVIADAS. Nossa Constituição nos chama...*

- *A transcender a nós mesmas para estarmos sempre mais profundamente unidas ao nosso Deus.*

- *A transcender a nós mesmas para estarmos sempre unidas com o povo de Deus.*
- *A transcender-nos, pelo poder do Espírito, para sermos mais para os outros.*
- *A transcender-nos para seguir radicalmente a Jesus Cristo, pela vivência dos votos, como membros de nossa Congregação.*

“Mesmo na dor, a comunidade agradecida confirma esta nossa última proclamação da Boa Nova sobre a terra.” (VSE 47)

Nós como Congregação, estamos de luto. Choramos a perda, a morte de uma pessoa que amamos tanto. Às vezes nos parece impossível acreditar que Irmã Mary Margaret, uma de nossas grandes e talentosas líderes, morreu com 57 anos. Humanamente falando, ela tinha tanto ainda para partilhar, muito mais para viver e para servir.

Confortemo-nos e consolemo-nos mutuamente, confessando nossa fé de que Irmã Mary Margaret entrou na plenitude da vida e permanecerá para sempre envolvida pelos braços amorosos de Deus. Ela está com a Bem-aventurada Madre Teresa que deve tê-la recebido de volta em casa, de uma maneira toda especial. Sei que ela continuará sendo nosso grande apoio e intercessora no céu, assim como o foi na terra. Vamos também partilhar nossas lembranças dela e nossas histórias sobre ela. Durante o mês passado, ouvi e li coisas maravilhosas sobre ela de pessoas de diferentes partes do mundo.

Muitas Irmãs pediram mais detalhes sobre a morte de Irmã Mary Margaret. Queria partilhar algo a respeito, nesta carta. Mais informações estão no material anexo, das duas liturgias em sua memória.

Mais ou menos às 04 horas da manhã de sábado, 1º de outubro de 1994, Irmã Mary Margaret faleceu no Santa Mary Health Center, em Jefferson City, Missouri. Estavam com ela, nesta hora, Irmã Kathleen Wegman, Superiora Provincial de Saint Louis, membros de sua comunidade local (Convento de São Pedro), outras Irmãs Escolares, bem como membros de sua família. As Irmãs e os membros de sua família reunidos ao redor de seu leito, naquela manhã, rezaram e abençoaram Irmã Mary Margaret, enquanto ela deixou sua vida terrena e voltou para Deus.

Uma semana antes, também numa manhã de sábado, dia 24 de setembro, eu visitei Irmã Mary Margaret pela última vez. Foi uma experiência abençoada para nós duas. Ela falou sobre sua luta para aceitar a vontade de Deus nesta doença e sobre seu medo do desconhecido. Também falou sobre sua profunda confiança no cuidado amoroso de Deus por ela e sobre o apoio que lhe davam as orações da todas as Irmãs. Sempre de novo, ela expressou profunda gratidão por esta abundância de amor e cuidado. Ela me confessou o desejo de escrever para a Congregação para dizer a vocês o quanto cada uma significava para ela. Eu lhe assegurei que o faria em seu lugar, ela renovou os votos; ela me abençoou com a bênção de Madre

Teresa. Eu também a abençoei e a enviei para cumprir o chamado de Deus.

Na quarta-feira, dia 28 de setembro, Irmã Mary Margaret foi levada ao hospital. Sua condição física tinha piorado e seu estado era crítico. Embora desejasse permanecer no convento, os médicos determinaram que precisava de tratamento especial para aliviar suas dores e desconforto. Durante os próximos 03 dias, sempre havia também membros da família com ela. Seus pais, Gertrude e Bernhard Johanning, suas duas irmãs e quatro irmãos estavam presentes. Irmã Kathleen Wegman, outras Irmãs Escolares de sua comunidade local e amigos estavam lá. Muitas vezes, durante estes dias, Irmã Mary Margaret renovou seus votos, rezou o Memorare e gostava quando se rezasse a bênção de Madre Teresa sobre ela. Ela se despediu de cada membro de sua família e das Irmãs Escolares que estavam no hospital. Ela acreditou, e nós o sabemos com certeza, que se sentiu chamada por Deus e enviada pela família e comunidade para voltar para seu Deus. Ela morreu em paz.

A morte de Irmã Mary Margaret é uma grande perda para mim, pessoalmente. Ela foi um dos meus grandes apoios; alguém a quem sempre pude recorrer para buscar conselho e conforto. Muitas vezes comentamos que sua presença no Capítulo Geral de 1992 foi uma graça especial e ajuda na minha reeleição como Superiora Geral. Somente ela e eu sabemos da força e do sofrimento daquele tempo. Eu sentirei falta dela. Agradeço a Deus pelo dom de sua vida e sua presença entre nós, e rezo:

Eu a bênção, Irmã Mary Margaret, querida Mary, e a envio de volta para Deus.

Durante o próximo ano, vamos lembrar dela, de modo especial, no primeiro dia do mês. Rezamos por sua família, especialmente por seus pais, e uma pela outra. Celebremos sempre a beleza de sua vida aqui na terra e sua vida nova em Deus.

Com amor em Notre Dame,
Irmã Patrícia Flynn-IENS
Superiora Geral



ÍNDICE

1.	Oração para proteger a Vida	03
2.	Dados Bibliográficos – IMM	04
3.	Recordando meus compromissos	06
4.	Nossa missão de servir como IENS.....	10
5.	Visão do futuro da Congregação	32
6.	Centenário da morte de M.Teresa	64
7.	O Futuro: Sim, ou Não?	69
8.	O Chamado de Deus e nossa resposta.	91
9.	Espiritualidade da Encarnação	102
10.	Missão	113
11.	Comunidade	119
12.	Serviço Apostólico	133
13.	Profetizar e Pastorear	145
14.	Amor do Pai	163
15.	Oração	177
16.	Chamado e Missão	188
17.	Ministério	195
18.	Pobreza Evangélica	207
19.	Obediência Apostólica	218
20.	Virgindade Consagrada	229

21.		
Eucaristia		241
22.		Maria
.....		254
23.		
Conversão		269
24.		
Desenv. Pessoal em Comunidade		279
25.		
Governo		291
26.		
Homilia: meu nome, minha identidade		307
27.		“Que
todos sejam Um...”		311
28.		
Liturgia em memória a IMM		313
29.		
Homilia em memória a IMM	317	
30.		
Homilia em memória a IMM		322
31.		Missa
em memória a IMM.....		327
32. “Arriscar na fé...		329